

ACTA SEMIOTICA

V, 9, 2025

Supplément au dossier
Aspects sémiotiques du changement

Ouvertures théoriques

Analyses et descriptions

Rétrospective

In vivo

Bonnes feuilles



Centro de Pesquisas Sociosemióticas

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Av. Nazaré, 993, bloco III, sala 2

CEP: 04263-100, Ipiranga, São Paulo (SP)

<https://www.pucsp.br/cps/>

AS

Acta Semiotica

successor des *Actes Sémiotiques*, revue fondée en 1978 par

sucessora das *Actes Sémiotiques*, revista fundada em 1978 por

Algirdas J. Greimas

V, 9, 2025

Direção :

Ana Claudia de Oliveira

Redator chefe :

Eric Landowski

Comitê de redação :

Per Aage Brandt †

Giulia Ceriani

Paolo Demuru

Yvana Fachine

Guido Ferraro

Manar Hammad

Nijolé Kersytė

Ana Claudia de Oliveira

Jean-Paul Petitimbart

Conselho editorial :

Claude Calame

Norma Discini

José Luiz Fiorin

Peter Fröhlicher

Anne Hénault

Bernard S. Jackson

Tarcisio Lancioni

Massimo Leone

Anna Maria Lorusso

Jorge Lozano †

Francesco Marsciani

Kestutis Nastopka †

Herman Parret

Jean Petitot

Óscar Quezada

Mehmet Rifat

Franciscu Sedda

Pekka Sulkunen

Arunas Sverdiolas

Eero Tarasti

Luiz Tatit

Felix Thürlemann

Jean-Didier Urbain

Saulius Žukas

Comitê de leitura :

Cristina Addis

Daniele Barbieri

Anouar Benmsila

Marc Bogo

José Carlos Cabrejo

Pierluigi Cervelli

Luciana Chen

João Ciacio

José Contto

Nicola Dusi

Lucrecia Escudero

Roberto Flores

Francesco Galofaro

Rayco González

Giorgio Grignaffini

Stefano Jacoviello

Paulius Jevsejevas

Morteza B. Moein

Federico Montanari

Roberto Pellerey

Alain Perusset

Moema Rebouças

Luiza Silva

Didier Tsala

Design :

Marc Barreto Bogo

Assistência editorial :

Rafael Alves

Configuração do sistema OJS :

Open Journal Solutions

Periodicidade : semestral

Idiomas : português, francês,
italiano, inglês, espanhol

ACTA SEMIOTICA

V, 9, 2025

Éditorial / Editorial 5

Supplément au dossier

Aspects sémiotiques du changement

<i>Présentation</i>	9
Giuseppe Longo <i>La complexité de l'élémentaire qui change</i>	11
Jean-Paul Petitimberty <i>Le changement : un tiers (secrètement) inclus</i>	23
Franciscu Sedda <i>Su due modi di cambiare</i>	37
Jacques Fontanille <i>Changements à grande échelle</i>	42
Robert Nicolaï <i>Dynamique sémiotique et changement</i>	62
Simon Smith <i>Change : modulation and modularity. For a musical semiosis</i>	76
Eric Landowski <i>Divertissement : Parménide vs Héraclite, version mp4</i>	88

Ouvertures théoriques

Jean-Paul Petitimberty <i>Visions d'espace : le vécu de l'étendue</i>	90
---	----

Analyses et descriptions

Nilthon Fernandes <i>Modos de vida em área de risco</i>	114
Carlos Alfeld <i>As interações discursivas em vídeos curtos</i>	131
Marc Bogo e Juliana Pondian <i>Entre ser e parecer : usos da escrita nas artes visuais</i>	142

Rétrospective

Guido Ferraro <i>A propos d'un classique ignoré</i>	159
Algirdas J. Greimas et Eric Landowski <i>I percorsi del sapere</i>	169
Annexe. <i>Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales. Table des matières</i>	189

In vivo

Marc Bogo <i>Os Escritos de Vicente Martinez : leitura ou apreensão ?</i>	191
Vicente Martinez <i>Escritos</i>	197

Bonnes feuilles

Franciscu Sedda <i>L'imprevedibile accade. Vivere e sopravvivere nel XXI secolo</i>	202
---	-----

Éditorial

Le présent numéro se compose d'un supplément au dossier « Aspects sémiotiques du changement » précédemment paru ici en 2023, suivi de rubriques désormais familières aux lecteurs.

Problématique du changement et problématique du sens sont étroitement liées. L'émergence du sens tient effectivement à des faits de syntaxe qui, très souvent, en surface, prennent la forme de discontinuités perceptibles, de « changements » dans le temps et/ou dans l'espace : autant de manifestations occurrenceielles du principe fondateur de toute signification, à savoir le principe de différence. Une grande partie du dossier publié il y a deux ans ayant été consacrée à la description de cas particuliers de ce genre, l'ambition du présent supplément est de revenir sur la *notion même* de changement. A cet effet, les auteurs se réfèrent cette fois à de vastes champs — scientifique (G. Longo), philosophique (J.-P. Petitimberty), historique (F. Sedda), politique (J. Fontanille), sémio-linguistique (R. Nicolai), musical (S. Smith). En étudiant les manières diverses dont le changement y est pensé, chacun des auteurs explore une voie de réflexion possible et différente. C'est compte tenu de cette diversité qu'il s'agira de construire, à terme, une base conceptuelle commune. Le chantier reste donc ouvert.

Suivent, de rubrique en rubrique, un essai confrontant de nouvelles pistes relatives à la sémiotique de l'espace, vu comme espace vécu (*Ouvertures théoriques*, J.-P. Petitimberty) ; trois études qui, en rendant compte de pratiques de vie (N. Fernandes) ou de productions les unes picturales (M. Bogo et J. Pondian), les autres médiatiques (C. Alfeld), illustrent le caractère opératoire de divers instruments offerts par la discipline (*Analyses et descriptions*) ; le réexamen d'un classique de Greimas et de ses collaborateurs resté jusqu'ici peu exploité (*Rétrospective*, G. Ferraro) ; puis une petite provocation, entre quête de signification et saisie du sens esthétique (*In vivo*, V. Martinez, M. Bogo) ; et finalement une réflexion sémiotique, critique et néanmoins optimiste, sur les aléas du temps présent (*Bonnes feuilles*, F. Sedda).

C'est ainsi que le travail de l'équipe permanente de la revue, représentée dans ce numéro par trois de ses principaux piliers, Petitimberty, Ferraro et Sedda, ainsi que par Marc Bogo, Nilthon Fernandes et Carlos Alfeld, se trouve enrichi par les apports de quelques-uns de ses compagnons de route, en l'occurrence Jacques Fontanille, Robert Nicolaï et Simon Smith. Mais une mention spéciale doit être ajoutée à propos de l'honneur que nous fait le grand mathématicien Giuseppe Longo de se joindre pour cette fois à nous. Il est vrai qu'à un lecteur pressé, sa contribution pourrait paraître, comme on dit à l'école, « hors du sujet ». La question du changement, loin d'y être abordée de front, ne fait explicitement son apparition qu'au fil d'une critique (amplement développée par ailleurs¹) des présupposés de la science telle qu'elle se fait majoritairement aujourd'hui. Pour nous qui défendons une sémiotique elle-même quelque peu hors normes, ce plaidoyer pour une démarche hétérodoxe est une magnifique leçon d'antidogmatisme, de liberté d'esprit, d'audace et de créativité. Ne serait-ce qu'à ce titre, elle a une place essentielle dans le panorama général de cette revue.

Eric Landowski

1 Voir notamment G. Longo, *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, préface de Jean Lassègue, postface d'Alain Supiot, Paris, P.U.F., 2023.

Editorial

A presente edição abre-se com um suplemento ao dossiê “Aspects sémiotiques du changement” aqui publicado em 2023, seguido por uma série de secções do-ravante familiares aos nossos leitores.

Problemática da mudança e problemática do sentido são estreitamente ligadas. A emergência do sentido depende efetivamente de dispositivos sintáticos que se traduzem usualmente por descontinuidades perceptíveis no tempo e/ou no espaço, ou seja por “mudanças” na superfície : outras tantas manifestações do princípio fundador de toda significação, a saber o princípio de diferença. Grande parte do dossiê publicado há dois anos tendo sido dedicada à descrição de casos particulares deste gênero, a ambição do presente suplemento é de re-tornar à noção mesma de mudança. Para tal, os autores se referem, desta vez, a vastos campos — científico (G. Longo), filosófico (J.-P. Petitimbert), histórico (F. Sedda), político (J. Fontanille), semiolinguístico (R. Nicolaï), musical (S. Smith). Ao estudar os diversos modos como a mudança é pensada nestas distintas áreas, cada um dos autores abre uma via de indagação própria. Dada essa diversidade, o projeto de construir uma base conceitual comum mantém-se aberto.

A esses desenvolvimentos sucede um artigo que confronta novas perspecti-vas teóricas no que diz respeito à semiótica do espaço, visto enquanto quadro da experiência vivida (secção *Ouvertures théoriques*) ; logo depois, três estudos que, dando conta de práticas de vida (N. Fernandes) ou de produções, umas, picturais (M. Bogo e J. Pondian), outras midiáticas (C. Alfeld), ilustram o caráter operacional de vários modelos oferecidos pela disciplina (*Analyses et descrip-tions*). Seguem o exame, rico de questões inéditas, de um clássico relativamente negligenciado de Greimas e seus colaboradores (*Rétrospective*, G. Ferraro) ; uma leve provocação, entre leitura da significação e apreensão do sentido estésico (*In vivo*, V. Martinez, M. Bogo) ; e para acabar uma reflexão crítica relativa às incertezas do tempo presente (*Bonnes feuilles*, F. Sedda).

É assim que o trabalho da equipe permanente da revista, representada na presente edição por três entre seus principais pilares intelectuais, J.-P. Petitimbert, G. Ferraro, F. Sedda, assim como por M. Bogo, N. Fernandes e C. Alfeld, é enriquecida pelos aportes de alguns entre seus *compagnons de route*, no caso, J. Fontanille, R. Nicolaï e S. Smith. Mas uma menção especial deve ser acrescentada a propósito da honra que nos faz o grande matemático Giuseppe Longo ao aqui estar conosco. Pode-se que, para um leitor apressado, a sua contribuição pareça, como se diz na escola, “fora do assunto”. A questão da mudança, longe de estar abordada diretamente, intervém explicitamente somente no decorrer de uma crítica (amplamente desenvolvida em outras obras¹) dos pressupostos da ciência tal como hoje se pratica majoritariamente. Para nós que defendemos uma semiótica ela mesma um tanto fora da norma, esse pleito a favor de uma abordagem nova, heterodoxa, é uma belíssima lição de antidogmatismo, de liberdade intelectual, de audácia e de criatividade. Mesmo que fosse só por isso, ela tem seu lugar — um lugar essencial — no panorama geral da nossa revista.

Eric Landowski

¹ Ver em particular G. Longo, *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, prefácio de Jean Lassègue, posfácio de Alain Supiot, Paris, P.U.F., 2023.

Supplément au dossier

Aspects sémiotiques du changement

Présentation

Dans un précédent numéro de cette revue paraissait, fin 2023, un dossier dont l'objectif était de conceptualiser en termes sémiotiques la notion de « changement » : objectif en partie atteint, sans doute, bien que pour une bonne part indirectement. De fait, davantage qu'à une réflexion d'ordre général, plus de la moitié de l'ensemble (toute la seconde partie de ce premier dossier) se ramenait à la description de processus particuliers, depuis la lointaine apparition du droit de propriété jusqu'aux avatars actuels des modes alimentaires en passant par diverses formes de mutation socio-politique, comme l'indiquent les titres des contributions reproduits ci-dessous pour mémoire.

L'ambition du présent supplément est de revenir à la *notion même* de changement. A cet effet, les auteurs se réfèrent cette fois-ci non pas à des cas isolés mais à de vastes champs — philosophique (J.-P. Petitimbert), scientifique (G. Longo), politique (J. Fontanille), linguistique (R. Nicolaï) ou musical (S. Smith), et c'est à partir de l'étude des différentes manières dont le changement y est pensé que chacun des auteurs ouvre une piste en vue de dégager, à terme, une base conceptuelle commune autour de cette notion encore problématique.

Eric Landowski

Pour mémoire :
 sommaire du premier dossier *Aspects sémiotiques du changement*
 (*Acta Semiotica*, III, 6, 2023).

<i>Présentation</i>	23-33
Eric Landowski <i>Pourquoi le changement ?</i>	
 1. <i>Problématiques</i>	34-83
Giulia Ceriani <i>Divenire, diventare. Trasformazione e cambiamento</i>	
Jacques Fontanille <i>Esquisse d'une sémiotique du changement</i>	
Franciscu Sedda <i>Turbulência : as lógicas de uma forma imprevista de mudança</i>	
 2. <i>Analyses</i>	84-217
Manar Hammad <i>Des choses et des hommes : les prémices de la propriété des objets</i>	
Kati Caetano <i>Mulheres indígenas, agentes de mudança</i>	
Elder Cuevas-Calderón, Sebastián Moreno, Eduardo Yalán Dongo	
<i>Notas sobre el pueblo como agente del cambio político</i>	
Tiziana Migliore <i>Muri che diventano murali. Il "noi" del cambiamento</i>	
Ilaria Ventura Bordenca <i>"Novel food", insetti nel piatto</i>	
Alain Perusset. <i>Analyse sémiotique de la fortune de Coca-Cola</i>	
 <i>Finale</i>	218-224
Paolo Demuru <i>Enfim, in fieri. Sobre as mudanças em devir (e por vir)</i>	

La complexité de l'élémentaire qui change

Giuseppe Longo

Centre Cavallès, CNRS - Ecole Normale Supérieure, Paris

La composition du simple

Le « complexe » n'est pas la superposition de couches du « simple », ni l'empilement de particules élémentaires (et simples), à comprendre en réduisant les analyses aux interactions des niveaux minimaux desdites particules, deux par deux, trois par trois et ainsi de suite. Il ne s'agit pas de la composition d'« atomes », par paires, puis triples et quadruples, puis en cascades et cycles « moléculaires » jusqu'à rendre intelligible, par occupation progressive du réel, d'abord la physique puis la chimie puis la biologie, d'abord la chute des corps galiléens, puis la... forme de la main humaine et son histoire phylogénétique et embryogénétique. Cette vision cartésienne du monde suppose un fondamental qui doit toujours être élémentaire et un élémentaire qui doit toujours être simple, atomique. Laplace rendra mathématique cette approche. Avec Lagrange et Fourier, il pense que tout système « raisonnable » d'équations en physique mathématique peut être approché par une somme de séries linéaires¹ — et une technique formidable de décomposition des solutions analytiques verra le jour, par des sommes de composantes simples et élémentaires (des séries linéaires), que l'on croit universelle : l'intelligibilité proviendrait seulement et toujours de cette organisation du discours scientifique et de son analyse mathématique, car le monde lui-même serait structuré sur ces empilements d'atomes matériels, élémentaires et simples. Que nous et les animaux, par exemple, nous sommes un

1 A. Marinucci, *Tra ordine e caos. Metodi e linguaggi tra fisica, matematica e filosofia*, Rome, Aracne, 2011.

gros sac de molécules et rien d'autre, cela ne fait aucun doute, c'est l'hypothèse métaphysique centrale de toute analyse scientifique. Le problème scientifique qui se pose cependant est le suivant : comment comprendre ces sacs de molécules si étranges ? Quelle théorie les rend intelligibles ?

Galilée et Einstein ont tous deux développé des théories fondamentales de la gravitation et de l'inertie, négligeant complètement les atomes de Démocrite qui constituent aussi bien les *graves*² de Galilée que les corps célestes d'Einstein. Bien entendu, le problème de « comprendre ensemble » la gravitation qui s'applique à ces corps et entre les atomes, c'est-à-dire les champs relativiste et quantique, demeure ouvert aujourd'hui. Mais les physiciens parlent d'« unification » et non pas de réduction. Et les unifications les plus importantes proposées, la théorie des cordes et la géométrie non commutative, remettent en perspective les deux théories, relativiste et quantique, en changeant, l'une, la nature des objets, l'autre, celle de l'espace : elles essayent d'unifier les champs astrophysiques et microphysiques, tout étant incompatibles entre elles. Avec un peu de provocation, on pourrait dire que la réduction à l'élémentaire et au simple n'existe pas en physique. Newton n'a pas réduit les mouvements des planètes à ceux des pommes qui tombent mais a proposé une nouvelle théorie qui rend les deux intelligibles. La « réduction » de la thermodynamique à la théorie cinétique classique des gaz est souvent évoquée. Mais Boltzmann, pour comprendre les principes de la thermodynamique en termes de trajectoires newtoniennes, a dû inventer une nouvelle théorie, une nouvelle synthèse, la physique statistique, avec des hypothèses — telle le chaos moléculaire — étrangères à la théorie classique. Puis, et surtout, il a su « expliquer » la deuxième loi de la thermodynamique, avec un passage à la limite très audacieux. L'intégrale thermo-dynamique est une corrélation « asymptotique » entre la dynamique des molécules et l'analyse thermodynamique globale : elle analyse un rapport à la limite infinie entre un nombre de particules et un volume de gaz, c'est en fait une limite purement mathématique. Et le passage à l'infini est intrinsèque à la théorie. Il est douteux que l'on puisse appeler cette intelligibilité asymptotique du principe d'entropie une réduction au simple des molécules de gaz... Il s'agit plutôt d'une unification « à la limite » de deux théories fondamentales relatives à différents niveaux phénoménaux.

Mais alors, si le fondamental peut ne pas être élémentaire, si la réduction est plutôt une unification, l'élémentaire, au moins, est-il toujours simple ? C'est l'autre mythe clé du savoir occidental, ce savoir très efficace qui a pris pour paradigme la décomposition / reconstruction alphabétique du langage et donc du monde : grâce à l'écriture alphabétique, des signes élémentaires et simples, sans sens, disent tout sur le monde, ils sont en fait le monde, comme les atomes de Démocrite³. C'est pourquoi les chaînes déductives cartésiennes, dont les mail-

2 On appelle *graves* les corps soumis à la loi du mouvement uniformément accéléré établie par Galilée dans *De gravium motu*. (Ndlr).

3 J. Lassègue, G. Longo, *Critique de la raison numérique : des mythes de l'Intelligence Artificielle à la révolution silencieuse de l'écriture*, Paris, P.U.F., à par. 2025.

lons sont élémentaires et simples, nous ont donné la méthode très puissante de l'analyse argumentative moderne.

Nous sommes désormais confrontés à une complexité qui est plutôt et précisément dans la complexité de l'élémentaire. En microphysique, selon une nouvelle lecture des particules élémentaires, les cordes sont, disait-on, complexes, tout comme les cellules vivantes, dites élémentaires parce qu'on ne peut les « décomposer » qu'en les tuant. Mais déjà Poincaré, en physique, avait démontré que la dynamique de trois corps célestes dans leurs champs gravitationnels n'est pas en général décomposable en séries linéaires : elle est intrinsèquement complexe — et elle est à l'origine des théories modernes de la complexité en physique-mathématique⁴.

Entre ordre et désordre

Voyons toutefois une autre manière d'appréhender la complexité. Edelman observe que les êtres vivants sont complexes car on les comprend en superposant ordre et désordre, régularité et irrégularité, intégration et différenciation, variabilité et invariance, stabilité et instabilité, limite et ouverture...⁵ Edelman pense notamment au cerveau, sur lequel il a tant travaillé. Ce dernier est une sorte de forêt amazonienne, avec certains neurones gros comme des brins d'herbe et d'autres comme des baobabs, avec peu ou avec... 20 000 connexions synaptiques : ordonnées et désordonnées, stables et instables, intégrées et différenciées... De plus, il est caractéristique des objets vivants qu'ils ne soient jamais complètement déterminés par leurs conditions ou états internes : ils doivent toujours être caractérisés comme le résultat d'une phylogenèse et comme faisant partie d'un autre système, typiquement un écosystème, et en interaction co-constitutive avec lui. Et, en eux-mêmes, les organismes sont composés de différents niveaux d'organisation, différenciés les uns des autres et intégrés les uns aux autres, avec des corrélations causales descendantes (régulation) et ascendantes (intégration), canalisés par des contraintes complexes et fondamentales à toute dynamique biologique⁶. L'organisme existe seulement dans son unité⁷ et en se situant au croisement d'une histoire évolutive et d'un contexte relationnel, un écosystème, des parcours et des contextes dont il est le résultat⁸.

Quelle science pour ces objets complexes, physiques et biologiques ? quel regard philosophique peut donner une unité aux analyses techniques les plus

4 A. Dahan Delmedico, J.-L. Chabert, K. Chemla, *Chaos et déterminisme*, Paris, Seuil, 1992.

5 G.M. Edelman, J.A. Gally, « Degeneracy and Complexity in biological systems », *Proceedings of the National Academy of Science*, 24, 2001.

6 M. Montévil, M. Mossio, « Closure of constraints in biological organisation », *Journal of Theoretical Biology*, vol. 372, 2015.

7 A. Soto, G. Longo, D. Noble (éds.), *From the century of the genome to the century of the organism. New theoretical approaches*, Special issue of *Progress in Biophysics and Molecular Biology*, 122, 1, 2016.

8 M. Montévil, M. Mossio, « The Identity of Organisms in Scientific Practice : Integrating Historical and Relational Conceptions », *Frontiers in Physiology*, 11, 2020. A. Marinucci, *Theoretical Principles of Relational Biology*, Springer, 2023.

disparates ? Il n'existe pas de science globale de la complexité, mais il existe un problème cognitif, épistémologique, méthodologique et philosophique du complexe. Et c'est un énorme problème pour nous, héritiers d'une science atomiste, cartésienne, laplacienne très efficace, née dans la culture alphabétique, nous qui adhérons donc avec difficulté à des visions holistiques et systémiques. On est tellement convaincu que l'intelligibilité réside toujours dans l'explicitation alphabétique, qu'on arrive à la caricature moléculaire actuelle du vivant : dans les quatre lettres des bases de l'ADN est écrit le livre complet de l'ontogénie (et, tant qu'on y est, de la phylogénie) et, cela, fort heureusement « non avec des idéogrammes comme en chinois, mais avec un alphabet comme en français »⁹. De la forme de l'oreille à la folie mentale de tel ou tel, tout est déjà programmé : le but est « déjà là », le « design intelligent » est écrit / codé dans une grosse molécule / programme¹⁰. Ainsi, à partir de l'interaction entre macro-molécules, elles-mêmes complexes (ordonnées et désordonnées...), dans de très vastes cascades moléculaires et réseaux métaboliques, dans les turbulences du cytoplasme, entre cellule et cellule ou entre cellule et organisme ou écosystème, bref toute la singularité physique de l'état vivant de la matière, est écrasée par la complétude présumée d'un alphabet de quatre lettres.

Qu'il soit clair que le caractère incomplet des analyses atomistiques et moléculaires du monde ne signifie pas qu'elles soient inutiles : les séries de Fourier sont fort utiles et l'ADN est certainement une composante fondamentale de la cellule, dans toute sa complexité. Ce que nous voulons souligner ici, c'est le caractère *incomplet* et la perte de sens auxquels on arrive en pensant pouvoir tout comprendre par une seule et même méthode héritée de la décomposition alphabétique du langage, en croyant pouvoir étendre cette méthode aussi aux différentes échelles de l'inerte, des quanta à l'astrophysique, jusqu'à la complexité des interactions et des différents niveaux d'organisation du vivant, chaque niveau étant intelligible avec des outils conceptuels différents, voire incompatibles. La recherche d'unification et non pas de réduction de la microphysique et de l'astrophysique, mais aussi l'analyse d'objets mathématiques très différents, des structures fractales des organes aux réseaux tissulaires, devraient nous enseigner ce pluralisme des regards propre aux savoirs scientifiques. Et ici le philosophe nous aide : les distinctions faites entre les « ontologies régionales », par exemple, proposent une vision qui structure la pensée, guide le scientifique, aide à « remonter la pente de la question et la recherche de sens »¹¹. Ceci n'empêche pas mais au contraire aide à mieux explorer des unifications, comme entre les champs quantique et relativiste.

9 F. Jacob, Leçon inaugurale, Collège de France, 1965. Déjà en 1971, A. Grothendieck, immense mathématicien et prophète isolé, considère « scientiste » le livre — théoriquement très rigoureux et fondateur de cette vision du vivant — de J. Monod, *Le Hasard et la Nécessité* (Paris, Seuil, 1970). Voir A. Grothendieck, *La nouvelle Eglise universelle*, « Survivre... et vivre », 9, août-septembre 1971.

10 R. Plomin, *Blueprint : How DNA Makes Us Who We Are*, MIT Press, 2019.

11 F. Fraiosipi, *Besinnung : scienza, complessità e fenomenologia*, Rome, Aracne, 2009.

Principes de construction et principes de preuves

En vue de contribuer à gravir cette pente, nous avons commencé par un dialogue « philosophique » entre un physicien et un mathématicien¹². Dans cet ouvrage, la « complexité » n'est pas explicitement évoquée, mais on cherche à mettre en évidence la pluralité des perspectives nécessaires à la construction des connaissances scientifiques. Or la complexité se trouve d'abord et avant tout dans l'imbrication des différences méthodologiques, dans les différents cadres de connaissance, conceptuels et pratiques, dans lesquels évoluent les mathématiques, la physique et la biologie, jamais totalement séparées mais se croisant de manière riche et mutuellement féconde. Et ce, à condition de s'éloigner des caricatures simplificatrices d'un monde vu comme constitué d'atomes et de molécules empilés en réseaux, eux-mêmes appréhendés et décrits à un seul niveau d'intelligibilité — toujours codable dans les suites de 0 et de 1 des machines pour l'intelligence artificielle : le monde est compositionnel, nous dit encore aujourd'hui Y. Le Cun¹³, il est la composition de l'élémentaire et simple ; la cognition humaine n'a pas besoin d'un corps qui agit dans l'espace, elle peut se construire par l'empilement de 0 et de 1.

Il y a en revanche une grande unité de méthode en physique-mathématique. On peut identifier dans l'usage des « principes de construction » conceptuels communs, c'est-à-dire, dans l'invention, des structures conceptuelles (espaces géométriques, algèbres, méthodes de l'analyse différentielles...) qui sont au cœur de la riche interaction entre les mathématiques et la physique. Il s'agit d'interaction largement co-constitutive, dans laquelle les symétries et les principes géodésiques (principes d'optimalité) guident la construction scientifique, l'intelligibilité elle-même dans les deux disciplines. Cependant, les « principes de preuve » divergent : formels en mathématiques, empiriques en physique, ils concernent dans le premier cas la démonstration, dans le second la mise en place de l'évidence expérimentale¹⁴. Mais les récents résultats d'incomplétude¹⁵, ainsi que le rôle de la théorie dans la construction de l'expérience en micro-physique¹⁶, mettent en évidence le premier niveau de complexité : les principes de construction entrent à la fois dans la preuve mathématique et en physique. Cette distinction est donc continuellement articulée, mettant en évidence des interactions qui sont alors productives de nouveaux concepts et structures, de nouvelles méthodes de preuve.

12 F. Bailly, G. Longo, *Mathématiques et sciences de la nature. La singularité physique du vivant*, Paris, Hermann, 2006.

13 Leçon inaugurale au Collège de France, chaire d'Intelligence Artificielle, 2016 (<https://www.youtube.com/watch?v=TdLa5h-x2nA>).

14 F. Bailly et G. Longo, *op. cit.*

15 G. Longo, « Reflections on Concrete Incompleteness », *Philosophia Mathematica*, 19, 3, 2011. (Les articles de l'auteur sont téléchargeables sur <https://www.di.ens.fr/users/longo/download.html>).

16 M. Bitbol, *L'Aveuglante proximité du réel. Anti-réalisme et quasi-réalisme en physique*, Paris, Flammarion, 1998.

Or, pour nous, l'analyse conceptuelle menée au sujet des méthodes et de quelques résultats récents en mathématiques et en physique s'inscrit dans un parcours qui vise à parler de biologie¹⁷. Dans cette discipline, nombre de méthodes et de concepts directeurs des sciences exactes doivent être radicalement remis en question. Par exemple, l'objet d'étude, l'organisme vivant, à la différence de l'objet en physique ou de la structure en mathématiques, n'est pas « générique » : il n'est pas un invariant expérimental et théorique (alors qu'un grave en vaut un autre pour Galilée, ou qu'un photon est identique à un autre pour Einstein, une preuve, par Pythagore, sur un seul triangle rectangle, générique, vaut pour tous les triangles rectangles...). Un organisme est « spécifique », au sens d'identifié, singulier, pas toujours interchangeable. La généralité, en biologie, se retrouve plutôt dans les cheminements évolutifs et ontogénétiques : ceux-ci sont des trajectoires historiques possibles, avec des issues différentes, mais l'un vaut l'autre (cette main est un résultat évolutif possible chez les tétrapodes, comme la patte antérieure d'un éléphant ou celle d'un kangourou). Au lieu de cela, les trajectoires, en physique mathématique, sont spécifiques, parce qu'elles sont des géodésiques ; elles sont singulières, parce qu'elles sont optimales dans un espace de phases adéquat. Un chiasme conceptuel, générique *vs* spécifique, en physique *vs* en biologie, qui aide à l'intelligibilité, permet aux deux disciplines de dialoguer dans la dualité, loin des paradigmes naïfs de la réduction.

Voilà la grande limite des analyses de type physique de la complexité : la complexité résulte des interactions entre particules génériques, toutes identiques. Plus précisément, plusieurs notions d'« émergence » ont été proposées en physique. Elles concernent surtout l'émergence de nouvelles structures et formes (morphogenèse) à partir d'ensembles à priori désordonnés de composantes élémentaires et simples : de l'analyse de la morphogenèse de Turing¹⁸ et de Thom¹⁹ à l'auto-organisation en thermodynamique loin de l'équilibre²⁰, jusqu'aux réseaux d'interaction de Parisi²¹. Cette théorie de la complexité et de l'« émergence », longtemps et fort justement très à la mode, car originale et mathématiquement riche, diffère nettement, selon nous, de la « production de nouveauté » en biologie. Celle-ci est une notion qui peut être décrite en termes de « production anti-entropie », un concept différent de la néguentropie²². L'anti-entropie caractérise l'organisation biologique qui se met en place en se complexifiant (au cours de l'embryogenèse, par exemple), tout en produisant de l'entropie (les transformations d'énergie sont partout chez le vivant) : elle ne s'y oppose pas, elle la produit et s'en nourrit, à partir du métabolisme, qui fonctionne aussi grâce à des phé-

17 G. Longo, M. Montévil, *Perspectives on Organisms : Biological Time, Symmetries and Singularities*, Dordrecht, Springer, 2014. A. Soto et al., *From the century of the genome...*, *op. cit.*

18 A. Turing, « The chemical basis of morphogenesis », *Phil. Trans. R. Soc.*, B 237, 1952.

19 R. Thom, *Stabilité structurelle et Morphogénèse*, New York, Benjamin, 1972.

20 G. Nicolis, I. Prigogine, *Self-organization in non-equilibrium systems*, New York, Wiley, 1977.

21 G. Parisi, M. Mézard, M.-A. Virasoro, *Spin glass theory and beyond*, Singapore, World Scientific, 1987.

22 F. Bailly, G. Longo, « Biological Organization and Anti-Entropy », *J. Biological Systems*, 17, 1, 2009.

nomènes de diffusion entropiques²³. Les principes de construction conceptuelle et les notions ainsi impliquées, façonnent le regard, les choix des principes de preuve empirique, par le choix des observables eux-mêmes : les composantes de l'anti-entropie biologique, par exemple (réseaux cellulaires, tissus, interfaces fractales...²⁴).

Dans l'évolution darwinienne, en particulier, les concepts (et éventuellement les mathématiques) qui permettent de saisir la production de nouveauté (production d'anti-entropie dans notre langage) nécessitent la construction de nouvelles perspectives, en raison de la nature des observables visés et de leur spécificité historique. La question de l'« unification » avec les nombreuses théories de la matière inerte, impliquées dans la compréhension de la biologie, reste cruciale, mais il faut y travailler en jetant des ponts et en proposant des dualités conceptuelles, comme celle dont nous avons parlé entre spécificité et généralité, en physique *vs* biologie. Typiquement, le réseau d'interaction entre organismes dans un écosystème se constitue entre les objets historiques, spécifiques, que sont les individus vivants. Cela n'a rien à voir avec la généralité des composantes d'un réseau d'interaction physique, à la Parisi, ou avec les molécules qui forment un ouragan ou celles qui permettent la morphogenèse à la Turing ou à la Thom. Dans ces cas de type physique, ce qui émerge, ce sont des *formes* globales des réseaux, sans que leurs composantes élémentaires changent.

Par contre, dans l'évolution d'un écosystème, il y a certes changement des interactions, mais aussi (voire surtout) des changements évolutifs des organismes qui composent l'écosystème²⁵. Leur changement est en fait au cœur de l'évolution darwinienne : ce sont les phylogenèses des organismes, individuellement, qui se modifient, et non pas seulement les interactions entre eux. Ce sont donc les composantes élémentaires et complexes du réseau qui changent, ainsi que leur réseau d'interactions. Voilà ce qui est au cœur d'une science historique comme l'évolution.

Un retour sur la philosophie

En philosophie, la phénoménologie propose un regard synthétique qui peut aider à encadrer les analyses conceptuelles évoquées. Elle nous permet de réfléchir davantage à la pluralité des théories, à leurs implications méthodologiques et ontologiques. Le présent texte reprend et développe certains des idées esquissées dans les préfaces que nous avons écrites pour deux ouvrages de philosophie conçus par des collègues italiens.

23 M. Chollat-Namy, G. Longo, « Entropie, Neguentropie et Anti-entropie : le jeu des tensions pour penser le vivant », in *Entropies*, Londres, ISTE OpenScience, 2023.

24 F. Bailly, G. Longo, « Biological Organization ... », *art. cit.* ; G. Longo, M. Montévil, « Randomness Increases Order in Biological Evolution », *LNCS*, vol. 7318, 2012.

25 G. Longo, « Emergence vs Novelty Production in Physics *vs* Biology », in M. Chollat, Y. Montévil, X. Robert (éds.), *Open Historicity of Life. Theory, epistemology, practice*, à par. (2025).

Dans la première de ces préfaces²⁶, nous sommes amené à comprendre le jeu des différents cadres scientifiques, le problème de l'unification en physique par exemple, comme la relativité des différents cadres ontologiques, irréductibles, mais, en principe, unifiables ou du moins en dialogue. Nous retrouvons dans le livre de Fraiosopi les observations philosophiques de deux fondateurs de la mécanique quantique, Schrödinger et Heisenberg, des observations d'une grande profondeur et pertinence. Mais Prigogine et les systèmes dissipatifs permettent également d'appréhender les problèmes des dynamiques complexes, car loin de l'équilibre, capables de s'auto-organiser en formant des « structures de cohérence » dont l'intelligibilité ne peut être attribuée seulement à leurs composants atomiques, élémentaires et simples. D'où des visions systémiques, globales, comme celles nécessaires pour saisir l'intrication en Mécanique Quantique, avec toute la complexité, propre à cette discipline, de la relation « sujet connaissant – instrument de mesure – objet » : en un mot, des analyses très intéressantes de ce que l'on considère comme étant au cœur de la complexité physique.

Les techno-sciences, au cœur de la critique développée dans le deuxième ouvrage²⁷, prétendent au contraire ne pas avoir de limites : « nous allons contrôler l'évolution » en reprogrammant l'ADN²⁸, entend-on dire aujourd'hui. Et bientôt une machine à états discrets, des 0 et des 1, dépassera en tout l'intelligence humaine : trop de livres et d'articles pour en choisir un à citer, étalés sur soixante ans, et comportant des promesses de réalisation dans les cinq ou dix ans suivants — un vrai cauchemar : des techno-sciences loin de la science, qui, elle, sait toujours poser ses limites, pour changer de perspective, pour aller plus loin, mais dans une autre direction, avec un autre regard²⁹. Dans ces deux approches techno-scientifiques, le complexe est atteint par la composition d'éléments simples — nous insistons — et qui ne changent pas : les molécules ou leurs composantes chimiques, les bits d'un ordinateur qui, au mieux, oscillent parmi un nombre fini et pré-donné d'états. Au contraire, les cellules dans un organisme, les organismes dans un écosystème sont complexes, vieillissent, changent, évoluent. Ils ont une histoire.

La philosophie aide à organiser le savoir, ce savoir critique qui est le nôtre, et, tant par la synthèse structurante que par la proposition méthodologique ou épistémologique originale, peut aussi aider à identifier de nouvelles voies en science — ce qui est le but même d'une pensée critique. Car pour être vraiment scientifique, la pensée est toujours une pensée de la nouveauté ; elle est révolutionnaire, même en réponse à une petite question. Elle est le contraire du « sens commun », cette notion floue qui exprimerait la seule composante difficilement

26 Préface à F. Fraiosopi, *op. cit.*

27 Préface de G. Longo à A. Nigrelli et F.S. Tortoriello, *Il Liceo matematico : un approccio storico e interdisciplinare all'insegnamento delle scienze e della matematica*, Rome, Mimesis, à par. (2025).

28 J. Doudna, S. Sternberg, *A crack in Creation, the new power to control Evolution*, London, Bodley Head. 2017. Pour un compte rendu de ce livre de la Prix Nobel 2020, J. Doudna, voir G. Longo, « Programmer l'évolution : une faille dans la science », *Philosophy World Democracy*, 14, 2022.

29 G. Longo, *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, Préface de Jean Lassègue, postface d'Alain Supiot, Paris, P.U.F., 2023.

mécanisable de l'intelligence humaine, selon Y. Le Cun³⁰ ; elle est le contraire des moyennes statistiques de textes déjà écrits, produites par ChatGPT et que l'on prétend originales car ces moyennes « ne sont pas déjà là » — et elles sont même mouvantes : il suffit de changer quelques paramètres. La pensée scientifique est à la limite, elle est le bord changeant, elle est à l'horizon des phénomènes, comme l'invention du principe d'inertie par Galilée – un principe hors du monde, qui ne s'applique à aucun mouvement mesurable, qui est à la limite de tous les mouvements, mais qui les rend tous intelligibles. La pensée scientifique ne reflète pas les objets et les structures déjà donnés, elle ne « découvre » pas des lois déjà immanentes au monde ou aux corrélations dans les Big Data³¹.

Par contre, comme tout savoir, elle se co-constitue dans la friction avec le monde, grâce à des transitions conceptuelles continues, qui réorganisent le monde de manière toujours nouvelle. Une friction qui s'exprime dans et par une culture symbolique, partagée et constituée dans l'histoire d'une communauté communicante, une culture qui nous permet « d'imaginer des configurations de sens »³². Cela loin de

l'absolutisation d'un esprit spéculatif qui prétend se soustraire à la relation et à la confrontation avec son propre corps. Un tel esprit absolu... a beaucoup alimenté la métaphysique de religions et philosophies, qui, ne tolérant pas que la pensée puisse dériver de l'élaboration d'émotions et que seulement dans cela elle trouve son sens originaire, ont construit des machines de pensée qui se perdent à l'infini dans un rejet de la finitude inscrite dans notre corporéité.³³

Le sens et ses changements sont donc produits à partir de « la nature pulsionnelle-émotionnelle du corps » animal et humain, dans son enracinement évolutif et historique, comme le souligne Roberto Finelli³⁴.

Conclusion

Plaidant d'une manière générale pour des visions systématiques globales, nous avons, dans le présent texte, franchi un pas de plus en allant au-delà de la genericité des composantes élémentaires des systèmes complexes de la physique et de la spécificité des trajectoires suivies par les dynamiques de leurs réseaux d'interaction – des géodésiques (des optima locaux) dans des « rugged landscapes », même dans le traitement mathématiquement très original de l'émergence dans les réseaux de Parisi. Et nous sommes passé de la genericité des éléments simples, identiques et immuables des systèmes complexes de la physique, à la complexité des composantes spécifiques, historiques et changeantes, d'un réseau écosysté-

30 Leçon inaugurale au Collège de France, chaire IA, 2016, *op. cit.*

31 C. Calude, G. Longo, « The deluge of Spurious Correlations in Big Data », *Foundations of Science*, 22, 3, 2017.

32 A. Sarti, G. Citti, D. Piotrowski, *Differential Heterogenesis*, Cham, Springer (Lecture Notes in Morphogenesis), 2022.

33 R. Finelli, *Filosofia e tecnologia. Una via d'uscita dalla mente digitale*, Turin, Rosenberg & Sellier, 2022.

34 R. Finelli, *op. cit.*

mique, en biologie³⁵. Cela fait partie d'un travail scientifique et philosophique pour mieux comprendre les dynamiques historiques et les limites des connaissances scientifiques, toujours constitutives de nouvelles perspectives. Ce sont la complexité et l'historicité de la pensée, de l'activité et de la corporéité de tout individu humain qui modifient les réseaux des interactions sociales et en sont modifiées, qui façonnent la construction d'objectivité et même des objets scientifiques, le choix des observables. Le temps historique émerge des déformations de ces réseaux. Il n'est donc pas « ce qui est mesuré par une horloge », comme nous le dit la physique depuis Aristote et jusqu'à Einstein³⁶ ; il ne scande pas les événements par des fréquences immuables, des oscillations atomiques, car il ne respecte pas les fréquences des horloges physiques — les « accélérations » et les « ralentissements » de l'évolution et de l'histoire par rapport à ces horloges en témoignent. Il n'a donc pas la dimension mathématique du temps thermodynamique, dont l'irréversibilité est statistique — la réversion est très peu probable, mais possible. Il est plutôt un opérateur associé au changement historique du vivant et du social, dont l'irréversibilité est principielle³⁷.

Bibliographie

- Bailly, F., et G. Longo, *Mathématiques et sciences de la nature. La singularité physique du vivant*, Paris, Hermann, 2006.
- « Biological Organization and Anti-Entropy », *J. Biological Systems*, 17, 1, 2009.
- Bitbol, M., *L'Aveuglante proximité du réel. Anti-réalisme et quasi-réalisme en physique*, Paris, Flammarion, 1998.
- Calude, C., et G. Longo, « The deluge of Spurious Correlations in Big Data », *Foundations of Science*, 22, 3, 2017.
- Chollat-Namy, M., et G. Longo, « Entropie, Neguentropie et Anti-entropie : le jeu des tensions pour penser le vivant », in *Entropies*, Londres, ISTE OpenScience, 2023.
- Dahan Delmedico, A., et J.-L. Chabert, K. Chemla, *Chaos et déterminisme*, Paris, Seuil, 1992.
- Doudna, J., et S. Sternberg, *A crack in Creation, the new power to control Evolution*, London, Bodley Head, 2017.
- Edelman, G.M., et J.A. Gally, « Degeneracy and Complexity in biological systems », *Proceedings of the National Academy of Science*, 24, 2001.
- Finelli, R., *Filosofia e tecnologia. Una via d'uscita dalla mente digitale*, Turin, Rosenberg & Sellier, 2022.
- Fraisopi, F., *Besinnung : scienza, complessità e fenomenologia*, Rome, Aracne, 2009.
- Grothendieck, A., *La nouvelle Eglise universelle*, « Survivre... et vivre », n° 9, août-septembre 1971.
- Lassègue, J., et G. Longo, *Critique de la raison numérique : des mythes de l'Intelligence Artificielle à la révolution silencieuse de l'écriture*, Paris, P.U.F., à par. 2025.

35 Voir G. Longo, « Emergence vs Novelty Production... », *art. cit.*

36 G. Longo, « Confusing biological twins and atomic clocks. Today's ecological relevance of Bergson-Einstein debate on time », in A. Campo & S. Gozzano (éds.), *Einstein vs Bergson. An enduring quarrel of time*, Berlin, de Gruyter, 2021.

37 Que l'on pense au temps de l'embryogenèse : aucune théorie du vivant ne peut considérer le processus inverse, du bébé au zygote, comme « possible », juste très peu probable, comme le serait tout processus thermodynamique, en physique statistique. Voilà l'« embryon » d'un temps propre de l'histoire. Dans l'approche mathématique des changements évolutifs et historiques (cf. A. Sarti et al., *op. cit.*), ce temps historique est appelé « Ion », par opposition au « Chronos », le temps thermodynamique.

- Le Cun, Y., Leçon inaugurale au Collège de France, chaire d'Intelligence Artificielle, 2016 (<https://www.youtube.com/watch?v=TdLa5h-x2nA>).
- Longo, G., préface à F. Fraïssin, *Besinnung : scienza, complessità e fenomenologia*, Rome, Aracne, 2009.
- « Reflections on Concrete Incompleteness », *Philosophia Mathematica*, 19, 3, 2011.
 - « Confusing biological twins and atomic clocks. Today's ecological relevance of Bergson-Einstein debate on time », in A. Campo & S. Gozzano (éds.), *Einstein vs Bergson. An enduring quarrel of time*, Berlin, de Gruyter, 2021.
 - « Programmer l'évolution : une faille dans la science », *Philosophy World Democracy*, 14, 2022.
 - *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, préface de Jean Lassègue, postface d'Alain Supiot, Paris, P.U.F., 2023.
 - « Emergence vs Novelty Production in Physics vs Biology », in M. Chollat, M. Montévil, D. Robert (éds.), *Open Historicity of Life. Theory, epistemology, practice*, à par. (2025).
 - préface à A. Nigrelli et F.S. Tortoriello, *Il Liceo matematico : un approccio storico e interdisciplinare all'insegnamento delle scienze e della matematica*, Rome, Mimesis, à par. (2025).
 - et M. Montévil, « Randomness Increases Order in Biological Evolution », *LNCS*, vol. 7318, 2012.
 - et M. Montévil, *Perspectives on Organisms : Biological Time, Symmetries and Singularities*, Dordrecht, Springer, 2014.
- Marinucci, A., *Tra ordine e caos. Metodi e linguaggi tra fisica, matematica e filosofia*, Rome, Aracne, 2011.
- *Theoretical Principles of Relational Biology*, Springer, 2023.
- Monod, J., *Le Hasard et la Nécessité*, Paris, Seuil, 1970.
- Montévil, M., et M. Mossio, « Closure of constraints in biological organisation », *Journal of Theoretical Biology*, vol. 372, 2015.
- « The Identity of Organisms in Scientific Practice : Integrating Historical and Relational Conceptions », *Frontiers in Physiology*, 11, 2020.
- Nicolis, G., et I. Prigogine, *Self-organization in non-equilibrium systems*, New York, Wiley, 1977.
- Nigrelli, A., et F.S. Tortoriello, *Il Liceo matematico : un approccio storico e interdisciplinare all'insegnamento delle scienze e della matematica*, Rome, Mimesis, à par. (2025).
- Parisi, G., M. Mézard, M.-A. Virasoro, *Spin glass theory and beyond*, Singapore, World Scientific, 1987.
- Sarti, A., G. Citti, D. Piotrowski, *Differential Heterogenesis*, Cham, Springer (Lecture Notes in Morphogenesis), 2022
- Soto, A., G. Longo, D. Noble (éds.), *From the century of the genome to the century of the organism. New theoretical approaches*, Special issue of *Progress in Biophysics and Molecular Biology*, 122, 1, 2016.
- Thom, R., *Stabilité structurelle et Morphogénèse*, New York, Benjamins, 1972.
- Turing, A., « The chemical basis of morphogenesis », *Phil. Trans. R. Soc.*, B 237, 1952.

Résumé : La décomposition analytique du monde est supposée être au cœur de son intelligibilité, au moins depuis la « révolution scientifique ». Comme dans l'écriture alphabétique, l'empilement de l'élémentaire et du simple devrait permettre d'atteindre ce qui est « complexe ». On esquissera certains passages critiques vers des visions plus riches des dynamiques physiques, puis biologiques, dont les composantes élémentaires sont complexes et spécifiques (historiques) et produisent de la nouveauté, entre ordre et désordre, variabilité et invariance, stabilité et instabilité.

Mots-clefs : complexité, dynamiques physiques, évolution darwinienne, Intelligence Artificielle, pensée humaine.

Resumo : A descomposição do mundo é supostamente na base da sua inteligibilidade, ao menos desde a “revolução científica”. Como na escrita alfabética, a combinação do elementar e do simples deveria permitir alcançar o que é “complexo”. Esboçaremos alguns persursos críticos rumo visões mais ricas das dinâmicas físicas, e biológicas, cujos componentes elementares, sendo complexos e específicos (históricos), produzem novidade, entre ordem e desordem, variabilidade e invariabilidade, estabilidade e instabilidade.

Abstract : The analytical decomposition of the world is supposed to be at the heart of its intelligibility, at least since the “scientific revolution”. As in alphabetical writing, the stacking of the elementary and simple should make it possible to reach what is “complex”. We will outline certain critical passages towards richer visions of physical, then biological, dynamics, whose elementary components are complex and specific (historical) and produce new structures, between order and disorder, variability and invariance, stability and instability.

Auteurs cités : F. Bailly, M. Bitbol, R. Finelli, J. Monod, G. Parisi, A. Soto, R. Thom, A. Turing.

Plan :

La composition du simple

Entre ordre et désordre

Principes de construction et principes de preuves

Un retour sur la philosophie

Conclusion

Recebido em 24/09/2024.

Aceito em 10/10/2024.

Le changement : un “tiers (secrètement) inclus”

Jean Paul Petitimberty

Paris, ESCP et CELSA

São Paulo, CPS (PUC-SP)

Introduction

Problématiser sémiotiquement le « changement » est une gageure qu’un article de quelques pages ne saurait relever. Pour en mesurer l’ampleur, signalons simplement que le très sérieux dictionnaire du Centre National des Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL) n’inventorie pas moins de cent sept synonymes du mot changement¹, sans compter ceux qu’il omet de signaler (par exemple “chamboulement”).

Toutefois, si la notion de changement est restée jusqu’à ce jour un impensé de la sémiotique, tant sa définition semble relever de l’évidence², nous estimons qu’elle n’en est pas pour autant impensable, pour peu qu’on la débarrasse précisément de cette gangue d’évidences dans laquelle le sens commun l’a entartrée. Nous nous efforcerons donc de dépasser cet écueil et de poser quelques jalons susceptibles d’éveiller la curiosité du lecteur et de l’inciter à en approfondir la portée. Entreprise certes plus modeste que ce que l’idéal scientifique exigerait, mais en elle-même tout à fait sémiotique du seul fait de sa nature clairement manipulateur.

1 Cf. <https://www.cnrtl.fr/synonymie/changement>.

2 Et du seul fait que la sémiotique l’ait déjà en partie abordé, par exemple au travers de l’épreuve de commutation entre unités des deux plans du langage, du concept narratif de transformation d’états, ou encore de l’opération de conversion effectuée lors du passage d’un palier du parcours génératif à un autre.

C'est à partir des quelques réflexions que nous inspirent la philosophie antique, la physique contemporaine et la logique — aussi bien conventionnelle (aristotélicienne) que dissidente (lupasquienne³) — que nous allons tenter un « débroussaillage » sémiotique de cette notion.

1. Un casse-tête : le bateau de Thésée

De même qu'il serait impossible d'aborder la question du changement sans prendre en compte celle du temps (cf. *infra* §6), de même, aussi paradoxale que puisse paraître cette remarque, on ne peut prétendre aborder avec sérieux le problème du changement si on élude celui de son opposé, l'identité. En effet, les deux notions sont intimement et irréductiblement intriquées. L'énigme du bateau de Thésée, rapportée par Plutarque, en est la parfaite illustration :

Le navire à trente rames sur lequel Thésée s'était embarqué avec les jeunes enfants, et qui le ramena heureusement à Athènes, fut conservé par les Athéniens jusqu'au temps de Démétrius de Phalère. Ils en ôtaient les pièces de bois à mesure qu'elles vieillissaient, et ils les remplaçaient par des pièces neuves, solidement enchâssées. Aussi les philosophes, dans leurs disputes sur la nature des choses qui s'augmentent, citent-ils ce navire comme un exemple de doute, et soutiennent-ils, les uns qu'il reste le même, les autres qu'il ne reste pas le même.⁴

Après avoir changé une à une, au fur et à mesure de leur usure, les pièces de la charpente du bateau en les remplaçant par des neuves, dans quelle mesure les Athéniens pouvaient-ils affirmer à la fin qu'il s'agissait bien du même bateau (identité) ? N'avait-il pas changé, n'était-il pas devenu autre (altérité) ? C'est là tout le problème de la compatibilité entre le maintien de l'identité et le changement, en l'occurrence de substance.

Une quinzaine de siècles plus tard, Thomas Hobbes raffine l'énigme dans son *De Corpore*⁵, en la prolongeant autour des notions de vrai et de faux. En imaginant qu'un ouvrier du chantier naval d'Athènes ait patiemment collecté les planches d'origine et qu'une fois sa collection complète, il ait reconstitué le puzzle en les assemblant exactement dans le même ordre, la question qui se pose alors est la suivante : lequel des deux bateaux est le « vrai » bateau de Thésée ? Assurer que c'est celui qui a été constamment entretenu au fil des ans et dont les unités ont été progressivement et systématiquement changées, c'est mettre en avant sa continuité spatio-temporelle. Répondre qu'il s'agit du bateau finalement reconstruit avec les pièces d'origine, c'est, malgré la discontinuité de son existence par rapport au premier, privilégier l'identité des substances matérielles qui le composent.

Pour Hobbes, énoncer qu'il existerait deux bateaux numériquement *le même* serait indéniablement absurde, totalement insensé. Pour nous, si la réponse à la

3 Nous faisons référence aux travaux de l'épistémologue Stéphane Lupasco, par ailleurs déjà évoqués dans « Brand identity in the age of digitalisation : complexity and contradiction », *Acta Semiotica*, IV, 7, 2024.

4 Plutarque, *Vies des hommes illustres*, trad. A. Pierron, t.1, Paris, Charpentier, 1853, pp. 2223.

5 Th. Hobbes, *De Corpore. Elementa Philosophiae I* (1655), Paris, Vrin, 2000.

question du vrai posée par le philosophe anglais est indécidable et si l'identité du bateau de Thésée questionnée par Plutarque est indéterminable, il n'en reste pas moins qu'une telle expérience de pensée permet en effet de souligner l'intimité, voire la solidarité paradoxale des deux concepts. Mais là n'est pas le seul paradoxe que notre réflexion sur le changement va nous amener à mettre au jour.

2. Identité du changement, identité et changement

Parmi les nombreux autres paradoxes qu'il soulève, remarquons d'abord que le changement, pour conserver son identité et continuer d'être le changement, c'est-à-dire lui-même, est sans cesse condamné, par obéissance à lui-même, à changer sa façon d'être le changement... La question de l'identité du changement serait donc une aporie.

Expliquons-nous. Par définition, le changement change les choses. Il doit donc sans cesse s'adapter à ce que les choses sont devenues à cause de lui pour pouvoir continuer à les changer. Il s'ensuit qu'il ne peut pas ne pas se changer lui-même s'il « doit » continuer d'être ce qu'il est, c'est-à-dire ne pas changer. Autrement dit, ce qui définit l'identité du changement, c'est la *négation d'elle-même*, opération qui aboutit à *son contradictoire*, la *nonidentité*. Nous aurons l'occasion d'approfondir cette éclatante contradiction plus loin (§7). Toujours est-il qu'il se confirme que les notions de changement et d'identité sont dialectiquement liées l'une à l'autre, même si leur relation est contre-intuitive, voire, comme on vient de le relever, paradoxale.

En effet, il y aurait *a priori* une incompatibilité logique entre les deux concepts : soit l'objet dont on dit qu'il change reste un et le même, et alors il n'a pas changé, il n'est pas devenu autre. En ce cas, le changement serait une illusion et l'usage du terme un abus de langage (c'est le point de vue de Parménide, cf. *infra* §3). Soit l'objet a réellement changé et dans ce cas là, *x* ayant cessé d'être *x* en étant devenu *y*, il n'y a aucun sens à continuer de parler de *x* en tant qu'*x*. Changer, c'est par définition devenir différent, devenir autre, c'est-à-dire ne plus être identique à soi-même. En conséquence, il semble bien qu'il faille choisir : soit c'est le principe d'identité qui prime, et il amène à disqualifier l'idée de changement en le reléguant au rang de mirage ; soit on admet le primat de l'impermanence et du changement, et on doit refuser le principe d'identité, comme le font par exemple les bouddhistes qui la considèrent comme illusoire. En théorie, les deux notions seraient formellement antinomiques.

Or, empiriquement, nous constatons tous les jours que les choses changent autour de nous, voire en nous, et que la logique que nous venons de survoler rapidement est inopérante. Nous faisons largement fi de cette incompatibilité théorique quand nous estimons, sans pour autant sombrer dans des abîmes de perplexité, qu'un objet peut subir des changements, c'est-à-dire ne plus être le même, tout en demeurant lui-même. Mais ce changement ne peut être évoqué qu'à la condition d'invoquer le fait que cet objet n'a pas vraiment, ou pas entièrement, changé. Changer une chose suppose modifier l'identité de cette chose sans aller jusqu'à la dissoudre et à la faire disparaître entièrement. En d'autres

termes, dire d'une chose qu'elle change, ou qu'elle a changé, c'est à la fois affirmer qu'en elle « quelque chose » n'a pas subi ce changement et accepter que ce soit ce « quelque chose » dont on dit qu'il a changé. Penser le changement amène donc à mettre au jour un nouveau paradoxe qui consiste à reconnaître que le sujet grammatical du verbe changer, *cela qui change*, c'est précisément *ce qui ne change pas* au cours du changement. Le *changement* n'est dicible que par l'entremise du *nonchangement*.

Nous ne parvenons donc à comprendre et à dire le changement qu'au prix d'un stratagème syntaxique, d'un jeu verbal paradoxal qui permet, via la langue, de gommer l'antinomie entre l'idée de changement et le principe d'identité.

3. Petit excursus de linguistique comparée

Il est en général admis, au moins en philosophie, qu'« on pense en langue ». Autrement dit qu'il ne peut y avoir de pensée en dehors du langage (bien que certains neuropsychologues actuels soutiennent en partie le contraire). La question qui nous occupe, à la suite de ce qu'on vient de constater, peut donc s'envisager sous l'angle linguistique : l'impossibilité d'harmoniser principe d'identité et idée de changement est-elle spécifique à la pensée et à la culture occidentale, à sa façon de dire les choses ? Est-elle consubstantielle aux structures de ces langues et se peut-il que cette difficulté soit dissoute dans d'autres aires linguistiques, sous d'autres latitudes ?

Il se trouve que le philosophe François Jullien est à la fois helléniste et sinologue. Dans l'un de ses nombreux ouvrages, *Les transformations silencieuses*, il développe la thèse selon laquelle les structures occidentales de la langue, sous l'influence de la métaphysique grecque de l'antiquité qui a en très grande partie façonné l'univers culturel dans lequel nous baignons et le fonds intellectuel dans lequel nous puisons, sont avant tout « ontologiques ». Ce qu'il entend par là, c'est que le langage occidental repose sur la distinction et la création de catégories et, ne désignant jamais que des étants, des états de choses, il se trouve dans l'incapacité de décrire comment ils sont advenus. Le célèbre vers de Boileau « J'appelle un chat un chat, et Rolet un fripon »⁶ n'est autre que l'équivalent français de l'adage grec ancien « nommer une figue une figue, et une barque une barque »⁷. Pour les anciens Grecs comme pour nous occidentaux, une chose est une chose et pas autre chose.

Nous [occidentaux] avons du mal à parler des transitions continues. La neige qui fond en tombant sur le sol est-elle encore de la neige ou déjà de l'eau ? Cette série d'impuissances ou de difficultés de notre pensée est sans doute une conséquence de choix premiers qu'elle a opérés : à savoir qu'elle est avant tout une pensée de l'Être, une ontologie, une pensée de l'identité et de la substance. On peut lui opposer la

6 N. Boileau, *Satires du sieur D****, Satire I, Paris, Claude Barbin, 1666. (Dans l'édition de 1713, on précise en note que le dénommé Rolet était un « procureur très décrié, qui a été dans la suite condamné à faire amende honorable et banni à perpétuité »).

7 Τὰ σῦκα σῦκα, τὴν σκάφην δὲ σκάφην ὀνομάσων.

pensée chinoise, fondée, elle, sur la transition, la polarité entre les contraires qui coexistent sans cesse, c'est-à-dire sur le procès perpétuel des choses.⁸

Puisque la pensée et la langue chinoises ne décrivent que des évolutions continues, la question du changement ne se pose pas dans les mêmes termes pour un Chinois que pour un occidental, et il se peut qu'elle ne se pose même pas du tout. Il semble qu'en Chine, selon Fr. Jullien, la notion de substance n'ait pas pris corps. De sorte que pour un Chinois, l'idée même qu'un substrat stable et invariable puisse se maintenir identique à lui-même au cours d'un changement serait impensable. Le principe d'identité, essentiel dans notre conception du changement et notre façon de le dire, paraît incongru dans la pensée chinoise. Elle considère que les êtres animés aussi bien que les choses inanimées sont en perpétuelle transition et qu'on ne peut les dire que sous le seul angle de leur devenir. A l'inverse, c'est le parti-pris de l'être qui empêcherait les occidentaux de concevoir la transition et le changement. Il ferait obstacle à ces « transformations silencieuses », comme celle de l'arbre en tant qu'il pousse ou du rocher en tant qu'il s'érode. La pensée occidentale non seulement discrétise, découpe et isole, mais aussi, voire surtout, elle détermine et stabilise : plus une chose est déterminée dans son identité, plus elle est stabilisée et donc moins elle peut évoluer et devenir. Aussi, pour François Jullien, « la transition fait littéralement trou dans la pensée européenne, la réduisant au silence, alors que pour les Chinois au contraire, la vie et le monde ne sont jamais pensés qu'en transition continue, en changement perpétuel »⁹.

Nous pouvons ainsi avancer, comme nous allons le voir ci-après une fois revenu sous des latitudes philosophiques qui nous sont plus familières, que notre pensée occidentale serait d'obédience parménidienne, tandis que du côté chinois, la pensée et la langue tendraient plutôt à être héraclitéennes.

4. Parménide et Héraclite

La question du changement ne date certes pas d'hier ! Il y a vingt cinq siècles, en Grèce, les Anciens se la posaient déjà, notamment Parménide et Héraclite, qui, bien que contemporains, défendaient des thèses antagonistes, toujours discutées aujourd'hui (d'autant plus que leurs doctrines ne nous sont parvenues que sous forme de fragments). L'un et l'autre s'efforçaient de comprendre la paradoxale unité d'un sujet, s'il peut à la fois devenir autre et continuer à être soi, être identique et changeant, le même et différent, sans pour autant pouvoir différencier ce qui en lui est stable de ce qui est éphémère.

On s'accorde en général pour dire que le premier, Parménide, est avant tout un tenant du primat de l'Être pour qui le changement n'est qu'apparence. En excluant de sa doctrine l'idée de changement, il considère le mouvement comme une succession de positions fixes, si bien que tout ce qui existe doit pouvoir être

⁸ Fr. Jullien, *Les transformations silencieuses*, Paris, Grasset & Fasquelle, 2009, p. 24.

⁹ *Ibid*, p. 26.

décrit à partir du seul concept d'immobilité. Selon lui, c'est l'Être, défini comme parfaitement et éternellement identique à lui-même, qui est fondamental car il n'est pas soumis au temps : l'Être est, a toujours été, et sera toujours. Ne fait partie de l'Être que ce qui est parfaitement un, plein et immobile. Ainsi, toujours fidèle à lui-même, l'Être ignore le changement et ne devient jamais autre, de sorte que, pour Parménide, c'est le devenir qui est une illusion, une façon commode mais fausse de parler du monde qui nous entoure.

Héraclite, quant à lui, défend l'idée exactement inverse : à ses yeux, tout est mobile et changeant, au point qu'on ne saurait arrêter de point fixe permettant de servir de repère pour évaluer les changements qui se produisent dans le monde. C'est le devenir qui prime sur l'identité qui, elle, n'est qu'apparence et illusion. Pour Héraclite, les choses ne sont pas, elles deviennent, changent et s'altèrent sans cesse, jusqu'à pouvoir, à l'extrême, se transformer en contraire d'elles-mêmes. Et dès lors qu'ils sont en perpétuel changement et mouvement, les objets du monde naturel que nous percevons ne sont pas vraiment des objets, mais plutôt des procès qui se déroulent sous nos yeux (c'est aussi, selon François Jullien, la perspective adoptée par la pensée chinoise, cf. *supra*, §3). Aussi, vu sous cet angle, le temps constitue la manifestation de ce perpétuel devenir, universel et premier. Cela dit, paradoxalement, même si pour lui aucun être n'est jamais le même, Héraclite développe l'idée d'un *logos*, un principe intellectif immuable qui « est de toujours »¹⁰ et transcende le changement pour le constater. C'est ce principe qui, précisément parce qu'il échappe au devenir, permet de le dire, de catégoriser et d'expliquer les oppositions qu'on observe dans le monde réel : « Quand vous écoutez non pas moi, mais le *logos*, il est sage de reconnaître que toutes choses sont Un »¹¹. C'est donc, pour Héraclite, par l'intelligence ou la pensée qu'on peut saisir l'unité du réel en perpétuel devenir.

Ce qui est frappant dans les réflexions de ces deux philosophes malgré l'opposition qui les caractérise, c'est qu'elles ont en commun un même substrat conceptuel : pour pouvoir rendre compte du changement et le définir, il faut lui adjoindre un principe inaliénable qui échappe lui-même au changement, *qui en est la négation même*. C'est sur la nature de ce principe que ces deux penseurs divergent. Pour Héraclite il s'agit du *logos*, situé hors du devenir. Pour Parménide, c'est l'Être que le passage du temps n'affecte pas. Quoi qu'il en soit, dans l'un comme l'autre cas, le concept de *changement* porte en lui-même son contradictoire, le *nonchangement*.

5. Le non-changement

Il en va de même pour Platon qui, dans le *Timée*, attribue au changement une valeur de tromperie, de fausseté, en ce qu'il estime que ce qui change constamment ne saurait être considéré comme la réalité ultime — réalité ultime qui, relevant, elle, du vrai, doit présenter un caractère de permanence absolu.

10 Héraclite, fragment 1, in G. Legrand, *Pour connaître les présocratiques*, Paris, Bordas, 1987.

11 Fragment 50.

Pour être véritablement connaissable, un objet du monde sensible doit, dans son changement même, posséder des qualités immuables, une permanence véritable qui le rend identique à lui-même dans tous les cas. C'est à partir de cette prémisse que Platon établit l'hypothèse du « monde des idées », charpente de toute sa philosophie. Il existerait des « formes intelligibles », inaltérables, impassibles¹² et universelles, seules dignes d'intérêt et susceptibles de devenir des objets de connaissance, auxquelles participerait le monde sensible sous une forme imparfaite et « dégradée ».

Il faut convenir qu'il existe premièrement ce qui reste identique à soi-même en tant qu'idée, qui ne naît ni ne meurt, ni ne reçoit rien venu d'ailleurs, ni non plus ne se rend nulle part, qui n'est accessible ni à la vue ni à un autre sens et que donc l'intellection a pour rôle d'examiner ; qu'il y a deuxièmement ce qui a même nom et qui est semblable, mais qui est sensible, qui naît, qui est toujours en mouvement, qui surgit en quelque lieu pour en disparaître ensuite et qui est accessible à l'opinion accompagnée de sensation.¹³

Contrairement aux choses concrètes et sensibles dont la réalité est changeante, les formes abstraites et nonsensibles sont l'unique et vraie réalité, immuable et inaltérable. Ainsi, avec le *Timée*, Platon pose les bases de la pensée scientifique et du rôle qu'y jouent les mathématiques dans sa recherche de la législation qui, hors du temps, régit les évolutions et les fluctuations du cosmos. Autrement dit, pour Platon, l'empirique (changeant) dans lequel nous sommes et le théorique (invariant) qui nous donne une grille d'entendement sont en étroite relation, et le monde des choses sensibles participe aux formes intelligibles.

De fait, en physique par exemple, les mathématiques ont encore très récemment prouvé leur efficacité. Qu'il s'agisse, en astrophysique, des ondes gravitationnelles, calculées et prévues dès 1916 par Albert Einstein et observées en 2015 en Arizona, ou encore, en physique des particules, du célèbre boson de Higgs, postulé théoriquement en 1964, dont l'existence a été confirmée expérimentalement au CERN de Genève en 2012. Aussi, ces deux exemples nous montrent-ils comment des « êtres physiques », c'est-à-dire des éléments de réalité sensible (y compris différents de ceux que l'on connaissait jusqu'alors) qui sont soumis à la contingence, à la mobilité, au devenir et à l'évolution sont déterminés et mis au jour par des « êtres mathématiques » (les « idées » ou « formes intelligibles » de Platon), c'est-à-dire des concepts législatifs (les lois physiques telles que la gravitation ou l'électromagnétisme) qui naviguent dans des sphères très abstraites et qui sont, eux, stables, c'est-à-dire invariants, inaltérables et vrais de tout temps. Le *changement* et son contradictoire, le *nonchangement*, s'avèrent donc — une fois de plus — irréductiblement solidaires, intrinsèquement unis l'un à l'autre : sans l'un, l'autre ne saurait être et réciproquement.

¹² Au sens théologique du terme : l'impassibilité est liée à l'idée que Dieu étant parfait, il ne peut changer car il perdrait alors sa perfection.

¹³ Platon, *Timée*, trad. A. Rivaud, Paris, Les Belles Lettres, 2002, 52 a.

6. Le temps du changement

Nous le disions en introduction, le changement est impensable si on élude la question du temps. Qu'il soit conçu comme cyclique ou linéaire, c'est le passage du temps qui est la condition d'apparition et d'observation du changement. S'il « suspendait son vol », plus aucun changement ne pourrait advenir, et s'il en advenait un, c'est que le temps aurait repris son cours. Mais prendre en compte le temps, c'est mettre au jour un nouveau paradoxe lié à la notion de changement.

De même qu'il faut mettre les évidences et le sens commun à distance dès qu'on aborde la question du changement, de même à propos du temps il devient impératif de dépasser les expressions habituelles comme : il passe trop vite ou trop lentement, on n'en a jamais assez¹⁴, il fait son œuvre, on le tue, etc. Il est en effet courant de confondre le temps avec les événements qui s'y déroulent et les impressions qui en résultent. On dira par exemple que « le temps s'accélère » si on constate une succession d'événements rapprochés les uns des autres. Certes, ceux-ci sont rapprochés *dans le temps* et dans ce cas on parlera d'une succession « rapide », par exemple de catastrophes naturelles comme c'est le cas actuellement avec l'avènement de l'anthropocène. Mais pour autant, le temps aura-t-il changé sa façon de « s'écouler » ? Bien sûr que non. Les événements sont des phénomènes temporels, mais ils *ne sont pas* le temps. On entend également souvent dire que « quand rien ne change, le temps s'arrête », comme si le temps et le changement étaient une seule et même chose. Or, même si rien ne change, le temps continue évidemment de « passer » exactement de la même façon que quand il y a du changement. Le changement dépend du temps, mais le temps ne dépend pas du changement (contrairement à ce qu'affirmait Aristote pour qui le temps n'existe pas en soi, mais seulement en tant qu'il mesure le changement, comme une façon commode de parler de ce qui bouge).

C'est Newton qui, le premier, a désambiguïté cette notion en introduisant le paramètre t dans les équations de la physique, paramètre mathématique entièrement dénué des propriétés que le langage courant attribue au temps dans la vie de tous les jours. Il a donc « inventé » un temps « objectif », universel, indépendant des phénomènes temporels (accélération, décélération, régularité...) et de la subjectivité qui leur est attachée (durée, gain, perte...). Or ce temps newtonien qui est la condition même du changement, en est « en même temps » l'exact inverse. En effet, dans les équations de la physique, paradoxalement, le paramètre t est invariant, il ne dépend pas du temps, il ne saurait en aucun cas changer.

Expliquons-nous : en passant, le temps ne change pas sa façon de passer, c'est-à-dire d'être le temps, car tous les instants qui le composent ont le même statut. Même s'ils ne sont pas identiques puisque chaque instant présent est renouvelé, remplacé par un autre, chacun a exactement le même statut physique que celui qui le précède et que ceux qui vont le suivre. Et le fait que la façon dont les ins-

14 Voir par exemple E. Landowski, « État d'urgence », in V. Estay et al. (éds.), *Sens à l'horizon*, Limoges, LambertLucas, 2019, et « Les échelles du temps », *E/C*, 2021.

tants se renouvellent n'évolue pas entraîne évidemment que le temps n'évolue pas non plus, ce qui signifie qu'il *ne change jamais*, qu'il *échappe au changement* (ce qui, par ailleurs, prouve que les lois physiques, elles aussi, lui échappent, c'est-à-dire qu'elles sont vraies à tous les instants du temps, telles les « formes intelligibles » de Platon).

Il s'ensuit que le changement dont le temps est un composant, voire *le* composant *sine qua non*, est substantiellement dépendant d'un facteur qui, lui, ne change jamais. Il apparaît donc — une fois encore — que le changement tel qu'en lui-même renferme, pour pouvoir être ce qu'il est, c'est-à-dire le *changement*, son propre contradictoire le *non-changement*, « en la personne » du temps.

7. La logique du « tiers inclus »

Une telle série de paradoxes et, pour être plus sémiotiquement exact, une telle série de contradictions, données pourtant comme définitoires d'une même notion, a de quoi dérouter et nous amène à questionner la logique d'obédience aristotélicienne qui fait partie du fond épistémologique de notre discipline¹⁵. Celle-ci régit en particulier les relations entre termes du carré sémiotique. Elle est fondée sur trois axiomes¹⁶ :

- i) l'axiome d'identité : A est (ou $\Rightarrow$) A ;
- ii) l'axiome de non-contradiction : A n'est pas (ou $\neq$) non-A ;
- iii) l'axiome du tiers exclu : il n'existe pas un troisième terme T [*T pour tiers*] qui soit à la fois A et non-A.

Comme chacun sait, c'est le deuxième et le troisième axiomes qui font loi sur le carré sémiotique tel que conçu par A.J. Greimas et J. Courtés dans leur *Dictionnaire* : le deuxième en ce qu'il définit la relation entre un terme et son contradictoire, obtenu par l'opération de négation, et le troisième en ce qu'il prohibe leur subsumption par un terme de troisième génération. Seuls les termes contraires de l'axe primaire (S1—S2) et les subcontraires de l'axe secondaire (non-S2 — non-S1) peuvent théoriquement coexister et se combiner sous la forme syntaxique de deux nouveaux termes, dits de troisième génération, respectivement complexe et neutre¹⁷. Mais comment se pourrait-il que les deux termes d'un schéma, qu'il soit positif (S1 — non-S1) ou négatif (S2 — non-S2), ou même les termes complexe et neutre qui sont, par définition, dans un rapport de contradiction, puissent coexister et se combiner de la même manière ?

Si on prétend être sain d'esprit et qu'on reste attaché aux deuxième et troisième axiomes d'Aristote, comment ne pas être perplexe face à l'idée de changement telle que nous en avons rendu compte ? Nous nous trouvons, *mutatis mutandis*¹⁸,

15 Sous l'influence notable du Cercle de Vienne (Rudolf Carnap) et de l'école de Lwów-Varsovie (Alfred Tarski).

16 Voir Aristote, *Métaphysique*, livre quatrième (Γ), ch. IV (pour les deux premiers axiomes), et ch. VII (pour le troisième).

17 Voir le §5 de l'entrée « Carré sémiotique », in A.J. Greimas et J. Courtés, *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette, 1979.

18 Avec ou sans jeu de mots !

dans la même situation que les physiciens du début du XX^e siècle lorsque, en étudiant la mécanique quantique, ils découvrirent les énigmatiques propriétés des entités subatomiques (protons, quarks, neutrinos, etc.) comme par exemple la « superposition d'états », et ne purent que s'efforcer de dépasser ce que la logique classique interdit en développant des « logiques quantiques » alternatives pour rendre compte de ces indéniables anomalies¹⁹. La plupart de ces tentatives s'attelaient à modifier le deuxième axiome, inopérant à l'échelle de l'infiniment petit où, par exemple, un même quanton est *à la fois* une onde *et* une particule, l'une et l'autre étant ontologiquement contradictoires, jusqu'au moment où on le mesure et où il devient aléatoirement soit l'une soit l'autre²⁰. A cette échelle subatomique, à ce « niveau de réalité »²¹, les chercheurs n'ont cessé de faire surgir d'autres couples de contradictoires mutuellement exclusifs du type A *et* non-A : séparabilité *et* non-séparabilité, causalité locale *et* causalité non-locale, symétrie *et* brisure de symétrie, réversibilité *et* non-réversibilité du temps, etc.

Parmi toutes ces approches alternatives, c'est celle du philosophe et logicien Stéphane Lupasco qui a retenu l'attention d'un certain nombre de ces chercheurs, sensibles au concept scientifique de *complexité*²². Développée d'abord sous l'influence de Wolfgang Pauli, puis plusieurs années plus tard de Basarab Nicolescu, la logique de Lupasco, connue sous le nom de « logique dynamique du contradictoire », ou plus simplement de « logique du tiers inclus », ne rejette pas le deuxième axiome de la logique classique (même si elle met en doute son caractère absolu), mais le troisième, celui du tiers exclu²³. Proche des réflexions philosophiques de Pauli, mais aussi d'autres physiciens comme Niels Bohr, Werner Heisenberg ou encore Max Planck, Lupasco postule un état T (le T de « tiers inclus ») où A et non-A, tout en restant contradictoires dans la mesure où l'état actuel de l'un entraîne l'état potentiel de l'autre et réciproquement, cohabitent sous la forme d'un troisième état unificateur qui n'est « ni actuel ni potentiel », tel le quanton avant son observation et sa mesure dans l'exemple ci-dessus. Et selon cette logique, ces trois états, autrement dit ces trois termes (A, non-A et T) coexistent *à la fois*, c'est-à-dire au *même* moment du temps.

Il s'ensuit que si le changement tel qu'en lui-même s'avère, comme nous avons essayé de le montrer, un concept paradoxal et donc *complexe* en ce que

19 Voir T.A. Brody, « On quantum logic », *Foundation of Physics*, vol. XIV, 5, 1984, pp. 409-430.

20 Ce qu'on appelle la « dualité onde-corpuscule », mise en évidence par l'expérience des *fentes de Young* faite sur des électrons (mais valable pour tout autre quanton : photon, fermion, muon, etc.).

21 Le « niveau de réalité » est un concept, devenu un axiome ontologique en transdisciplinarité, inventé par Basarab Nicolescu qui le définit par la discontinuité radicale des lois physiques entre niveaux, par exemple entre le niveau macro-physique (le monde naturel accessible par nos sens) et le niveau quantique (le monde subatomique, accessible moyennant l'abstraction mathématique). Voir son ouvrage *Nous, la particule et le monde*, Paris, Le Mail, 1985.

22 Telle que définie, par exemple, par des scientifiques comme le prix Nobel de chimie Ilya Prigogine, ou des philosophes comme Edgar Morin.

23 Pour une présentation détaillée des travaux de Lupasco, nous renvoyons le lecteur à l'article de Joseph E. Brenner, « The philosophical logic of Stéphane Lupasco », in *Logic and logical philosophy*, 19, 12, Torun, The Nicolaus Copernicus University Press, 2010, pp. 243-285 ; de même à l'ouvrage de Basarab Nicolescu, *Qu'est ce que la réalité ? Réflexions autour de l'œuvre de Stéphane Lupasco*, Montréal, Liber, 2009.

sa définition est percluse de contradictions (qu'on peut lapidairement résumer sous la forme de trois schémas : /*discontinuité* — *non-discontinuité*/, /*identité* — *nonidentité*/ et /*altérité* — *nonaltérité*/), alors la « logique du tiers inclus » nous paraît la meilleure approche pour rendre compte de cette déroutante singularité. En-deça des apparences, « caché » sous l'épaisse couche de sens commun qui lui donne un semblant d'évidence, le changement se révèle comme un tiers « secrètement » inclus.

Conclusion

Nous nous bornerons à conclure en formulant les mêmes propositions que celles que nous avons avancées dans notre précédent essai²⁴. Fort du souhait exprimé par Guido Ferraro il y a trois ans dans la rubrique « Le point sémiotique » de cette même revue, au terme duquel la complexification des modèles sémiotiques existants (comme le fait déjà la socio-sémiotique qui ne cesse, Eric Landowski en tête, d'approfondir les divers régimes qu'elle a mis au jour) lui semblait une nécessité pressante, nous avons la faiblesse de croire que le présent travail en est un exemple²⁵.

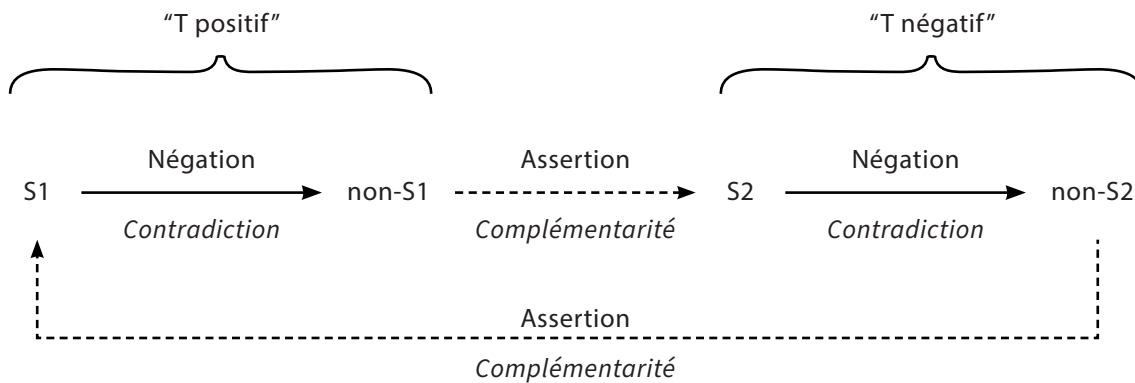
Son analyse portait essentiellement sur le parcours génératif de la signification. Or, la description que nous venons de faire de l'idée de changement, d'une part se situe précisément au niveau des structures sémio-narratives profondes du parcours, au sein de leur deux composantes que sont la syntaxe et la sémantique fondamentales ; et d'autre part, elle élève sensiblement leur degré de complexité, étant donné que c'est dans l'axiomatique de la complexité quantique, telle que mise au point par Stéphane Lupasco et adoptée par certains physiciens, que nous avons puisé.

La tentation est donc assez grande, si on accepte (ne serait-ce qu'à titre provisoire) l'hypothèse d'une approche qui intégrerait le concept de tiers inclus, d'essayer de la formuler et de la schématiser en termes sémiotiques. Ce n'est pas une entreprise simple du seul fait, par exemple, que le modèle constitutionnel (les structures élémentaires de la signification) soit traditionnellement visualisé sous la forme d'un carré. On voit mal, en effet, comment y représenter T, dans la mesure où les termes qu'il est censé embrasser et faire coexister sont situés aux extrémités de l'un des deux schémas (les diagonales), qu'il soit positif ou négatif.

La seule manière gérable de visualiser la position d'un T virtuel (positif ou négatif) est d'« écraser » le carré et de le linéariser, en suivant la séquence des deux opérations qui lui donnent naissance, en les assortissant des relations qu'elles génèrent entre leurs termes :

24 J.-P. Petitimberty, « Brand identity in the digital age », *art.cit.*

25 G. Ferraro, « Modèles classiques et complexité sémiotique », *Acta Semiotica*, I, 2, 2021. Voir également, dans le même numéro, E. Landowski, « Complexifications interactionnelles ».



Un tel graphique ne permet malheureusement pas la représentation de la relation de contrariété entre les termes de première et ceux de deuxième générations, pas plus que celle de contradiction entre termes de troisième génération (complexe et neutre). De même, faire apparaître les deux déixis (S1— non-S2 et S2 — non-S1) aurait pour résultat de le rendre plus confus encore. Cela dit, augmenter la complexité d'un système ne va jamais sans son lot de complications, parmi lesquelles sa visualisation n'est certainement ni la plus insurmontable, ni la plus essentielle.

Plus fondamentales en l'occurrence sont les questions que cette hypothèse soulève et qui restent en suspens. Quel type de relation les deux T contractent-ils ? Serait-ce une des trois relations logico-sémantiques déjà établies par la sémiotique, ou doit-on en « inventer » une quatrième ? De la même façon, par quelle opération syntaxique, s'il en faut une, ces deux termes (de quatrième génération ?) sont-ils générés ? Avouons tranquillement que nos réflexions ne sont pas encore allées jusque là.

Car si nous annonçons clairement en introduction l'arrière-fond manipulateur de notre entreprise, c'est dans l'espoir de susciter l'intérêt de quelques lecteurs, d'aiguiser leur curiosité pour les inciter à affronter cette hypothèse et à l'approfondir, quelque audacieuse et hétérodoxe qu'elle soit. Car c'est en bousculant les conventions et en cherchant à dépasser les règles établies qu'une discipline « à vocation scientifique » progresse²⁶. Et pour conclure cet essai en termes lupasquiens, nous aimerions citer Basarab Nicolescu qui affirme « qu'un jugement scientifique est intrinsèquement relié au jugement scientifique antagoniste : c'est cette contradiction irréductible, reliée au sujet lui-même, *qui est le moteur même de l'avancée scientifique* »²⁷.

26 Cf. ici même G. Longo, « La complexité de l'élémentaire qui change » et plus généralement, du même auteur, *Le cauchemar de Prométhée*, Paris, P.U.F., 2023.

27 B. Nicolescu, « Stéphane Lupasco et le tiers inclus : de la physique quantique à l'ontologie », *Revue de synthèse*, 5^e série, 2005, 2, p. 436 (souligné par nous).

Références

- Boileau, Nicolas, *Satires du sieur D****, Paris, Claude Barbin, 1666.
- Brenner, Joseph E., « The philosophical logic of Stéphane Lupasco », *Logic and logical philosophy*, 19, 1-2, Torun, The Nicolaus Copernicus University Press, 2010.
- Brody, Thomas A., « On Quantum Logic », *Foundation of Physics*, XIV, 5, 1984.
- Ferraro, Guido, « Modèles classiques et complexité sémiotique », *Acta Semiotica*, I, 2, 2021.
- Greimas, Algirdas J. et Joseph Courtés, *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette, 1979.
- Hobbes, Thomas, *De Corpore Elementa Philosophiae I*, Paris, Vrin, 2000.
- Jullien, François, *Les transformations silencieuses*, Paris, Grasset & Fasquelle, 2009.
- Landowski, Eric, « État d'urgence », in V. Estay et al. (éds.), *Sens à l'horizon*, Limoges, LambertLucas, 2019.
- « Les échelles du temps », *E/C*, 2021.
- « Complexifications interactionnelles », *Acta Semiotica*, I, 2, 2021.
- Legrand, Gérard, *Pour connaître les présocratiques*, Paris, Bordas, 1987.
- Longo, Giuseppe, *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, Paris, P.U.F., 2023.
- Lupasco, Stéphane, *Logique et contradiction*, Paris, P.U.F., 1947.
- *Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie. Prolégomènes à une science de la contradiction*, Monaco, Le Rocher, 1987, préface de Basarab Nicolescu (1^e éd., Paris, Hermann, 1951).
- Nicolescu, Basarab (éd.), *Nous, la particule et le monde*, Paris, Le Mail, 1985.
- « Stéphane Lupasco et le tiers inclus : de la physique quantique à l'ontologie », *Revue de synthèse*, 5^e série, 2005, 2.
- *Qu'est ce que la réalité ? Réflexions autour de l'œuvre de Stéphane Lupasco*, Montréal, Liber, 2009.
- *A la confluence de deux cultures, Lupasco aujourd'hui*, Actes du colloque du CIRET à l'Unesco, 24 mars 2010, Toulouse, Oxus, 2010.
- Petitimberty, Jean-Paul, « Brand identity in the age of digitalisation : complexity and contradiction », *Acta Semiotica*, IV, 7, 2024.
- Platon, *Timée*, trad. A. Rivaud, Paris, Les Belles Lettres, 2002.
- Plutarque, *Vies des hommes illustres*, trad. A. Pierron, t.1, Paris, Charpentier, 1853.

Résumé : L'examen approfondi de l'idée de changement et l'exploration philosophique, scientifique et logique de ses diverses composantes amènent à constater la nature hautement paradoxale de cette notion. Elle apparaît ainsi comme constituée d'irréductibles contradictions. Du point de vue sémiotique, pour tenter de rétablir quelque cohérence dans la définition de ce concept, il est nécessaire d'introduire, au niveau sémio-narratif profond du parcours génératif, un infléchissement dans les axiomes logiques qui en régissent la syntaxe et la sémantique fondamentales : l'axiome du « tiers inclus », tiré des travaux de l'épistémologue et logicien Stéphane Lupasco qu'il a développés à partir des découvertes déroutantes de la physique contemporaine en mécanique quantique.

Mots-clefs : complexité, contradiction, identité, logique, temps, tiers exclu, tiers inclus.

Resumo : O exame aprofundado da ideia de *mudança* e a exploração filosófica, científica e lógica de seus componentes levam a constatar a natureza altamente paradoxal desta noção. Ela aparece como constituída de numerosas contradições irreduzíveis. Do ponto de vista semiótico, para reestabelecer uma coerência na sua definição, é necessário introduzir no plano semionarrativo profundo do percurso gerativo uma inflexão dos axiomas lógicos que regem sua sintaxe e

sua semântica fundamentais : o axioma do “terceiro incluído”, emprestado aos trabalhos que o epistemólogo e lógico Stéphane Lupasco desenvolveu a partir das desconcertantes descobertas da física contemporânea em mecânica quântica.

Abstract : An in-depth examination of the idea of change as well as the philosophical, scientific, and logical exploration of its various components reveal the highly paradoxical nature of this notion. It appears to be made up of a large set of irreducible contradictions. From a semiotic standpoint, this accumulation of contradictions leads us, in an attempt to reestablish some coherence in the definition of this concept, to consider introducing at the deep semio-narrative level of the generative trajectory of meaning a shift in the logical axioms which govern its fundamental syntax and semantics : the axiom of the “included middle”, borrowed from the work of the French epistemologist and logician Stéphane Lupasco which he developed based on the puzzling discoveries of contemporary physics in quantum mechanics.

Auteurs cités : Aristote, Joseph Courtès, Héraclite, Thomas Hobbes, Guido Ferraro, Algirdas J. Greimas, François Jullien, Eric Landowski, Stéphane Lupasco, Basarab Nicolescu, Parménide, Platon, Plutarque.

Plan :

Introduction

1. Un casse-tête : le bateau de Thésée
2. Identité *du* changement, identité *et* changement
3. Petit excursus de linguistique comparée
4. Parménide et Héraclite
5. Le non-changement
6. Le temps du changement
7. La logique du « tiers inclus »

Conclusion

Recebido em 19/05/2024.

Aceito em 10/10/2024.

Su due modi di cambiare*

Franciscu Sedda

Università di Cagliari

La distinzione fra imprevedibilità e prevedibilità non corrisponde necessariamente all'opposizione fra cambiamento e conservazione. Anzi. I due termini rimandano a due modi di cambiamento segnati da modalità e ritmi differenti, che sono però indisgiungibili, necessari l'uno all'altro. Una cultura, dice Lotman, non può votarsi a uno dei due, pena la sua morte. La distinzione sarà allora nella differenza di velocità del cambiamento — accelerata nell'esplosione, lenta nel processo graduale — e nella logica che lo segna — quello di un susseguirsi di eventi, di segni, sulla base di catene di causa-effetto nei cambiamenti prevedibili, un cambio di direzione, che si basa su correlazioni inattese di linguaggi, di logiche differenti, nel caso dell'esplosione.

Al fondo c'è un problema di informatività e, con essa, di scelta. L'esplosione ha un grado di informatività altissimo perché attualizza alternative fino ad un attimo prima impensate e percepite come equiprobabili da chi si trova a vivere il momento esplosivo. Si tratta di quelle situazioni in cui ci viene da dire "Tutto è possibile !". In questo frangente, che a seconda del tipo di fenomeni in gioco può durare un tempo immenso, ogni azione può fare un'enorme differenza, così come può farla un minimo evento casuale. Un classico esempio è quello della battaglia, in cui l'eroismo o la stupidità del singolo, l'imprevisto atmosferico o tecnico, possono pesare tanto o più di un'intera strategia. Lo mostra l'analisi di diverse battaglie nel libro *Eroi per caso* di Erik Durshmied. Seguendo le diverse fasi della battaglia di Waterloo sembra che a ogni momento ci si trovi davanti a

* Estratto di F. Sedda, *L'imprevedibile accade. Vivere e sopravvivere nel XXI secolo*, Milano, Bompiani, 2025, pp. 198-202, con l'autorizzazione dell'editore. Tutti i diritti riservati © 2025 Giunti Editore S.p.A./Bompiani. (Vedere anche, *infra*, Bonnes feuilles. Ndlr).

una biforcazione decisiva che può ribaltare le sorti dell'evento. A tratti le cose si fanno confuse perché più biforcazioni accadono contemporaneamente e su livelli diversi. Il che non significa che non ci siano strategie ma queste si applicano parzialmente, con tempi dilatati che ne minano gli effetti, in mezzo a fraintendimenti che ne sviano il corso. Gli stessi eventi decisivi, che appaiono minimi, si portano appresso implicazioni e riflessioni culturali enormi. Prendiamo un solo esempio, al cuore della vicenda. Il fatto che i francesi, nel momento del vantaggio, si ritrovino senza la manciata di chiodi necessaria per bloccare i cannoni avversari (che poi risolveranno la battaglia a favore di prussiani e britannici) non rimanda solo al caso. La mancanza dei chiodi si poteva risolvere diversamente e facilmente : prendendo i cannoni e puntandoli contro i prussiani. Ma questo non avvenne perché il senso del ruolo e dell'onore dei cavalieri francesi gli "impediva" di scendere da cavallo ! Da questa prospettiva a "decidere" la battaglia è una profonda regolarità sociale — per usare i termini di Landowski che ritroveremo più avanti — che dal di fuori dell'evento può sembrare una forma di assurda ottusità, un non senso che suona come una pura (e decisiva) casualità¹. Insomma, regolarità e casualità si inseguono e mischiano. Forse sono persino la stessa cosa colta da prospettive differenti !

Questo esempio ci consente di mettere in tensione due grandi modelli della storiografia : la *storia di battaglie*, che come la storia della scienza e la storia dell'arte sembrano sature di esplosioni furiose ed eclatanti, e la *storia della lunga durata*, dove lo sviluppo delle mentalità, dei modi di vivere, della tecnica sembra procedere per lenti accumuli di cambiamenti incrementali quasi anonimi² : non a caso Lotman vedrà nel momento esplosivo il luogo di emersione dei "nomi propri" e in quello graduale il dominio dei "nomi comuni". Eppure questa differenziazione pone un problema, che investe anche la netta distinzione che Lotman traccia fra scienza e tecnica. Da un'altra prospettiva, infatti, è proprio dei fenomeni esplosivi presentarsi come "eventi", o addirittura "eventi di eventi", mentre la storia di lunga e lunghissima durata, gioca sul riassetarsi di correlazioni profonde fra forme culturali, biologiche, tecniche, economiche, ecc. Si pensi, seguendo i lavori di Jared Diamond³, a quando gli europei, immunizzati dalla convivenza con i suini, incontrano i popoli nativi del Centro e Sudamerica, il cui corredo genetico è impreparato all'incontro, alla correlazione : da lì si sviluppano epidemie che li stermineranno e vinceranno più di quanto non faranno gli scontri armati. O si pensi ancora a quando la modalità di costruzione

1 E. Dürschmied, *The Hinge Factor. How Chance and Stupidity Have History*, London, Hodder & Stoughton, 1999 (trad. it., *Eroi per caso. Come l'imprevisto e la stupidità hanno vinto le guerre*, Casale Monferrato, Piemme, 2000). Sull'onore come forza di cambiamento vedi invece A. Appiah, *The Honor Code : How Moral Revolutions Happen*, New York, W.W. Norton & Co, 2011.

2 J.M. Lotman, *Kul'tura vzryv*, Moskva, Gnosis, 1992 (trad. it., *La cultura e l'esplosione. Prevedibilità e imprevedibilità*, Milano, Feltrinelli, 1993, p. 18).

3 J. Diamond, *Guns, Germs, and Steel. The Fate of Human Societies*, New York-London, W.W. Norton & Co., 1997 (trad. it., *Armi, Acciaio e malattie. Breve storia del mondo negli ultimi tredicimila anni*, Torino, Einaudi, 1998) ; *Collapse. How Societies Choose to Fail or Succeed*, New York, Viking Press, 2005 (trad. it., *Collasso. Come le società scelgono di morire o vivere*, Torino, Einaudi, 2005).

modulare tipica degli Stati Uniti, che consentiva di costruire con il legno case di due piani, incontra un'innovazione tecnica come l'acciaio e si creano quasi naturalmente le condizioni per l'invenzione dei grattacieli, che diventeranno il simbolo architettonico internazionale (tutt'ora attivo e conteso) di forza, potere, prestigio, egemonia.

Davanti a questi esempi ci si rende conto che le due polarità facilmente distinguibili a livello teorico nella pratica sfumano le une nelle altre (e cambiano di identità a seconda della scala a cui le si coglie !). Il susseguirsi di eventi concatenati, prevedibili, a volte trasforma sotterraneamente correlazioni che sembravano irrelate. Altre volte il concatenarsi di correlazioni produce in superficie eventi apparentemente irrelati, piccole o grandi esplosioni che modificano il corso delle storie. Imprevedibilità e prevedibilità si rincorrono e intrecciano : l'analisi in dettaglio vale più della netta attribuzione dell'una e dell'altra a uno specifico campo del reale.

Ciò che resta giusto e necessario fare è accogliere la lezione circa la significatività del caso e del suo impatto sul divenire delle culture. Difficile restare immuni alla tensione che si sprigiona dalle pagine di Lotman quando egli si chiede cosa sarebbe stato della storia della Russia se nel duello con Dantes il suo amato Puškin avesse sparato per primo o non fosse stato centrato e ucciso. Così pure non si può che dar seguito al richiamo a non fare piazza pulita dell'imprevedibile nella storia. Ci sono momenti, infatti, in cui si aprono campi di possibilità enormi, che aumentano il peso della scelta e definiscono tracciati che risulteranno in qualche misura irreversibili. È il caso della Rivoluzione francese, che parte senza pensare di abbattere la monarchia, finisce per tagliare la testa al re (con uno strumento, la ghigliottina, che lui stesso aveva perfezionato !), stabilisce un insieme di nuovi principi correlati — *liberté, égalité, fraternité* — che rimangono attivi e sopravvivono alle contraddizioni interne della Rivoluzione, come il "Terrore", o agli apparenti movimenti all'indietro degli eventi : come Napoleone che si fa imperatore o la Restaurazione che dopo il congresso di Vienna del 1815 vorrebbe riavvolgere il film della storia.

Il punto è dunque che nello sviluppo graduale l'informatività tende ad annullarsi — il nuovo che si realizza è il nuovo atteso — e ogni avanzamento appare anonimo e per molti versi, nell'immediato, persino reversibile, nel senso di simmetrico. Il punto è che ciò è vero *di momento in momento* dove il cambiamento nemmeno appare tale o viene vissuto come naturale, confortevole, fatale. Mentre l'esplosione, quella vera, persino quella artistica è sempre, nel suo puntuale accadere, in qualche misura oltraggiosa, immorale, irreversibile. È un po' la differenza che a volte percepiamo fra una persona che ci invecchia accanto — e dunque non sembra invecchiare o i cui cambiamenti con qualche trucco possono apparire reversibili — e una che ritroviamo da vecchia dopo averla conosciuta da giovane, in cui la differenza si fa immediatamente diversità, e il passare del tempo appare irreversibile — quantomeno per quanto riguarda le sue fattezze e i suoi effetti esteriori.

Bibliografia

- Appiah, Anthony, *The Honor Code : How Moral Revolutions Happen*, New York, W.W. Norton & Co, 2011.
- Diamond, Jared, *Guns, Germs, and Steel. The Fate of Human Societies*, New York-London, W.W. Norton & Co., 1997 (trad. it., *Armi, Acciaio e malattie. Breve storia del mondo negli ultimi tredicimila anni*, Torino, Einaudi, 1998).
- *Collapse. How Societies Choose to Fail or Succeed*, New York, Viking Press, 2005 (trad. it., *Collasso. Come le società scelgono di morire o vivere*, Torino, Einaudi, 2005).
- Durschmied, Erik, *The Hinge Factor. How Chance and Stupidity Have History*, London, Hodder & Stoughton, 1999 (trad. it., *Eroi per caso. Come l'imprevisto e la stupidità hanno vinto le guerre*, Casale Monferrato, Piemme, 2000).
- Lotman, Juri M., *Kul'tura vzryv*, Moskva, Gnosis, 1992 (trad. it., *La cultura e l'esplosione. Prevedibilità e imprevedibilità*, Milano, Feltrinelli, 1993).

Résumé : Les distinctions entre, d'une part, prévisibilité et imprévisibilité, et d'autre part conservation et changement ne sont pas homologables. Il s'agit plutôt de deux modalités de transformation souvent associées à deux formes de narration historique — l'une événementielle, l'autre de longue durée — qu'on peut distinguer selon les dichotomies du type lent / accéléré, graduel / explosif, symétrique / asymétrique, subreptice / manifeste. Le caractère « prévu » ou « imprévu » d'un événement est en effet fonction de la perspective et de l'échelle d'analyse qu'on adopte. Ainsi, dans bien des processus historiques, c'est de la lente formation de corrélations peu visibles que résultent soudain des événements du genre « explosif » ; inversement, l'enchaînement d'événements en eux-mêmes peu notables peut cacher une transformation en cours des structures apparemment les plus stables.

Mots-clefs : changement, explosion / gradualité, prévisibilité / imprévisibilité, réversibilité / irréversibilité.

Resumo : As distinções entre, de um lado, previsibilidade e imprevisibilidade e, de outro, conservação e mudança não são homologáveis. Trata-se, antes, de duas modalidades de transformação frequentemente associadas a duas formas de narração histórica — uma eventística, a outra de longa duração — que podem ser diferenciadas segundo dicotomias do tipo lento / acelerado, gradual / explosivo, simétrico / assimétrico, anônimo / reconhecível. O caráter “previsto” ou “imprevisto” de um evento é, de fato, função da perspectiva e da escala de análise que se adota. Assim, em muitos processos históricos, é da lenta formação de correlações pouco visíveis que surgem, de repente, eventos do tipo “explosivo” ; inversamente, a concatenação de eventos em si pouco relevantes pode ocultar uma transformação decisiva das estruturas aparentemente mais estáveis.

Abstract : The distinctions between, on the one hand, predictability and unpredictability and, on the other, conservation and change are not homologous. Rather, they represent two modes of transformation often associated with two forms of historical narration — one event-based, the other based on “longue durée” — which can be distinguished according to dichotomies such as slow / accelerated, gradual / explosive, symmetrical / asymmetrical, anonymous / recognizable. The “predicted” or “unpredicted” character of an event is, in fact, a function of the perspective and the scale of analysis one adopts. Thus, in many historical processes, it is from the slow formation of barely visible correlations that “explosive” events suddenly emerge ;

conversely, the concatenation of events that are in themselves scarcely notable can conceal a decisive transformation of seemingly stable structures.

Riassunto : Le distinzioni tra, da un lato, prevedibilità e imprevedibilità e, dall'altro, conservazione e cambiamento non sono omologabili. Si tratta piuttosto di due modalità di trasformazione spesso associate a due forme di narrazione storica — l'una evenemenziale, l'altra di lunga durata — che si possono distinguere secondo dicotomie del tipo lento / accelerato, graduale / esplosivo, simmetrico / asimmetrico, anonimo / riconoscibile. Il carattere “previsto” o “imprevisto” di un evento è infatti funzione della prospettiva e della scala di analisi che si adotta. Così, in molti processi storici, è dalla lenta formazione di correlazioni poco visibili che scaturiscono all'improvviso eventi di tipo “esplosivo” ; inversamente, la concatenazione di eventi in sé poco rilevanti può nascondere una trasformazione decisiva delle strutture apparentemente più stabili.

Auteurs cités : Anthony Appiah, Jared Diamond, Erik Durschmied, Juri M. Lotman.

Changements à grande échelle : des compositions en mutation et des expressions passionnelles

Jacques Fontanille

Centre de Recherches Sémiotiques (CeReS)

Université de Limoges

Introduction

Si je me suis pris au jeu de cette réflexion sur le changement, c'est parce que je suis convaincu qu'elle mérite plus qu'une collection d'illustrations. Car l'enjeu n'est pas seulement d'illustrer le changement même considéré comme un thème d'une prégnante actualité, mais d'aller aussi loin que possible dans l'identification et la discussion critique de toutes les différences, nuances, voire évolutions et révolutions que ce thème, une fois devenu « matrice conceptuelle », apporte à la perspective d'une sémiotique narrative contemporaine. Greimas avait travaillé par réduction et abstraction formelle à partir de la folkloristique, et le résultat était un gain d'intelligibilité d'abord pour tout ce qui relève de la folkloristique, ensuite, des genres qui lui sont apparentés, et de toutes les configurations sémiotiques qui étaient susceptibles d'en bénéficier et de généraliser le modèle initial. Mais l'époque contemporaine nous impose d'autres exigences d'intelligibilité, qui résultent aussi bien du chemin accompli par les autres sciences humaines et sociales qui s'occupent du changement (sociologie, psychologie cognitive, anthropologie, politologie, etc.) que de la globalisation et de la mondialisation des problématiques du changement: le saut est considérable entre l'intelligibilité narrative des récits propres à chaque micro-culture, et celle qui implique l'humanité, la planète, et en général de vastes ensembles composites et hétérogènes.

En outre, du côté des sciences de la nature et de la vie, ce qui pouvait naguère se concevoir comme entièrement programmable, comme des transformations élémentaires dans un champ de référence homogène, semble aujourd'hui déstabilisé et reconfiguré en raison de la découverte progressive de nombreuses déterminations apparemment extérieures au champ de référence. C'est bien sûr d'abord la multiplication des données concernant l'influence des facteurs environnementaux, sur des phénomènes dont l'étude doit s'ouvrir maintenant au-delà du champ de référence thématique d'origine. Les équipes qui étudient par exemple des formes très complexes de changements biologiques, sur un fond darwinien reconfiguré, sont conduites à dépasser la seule *programmation* des entités biologiques par leur ADN, et à l'associer par *ajustements* à d'autres déterminations, notamment de type épigénétique, ce qui aboutit à considérer le changement biologique comme un changement global de *situation*, et à adopter une autre conception de la détermination du changement que la conception causale et unilatérale.

Pour poser plus précisément les nouveaux problèmes que l'approche sémiotique du changement doit affronter aujourd'hui, nous partirons de la présentation et de nos commentaires d'une « théorie » (et d'une pratique) du changement dans les projets de développement des organisations affiliées aux Nations Unies, notamment celle intitulée *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement*¹. Dans une autre étude consacrée aux grands textes internationaux consacrés aux politiques de développement durable / soutenable, nous avons montré que l'enjeu principal était situé dans la manière dont l'actant collectif était constitué, quels existants vivants ou non-vivants il rassemblait, quelles orientations, iréniques ou conflictuelles, il suscitait². Dès qu'on aborde des configurations de grande ampleur (pas nécessairement mondiales, mais la plupart le deviennent, pour peu qu'on pousse l'analyse), la question du changement se pose autrement que pour des configurations de moindre portée, notamment textuelles ou visuelles. On pourrait considérer que cette différence de problématique est une question d'échelle. C'est probablement le cas, mais si l'explication s'arrête à ce constat, elle est un peu courte. Retenons-en au moins l'hypothèse.

Le document intitulé *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement* (PNUAD) n'est ni un corpus, ni un exemple, ni une illustration. Si on peut s'autoriser à emprunter une voie personnelle en matière de méthode, on dirait ici que le document en question est d'abord un exemplaire représentatif du type de changement, par son ampleur et sa complexité, qui nous oblige à explorer d'autres voies que celles de la sémiotique narrative élaborée par Greimas et ses collaborateurs dans les années soixante et soixante-dix. Mais cet exemplaire

1 Groupe des Nations Unies pour le Développement, *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement*, chapitre « Note d'orientation complémentaire relative aux PNUAD », https://unsdg.un.org/sites/default/files/UNDG-UNDAF-Companion-Pieces-7-Theorie_du_Changement.pdf.

2 J. Fontanille et J. Lairesse, « L'actant hybride de l'écologie intégrale et du développement soutenable », in P. Peverini et I. Pezzini (éds.), *La società dei nuovi ibridi*, Rome, Mimesis, à par.

représentatif est aussi une garantie : en l'explorant par induction, nous pouvons résister à la tentation de généraliser hâtivement nos propres intuitions ; c'est le souci des particularités de ce texte et de l'ensemble des situations qu'il évoque, qui conduira à résister à de telles généralisations ! Parallèlement, en raison des résistances qu'il oppose, il nous préserve aussi de la projection de modèles et typologies élaborés dans d'autres conditions, et souvent par la voie déductive. On verra que les positions distinctives élaborées dans ces typologies générales sont rarement aussi bien distinguées par les énonciations particulières, qui s'adonnent à de fréquentes hybridations entre « régimes de changement ».

Indiquons d'emblée que ce parcours aboutira à l'établissement d'une typologie des régimes du changement — le *faisceau* et la *fusion* d'une part, la *topologie centrée* et le *réseau ouvert* d'autre part (§2) — avec les *expressions corporelles* qui y sont associées, à savoir, respectivement, la *malléabilité*, la *viscosité*, la *positionnalité* et la *plasticité* (§3), autant de configurations à notre sens transférables dans bien d'autres domaines que celui, économique-politique, qui va nous servir ici de point de départ.

1. La théorie du changement pour une politique de développement

Commençons donc par examiner ces « plans-cadres » échafaudés par les Nations Unies.

1.1. Programmation³

Une théorie du changement est une méthode qui explique comment une intervention donnée ou un ensemble d'interventions sont censés conduire à *un changement précis* sur le plan du développement, grâce à une analyse *des liens de cause à effet* fondée sur les éléments de preuve existants. Dans le contexte du PNUAD, une théorie du changement approfondie aide à guider l'élaboration de *stratégies de programme rationnelles* et fondées sur des éléments de preuve, *des hypothèses et des risques clairement énoncés et analysés*. (p. 3, souligné par nous).

Cette déclaration liminaire est caractéristique d'un mode de changement qui est caractérisé tout au long du document comme « rationnel », et surtout qui voudrait ne rien laisser au hasard. D'un côté, celui de l'initiative du changement, nous avons affaire à une *programmation*, fondée sur des chaînes causales dont le résultat final espéré est identifié avec « précision ». De l'autre côté, celui des aléas induits principalement par le contexte de l'action collective et institutionnelle, on vise à leur réduction si ce n'est leur élimination : en effet, convertis en « risques », les aléas deviennent prévisibles, voire calculables et évitables, comme l'énonce la suite de l'argumentaire :

3 Les trois titres ici proposés, 1.1. *Programmation*, 1.2. *Ajustement*, 1.3. *Assentiment*, sont empruntés au modèle bien connu d'Eric Landowski, notamment présenté dans *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim, 2005 (rééd. en ligne, *Actes Sémiotiques*, 2023). L'assentiment est l'une des versions du régime de l'accident. Voir notamment le schéma récapitulatif p. 72. Cf. aussi « Le modèle interactionnel, version 2024 », *Acta Semiotica*, IV, 7, 2024.

Une théorie du changement aide aussi à déterminer *les hypothèses et risques sous-jacents* qui seront essentiels pour *cerner et revoir l'ensemble du processus* afin de s'assurer que l'approche retenue contribuera au changement souhaité. (p. 4, souligné par nous).

1.2. Ajustement

Toutefois, un détail attire ici l'attention : les risques peuvent faire l'objet d'une prévision sous forme d'hypothèses, ces hypothèses peuvent conduire à consolider le programme, mais quand il est question de « revoir l'ensemble du processus », on comprend alors que la gestion des risques, et les anticipations par hypothèses qu'elle demande, peuvent intervenir à tout moment dans le processus du changement, et induire des reconfigurations. Autrement dit, même un changement rationnellement piloté doit comporter des phases d'ajustement plus ou moins prévisibles, pour faire face à des risques qui n'apparaissent qu'au cours du processus. La *programmation* aurait donc besoin de l'*ajustement* (et de l'*assentiment*) pour être efficiente, c'est-à-dire atteindre le résultat qu'on en attend.

Pourquoi recourir à une théorie du changement ? Premièrement, les défis liés au développement sont complexes et résultent généralement *de nombreux facteurs et éléments profondément enracinés dans le mode de fonctionnement de la société*. (...) Une théorie du changement peut aider une équipe de pays des Nations Unies (UNCT) à mener une réflexion systématique sur les nombreuses causes sous-jacentes et profondes des problèmes de développement, et *sur leur influence les unes par rapport aux autres*, au moment où elle détermine les questions prioritaires auxquelles le PNUAD devrait s'attaquer en priorité afin de maximiser la contribution de l'ONU au changement réalisé sur le plan du développement. (p 4, souligné par nous).

On voit alors apparaître une explication de la difficulté à maîtriser la programmation : la complexité, c'est-à-dire le « nombre de facteurs » interconnectés, la causalité multiple, et même plus précisément le réseau de toutes les déterminations et des « facteurs », c'est-à-dire des opérateurs d'aléas. Cette explication n'est pas inspirée par une conflictualité entre les causes, ou une structure polémico-contractuelle qui distribuerait, dans la situation en changement, les rôles entre les actants et les antactants. Elle fait appel à une entité collective, la « société », dont la composition et le mode de fonctionnement restent globalement insaisissables en l'absence d'une réduction drastique qui en compromettrait la signification.

1.3. Assentiment

Mais cette réduction est justement interdite si on veut identifier les risques, et anticiper les solutions, car à un haut degré d'interconnexion entre les causes, s'ajoute l'« influence » qu'elles exercent les unes sur les autres ; il en résulte que si on identifie une « cause », c'est-à-dire un opérateur, il faudrait aussi identifier toutes celles qui lui sont connectées et apprécier leurs puissances d'influence. La structure conflictuelle est alors déplacée : c'est le mode de composition de la situation (le nombre d'opérateurs, leur interconnexion et leurs puissances d'in-

fluence), qui résiste à la volonté et à la capacité de programmation de l'opérateur institutionnel du changement.

Si on traite les causes adjacentes comme des aléas, alors on peut considérer que la prise en considération, par l'opérateur du changement, de ces interconnexions et de ces influences, relève de l'*assentiment*. Mais ce faisant, on admet que l'aléa a lui aussi une cause, et que la distinction entre l'objectif et l'aléa n'est qu'une hiérarchisation entre différentes causes. Dans le document considéré, on peut douter que les différentes causes soient hiérarchisées, car elles sont toutes considérées comme également efficaces et légitimes.

L'*assentiment* est également sollicité dans les phases d'évaluation. Pour toutes les parties prenantes, en effet, le lien entre les changements constatables et les actions de l'opérateur collectif pour y parvenir reste fragile et incertain. Contrairement à ce qu'on attend en général d'une évaluation, c'est-à-dire un guide pour le pilotage ou un critère pour la poursuite d'un programme et de ses financements, elle est ici principalement vouée à *la participation de la plus grande diversité d'acteurs et de représentants des acteurs* :

La validation du ciblage de la théorie du changement exige de tenir dûment compte des éléments de preuve disponibles concernant les priorités nationales de développement, l'identification des besoins des plus démunis et des plus marginalisés, et l'avantage comparatif de l'UNCT. Elle exige également *des consultations avec les principales parties prenantes*, notamment *le gouvernement, la société civile, les bénéficiaires directs*, les milieux universitaires et les acteurs du développement international, pour s'assurer que *tous les points de vue sont pris en considération*. (p. 11, souligné par nous).

En quelque sorte, l'évaluation est l'occasion de montrer et de faire partager le fait que l'opérateur du changement a choisi le périmètre optimal, et le plus large possible, pour le collectif engagé dans le changement. Ce n'est plus seulement une question de composition du collectif, mais bien d'*assentiment* général à l'égard d'une composition et de situations qui pourraient sembler livrées au hasard. Nous verrons plus loin cet « *assentiment* » peut déboucher sur un horizon de consensus.

1.4. Des situations mouvantes

Si l'opérateur global du changement programmé parvenait à saisir toute la complexité de cette composition, il aurait encore à affronter un autre obstacle au contrôle qu'il tente d'exercer, l'« évolution des circonstances » :

Les nouveaux acquis et enseignements émanant du suivi et de l'évaluation aident à affiner les hypothèses et à éclairer les décisions sur la façon dont une approche devrait être adaptée afin de produire les résultats escomptés. *Les ajustements apportés à la théorie du changement devraient, eux aussi, être effectués à la lumière de l'évolution des circonstances*, en particulier lorsqu'ils visent à répondre à une crise et à des chocs, ainsi que dans le cadre du suivi régulier. (p. 4, souligné par nous)

Le jeu lexical entre les parasynonymes, « changement » et « évolutions », ne procède ici probablement pas seulement d'un souci stylistique, le souci d'éviter les répétitions. Il permet de distinguer deux types de changements : celui qui est piloté pour parvenir à un résultat, et celui qui anime les choses mêmes, les « circonstances ». De fait, mais ce n'est pas explicité dans le document étudié, les « circonstances » sont elles aussi des causes interconnectées, et il faudrait tout de suite se demander « des circonstances de quoi ? ». Réponse : des circonstances des causes sur lesquelles le pilotage du changement a choisi de s'appuyer. Le centre et la périphérie tendent donc à diverger, et leur dissymétrie, à s'accroître, dès qu'on prend en compte la différence entre les « manières de fluer » : changement au centre, évolutions en périphérie. Autrement dit, il y a, non pas une hiérarchie, mais *une topologie de la dissymétrie*, avec un centre – les causes prises en charge par l'opérateur du changement – et une périphérie – les causes circonstanciées, c'est-à-dire non prises en charge par l'opérateur.

L'apport majeur de ce document tient à la forme globale des interconnexions qu'il suggère : faisons ici l'hypothèse que la forme dite « *topologie centrée* »⁴, constituée par un centre de pilotage et ses circonstances périphériques est l'une des formes possibles, qui guide les ajustements du changement piloté, et qui inspire un type d'ajustement parmi d'autres. Le premier objectif de cette étude peut donc être la construction d'un modèle de la diversité des modes d'interconnexion et d'ajustements.

2. Typologie des modes d'interconnexion et d'ajustement

2.1. Un faisceau de causes, de preuves, d'acteurs, de partenaires et de points de vue

Nous trouvons dans la suite du document une première validation de l'hypothèse précédente, qui met en évidence une autre forme d'ajustement du changement :

(...) la théorie du changement est de plus en plus utilisée comme *un moyen de forger et de gérer des partenariats et des stratégies de partenariat*. Le processus consistant à convenir d'une théorie du changement donne lieu à l'expression d'hypothèses et de points de vue différents entre les planificateurs de programmes, les bénéficiaires, les donateurs, le personnel chargé des programmes, etc. *Il peut favoriser le consensus* et motiver les parties prenantes en les associant au début du processus de planification et *en leur montrant la contribution de leur travail à l'impact à long terme*. (p. 4)

Les interconnexions et les influences ne sont ici ni des phénomènes seulement contextuels et périphériques, ni des actions sans agent identifiable. Dans le pilotage du changement, dès sa programmation ou en cours de réalisation, il est ici explicitement proposé d'identifier des agents qui jouent des rôles spécifiques

⁴ La « topologie centrée » est partagée par de nombreux auteurs, comme Lotman, Uexküll ou Coquet. C'est Coquet qui en fait le plus fréquent usage, notamment dans « Le jeu des pronoms personnels et des instances de discours », *Phusis et Logos*, Paris, Presses Univ. de Vincennes, 2007.

dans le schéma narratif sous-jacent (bénéficiaires, donateurs, décideurs, etc.), de les convertir en « partenaires » et « parties prenantes », représentatifs des connexions et des influences, avec lesquels il est possible de tester et valider les « hypothèses » sur les risques (cf. supra). Une fois intégrés au collectif qui conduit le changement, ces partenaires et parties prenantes y figureront comme des énonciateurs délégués, des « points de vue ».

L'opération est sémiotiquement complexe, et même hétérodoxe. La sémiotique narrative standard, sous la plume de Greimas (*Du Sens*) nous apprend en effet qu'un programme narratif, une fois établi, peut générer un certain nombre de rôles types, comme le donateur et le bénéficiaire, le prédateur et la victime, qui, sur le fond de leur propre rôle, sont susceptibles d'adopter, lors de la mise en discours du programme, différents points de vue sur le procès. Jusque-là, le constat précédent reste sémiotiquement conforme. Mais Greimas apporte une précision qui va être remise en cause : dans le discours, on ne peut pas raconter ensemble, dans le même fil narratif, les différentes versions du programme narratif, sous les différents points de vue. Ils ne peuvent être racontés, à la rigueur, que successivement. Or, dans le document (cf. citation précédente), les acteurs dotés d'un rôle sont « parties prenantes » d'une même situation, d'un même processus de changement, d'un même collectif. En d'autres termes, le « partenariat » doit aboutir à *une interconnexion de tous les points de vue, en un même moment, grâce aux mêmes liens, sous la forme d'une composition*, et pas d'une succession de points de vue.

La convergence en coprésence des acteurs et des points de vue nous apparaît alors comme une autre forme topologique des interconnexions et des influences. Appelons cette forme un « faisceau » : chaque branche du faisceau est autonome et identifiable, mais toutes les branches sont maintenues ensemble et en contact par un seul lien (ici : le partenariat, les rôles des parties prenantes, les conventions, etc.).

2.2. Le consensus et la fusion

Mais l'horizon qui est aussi envisagé, le consensus (citation supra), est encore d'un autre type, que nous proposons d'appeler la « fusion ». Non seulement toutes les parties prenantes sont agrégées dans le même collectif partenarial, non seulement elles sont liées par leur participation commune au même programme d'ensemble, mais en outre elles assument tout en commun : les interconnexions, les puissances d'influence en toutes directions, les objectifs intermédiaires et l'objectif final. Dans la perspective de ce collectif pluriel et hétérogène qui fonctionne alors comme un seul actant fusionnel, le processus du changement peut alors être « orchestré » de manière harmonique. Il faut noter ici que le « consensus » n'est pas l'« unanimité » : dans l'unanimité, tous les acteurs composant l'actant collectif sont identiques, et leur opinion commune est déjà acquise en raison de leur similitude ; dans le « consensus », la convergence est obtenue par la complémentarité des actions et des points de vue, qui doivent rester divers

et contrastés pour qu'on puisse évoquer une convergence par « consensus », et même, par métaphore, une « harmonie » (supra). La « fusion » n'est donc ni la confusion ni la mêmeté généralisée ; pour être harmonique, elle implique l'altérité.

Nous aurions ainsi deux formes de « convergence » : l'une, le *faisceau*, où tous les acteurs et points de vue conserveraient leur autonomie, resteraient identifiables malgré le lien qui les rassemble ; l'autre, la *fusion*, consacrerait leur perte d'autonomie, au bénéfice d'une sorte d'assentiment modal et passionnel à un accord tissé par la multitude des influences croisées.

2.3. La régulation des divergences

A la *convergence*, s'oppose la *divergence*, c'est-à-dire des formes d'associations qui comportent des forces dissociatives, et ces dissociations impliqueraient des négociations, des solutions conjoncturelles, en somme une régulation de second ordre. Nous avons déjà identifié l'un des formes de la divergence, quand le changement piloté doit composer avec des circonstances et leurs propres évolutions. En l'occurrence, la régulation de second ordre prend acte de l'indépendance (et pas de l'autonomie) entre les deux manières de fluer (au centre et à la périphérie), et elle tente de coordonner cette indépendance. Les deux chaînes causales restent donc indépendantes, comme participant de deux régimes de changement différents, mais elles se font écho lors de phases critiques, ce qui ébauche une synchronisation des deux changements.

Le document sur lequel nous nous appuyons ici propose, pour cette configuration divergente, une identification explicite et préalable des phases qu'il faut prévoir de synchroniser. On comprend mieux ici ce que nous avons appelé la « régulation de second ordre » : en effet, il ne s'agit plus d'interconnexions généralisées, ni de risques convertis en hypothèses et prévisions, mais de la projection d'une matrice contraignante sur les deux flux de changement. La schématisation est contraignante d'abord parce qu'elle dialogue la relation entre la périphérie et le centre, et ensuite parce qu'elle rethématise la dissymétrie en « problème vs solution » ; en outre, nous n'avons plus affaire à la dimension temporelle du changement, mais à sa présentation spatiale, une topologie particulière dénommée « arbre »

Comment convertir un arbre à problème en arbre à solutions ? (p. 7) Voici :

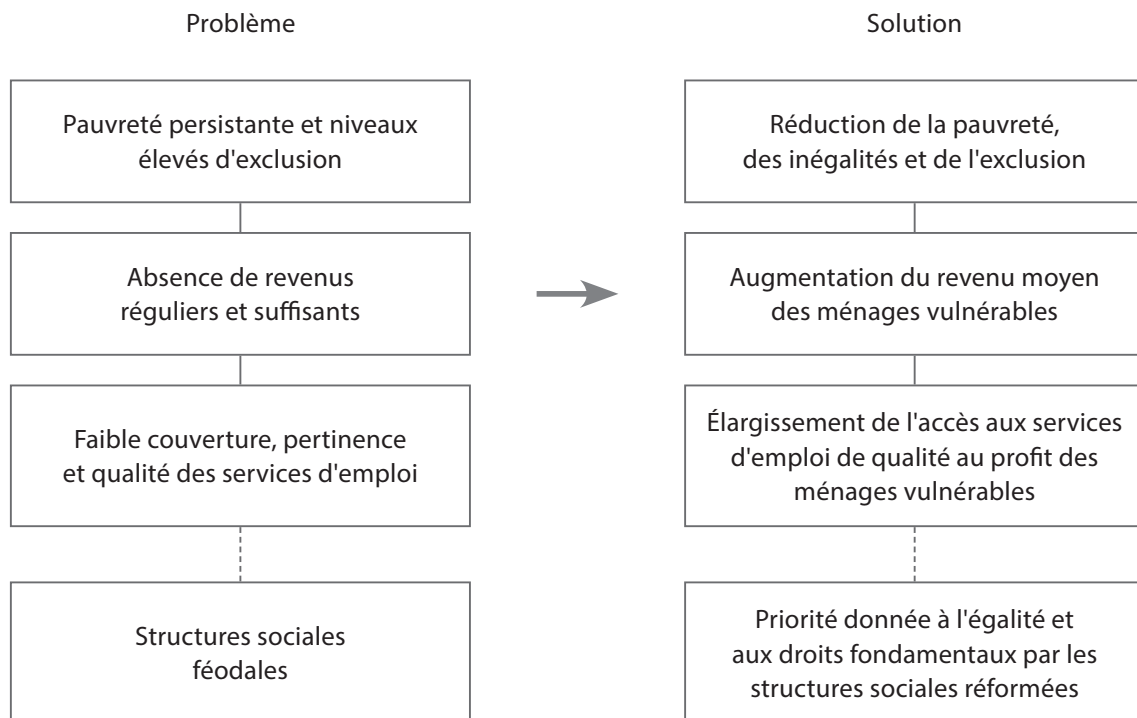


Fig. 1 (p. 7).

On remarque tout de suite que cette nouvelle schématisation, permettant de mettre en vis-à-vis d'un côté les manques, les obstacles, en somme les risques qui font problème, et de l'autre côté les actes réparateurs ou atténuateurs des opérateurs du changement, c'est-à-dire la série des solutions, revient à construire la synchronisation entre les deux formes de changements comme une suite à peine ordonnée de programmes d'usage, au sens narratif classique. Au manque correspond la résolution du manque et réciproquement, et c'est ainsi que se met en place la synchronisation. La divergence par « topologie centrée » aboutirait ainsi, après une apparente simplification didactique et une conversion en « arbre » de choix, à une forme narrative au moins compatible avec la conception standard de la narrativité.

On trouve même aussi dans le document un « arbre à solutions simplifié » (p.8), qui n'est de fait simplifié que parce qu'on a éliminé l'arbre à problèmes par commodité et pour pouvoir seulement détailler les sous-programmes d'usage correspondant à un seul des programmes d'usage, une seule des solutions évoquées dans le schéma précédent (« Réduction des inégalités... »). Deux propriétés importantes se trouvent ici mises en évidence : (1) Les deux chaînes causales sont indépendantes, même si elles peuvent être synchronisées, et chacune reste intelligible si on l'examine séparément de l'autre ; et (2) la structure en arbre se substitue entièrement à la topologie centrée, et une éventuelle synchronisation entre les changements pilotés au centre (ci-dessous, dans le second schéma) et les évolutions des causes contextuelles et périphériques devient très difficile, voire impossible.

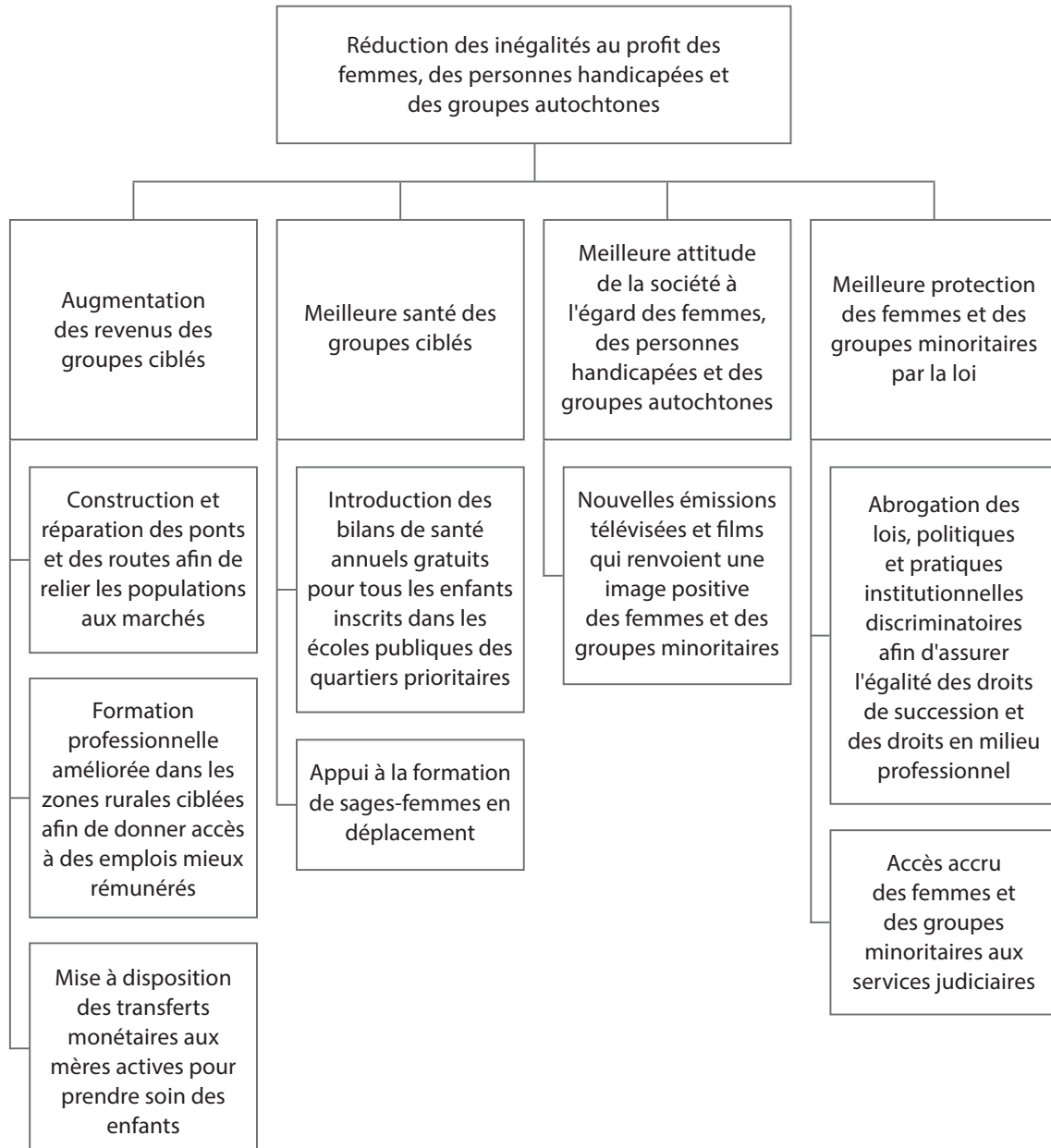


Fig. 2 (p. 8).

2.4. Le réseau

Nous faisons ici l'hypothèse qu'un autre modèle est en train d'émerger, une autre manière de diverger qui ne s'appuie plus sur une simple dissymétrie entre centre et périphérie. Si nous observons attentivement les quatre branches de l'arbre à solutions, nous constatons qu'elles sont construites à deux niveaux : en tête, un *objectif* à atteindre, formulé par un thème pratique (rémunération, intégrité, inclusivité, protection), et en dessous, une *liste de réparations ou atténuations* portant sur des risques, des défauts ou des obstacles. En d'autres termes, dans cette nouvelle topologie, nous assistons à l'intégration des causes contextuelles et périphériques dans les branches de l'arbre. On ne peut pas même évoquer une relation entre des actions génériques (en tête de colonne) et des actions

spécifiques (en-dessous), puisque ces actions ne sont pas isotopes ; au contraire, quand on associe l'entretien des ponts et des routes à l'augmentation des revenus (colonne de gauche), on est passible d'un « coq à l'âne », et il faut s'interroger sur la pertinence du montage.

De fait, ce qui nous est présenté ici prend une forme représentable en deux dimensions d'un « arbre » pour des raisons de commodité. Car ce dont les auteurs ébauchent la description n'est pas ainsi représentable, car il s'agit d'un *réseau d'interconnexions*, ouvert et non hiérarchisé, qui s'apparenterait au *rhizome* deleuzien⁵. Tout se passe dans ce cas comme si, à chaque entrée dans le réseau des interconnexions, on provoquait une série de divergences à contrôler et à réparer. Dans ce réseau, il n'y a que des interconnexions en tout sens, mais dès qu'on cherche à s'en saisir, on ne peut le faire qu'en un lieu spécifique et un moment particulier du réseau, et cette saisie provoque une reconfiguration des points de vue (parce qu'elle est elle-même un point de vue), ainsi que des puissances d'influence (parce qu'elle-même influence ce qu'elle saisit). De fait, formellement, cette représentation schématique n'est plus un arbre, malgré les apparences didactiques qu'on lui donne, ni même un réseau complet ; l'arbre comporte des branches allotopes, voire incongrues, et le réseau n'est qu'un fragment qui ne peut pas donner à appréhender l'ensemble des interconnexions associables à l'objectif « augmenter les revenus... ».

On peut ajouter, concernant le réseau dans son entier, qu'une telle topologie sans hiérarchie et qui ne peut être appréhendée globalement est de ce fait même très sensible aux interconnexions externes, notamment celles qu'imposent des analystes, voire des sémioticiens : c'est cette intervention externe qui suscite la conversion d'une portion de réseau, peut-être pas en « arbre », mais au moins en séries de dissymétries, de nœuds en nœuds et par proximité, dont le schéma ci-dessus fournit une illustration.

3. Typologie raisonnée des ajustements du changement

3.1. La tension les régimes de convergence et de divergence

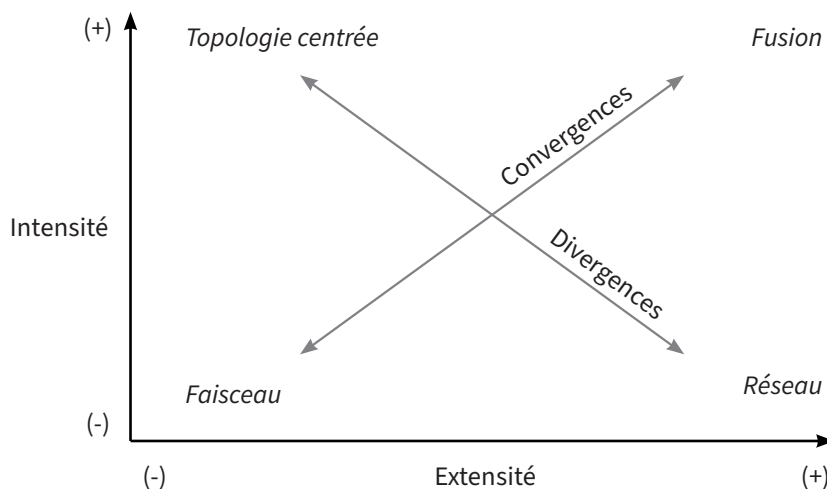
Désormais, le changement à l'œuvre dans des situations de grande portée et de haute complexité peut être abordé, à titre d'hypothèse de travail sous quatre régimes différents : *deux régimes de convergences* (le *faisceau local* et la *fusion globale*) et *deux régimes de divergences* (la *topologie centrée* et le *réseau ouvert*). Rappelons que la convergence et la divergence ici évoquées sont des relations et des mouvements internes, c'est-à-dire qui œuvrent dans les limites de la situation impliquée dans le changement. C'est le changement lui-même, le fait que la situation change, qui suscite des convergences ou des divergences ; mais ce sont aussi ces convergences et divergences qui deviennent des éléments moteurs du changement. En somme, les quatre « régimes de changement » ici proposés

5 G. Deleuze et F. Guattari, *Capitalisme et Schizophrénie 2. Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980.

sont des configurations *sui generis*, ou le changement et ses régimes se suscitent réciproquement.

Afin de les situer dans une même configuration où ils seraient inter-définis, nous proposons de traiter ces quatre régimes de régulation du changement comme quatre manières d'organiser et de gérer les tensions qu'il induit. Chacun des régimes est susceptible d'être une situation originaire à laquelle on peut appliquer des opérations pour engendrer les trois autres. Prenons l'exemple du réseau. Dans le *réseau* les divergences sont latentes, et pour les manifester, il faut y prendre une position qui suscite et configure des séries de dissymétries, approximativement disposées en « arbres ». Au terme de cette opération, on aboutit à une dissymétrie unique, sous la forme de la *topologie centrée*. Mais on peut aussi réduire et contourner les divergences, en projetant soit des convergences locales (le lien du *faisceau*) soit une convergence globale (la *fusion* consensuelle). Ainsi de suite pour les trois autres régimes.

Une structure tensile se dessine, avec son axe d'intensité (intensité des divergences ou des convergences) et son axe des extensités (la plus ou moins grande étendue des divergences ou des convergences). A l'intérieur de cet espace tensif, sont disposés les axes respectifs des convergences et des divergences.



3.2. Des effets de sens matériels pour expressions : *les métamorphoses des corps collectifs*

On pourrait arguer que ces types de régulations et de réorganisations, qui opèrent à l'intérieur des collectifs soumis au changement, sont difficiles à identifier, faute d'*expressions* correspondant à ces contenus, et en l'absence d'un discours d'accompagnement ou de programmation qui, comme dans le document que nous avons exploité, les explicitent de manière plus ou moins manifeste et détaillée. Et il est bien vrai que nous nous appuyons sur un discours de médiation, entre la pratique du changement elle-même et sa modélisation sémiotique, et que ce discours disposait de sa propre expression.

Mais, en se fondant sur une hypothèse complémentaire, il est possible de proposer, sinon toujours des *expressions* directes parfaitement identifiables, du moins des indices et des effets de sens susceptibles d'être convertis en *expressions des principaux régimes du changement*. L'hypothèse serait la suivante : toutes ces configurations sont au moins pour partie *de nature passionnelle* : ce sont des états passionnels, ou si on préfère des *rôles pathémiques* des collectifs qui supportent, subissent, et/ou contrôlent le changement. Donc, si elles sont de nature passionnelle, elles peuvent ou doivent avoir des *expressions corporelles*. Pour étayer cette affirmation, il faut se fonder sur une conception des passions qui soit suffisamment générale et le moins possible psychologique et subjective : la dimension passionnelle sera alors *une propriété de toutes configurations où les affects animent des corps, et peuvent être exprimées par des corps*.

Il est bien entendu étrange d'évoquer le « corps » d'un collectif d'existants, humains, non humains, non vivants, voire technologiques ou bureaucratiques. Ce ne serait pourtant pas plus étrange que d'évoquer le « corps » d'une foule humaine. On comprend tout de suite que ce qui fait problème, ce n'est pas le statut ontologique de chacun des types d'existants, car pris séparément, ce sont tous des corps. Chaque fourmi est un corps, mais l'ensemble des fourmis de la fourmilière est-il un corps ? C'est bien la multiplicité des composants d'un collectif qui oppose une résistance à la perspective d'une corporéité globale.

Il est impossible – et nous ne souhaitons pas le faire – d'entrer dans les innombrables discussions et contributions philosophiques, phénoménologiques, sociologiques, et autres, sur ce qu'est un corps⁶. La résistance évoquée ci-dessus fait apparaître l'une des propriétés de la corporéité : *l'individuation*. Pour faire usage de cette notion dans le cas des collectifs impliqués dans le changement, il faudrait admettre que ces collectifs puissent être « individué », ce qui reste paradoxal, car en linguistique et sémiotique, « collectif » et « individuel » sont déjà traités comme des contraires, de même que « pluriel » et « singulier ».

Nous devons alors partir d'une conception sémiotique du corps, réduite *a minima* à ce qui fait la différence avec ce qui n'est pas un corps. Nous en avons déjà proposé les principes dans *Corps et Sens*⁷, avec déjà le souci d'éviter des déterminations trop marquées culturellement et philosophiquement. Le corps est une manifestation unique ou unifiée, de substrat matériel, pour une entité sémiotique elle-même identifiable par ailleurs, acteur, actant, scène pratique ou situation en général. Le corps est une configuration déclinable en figures, (i) *de composition* (une limite qui enveloppe, un intérieur de l'enveloppe, une matière-énergie qui occupe cet intérieur, et une position de repérage), (2) et *de mouvement* (déplacement, déformation, agitation, fracturation, etc.). Un enrochement ne pourrait donc être un « corps » que si on lui reconnaît un principe d'animation, porteur de mouvements. Un vol d'oiseau est également un corps collectif qui se déplace, se déforme, s'étend ou se condense, et qui a donc sa

6 Pour un parcours presque exhaustif de toutes ces considérations sur le corps, voir J.-M. Brohm, *Ontologies du corps*, Presses univ. de Paris-Nanterre, 2017 (<https://doi.org/10.4000/books.pupo.7056>).

7 J. Fontanille, *Corps et Sens*, Paris, P.U.F., 2011.

propre animation et sa propre trajectoire de changement, autonome (mais pas indépendante) par rapport aux mouvements corporels de chacun des oiseaux.

Dès lors, dans le cas d'un corps collectif impliqué dans un changement, la question qui se pose est la déclinaison figurative des expressions corporelles qui caractérisent chaque régime de changement. Dans une étude récente consacrée à la *mobilité*, notamment urbaine⁸, j'ai évoqué une figure, la *viscosité*, proposée par Catherine Doherty⁹ (2015). La *viscosité* en question est déterminée à la fois par la densité du corps collectif en mobilité, et par son environnement de proximité, qui interagit avec lui, et qui induit notamment les variations de densité : une forte viscosité entrave, ralentit ou compromet la mobilité, alors qu'une faible viscosité la favorise. Dans les mobilités urbaines, la mobilité et la viscosité sont des propriétés d'un même collectif (l'ensemble des actants qui se déplacent et leur environnement), que l'on peut imaginer habité par un conflit entre deux actants, un anti-actant opposé à l'actant qui est en mobilité. La mobilité et la résistance qui lui est opposée sont toutes deux collectives, et la dissociation que nous venons d'envisager entre deux actants est purement formelle et faiblement heuristique, car la viscosité résistante est un effet du mouvement lui-même ! On pourrait tout autant dire que la mobilité est un échappement à la viscosité. Une telle situation est difficilement transposable en termes actantiels et modaux ; en revanche elle peut être transposée en termes *passionnels*, sans considération des actants et de leurs modalisations, si on admet que les passions sont des propriétés des situations, des ensembles sémiotiques composites, et des corps collectifs.

La *viscosité* est un état passionnel qui connaît deux limites : la fluidité et la solidité¹⁰. Ce qui est alors en jeu, c'est la *cohésion* d'une *consistance matérielle*, éprouvée par la *fluence* d'un mouvement : cohésion et fluence deviennent alors des descripteurs des rôles passionnels.

Ces caractères de cohésion et de consistance globale font de la configuration de la *viscosité* le meilleur candidat pour l'expression des « convergences globales » qui caractérisent le régime de la *fusion* (supra).

Mais, en référence à notre typologie des figures corporelles (cf. supra), la viscosité, avec ses deux états limites, la fluidité et la solidité, n'est qu'un des cas possibles, celui du *corps-matière-énergie*, la matière interne du corps.

Si on considère maintenant la *limite-enveloppe*, la forme figurative qui sépare le corps de son environnement, le mouvement ne peut être qu'une *déformation*,

8 J. Fontanille, « Mobilité, motilité, viscosité : tout un programme ! », in J. Alonso et D. Bertrand, *La mobilité enrayée*, à par.

9 C.A. Doherty, « Agentive motility meets structural viscosity : Australian families relocating in educational markets », *Mobilities*, 10, 2, 2015 (<http://eprints.qut.edu.au/67704/>).

10 Dans un article consacré à Noam Chomsky (« Langage, pensée et réalité à la suite de Chomsky », in *Noam Chomsky*, Cahiers de l'Herne, 2007), Gennaro Chierchia évoque une expérience mémorisée de la différence entre les corps solides et les corps non solides, qui peut être ainsi formulée : être un corps solide c'est pouvoir « se déplacer comme un tout le long de trajectoires continues » (p. 237). On voit ici que les types d'expressions matérielles et corporelles que nous proposons sont déjà identifiés en linguistique, et que leurs connexions sont même déjà suggérées : la « solidité » (limite de la viscosité) est fondée ici sur une permanence du collectif lors d'une trajectoire continue, laquelle renvoie à un autre de nos types, la position et le repère corporels.

dont la limite est la déchirure : une fois déchirée ou disloquée, l'enveloppe n'est plus une limite, et le corps a perdu son intégrité. En-deçà de ces cas limites, les déformations manifestent la *malléabilité* du corps (la plasticité de surface), c'est-à-dire l'ensemble des variations de la forme de l'enveloppe corporelle. L'enjeu de la malléabilité n'est pas la consistance actantielle, comme pour la viscosité, mais la *stabilité iconique* de l'actant collectif : la malléabilité, en effet, détermine non seulement les possibilités de déformation de l'enveloppe, mais aussi les limites au-delà de laquelle l'actant-corps n'est plus intègre et reconnaissable. Potentiel de métamorphoses et stabilité de l'identité seraient les deux aspects de la malléabilité. En complément de la malléabilité, la *mémoire de forme* désigne la capacité à revenir à la forme antérieure après déformation, ce qui conduit à distinguer deux types de malléabilité : déformation *irréversible* ou *réversible*.

La *malléabilité* étant une propriété localisable, et pas nécessairement globale, elle peut être l'expression des « convergences locales », caractéristiques du régime du *faisceau* (supra).

Du côté de la figure de l'espace intérieur (l'intériorité du corps-actant), le mouvement est celui même de la composition et des liens qui en assurent le maintien : des aménagements et des réaménagements internes, des translations et permutations de rôles, des affaiblissements ou des renforcements des liens, etc. Dans une composition ainsi animée, des forces modifient les interconnexions internes. A l'image des changements à l'intérieur des réseaux de neurones dans un cerveau vivant, cette configuration est typique de la *plasticité* (plus précisément de la *plasticité structurelle*).

Cette configuration des mouvements de la composition interne, la *plasticité*, correspond précisément, dans la structure tensile précédente, au régime du *réseau*.

Enfin, le corps-actant considéré comme une position et un repère sera animé par des déplacements de la position, des itinéraires, et, sans déplacement matériel, par des actes de repérage et de variations du repérage. Dans ces mouvements, les péripéties ne sont pas exclues : les itinéraires peuvent se perdre dans des directions erratiques, les repères peuvent être trompeurs, etc. Dans cette configuration tout particulièrement, le corps-actant est indissociable de son environnement, et ses mouvements affectent directement l'ensemble de la situation.

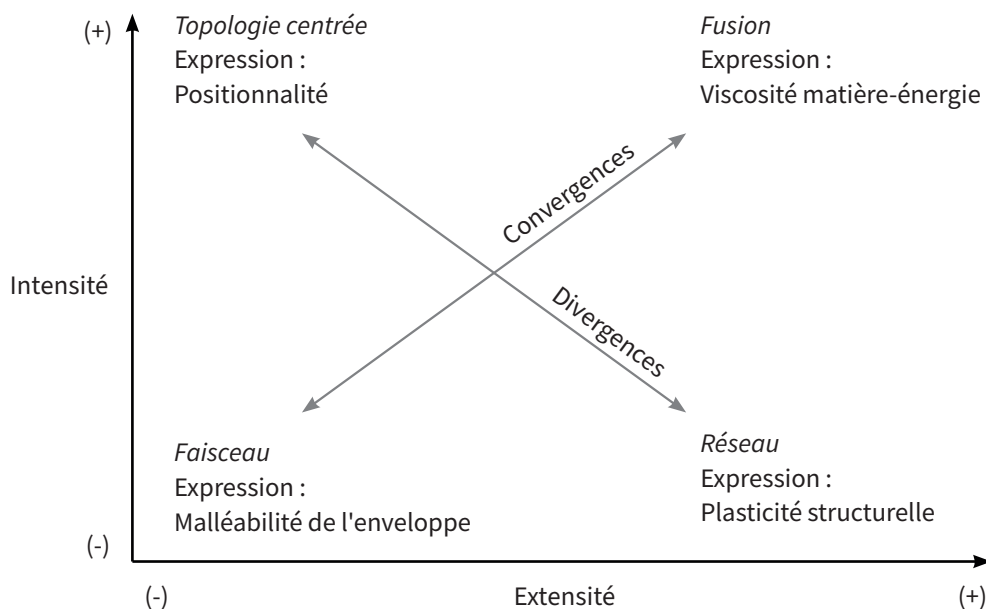
La position du corps-actant étant la référence pour la forme topologique de la situation, cette dernière est alors organisée autour et à partir de cette position. Nous avons donc affaire, avec ces *propriétés positionnelles*, à l'expression correspondant au régime de la *topologie entrée*, telle que définie ci-dessus.

En résumé, les expressions figuratives, corporelles et passionnelles des différents régimes du changement présentés plus haut sont respectivement :

- régime de la *topologie centrée* : expression par la *positionnalité* du corps collectif ;
- régime du *réseau* : expression par la *plasticité* structurelle interne du corps collectif ;

- régime de la *fusion* : expression par la *viscosité* de la matière interne du corps collectif ;
- régime du faisceau : expression par la *malléabilité* de la limite-enveloppe du corps collectif.

Nous pouvons maintenant compléter le diagramme (tensif) des régimes du changement avec *les expressions corporelles associées*.



Conclusion

Les premières questions qui viennent à l'esprit, après avoir obtenu ce résultat, sont celles de l'exhaustivité et de l'interdéfinition : ces quatre positions recouvrent-elles tous les régimes de changements possibles ? sont-elles indéfinies et déductibles les unes des autres ?

A la première question, il faut répondre négativement sans hésitation : nous avons justement choisi une structure tensif parce que, dans son principe, tous les points de l'espace tensif, déterminés par les variations intensives et extensives, correspondent à des positions pertinentes dans les limites des tensions sélectionnées. Les quatre positions que nous avons identifiées et dénommées sont situées aux extrêmes des axes tensifs, ce sont les plus faciles à discriminer, mais toutes les autres sont disponibles. Et il est heureux qu'elles le soient, car nous avons identifié en cours d'analyse des positions moins faciles à discriminer.

A la seconde, il faut répondre positivement, en rappelant que nous n'avons pas choisi d'utiliser un carré sémiotique, qui a pour condition de validité principale l'isotopie des différents termes. Les positions d'un carré sémiotique sont des termes interdéfinis par le fait même qu'ils appartiennent à une seule et même catégorie sémantique, dont ils déclinent les variétés. En choisissant une structure tensif, nous ne visons pas une seule et même catégorie, nous ne savons pas

même encore s'il s'agit de catégories ; nous visons des configurations prises dans des tensions dominantes, apparues en cours d'exploration, et qui croisent ici les mouvements de convergence et divergence internes à la composition des situations en cours de changement, avec les variations intensives et extensives. De ce point de vue, alors oui, les positions internes de l'espace tensif sont interdéfinies.

Une autre question doit être évoquée, celle du mode de coprésence discursive et pratique des différents régimes de changement, à commencer par les quatre régimes qui sont ici distingués et dénommés.

Si on s'efforce de mettre en œuvre le modèle conceptuel élaboré par Eric Landowski, dont les termes de base (la programmation, l'assentiment face à l'aléa, la manipulation, et l'ajustement) sont supposés correspondre de manière distinctive à quatre « régimes de sens » différents, fondant quatre « styles de vie » fortement contrastés, notre document support d'expérience résiste. En effet, bien que ni Landowski, ni ses émules n'aient jamais écrit que ces quatre types étaient exclusifs les uns des autres, la manière dont ils les ont établis et dont ils en font usage laisse tout de même entendre qu'ils ne sont pas compatibles, et que, surtout, du point de vue de la méthode, il est possible et raisonnable de les analyser séparément, sans trop se préoccuper de leurs éventuelles combinaisons. Pourtant, nous avons vu que le changement piloté qui est proposé par les Agences de l'ONU sollicite, à tout moment, deux ou plusieurs de ces régimes : les hybridations sont la règle.

En outre, Landowski a déjà proposé une manière d'associer solidairement ces quatre types dans un modèle dérivé du carré sémiotique, modèle principalement dédié à la circulation entre les différentes positions (cf. les « ailes de papillon » qui transcrivent graphiquement cette circulation continue)¹¹. Autrement dit, si les quatre types peuvent cohabiter, ce qui semble une position réaliste, c'est une cohabitation séquentielle et non une composition ou un mélange : ils se transforment successivement les uns dans les autres. Et c'est justement ce qui fait problème quand on aborde des changements de grande portée, où les quatre types cohabitent par entrelacement permanent et mouvant, se confortent ou se combattent, se compensent ou s'affaiblissent mutuellement, etc. Nous l'avons observé dans notre document.

Comme on le voit, la discussion est ouverte. Et pour ouvrir une discussion, il faut commencer par prendre en considération les modèles disponibles, les confronter à des objets résistants, et tester la nature de ces résistances. C'est ce que nous nous sommes efforcé de faire.

Bibliographie

- Brohm, Jean-Marie, *Ontologies du corps*, Presses Universitaires de Paris-Nanterre, 2017 (<https://doi.org/10.4000/books.pupo.7056>).
- Chierchia, Gennaro, « Langage, pensée et réalité à la suite de Chomsky », in Noam Chomsky, *Cahiers de l'Herne*, 2007.

¹¹ E. Landowski, *Interactions risquées*, op. cit. Voir les schémas pp. 72, 76 et 91.

- Coquet, Jean-Claude, « Le jeu des pronoms personnels et des instances de discours », *Phusis et Logos*, Paris, Presses Universitaires de Vincennes, 2007.
- Deleuze, Gilles, et Félix Guattari, *Capitalisme et Schizophrénie 2. Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980.
- Doherty, Catherine A., « Agentive motility meets structural viscosity : Australian families relocating in educational markets », *Mobilities*, 2015, 10, 2, 2015 (<http://eprints.qut.edu.au/67704/>).
- Fontanille, Jacques, *Corps et Sens*, Paris, Presses Universitaires de France, 2011.
- « Mobilité, motilité, viscosité : tout un programme ! », in J. Alonso et D. Bertrand, *La mobilité enrayée*, à par.
- Greimas, Algirdas J., *Du sens*, Paris, Seuil, 1983.
- Groupe des Nations Unies pour le Développement, *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement*, chapitre « Note d'orientation complémentaire relative aux PNUAD » (https://unsdg.un.org/sites/default/files/UNDG-UNDAF-Companion-Pieces-7-Theorie_du_Changement.pdf).
- Landowski, Eric, *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim, 2005 (rééd. en ligne *Actes Sémiotiques*, 2024).

Résumé : La réflexion sémiotique sur le changement peut être motivée par le fait qu'il semble d'une prégnante actualité, dont on peut apporter la preuve en documentant et illustrant tout de qui se dissimule aujourd'hui sous la notion de « transition » : de toutes parts, nous serions menacés ou obligés par des transitions climatique, énergétique, sociale, urbaine, géopolitique, etc. Mais cette réflexion rencontre vite les limites des modèles sémiotiques, narratifs ou pragmatiques, textuels ou signiques, qui ont été élaborés pour rendre compte d'ensembles signifiants de moindre taille, et de relativement faible complexité. Autrement dit, nous avons affaire à une problématique qui serait sensible à l'échelle où on situe l'analyse. Pour apprécier ce qu'une conception sémiotique des changements à grande échelle pourrait apporter à la perspective d'une sémiotique narrative contemporaine, il nous faut donc les aborder à l'échelle où ils sont pertinents, et pas à celle des objets d'analyse traditionnellement abordés par les sémiotiques du XX^e siècle. Le saut est en effet considérable entre l'intelligibilité narrative des récits propres à chaque micro-culture, et celle qui implique l'humanité, la planète, et en général de vastes ensembles composites et hétérogènes. Pour relever ce défi, nous partirons d'une (soi-disant) « théorie » et d'une pratique du changement dans les projets de développement des organisations affiliées aux Nations Unies, notamment celle intitulée *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement*. L'étude de la démarche des Nations Unies fera apparaître notamment l'hybridation des catégories établies par la socio-sémiotique des interactions, des mélanges et entrecroisements de programmations, d'ajustements et d'assentiments, une hybridation qui, du point de vue de la stratégie du changement, vise systématiquement à optimiser le périmètre des « parties prenantes », c'est-à-dire de la composition des collectifs et des situations en cours de changement. Ce parcours aboutira à l'établissement d'une typologie des régimes du changement — le *faisceau* et la *fusion*, la *topologie centrée* et le *réseau ouvert* — avec les expressions corporelles qui y sont associées, à savoir, respectivement, la *malléabilité*, la *viscosité*, la *positionnalité* et la *plasticité*, autant de configurations à notre sens transférables dans d'autres domaines que celui qui nous sert ici de point de départ.

Mots-clefs : changement, composition, corps collectif, expressions passionnelles, régimes.

Resumo : A reflexão semiótica sobre mudança pode ser motivada pelo fato que ela parece da maior atualidade : basta pensar em tudo o que hoje se esconde sob a noção de “transição” (climática, energética, social, urbana, geopolítica etc.). Mas uma tal reflexão encontra rapidamente os limites dos modelos semióticos elaborados para dar conta de conjuntos significantes de menor tamanho e complexidade. De fato, a problemática depende da escala em que situamos a análise. Para medir o que uma concepção semiótica das mudanças à grande escala poderia trazer à perspectiva de uma semiótica narrativa contemporânea, devemos portanto abordá-las à escala na qual são pertinentes, e não àquela dos objetos de análise tradicionalmente abordados pelos semioticistas do século XX. Pois o salto é considerável entre a inteligibilidade narrativa dos relatos próprios a cada micro-cultura e aquela que envolve a humanidade, o planeta e, em geral, vastos conjuntos heterogêneos. Para responder a esse desafio, partiremos da (pretendida) “teoria” e da prática da mudança ilustradas por projetos de desenvolvimento das Nações Unidas, notadamente os *Plans-cadres des Nations Unies pour l'aide au développement*. O seu estudo faz aparecer uma hibridação das categorias estabelecidas pela sociosemiótica das interações — combinações e entrecruzamentos de programações, ajustamentos e assentimentos —, uma hibridação que, em termos de estratégia da mudança, visa sistematicamente otimizar o perímetro das partes envolvidas, isto é da composição dos coletivos e das situações em via de mudança. Isso nos levará ao estabelecimento de uma tipologia dos regimes de mudança — o *feixe* e a *fusão*, a *topologia centrada* e a *rede aberta*, com as expressões corporais associadas : *malleabilidade*, *viscosidade*, *positionalidade* e *plasticidade*, outras tantas configurações transferíveis em outros domínios que aquele que nos serviu de ponto de partida.

Abstract : Semiotic reflection on change can be motivated by the fact that it seems to be today of a very current nature, which can be proven by documenting and illustrating everything that is hidden under the notion of “transition” : from all sides, we would be threatened or obliged by climatic, energetic, social, urban, geopolitical transitions. But this reflection quickly encounters the limits of semiotic models, narrative or pragmatic, textual or signic, which have been developed to account for signifying sets of smaller size, and of relatively low complexity. In other words, we are dealing with a problem that would be sensitive to the scale at which the analysis is situated. To appreciate what a semiotic conception of large-scale changes could bring to the perspective of a contemporary narrative semiotics, we must therefore approach them at the scale at which they are relevant, and not at that of the objects of analysis traditionally addressed by 20th century semiotics. The leap is indeed considerable between the narrative intelligibility of the stories specific to each micro-culture, and that which involves humanity, the planet, and in general vast composite and heterogeneous sets. To meet this challenge, we will start from a (so-called) “theory” and a practice of change in the development projects of organisations affiliated to the United Nations, in particular that called the *United Nations Development Assistance Framework*. The study of the United Nations approach will reveal in particular the hybridisation of the categories established by the socio-semiotics of interactions, mixtures and interweaving of programming, adjustments and assents, hybridisation which, from the point of view of change strategy, systematically aims to optimise the scope of the “stakeholders”, that is to say of the composition of the collectives and of the situations in the process of change. This will lead to the establishment of a typology of regimes of change — the *bundle* and the *fusion*, the *centered topology* and the *open network* — with the bodily expressions associated with them, namely, *malleability*, *viscosity*, *positionality* and *plasticity*, all configurations that in our opinion are transferable to other domains than the one that serves as our starting point here.

Auteurs cités : Jean-Marie Brohm, Gennaro Chierchia, Jean-Claude Coquet, Gilles Deleuze et Félix Guattari, Catherine Doherty, Algirdas J. Greimas, Eric Landowski.

Plan :

Introduction

1. La théorie du changement pour une politique de développement

1. Programmation
2. Ajustement
3. Assentiment
4. Des situations mouvantes

2. Typologie des modes d'interconnexion et d'ajustement

1. Un faisceau de causes, de preuves, d'acteurs, de partenaires et de points de vue
2. Le consensus et la fusion
3. La régulation des divergences
4. Le réseau

3. Typologie raisonnée des ajustements du changement

1. La tension les régimes de convergence et de divergence
2. Des effets de sens matériels pour expressions : les métamorphoses des corps collectifs

Conclusion

Recebido em 10/09/2024.

Aceito em 10/10/2024.

Dynamique sémiotique et changement

Robert Nicolai

Université de Nice

Institut Universitaire de France

*Rien n'est permanent, sauf le changement.
Seul le changement est éternel.*

Introduction

On connaît cette citation d'Héraclite qui ne peut pas ne pas nous inciter à réfléchir sur le thème du changement. Tout *change*. Cela ouvre vers une approche du changement conçu sinon comme le donné premier, du moins comme une dimension essentielle dans la saisie de ce qui se présente à nous comme étant porteur de sens. Et cela, tout naturellement, fait sens¹.

En m'appuyant non pas sur un passé de recherches sémiotiques mais sur l'expérience de travaux de terrain concernant les contacts de langues, les interactions langagières et l'échange communicationnel en général, continuée par une réflexion sur la façon dont nous construisons nos représentations et nos objets de recherche, je me trouve avoir croisé cette idée, suggérée par Landowski, que le changement, sa dynamique et la perception que nous en avons ont partie étroitement liée avec les procès de saisie et de reconnaissance de sens que nous activons continuellement dans leur ordinaire banalité.

La perspective (...) qui nous semble à explorer consisterait à considérer qu'il y a (...), en tant que donnée première, un flux continu (celui du « temps qui passe »),

¹ Porteur de sens, faire sens, avoir du sens, créer du sens, produire du sens, mise en signification, faire signifier, etc. Finalement, que de flou dans lequel nager autour de ces désignations !

un devenir-autre perpétuellement à l'œuvre pour toute chose. La transformation retrouve alors sa primauté de principe. Il n'y a pas des états figés dans leur immobilité jusqu'à ce que quelque intervention contingente vienne les faire bouger. La dynamique du passage constant d'un état à l'autre, le *mouvement* est au contraire la règle. La seule continuité est la continuité paradoxale du changement.²

Dès lors, en marge des représentations du monde apparemment stabilisées, des perçus et des « ressentis » que nous retenons naturellement, il devient pertinent d'analyser dans quelques contextes³ ce qu'il en est de notre activité saisie dans le procès de mise en signification auquel nous participons, et ce qu'il en est de notre place dans la dynamique qui le soutient. En effet, nous participons à ce procès de création de sens par notre existence même... puisque, sans nous (acteurs, évaluateurs et descripteurs dans la production et l'analyse de ce qui se passe, et finalement, *sujets*), pas de mise en signification, pas de création de sens, pas de reconnaissance de sens... et bien sûr, pas de changement perçu. Sauf à s'en remettre à des considérations qui ne relèvent pas du type de réflexion ici conduite !

Comment procéder ? On sait que les sujets sont toujours engagés dans un procès de production et de reconnaissance de/du sens. Selon la situation, le contexte et la nécessité, ils vont réagir à ce qui se présente à eux dans l'interaction, en transformant, le cas échéant, les règles et les modalités de l'échange, induisant par là même (la possibilité d') un renouvellement du sens.

Une bonne idée sera d'approcher d'abord⁴ ce qui s'actualise concrètement (contraintes, pratiques, stratégies) dans les *espaces communicationnels* fonctionnellement différenciés où les sujets — par le seul fait qu'ils échangent et qu'ils parlent — activent et modulent ce qu'ils mettent en œuvre... créant du sens ou le transformant tout en manipulant tactiquement les contraintes interactionnelles qui leur sont imposées dans et par la situation d'échange. Ensuite, de s'intéresser aux *dimensions d'arrière-plan*, toujours présentes dans les échanges et qui impactent leur production et leur transmission.

Rappelons ici le « *One cannot not communicate* » (On ne peut pas ne pas communiquer) de Watzlawick, considération dont il va de soi qu'elle n'est pas un *scoop* pour le milieu contemporain qui développe ou côtoie la réflexion sémiotique⁵.

2 « Pourquoi le changement ? », *Acta Semiotica*, III, 6, 2023, p. 31. — Ce qui, comme le note l'auteur (p. 24), ne veut pas dire que ce qui signifie se réduit à ce qui change.

3 Mon arrière-plan de référence est plutôt celui de la communication orale, mais l'essentiel de ce qui peut être ici reconnu me paraît tout à fait transposable à d'autres situations d'échange et de communication, à d'autres univers sémiotiques.

4 Je ne ferai ici que reprendre des analyses, des concepts et des propositions que j'ai déjà développés dans le cadre de ce que j'ai appelé la *dynamique sémiotique* (cf. références en fin d'article). Ceux qui ont déjà croisé cette thématique ne trouveront donc ici rien de nouveau, au mieux quelques ajustements et un autre angle de saisie.

5 Cf. P. Watzlawick, *Une logique de la communication*, trad. Paris, Seuil, 1972.

1. Les espaces communicationnels

En les caractérisant concrètement par leurs fonctionnalités particulières, commençons par identifier ces espaces communicationnels. J'en retiens trois : le premier concerne le développement du procès de *mise en norme* ; le second la dynamique de *cadrage* des échanges engagés dans l'interaction, et le troisième la pratique d'*autosurveillance* que les sujets appliquent sur leur propre activité communicationnelle. Ce sont là trois fonctionnalités distinctes et essentielles pour le bon développement de la communication, mais qui ne vont cependant pas sans se croiser et conjuguer leurs actions. Développons.

1.1. La dynamique de la norme

Reconnue et appréhendée à la fois dans sa stabilité et dans sa transformation, la *norme* est la référence assumée et implicite de la façon dont ce qui s'actualise *doit* être actualisé pour que cela *fasse sens* dans la situation d'échange. Toutefois, il faut distinguer deux acceptions du terme, qui toutes deux réfèrent à une valeur d'obligation.

La première acception est celle de la *norme représentée*. Elle retient l'idée d'une représentation préalablement donnée, figée et intangible, dont le statut n'est pas questionné, et qu'il s'agit de prendre en compte, quels que soient les attitudes et les comportements qu'on puisse avoir à son égard. Par définition, les manquements à cette norme sont stigmatisés. Conçue en tant que représentation décontextualisée, donnée en référence, elle est présente et nécessaire pour le bon déroulement du procès de communication en cours, comme pour toute autre activité. En effet, il serait difficile d'établir un échange « normal » si ceux qui y participent n'avaient pas une idée préalable (et une pratique vérifiée) de la norme qu'il convient de suivre pour actualiser leur échange sans risquer l'échec communicationnel.

Voici un (vieux) exemple⁶ : « J'adore ce mec qui joue super bien, qui est cool avec son jean tout crado, ses baskets pourries, son sweat et son p'tit blouson ». C'est dans le cadre d'une enquête de terrain sur les « façons de parler » qu'une étudiante et un étudiant des années 80⁷ avaient recueilli ce jugement d'une jeune fille de quinze ans (Ivana), à propos de la prestation d'acteur de Dustin Hoffman dans le film *Tootsie* (1982). Ce fragment de discours montre que dans l'échange, indépendamment de tout contenu transmis, Ivana traduit sa *relation* au sens de Watzlawick. Cela s'affiche à travers l'emploi d'indices langagiers appropriés :

6 Ce qui suit est repris, avec quelques modifications, d'un plus ample développement sur ce que j'avais nommé à l'époque le procès de « catégorisation pratique », soit l'activité ordinaire, quotidienne et générale que nous déployons consciemment ou inconsciemment pour classer, analyser et donner sens à nos *représentations* ; celles qui nous sont imposées *a priori* et celles que nous élaborons en situation dans l'instanciation de nos pratiques. Cf. R. Nicolaï, « Catégorisation pratique et dynamique linguistico-langagière (application à la morphosémantisation et aux constructions normatives) », *Langage et Société*, 35, 1986. Notons également que, dans ce texte où j'introduisais les deux niveaux de normes (représentée et interactionnelle), je les nommais simplement « norme 1 » et « norme 2 ».

7 M. Barberi et G. Ceralli, dans le cadre de leur mémoire de DEA (1983).

les référentiels normatifs de l'échange familial (« j'adore ce mec », « son jean tout crado »), puis ceux de la pratique langagière au sein des groupes de jeunes (« il joue super bien, il est cool »). L'emploi de ces marqueurs, ici lexicaux et discursifs⁸, renvoie à la norme représentée⁹ d'Ivana (c'est ainsi qu'on parle !), celle qu'elle partage naturellement dans son univers relationnel habituel.

La seconde acception est celle de la *norme interactionnelle*. A la différence de la *norme représentée*, elle ne se définit pas comme représentation préalable figée : il s'agit d'une prescription qui se génère *dans l'interaction* et *dans l'intersubjectivité*. Donc d'une prescription contextualisée et contingente née de la négociation (explicite ou implicite) et de l'établissement d'un équilibre construit dans le cours du procès de communication. De son établissement, comme de sa reconnaissance, va naître un effet de sens qui participe du procès sémiotique.

On remarquera que la perception de l'effet de norme est bifide puisque les normes représentées et les normes interactionnelles s'articulent l'une à l'autre : les règles qui président à nos échanges sont issues de la pratique de ces échanges, mais pour qu'il y ait échange il faut qu'il y ait des règles. Cela introduit un paradoxe pragmatique : *le modèle de référence préexiste en même temps qu'il est construit dans l'échange*. Les règles sont créées dans et par la pratique de l'échange, mais pour qu'il y ait échange il faut qu'elles préexistent.

Perçu dans son dynamisme, le rapport paraît paradoxal ; toutefois cela se résout simplement lorsqu'on constate qu'au plan pratique de l'actualisation de ce qui se passe, la seule chose réalisable est toujours située sur le plan de la norme interactionnelle, nécessairement contrainte et modulée par la situation du moment... et qui fera norme¹⁰. Le dynamique est privilégié par rapport au statique.

Revenons vers Ivana. Elle tient son discours dans le contexte hors norme de la situation d'enquête. Alors, comment apprécier la norme interactionnelle d'Ivana ?

Il *n'y a pas* de norme interactionnelle d'Ivana, mais *il y a* une norme interactionnelle qu'elle coconstruit dans l'interaction avec son interlocutrice, répondant à la situation particulière qu'elles entretiennent ensemble ! Dans le ici-et-maintenant de leur échange, certaines représentations du plan de la norme représentée qui président à leurs activités ordinaires seront conservées alors que d'autres ne le seront pas. La norme interactionnelle qui se crée dans (et moyennant) leur interaction va se constituer en norme représentée, susceptible de servir de référence pour leur prochaine rencontre. Cette activité continue du jeu entre norme représentée et norme interactionnelle est essentielle dans le procès de communication pour assurer la qualité de sa tenue et de son déroulement.

8 Précisons, si besoin était, qu'il n'y a pas que les marqueurs langagiers qui sont susceptibles d'être fonctionnels. Tout ce qui peut faire signe (comportements, attitudes, vêtements, etc.) est susceptible de remplir ce rôle.

9 L'obtention de ce discours dans le contexte hors norme de la situation d'enquête aura demandé qu'Ivana accepte de considérer, ponctuellement, l'enquêtrice comme un membre ordinaire de son groupe relationnel.

10 Cf. R. Nicolai, *La construction du sémiotique. Sur les dynamiques langagières et l'activisme des acteurs de la communication*, Paris, L'Harmattan, 2011.

Concluons en disant que par la dimension bifide qui la caractérise et le procès de mise en norme qu'elle présuppose, la norme s'inscrit dans la dynamique de transformation et de renouvellement continu de ce qui se passe et que, de ce fait, *elle participe potentiellement à la transformation des sens donnés, du sens donné.*

1.2. La dynamique du cadre

Toute interaction s'actualise dans un cadre. Quand l'échange est communicationnel, il s'agit évidemment d'un *cadre communicationnel*.

Saisi à son plus haut niveau de généralité, on a affaire à un référentiel partagé de savoirs, de règles et de normes linguistiques, sociales, culturelles et comportementales reconnu et utilisé dans le périmètre social prédéfini où les sujets se sont engagés ; un cadre dans lequel ils ne peuvent pas ne pas s'insérer, qui est présupposé et nécessaire à la mise en signification et à la définition correcte de ce qui s'actualise entre eux en tant que participants à cette communication. Conditionnant les modalités de l'échange et son existence même, la définition de ce cadre intervient dans la mise en signification de l'échange. Nos interactions, langagières ou non, sont toujours pragmatiquement déterminées par le cadre de référence qui contribue à les faire signifier.

Autrement dit, de la même façon que la représentation de la norme et le procès de mise en norme sont nécessaires pour que ce qui se passe puisse faire sens dans la situation d'échange, la reconnaissance, implicite ou explicite, du cadre communicationnel est le *sine qua non* pour que les interactions communicationnelles fassent sens sans distorsion majeure.

Pour autant, sa reconnaissance et son acceptation ne vont pas toujours de soi. Si ses caractéristiques sont tacitement reconnues, acceptées et partagées dans le cas standard, nous savons tous qu'elles peuvent aussi faire l'objet de méprises et de conflits avec pour conséquence des distorsions sur la signification de ce qui s'échange¹¹. On peut inventorier différents types de situations stratégiquement fonctionnalisées dans (et pour) l'interaction par les participants à l'échange : le cadre communicationnel peut être explicitement *posé* ou simplement *présupposé* ; il peut être constitué *de facto* ou *de jure* ; il peut *aller de soi* ou être *imposé* ; il peut être *ouvert* ou *fermé* ; il peut être *accepté*, *refusé* ou *modifié*. Il peut aussi être considéré comme *symétrique* lorsqu'il encadre un discours qui souscrit à des représentations normatives collectives partagées par l'ensemble des membres de la « communauté communicante ». C'est alors un cadre *ouvert* et *objectivable* (les échanges ordinaires entre Ivana, ses copines et ses copains dans le cadre de leur communauté sont de cette nature). A l'inverse, il peut être considéré comme *asymétrique* lorsqu'une partie des interactants ne partage pas les mêmes repré-

11 Ces considérations ne sont pas nouvelles. L'exemple des « aiguilleurs du ciel » (R. Nicolaï, « Normes, règles et changement. Remarques sur la recatégorisation des représentations », *Journal of Pragmatics*, 12, 1988), qui illustre ce que j'ai appelé des *règles d'adéquation projective* (non assignables, bien que nécessaires), met à mal les *règles constitutives et normatives* de Searle, ce qui conduit pratiquement à bloquer le fonctionnement du système de gestion du trafic aérien : on a là l'exemple d'un conflit adossé à une redéfinition du cadre communicationnel.

sentations normatives collectives. Dans ce cas, le cadre communicationnel est *fermé* et *subjectivé*¹² (le cadre communicationnel qui préside aux échanges entre Ivana et l'enquêtrice est de ce type).

En conclusion, toujours dynamique, potentiellement transformable et susceptible d'être ajustée¹³ pour des raisons stratégiques, la caractérisation du cadre communicationnel est essentielle dans la *définition* de l'échange et dans le *procès de construction* du sens autour de ce qui se passe. Elle fait sens.

1.3. Le procès d'autosurveillance

« On est là, on est là ! » Il ne s'agit pas ici d'un slogan revendicatif mais d'une évidence. Les sujets sont là et ils développent leur activité dans le même temps qu'ils font preuve d'un évident activisme — entendons par là non pas l'allégeance et l'engagement dans quelque projet politique, mais l'actualisation dirigée d'une dynamique communicationnelle. Pour cela, ils ajustent et modalisent leurs échanges — tout comme des « acteurs »¹⁴ — au travers de deux rôles fonctionnellement distincts : celui d'*acteur séculier* et celui d'*acteur régulier*. Présentons-les.

— Le rôle d'*acteur séculier* : dans un même tissu communautaire¹⁵ qu'ils contribuent activement à développer, les sujets-acteurs pratiquent leurs activités sans distanciation et sans réflexivité explicitement assumée. Ils contribuent de ce fait à introduire et stabiliser un certain type et une certaine qualité de formes linguistiques, langagières ou autres, renvoyées à une intersubjectivité partagée.

— Le rôle d'*acteur régulier* : se plaçant dans une visée distanciée et réflexive, les sujets-acteurs, lorsqu'ils assument ce rôle qui suppose un positionnement « *méta* » et une *surveillance continue*, sont portés à échanger dans une modalité moins spontanée, introduisant des formes et des contenus potentiellement plus travaillés¹⁶.

Cette distinction séculier / régulier ne correspond pas à une partition ; en effet, un sujet concentré sur son rôle d'acteur séculier est *également* un acteur régulier puisque dans l'instant où il se produit, il a nécessairement, en arrière-plan de sa

12 Remarquons cependant que si, dans la situation d'échange ordinaire, il est normalement attendu que le cadre communicationnel soit socialement partagé, le point-limite d'un cadrage communicationnel qui serait strictement limité à l'individu n'est pas unimaginable et n'est pas exclu par principe : il est simplement dysfonctionnel pour le partage de la communication ordinaire telle qu'elle est habituellement conçue et attendue.

13 En transposant librement la terminologie « interactionnelle », on pourrait dire que si le procès de construction du sens s'effectue par diverses formes d'« ajustements » entre sujets, ces ajustements ont pour condition de possibilité la reconnaissance d'un cadre communicationnel quant à lui « programmé ».

14 Acteurs plutôt conçus dans une acception théâtrale que dans celle proposée dans les travaux sémiotiques.

15 La notion de *tissu communautaire* introduit une focalisation vers la « texture », la structure et l'organisation des rapports internes, tandis que celle plus classique de *communauté linguistique* retient plutôt une focalisation vers les marges, le découpage, les frontières. D'où mon choix (cf. *La construction du sémiotique*, Paris, L'Harmattan, 2011, p. 78).

16 C'est ainsi que, à travers l'usage, toujours stratégique, qu'ils font des formes qu'ils utilisent, ils les modulent et les marquent activement (consciemment ou inconsciemment) dans leur nature. Ce qui fait sens, crée du sens.

profération, un jugement sur ses productions comme sur celles auxquelles il est confronté — un jugement qu'il intègre dans sa stratégie de communication et qui pèse sur ce qui est interactionnellement développé. Quant au sujet, concentré dans son rôle d'acteur régulier et attentif à la forme de ce qu'il développe, il est *également* un acteur séculier puisqu'il parle et communique.

Autrement dit, les sujets agissent, ont des stratégies discursives, une histoire. Ils fonctionnent dans une interaction continue avec le monde qui les entoure pour atteindre leurs buts communicationnels et assurent simultanément les rôles *d'acteurs séculiers et réguliers*.

Cette position bifide participe du procès sémiotique, car les modulations, changement de registre, etc., qu'introduisent les sujets-acteurs sont porteuses de sens *par leur différenciation même*.

2. Toile de fond

Maintenant, jouons à poser quelques questions quasi académiques auxquelles on pourrait demander à un étudiant de répondre : dans quelle mesure, et pour quelles finalités, Ivana et l'enquêtrice activent-elles, conjointement ou non, leurs rôles d'acteurs réguliers au cours de leurs échanges ? Et à quelle(s) fin(s) stratégique(s) ? Quels indices particuliers (s'il y en a) sont susceptibles d'être invoqués pour répondre à ces questions ? — Est-ce tout ?

Non. Car en toile de fond, condition de possibilité pour que les sujets puissent se situer, s'activer et développer stratégiquement leurs activités dans ces espaces communicationnels, il y a deux référentiels, *immanents*, *stables* et *imposés*, avec lesquels on ne *négoce* pas : l'*historicité* et la *thématisation*. Ils sont intimement liés l'un à l'autre et leur importance est aussi grande pour la mise en signification que celle des espaces que je viens de présenter.

2.1. L'historicité

Indépendamment de notre volonté, le passage du temps laisse sa trace à travers ce que je retiens sous le nom d'*historicité*. Celle-ci s'impose en toile de fond, inscrivant dans nos constructions épistémiques et comportementales du moment l'effet de ce qui est advenu. Consubstantielle de notre saisie du monde, de l'interprétation des signes qui se montrent et se donnent à nous ou que nous élaborons, elle est présente à travers toutes nos activités, se génère d'elles, marque nos pratiques comportementales aussi bien que les formes d'usage et le langage dans l'ensemble de ses manifestations. Elle nous conditionne¹⁷, et les interactants (interagissants !) que nous sommes en sont les récepteurs et les transmetteurs. Mais est-ce si simple ? Sans doute pas, car elle fonctionne à deux niveaux.

17 Il est intéressant de voir que la fonctionnalité de l'historicité et de sa rétention est également reconnue et conceptualisée dans d'autres domaines. Penser à l'anthropologie avec les *techniques du corps* de Mauss, à la sociologie avec la conceptualisation de l'*habitus* par Bourdieu, ou encore à la notion de *sémantaxe* telle que Manessy l'a développée dans sa réflexion sur les créoles. Pour de plus amples développements, voir R. Nicolai, « Dynamique sémiotique et mise en signification. Réflexions sur la rétention d'historicité et l'élaboration de sens », *Signata*, 5, 2022.

Il y a d'abord ce niveau que je viens de présenter où, sans en avoir nécessairement conscience, mais en *retenant* le « déjà-vu-et-déjà-produit-dans-tel-contexte-antérieur » nous (re)construisons continûment de nouvelles représentations, formes et pratiques susceptibles d'être évaluées dans l'interaction et d'être partagées dans un futur (discursif ou non). Bref, il s'agit de ce niveau où, adossés aux formes et représentations héritées d'un passé qui nous aura modelé, volontairement ou non, nous créons et/ou transformons des formes et du sens dans le présent.

Mais il y a l'autre niveau. Pour l'approcher, imaginons une uchronie ; un monde paradoxal dans lequel, en dépit du temps qui passe, rien ne changerait dans ce qui nous est présenté. Un monde de la répétition du même, qui attesterait *l'improbable répétition à l'exact identique* de l'état de choses du temps T. Un monde où les formes du temps T se conserveraient et se représenteraient, sans aucun changement, au temps T+1. Qu'advierait-il du sens donné (à donner) à cet état de choses conservé au temps T+1 ?

En guise d'illustration, je ne résiste pas au plaisir de donner la parole au Borges de *Ficciones* mettant en scène Pierre Menard réécrivant, à la virgule près, le 9^e chapitre de la première partie du Don Quichotte :

'(...) la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.'

Là, le narrateur commente :

Redactada en el siglo diecisiete, redactada por el "ingenio lego" Cervantes, esa enumeración es un mero elogio retórico de la historia.

Puis il poursuit :

Menard, en cambio, escribe: ... *'la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.'*

Et il conclut :

La historia, *madre* de la verdad; la idea es asombrosa. Menard, contemporáneo de William James, no define la historia como una indagación de la realidad sino como su origen. La verdad histórica, para él, no es lo que sucedió; es lo que juzgamos que sucedió. Las cláusulas finales — *ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir* — son descaradamente pragmáticas.¹⁸

18 '(...) la vérité, dont la mère est l'histoire, émule du temps, dépôt des actions, témoin du passé, exemple et connaissance du présent, avertissement de l'avenir'. *Le narrateur commente* : Rédigée au XVII^e siècle par le 'génie ignorant' Cervantes, cette énumération est un pur éloge rhétorique de l'histoire. *Puis il poursuit* : Ménard écrit en revanche : '... la vérité, dont la mère est l'histoire, émule du temps, dépôt des actions, témoin du passé, exemple et connaissance du présent, avertissement de l'avenir'. *Et il conclut* : L'histoire, mère de la vérité ; l'idée est stupéfiante. Ménard, contemporain de William James, ne définit pas l'histoire comme une recherche de la réalité, mais comme son origine. La vérité historique, pour lui, n'est pas ce qui s'est passé ; c'est ce que nous pensons qui s'est passé. Les termes de la fin – « exemple et connaissance du présent, avertissement de l'avenir » – sont effrontément pragmatiques.

Effectivement. Rien n'a changé dans la matérialité de ce chapitre réécrit à l'identique... sauf ceux qui y font face au temps T+1, et le sens qu'ils auront été conduits à lui attribuer dans sa réécriture. On perçoit que même en l'absence de modification du donné, le simple effet du « temps qui passe » va induire un changement de sens (car si rien ne change... nous, nous changeons). Ce qui suggère cette « transformation silencieuse » que constate Landowski¹⁹.

Certes, mon illustration relève de la littérature... mais il n'est pas difficile de trouver des indices dans notre vie ordinaire qui suggèrent que le sens attribué à un objet, une représentation ou à toute autre actualisation tend à être modifié dès lors (par le fait même) que nous percevons qu'il est conservé à l'identique « en dépit du temps qui passe ». Et ce sera par un retour à Héraclite que je conclurai... qu'« *il n'est pas possible de se baigner deux fois dans la même eau d'un fleuve.* »

Alors, pour finir un peu plus légèrement — sinon pour conclure — voici quelques thèmes sur lesquels, à des fins ludiques ou non, quelques « étudiants avancés » pourraient être amenés à réfléchir :

À partir de quelques expressions telles que « *être à la page* », « *être ou ne pas être de son temps* » (cf. Landowski bien sûr... mais pas uniquement !), mais aussi de quelques désignations telles que « *poncif* », « *cliché* » (lieux communs dépréciatifs renvoyant à une répétition à l'identique), « *ringard* » (démodé, renvoyant péjorativement à la conservation d'un état ancien), etc., quelles considérations pouvez-vous développer à propos de la permanence et/ou de la transformation du sens ?

2.2. La thématisation

Il reste à aborder le procès de *thématisation* qui, toujours en toile de fond, est concerné par la constitution en signes de formes retenant l'historicité qui les a conduites à leur état du moment. Ce procès ne fait pas l'objet de négociation ou de stratégie de la part des sujets. Toutefois, en raison de l'évident impact de ses effets dans l'interaction et de sa fonction dans l'élaboration du sens, il a sa place dans une problématique qui s'intéresse à l'imposition du sens, à sa saisie et à la dynamique de mise en signification.

Je ne le gloserai pas davantage mais dirai, à titre d'illustration, que c'est un procès de thématisation qui s'actualise dans la gestion des normes et des cadres communicationnels ; car transformer la norme interactionnelle en norme représentée contribue à produire / créer du sens en construisant des représentations objectivables. De même, accepter ou prendre ses distances par rapport à un cadre communicationnel posé ou imposé, cela contribue à produire du sens en transformant et rendant tangibles les rapports définitoires de l'échange. Il s'agit donc, là aussi, d'une activité de thématisation.

19 Laquelle, en généralisant, conduit à constater que quand bien même rien n'aura changé dans le monde auquel ils font face, les sujets, eux, auront changé, et le sens de ce qui est donné aura changé « pour eux ». « Théoriser le changement, ce serait aussi (...) chercher à rendre raison de cet aspect vécu », note Landowski (in « Pourquoi le changement ? », *art. cit.*, p. 32).

Du fait qu'adossé à l'historicité, ce procès de thématisation introduit la saisie des sens qui se transforment, il s'ensuit qu'il est le moteur du changement même. Et conséquemment, un vecteur essentiel des procès de sémiotisation²⁰.

2.3. Brève synthèse

Ai-je fait le tour de la question ? Certainement pas. Le tour de mon horizon peut-être : l'imposition du sens, dynamique et changement. Précontraints en toile de fond par les deux référentiels que sont l'*historicité* et la *thématisation*, qu'ils soient fondés sur l'interaction où qu'ils se génèrent de l'autosurveillance contextualisée que les sujets s'appliquent à eux-mêmes, les procès de mise en norme et de cadrage communicationnel, tout comme la dynamique du jeu des rôles des acteurs, sont des outils que les sujets mettent en œuvre pour développer leur activité communicationnelle ordinaire dans les espaces ainsi identifiés. Une activité à travers laquelle le sens se pose, s'impose et se transforme continûment ; à travers laquelle ils construisent, mettent en signification et transforment interactionnellement leurs représentations du monde dans lequel ils se définissent, lui donnant sens dans le même mouvement qu'ils se donnent sens à eux-mêmes.

3. La croisée des chemins

Ce tour d'horizon achevé, ce serait une autre bonne idée, à l'écart de l'esprit de chapelle, que de confronter cette approche à une saisie sémiotique déjà modélisée qui a explicitement retenu parmi ses concepts de cadrage la dynamique des sujets. Une saisie qui, corrélativement, suppose de retenir la pertinence du changement comme un vecteur essentiel dans la mise en signification de ce qui se manifeste, qu'il soit constaté ou introduit, attendu ou espéré. Soit donc une saisie qui, à un niveau méta-épistémologique, est en cohérence avec celle que j'ai développée et dont je viens de présenter quelques outils.

L'éventail de choix est grand²¹, et il y a toujours quelque arbitraire à choisir. Sensible à la notion de discontinuité, la saisie socio-sémiotique met « l'accent sur la production des différences et leur renouvellement continu, ressort formel de la mutation constante des systèmes de reconnaissance... »²². L'auteur postule que « ces discontinuités sont autant de manifestations occurrenceielles du principe fondateur de toute signification, à savoir le principe de différence ». Il retient que « toute variation, tout changement perçu par rapport à un état de choses servant de référence (...) ou bien fait immédiatement sens, ou bien, en faisant énigme, engage une quête de sens »²³.

20 Cf. R. Nicolăi, *La construction du sémiotique. Sur les dynamiques langagières et l'activisme des acteurs de la communication*, Paris, L'Harmattan, 2011, p. 21 sq.

21 Par exemple, penser à Fontanille, à Lorusso... et à tant d'autres que je n'ai pas lus !

22 E. Landowski, « Interactions (socio)sémiotiques », *Actes Sémiotiques*, 120, 2017, p. 16.

23 Id., « Pourquoi le changement ? », *art. cit.*, p. 24.

Alors, on se demandera si une approche d'ordre socio-sémiotique, dont on sait qu'elle est fondée sur l'analyse des dynamiques instituant les quatre régimes « programmation, accident, manipulation et ajustement »²⁴, ne serait pas opportune en abordant par le travers l'analyse que je viens de présenter. C'est-à-dire en appréhendant les possibles de ce qui est susceptible de se passer à l'intérieur de chacun des espaces communicationnels que je viens de décrire, puis dans leur interaction, car il ne s'agit pas d'univers clos : ils ne fonctionnent pas indépendamment les uns des autres. Espaces de transformation dont — il est temps de le préciser — l'articulation relève de ce que j'ai antérieurement introduit sous le chapeau de la *dynamique sémiotique*²⁵.

A suivre ?

Alors, comment conclure ?

Bien sûr... en faisant un pas de côté !

Conclusion

Présentant à l'Académie de Berlin plusieurs aspects importants de sa conception de la parenté des langues, Hugo Schuchardt, ce linguiste méconnu qui avait alors atteint l'âge du recul, fit cette remarque à propos des controverses de son époque sur la parenté généalogique du hittite :

On connaît les paravents plissés qui offrent à celui qui se tient à gauche une tout autre image qu'à celui qui se tient à droite. C'est à cela que me fait penser le combat enflammé autour du hittite : selon F. Hrozný, c'est une langue aryenne avec une coloration caucasienne, selon E. Weidner une langue caucasienne avec une coloration aryenne.²⁶

Certes, pour nous, la question de la parenté généalogique du hittite n'est pas d'actualité. En revanche, l'image des paravents plissés est, elle, intemporelle. Les croisements actuels de nos questionnements sémiotiques en fournissent l'illustration. Mais on peut — nous pouvons — aussi faire un autre pas de côté, en compagnie du « *sujet éprouvant* qui, lui, ne calcule pas, ne juge pas [et qui], à strictement parler, ne “veut” même pas »²⁷.

Redisons-le donc, à *notre façon*²⁸ :

Il n'y a pas de début.

Il n'y a jamais de début.

Nous prenons toujours le train en marche.

...

24 Id., *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim, 2005.

25 Je précise que dans *dynamique sémiotique*, ce n'est pas « sémiotique » qui est le substantif, c'est *dynamique* !

26 H. Schuchardt, « Sprachverwandtschaft [La parenté des langues] » (1917), in R. Nicolaï et A. Tabouret-Keller (éds.), *Schuchardt, Hugo, Textes théoriques et de réflexion (1885-1925)*, Limoges, Lambert-Lucas, 2011, p. 157.

27 « Interactions (socio)sémiotiques », *art. cit.*, p. 3.

28 Ce qui suit est extrait de R. Nicolaï, *Dits, reflets et dialogues*, Wattignies, éditions Borromées, 2024.

Je participe d'une dynamique.
 Tu participes d'une dynamique.
 Nous nous accordons.
 Nous nous désaccordons.

...

Nous sommes au cœur d'un tissage continûment redéfini.
 Un tissage qui invente et retient une objectivité présentée et représentée.

Une objectivité qui résulte d'une subjectivité.
 Une subjectivité qui résulte d'une intersubjectivité.
 Une intersubjectivité travaillée dans sa froissure.
 Saisie par l'historicisation de ses représentations antérieures.

...

Un tissage ouvert.
 Un tissage façonné par ce que je décide de retenir de l'historicité qui me
 traverse, ...
 ... par ce que tu décides de retenir de l'historicité qui te traverse,
 ... par ce que je décide de retenir de l'historicité qui te traverse,
 ... par ce que tu décides de retenir de l'historicité qui me traverse.

...

— Des glissements de l'avant au revers de ce que j'appréhende. De ce que
 j'introduis. Un accrochage toujours à construire. Toujours reconstruit. L'historicité
 de ce qui s'affiche. De ce qui s'établit. Avec toi et sans toi.

Références

- Borges, Jorge Luis, *Pierre Menard, auteur del Quijote. Ficciones*, 1939.
- Landowski, Eric, *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim, 2005.
- « Interactions (socio)sémiotiques », *Actes Sémiotiques*, 120, 2017.
- « Pourquoi le changement ? », *Acta Semiotica*, III, 6, 2023.
- Nicolaï, Robert, « Catégorisation pratique et dynamique linguistico-langagière », *Langage et Société*, 35, 1986.
- « Normes, règles et changement. Remarques sur la recatégorisation des représentations », *Journal of Pragmatics*, 12, 1988.
- *La construction du sémiotique. Sur les dynamiques langagières et l'activisme des acteurs de la communication*, Paris, L'Harmattan, 2011.
- « Je, moi et les autres : des locuteurs aux acteurs dans la dynamique communicationnelle », in M. Dreyfus et J.-M. Prieur (éds.), *Hétérogénéité et variation*, Paris, Michel Houdiard, 2012.
- « L'improbable parenthèse de la (socio)linguistique », *Cahiers de linguistique*, 38, 2, 2012.
- « Espace de variabilité, dimension du paraître et dynamique des acteurs », G. Siouffi (éd.), *Modes langagières dans l'histoire*, Paris, Champion, 2016.
- « Meanderings around the notion of "contact" in reference to languages, their dynamics, and to "WE" », *Journal of Language Contact*, 10, 3, 2017.
- *Signifier. Essai sur la mise en signification dans l'espace épistémique et dans l'espace communicationnel ordinaire*, Lyon, ENS, 2017.
- « Fonctionnalisme et création de sens. La perspective de la dynamique sémiotique », *Travaux du Cercle linguistique de Prague*, 8, 2017.

- « Language contact, cognitive circularity and “WE” », *Journal of Language Contact*, 11, 1, 2018.
- *Parcours sémiotiques. Une anthropologie langagière*, Paris, L'Harmattan, 2019.
- « Dynamique sémiotique et anthropologie langagière », *Signifiance / Signifying*, 4, 2019.
- « Dynamique sémiotique et mise en signification. Réflexions sur la rétention d'historicité et l'élaboration de sens », *Signata*, 5, 2022.
- *Dits, reflets et dialogues*, Wattignies, éditions Borromées, 2024.
- « Sémiotique et linguistique vs dynamique sémiotique », in A. Biglari et J.-M. Klinkenberg (éds.), *Sémiotique et linguistique*. Paris, L'Harmattan, à par.
- « Overture to semiotic dynamics : meaning creation and the remanence of historicity », in A. Biglari (éd.), *Open Semiotics*, vol. 5, L'Harmattan, à par.
- Schuchardt, Hugo, « Sprachverwandtschaft [La parenté des langues] » (1917), in R. Nicolaï et A. Tabouret-Keller (éds.), *Schuchardt, Hugo : Textes théoriques et de réflexion (1885-1925)*, Limoges, Lambert-Lucas, 2011.
- Watzlawick, Paul, *Une logique de la communication* (1967), trad. Paris, Seuil, 1972.

Résumé : L'article traite de notre activité et de notre activisme dans le procès d'élaboration et de reconnaissance du sens qui se pose, s'impose et se fait reconnaître tout en se transformant continûment sur la toile de fond de deux référentiels — l'historicité et sa rétention, et l'activité de thématization — que nous appliquons sur ce qui nous est présenté. Pour cela, l'accent est mis sur trois dynamiques : celle propre à la mise en norme, celle visant à « ajuster » stratégiquement le cadre communicationnel dans lequel nous nous insérons, et celle concernant l'autosurveillance de notre activité interactionnelle. Ce survol vise à montrer que, dans ce procès auquel nous ne pouvons pas ne pas participer, ce qui est stable, ce ne sont pas les représentations objectivées — c'est le changement.

Mots-clefs : changement, dynamique sémiotique, historicité, thématization.

Resumo : O artigo trata da nossa atividade e de nosso ativismo no processo de elaboração e de reconhecimento do sentido que se põe, se impõe e se faz reconhecer, transformando-se continuamente sobre o pano de fundo da historicidade e sua retenção, por um lado, e, por outro, da atividade de tematisação — dois referenciais que aplicamos sobre o que nós é apresentado. Para isso, o acento é posto sobre três dinâmicas : a dinâmica da normatização, a dinâmica do “ajustar” estrategicamente o quadro comunicacional no qual atuamos, e a que concerne o auto-controle de nossa atividade interacional. No conjunto, intenta-se mostrar que, neste processo, no qual não podemos não participar, o que é estável não são representações objetivadas : é a mudança.

Abstract : The article deals with our activity and activism in the process of elaboration and recognition of the meanings which are manifested, impose themselves and makes themselves recognizable while continuously transforming themselves on the background of historicity (and its retention) and the activity of thematisation that we apply on what is presented to us. The stress bears upon three dynamics : that of normativization, that which aims at strategically “adjusting” the comunicational context, and that which concerns the self-control of our inter-actional doing. The whole tends to show that in this process (in which we cannot avoid to take part), what is stable is change—and not obectivized representations.

Auteurs cités : Jorge Luis Borges, Eric Landowski, Hugo Schuchardt, Paul Watzlawick.

Plan :

Introduction

1. Les espaces communicationnels

1. La dynamique de la norme

2. La dynamique du cadre

3. Le procès d'autosurveillance

2. Toile de fond

1. L'historicité

2. La thématisation

3. Brève synthèse

3. La croisée des chemins

Conclusion

Recebido em 14/10/2024.

Aceito em 17/12/2024.

Change : modulation and modularity. For a musical semiosis

Simon Smith

Charles University, Prague

Introduction*

The aim of the following lines is to introduce the notion of *musical* semiosis as a counterpart to what I shall call “narrative” semiosis. I do not, however, situate this work within musical semiotics¹. Instead, its chief theoretical grounding is socio-semiotics, more precisely the semiotics of sentient experience pioneered by E. Landowski. The model he elaborated extends the scope of classical Greimasian narrative grammar by insisting that within intersubjective interaction meaning may emerge from the simple, ongoing, dynamic co-presence of two sensitive beings according to a logic of “union”, without any transmission of objects (which was formerly viewed as a necessary condition according to the standard logic of “junction”)².

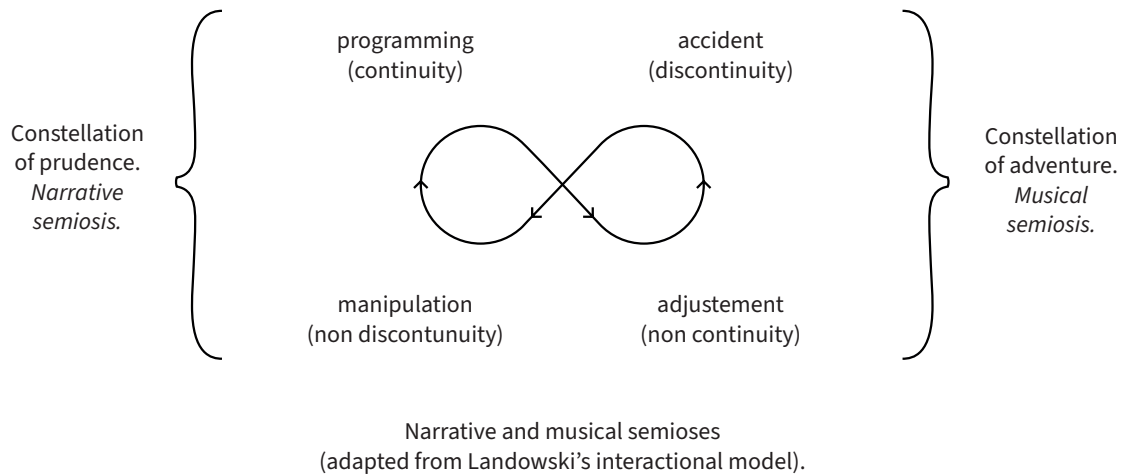
This new semiotic model adds the regime of accident, based on chance, and that of adjustment, based on sensitivity, to those of manipulation (based on intentionality and classically privileged) and of programming (based on regularity). Combining these four regimes of meaning and interaction, it distin-

* This work was supported by the NPO “Systemic Risk Institute” under Grant LX22NPO5101, part of Programme EXCELES (Czech Ministry of Education, Youth and Sports), funded by the European Union’s NextGenerationEU programme.

1 See E. Tarasti, “Musical Semiotics : a Discipline, its History and Theories”, *Recherches Sémiotiques / Semiotic Inquiry*, 36, 3, 2016 ; id., “An Essay on Rhythm”, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.

2 E. Landowski, *Passions sans nom*, Paris, P.U.F., 2004 (“Jonction vs Union”, pp. 57-66).

guishes two sensemaking pathways that interconnect them³. Under the heading “constellation of prudence”, the first pathway, which connects manipulation and programming, sticks to the principles of classical narrative semiosis. The other one, connecting adjustment and accident under the heading “constellation of adventure”, provides the elements of another form of semiosis — a musical semiosis.



Each pathway starts from a regime characterised by an absence of meaning that actors are striving to fill : either the *insignificance* of the programming regime (the reproduction of continuity according to laws or programmes) or the *non-sense* of the regime of accident (the absurdity of pure, random discontinuity). These two pathways presume, in effect, that we give and make interactive sense and generate inducements to action either by disordering things and their relations (negating continuity) or by (re)creating order among them (negating discontinuity).

And each of them engages a specific world-view. I use this hyphenated form⁴ to denote what Greimas called *une vision du monde* : “a vision of the world implied both by significations and their conditions”⁵. If a world-view is a “syntactical game” (*ibid.*), “a reading grid of a structural kind (...), a generally-applicable principle according to which the world organises itself before our eyes”⁶, it applies perfectly to the distinction I draw between narrative and musical perspectives. Each perspective is a screen, lens or filter that makes the world appear as a “*petit spectacle*”⁷ with a characteristic actantial structure and a determined logic of interaction — and, I would add, a temporal architecture. The world takes form and makes sense as one kind of “spectacle” if we run our ideas, thoughts and

³ *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim, 2005, p. 72.

⁴ Without the hyphen, *worldview* has an unwanted politico-ideological sense.

⁵ A.J. Greimas, *Sémantique structurale*, Paris, Larousse, 1966, p. 117.

⁶ E. Landowski, “Une sémiotique à refaire ?”, *Galaxia*, 26, 2013, p. 31.

⁷ *Sémantique structurale*, *op. cit.*, p. 117.

feelings through narratives and another kind if we run them through music. The interesting specificity of the interactional model is that it articulates them to one another in a unified, coherent and dynamic system.

1. Modulation

Taking a lead from Juan Miranda Medina's adaptation of this model⁸ — an adaptation which incorporates the musical notions of rhythm and modulation — I use the term *musical semiosis* to describe Landowski's second sensemaking pathway, that of "adventure" founded on sensitivity and/or chance. Of course, the problematic of musical semiosis can be applied to understand how music itself affects us, but it can also be used more extensively, based on the assumption that people "listen" to the world *as music*⁹ and use this capacity as a sense-making tool.

Music was already one example (along with dance and rhyming poetry) evoked by Landowski to illustrate adjustment, but the connection is further elaborated by Miranda, who adopts, as a synonym for adjustment, the musical term *modulation*, a term also already used, as opposed to modalisation, by Landowski¹⁰ :

To go on [*durer*] is always to modulate one's own being, as stars, foliage or water do, on a plastic level, by means of their shimmering [*scintillement*].¹¹

Adjustment consists in entering into harmony with things through their modulations, allowing oneself to be set in motion by them.

Modulation can be defined as a process involving repetition combined with modification : an exterior element is introduced, which consistently alters a rhythm to yield a different rhythmic pattern¹². Like rhyming poetry, modulation re-presentifies a previous micro-moment in a manner that makes what came before and what might come after ingress into an ongoing event and recursively affect its perception. Every modulation produces a change of perspective and atmosphere — a re-hearing. In a play on words, we could say that a pattern modulates where repetition meets *répétition*, which in French also means rehearsal. We perceive rhythmic patterns differently when elements get added or subtracted (like when a new instrument joins in a groove), and after a series of modulations we begin to imagine potential additions and subtractions.

8 J.F. Miranda Medina, "From Continuity to Rhythm", *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.

9 Cf. E. Landowski, "Du sens musical de l'image", *Passions sans nom*, op. cit., pp. 183-186 ; P.Aa. Brandt, "La petite machine de la musique", *Acta Semiotica*, II, 3, 2022 ; R. Bocquillon, *Sound Formations : Towards a Sociological Thinking-With Sounds*, Bielefeld, transcript Verlag, 2022 ; L. Tatit, "Musicalisation de la sémiotique", *Actes Sémiotiques*, 122, 2019 ; V. Estay Stange, *Sens et musicalité*, Paris, Garnier, 2014 ; P. Schaeffer, *Traité des objets musicaux*, Paris, Seuil, 1966.

10 Cf. *Passions sans nom*, op. cit., p. 46.

11 *Ibid.*, p. 19 (our transl.).

12 "From Continuity to Rhythm", art. cit., p. 93.

Miranda's objective was to answer the question : "What happens after sanction ?"¹³. For sanctions do not necessarily decommission further action. This is what happens in the fairytales analysed by Propp, whose protagonists "live happily ever after". But life is an ongoing series of tests, organised in "feedback loops"¹⁴ or "recursively related action cycles"¹⁵. Distinguishing between different types of sanction is key to understanding how action cycles are looped (or interrupted) by presentifying expectations relative to the next action cycle.

Those that decommission (like in fairytales) consecrate action as a singular event. Those that commission generate new tasks which someone claims are the consequential implications of those just accomplished. Whereas Miranda attempts to build his insights from music theory onto the narrative schema, I draw a distinction : while narrative semiosis culminates with a sanctioning test which is generally oriented towards decommissioning (although it may, in some cases, commission a new cycle), musical semiosis culminates with "a comparison of the goal against the perceived performance" and a corresponding modulation¹⁶.

Modulation also differs from what happens in stories when a hero fails and tries again. In narratives the goal, and hence also the way we measure success or progress, is fixed at the start of the process by whatever loss or disruption that initiated the quest. The hero, having failed a first time, might try a different *tactic* to achieve the same *goal* (that is to say the initially expected "conjunction", according to narrative standard grammar), but there is always a convergent, goal-oriented processuality to narrative semiosis. From a narrative world-view, not only is change the exception to the rule (change is caused by an intervention that disturbs a state of affairs which would otherwise continue) ; so too, paradoxically, is repetition, for if change is exceptional, every change is unique. Afterwards, affairs will again "continue" — either in the original state (if change was successfully resisted) or in a new, but structurally identical state — until another intervention occurs. This is how a logic of junction conceives of duration and change¹⁷.

On the contrary, according to the so-called logic of union, it is no longer tenable to assume that states of affairs last indefinitely in the absence of intervention. Instead, the assumption is that things are always in flux, becoming-other, moving and adjusting¹⁸. Hence, in what I call musical semiosis, "trying again" has a different connotation, one which is not given by reference to any desired end-state, any more than it could be given by reference to an initial state, since a state is just a snapshot of an evolving process at an arbitrary point in time ;

13 Cf. "From Continuity to Rhythm II. Adjustment and Entrainment", *Acta Semiotica*, II, 4, 2022, p. 215.

14 *Ibid.*, pp. 215, 224-5.

15 S. Smith, "What we meant by that was 'let's do this'. The interpretive metatext as pending account", *Actes Sémiotiques*, 126, 2022.

16 "From Continuity to Rhythm II", *art. cit.*, p. 215.

17 Cf. E. Landowski, "Pourquoi le changement ?", *Acta Semiotica*, III, 6, 2023, pp. 30-31.

18 *Ibid.*, p. 31.

just “a cut in the sonic flux”¹⁹. In musical semiosis, it is not only the tactic which needs to change when we “try again” : the goal²⁰ is a moving target since the ongoing co-presence of two elements (a group and the music they are practising, a fan with a new album) will in itself cause a continual reevaluation of direction and destination.

The goal is in fact a *disappearing* target, since the sense of direction presentified as music modulates is rapidly obsolete. It cannot last long beyond the moment when a feeling is potentialised as one “lands” in an atmosphere²¹, since how an atmosphere feels depends on the “angle of arrival”²². Put slightly differently, what music does — the sense we make *of* and the sense we make *through* music — depends greatly on sequentiality, at every level : the same chord will have different atmospheric effects depending on which chord it follows ; the same piece of music will make us feel differently depending on the nature of both the soundscape and the whole affective landscape (all the conditions that affect our mood and our receptivity) into which it penetrates.

The term I therefore prefer for the orientation of musical semiosis is resonance. The dictionary definition of resonance is the vibration produced when a system is stimulated by sounds that adjust their frequency *around* (not at) the natural frequency of the system. It emphasises the constant variation implied by the logic of union, close to the principle of “regeneration by rotation” in classical Chinese culture where, as in music, tension and release call and regulate each other in a never-ending relay²³. Helmut Rosa has likened resonance to the experience of listening again to a favourite piece of music and hearing it differently²⁴. The point of reference for resonant sensemaking is an ephemeral, enveloping, present atmosphere, not the fixed, distant (i.e. absent) goal with which one strives for consonance in the logic of junction.

Unlike the “states” of narrative semiotics, atmospheres cannot last. But they may linger, impregnated as they are “by past memories and future anticipations”²⁵, and we all know ways of lingering in them (which often involve music in one way or another). Atmospheres are processual, so they can be prolonged and amplified by resonating with them. But, unlike states, they remain in constant metamorphic motion. The movement, ongoingness or onflow of a musical process (or any process “thought musically”) billows around an axis like a rising

19 *Sound Formations*, *op. cit.*, p. 170.

20 The term “goal” has little sense here, but I use it to respect Miranda’s definition of modulation (comparison of goal against performance to inform a modified repetition).

21 Cf. C. Preece et al., “Landing in affective atmospheres”, *Marketing Theory*, 22, 3, 2022.

22 Cf. S. Ahmed, *The promise of happiness*, Durham NC, Duke University Press, 2010.

23 Cf. F. Jullien, *Nourrir sa vie. A l’écart du bonheur*, Paris, Seuil, 2005.

24 C. Pépin and H. Rosa, “Comment entrer en résonance ?”, *France Inter*, 3 January 2024. See also H. Rosa, *Resonance : A Sociology of Our Relationship to the World* (2016), Cambridge, Polity, 2019.

25 C. Steadman and J. Coffin, “Consuming atmospheres. A journey through the past, present, and future of atmospheres in marketing”, in C. Steadman and J. Coffin (eds.), *Consuming Atmospheres. Designing, Experiencing, and Researching Atmospheres in Consumption Spaces*, Abingdon, Routledge, 2024, p. 8.

air current, and hence at any one time could be divergent or convergent²⁶. This is why I insist that, while music can produce strong feelings of goal-orientation (particularly in the Western tonal tradition, where the pull of the tonic is a key compositional principle), a musical logic of change is not intrinsically goal-oriented.

The audible sense one often has that a piece of music is heading towards a finale is a “downstream” choice that depends on how a composer constructs the music’s temporal architecture or how listeners attend to music (music theorists distinguish between “future-oriented attending” and “analytic attending” where the focus is on “local detail (...) over relatively short time periods”²⁷). The more fundamental “upstream” choice, which I argue is intrinsic to a musical world-view, is an orientation towards (something like) the logic of union, with its key assumption that the rhythms — the “music-like temporal patterns” — of other interactants need to be taken into account²⁸. This relational competence is an art of “anticipations and lags”²⁹, of micromoving to maintain balance³⁰ and of exercising the patience necessary to wait for a situation to ripen — and *then* act³¹.

In other words, participants are condemned to be always only “getting used to” the dynamics of the process they are jointly participating in, as they go through it again and again. Writing about habit formation in *Passions sans nom*, Landowski explains that repetition (and *répétition*) constitutes a valuable and *dynamic* way of knowing the world : as habits form, “the accumulation of precedents modifies the value of each new occurrence”, which is why “far from depriving the object of its novelty, [habit] renews it from within as the very effect of adjustment between two living forces”³². In this sense, a *semiotics of sentient experience* is always also a *semiotics of repeat performance*, since its principle of interaction — a dispositional generosity (*disponibilité*) — depends on repeated listening and responding.

Listening in this way (listening-responding) recalls Pierre Schaeffer’s “*reduced*” listening (i.e. listening to an object *for its own sake*). Reduced listening is only possible after unlearning the ability to use listening as a means of *reading*

26 The spiral is perhaps the best spatial metaphor for this kind of processuality. Cf. E. Landowski, “Régimes d’espace”, *Actes Sémiotiques*, 113, 2010.

27 M.R. Jones, “Attending to musical events”, in M. R. Jones and S. Holleran (eds.), *Cognitive bases of musical communication*, Washington, American Psychological Association, 1992, p. 93.

28 As Jacques Fontanille wrote in his foreword to *Les interactions risquées* (op. cit.) : “The true value of the semiotics of interactions comes from the placement of the other, and of our interaction with the other, at the heart of the construction of meaning, right where tensive semiotics falls short, since it fails to go beyond (...) our sentient and cognitive relations with the world in general” (p. 4, our transl.).

29 *Passions sans nom*, op. cit., p. 176.

30 E. Manning, “Wondering the World Directly — or, How Movement Outruns the Subject”, *Body & Society*, 20, 2014, p. 171.

31 R. Chia, “Reflections : In Praise of Silent Transformation. Allowing Change Through ‘Letting Happen’”, *Journal of Change Management*, 14, 1, 2014 ; M. van Vuuren and B. Brummans, “Festina lente : Organizational Patience as Future-making Practice”, presented at *European Group for Organizational Studies Colloquium*, Cagliari, 6-8 July 2023.

32 *Passions sans nom*, op. cit., p. 157 (our transl.).

*and decoding*³³ — unlearning what socio-semioticians might call “manipulative” listening, listening as a sentient competence “instrumentalised” for purposes of distinction³⁴. Tellingly, Schaeffer made use of *repetition* in his auditory experiments to facilitate reduced listening, because he found that listening repeatedly to the same short sounds was the perfect “deconditioning” technique. By preventing the sounds from “pointing” to events or significations, repetition helped *break* conventional ways of perceiving the world and *break in* novel ones³⁵. This immediate style of listening, a concrete manifestation of a semiotic experience nurtured by repeat performance, belongs to the repertoire of archetypal gestures associated with adjustment as a logic of action, in opposition to the “reading” gesture associated with narrative manipulation³⁶. Where a “reader” of the world makes distinctions, a “listener” to the world (paying it a “symphonic attention”) hears everything at once³⁷. Where a “reader” of the world hears (and is guided or interested by) stable significations, a “listener” to the world hears (and responds or adjusts to) shifting modulations³⁸.

2. Modularity

To complete the proposed model of musical semiosis, I need to introduce a term that shares a lexical root with modulation : *modularity*. Also familiar in (especially electronic) music, it refers to the divisibility of a composite entity into “modules” which are the building blocks of polyphonic and polyrhythmic structures when overlain as multiple parts or “tracks” in a composition or its performance. Modules are typically switched on and off, or faded in and out, and in many musical genres modulation is closely linked to modularity : if the next repetition adds, takes away or alters the balance between modules, the modification of the sense effect stems from the piece’s changing modularity. But modularity also has unintended sense effects, since when multiple parts or tracks are overlain and play out “in parallel”, change is an immanent property of the dynamic polyphony and polyrhythmia between tracks.

This represents a challenge to the way change is conceived when we follow a narrative sequence, or indeed listen to a single melodic sequence. There, change has a serial logic, in the sense that our sense of *timing* (our expectations about how things should develop, at what rate, when phases should begin and end, etc.) is guided by an assumption that one thing follows another. A modular logic overturns that assumption. To obtain a sense of timing we need to pay attention to the overlaps, interferences and synergies between several distinct sequential

33 *Traité des objets musicaux*, op. cit., pp. 268, 342.

34 E. Landowski, “Le modèle interactionnel, version 2024”, *Acta Semiotica*, IV, 7, 2024, p. 122.

35 *Traité des objets musicaux*, op. cit., p. 478.

36 “Le modèle interactionnel...”, *art. cit.*, p. 116.

37 *Traité des objets musicaux*, op. cit., pp. 332-3.

38 On this distinction applied to watching a film, see E. Landowski, “Unità del senso, pluralità di regimi”, in G. Marrone et al. (eds.), *Narrazione ed esperienza*, Rome, Meltemi, 2007.

structures. I want to suggest that this requires similar competences to those found in the regime of adjustment.

I draw here on the work of management scholar Stuart Albert, who argues that many timing problems in contemporary organisational life stem from our inability to abandon a logocentric bias that prevents us thinking in terms of modularity (my term, not his) :

when we speak, we say one word after another (...) When we reason, we demand that our conclusions *follow* logically from what came before it. *In short, we are serial creatures in a massively parallel world.* As a result, we are continually “blindsided” by events that seem to come, to use a baseball analogy, “out of left field”. But a large part of the problem is that we have gotten the location of left field wrong. It is not left, but up. Many things are happening at the same time, and we can’t keep track of them.³⁹

To manage these timing problems, Albert suggests a simple analytical method :

give all “nouns” their own track. Whatever might have its own developmental sequence, its own rate of change, its own rhythm or punctuation, and so on gets its own track. Each of these has the potential to affect what is going on in your own situation.⁴⁰

His analogy is with the different melodies on each horizontal line of a music score which, when recorded, become tracks on a mixing desk. Each melody is a sequence with serial constraints (things must happen in a certain order), like the succession of narrative states to which Greimas gives the name “syntagmatic junction”⁴¹. But multiple melodies can be playing at the same time, in parallel. The separate melodies are not different perspectives on the same events : there is no “paradigmatic junction” between them. They just intersect, reflecting how situations in which we find ourselves consist of innumerable “moving parts”, some of them powered by narrative programmes, but not ones that are joined by an underlying polemical structure. Events that take place on one track can interfere with events on another, but even if they do — even if the events on one track delay the completion of the events on another, for example — they can all eventually play out to a satisfying resolution. Or just keep on playing.

3. Recapitulation

In summary, we can contrast narrative and musical semiosis on four axes : the way they span action cycles, their orientation towards goals or atmospheres, their logic of change and their timing principles, as shown in the following table.

39 S. Albert, *When. The Art of Perfect Timing*, San Francisco, Jossey-Bass, 2013, pp. 20, 199-200.

40 *Ibid.*, p. 205.

41 A.J. Greimas, *Du sens II. Essais sémiotiques*, Paris, Seuil, 1983, p. 34.

	<i>Narrative semiosis</i>	<i>Musical semiosis</i>
Two ways of spanning action cycles :	Narrative recursivity of imbricated episodes and serialised quests : sanctioning to de/commission through de/re-modalisation.	Dynamic routine recursivity of iterative feedback loops : getting feedback on performance to modulate.
Two orientational destinations :	Consonance with a distant goal to be presentified (logic of junction).	Resonance with an enveloping atmosphere to be amplified (logic of union).
Two logics of change :	Change is the exception and changes are singular (disturbance or restoration) ; change is attributable to agentic intervention.	Change is the norm and changes are repeated (rotation, alternation) ; change is phenomenal, part of the natural propensity of the world.
Two principles of timing :	Timing has a serial logic : things should happen in a certain order (consequence follows cause, solution follows problem).	Timing has a modular logic : tracks play out in parallel and change happens as a polyphonic and polyrhythmic sense effect.

Conclusion

The theoretical and methodological propositions briefly sketched in this article are, to a large extent, just another version of the socio-semiotic interactional approach. What distinguishes them is only the musical inflection I have given to the pursuit of sentient experience.

I argued that thinking musically means taking seriously the sense effects produced by repeat performance, which can become an important methodological technique as it opens interpretive gaps between repetitions and locates the observer in a cyclical rhythm of becoming. To quote a common musicians' saying, the researcher or the subject performing musical semiosis is forever beginning again, trying to call forth those peculiar sense effects that can happen when we do things, like a group of musicians in rehearsal, *one more time with feeling*. Thinking about change from a musical world-view is also aided by noticing how musical patterns not only modulate as they repeat, but are often arranged in modules — tracks playing out in parallel — and the timing of modules (their inter-duration, we might say) has implications for how we experience change, since it undermines the serial logic of narrative semiosis.

But, as I underlined from the start, musical semiosis is not relevant only for music. It concerns the forms of change in any domain. For instance, modulation — the metamorphic motion of resonating atmospheres — and modularity — the polyphonic musical score of multiple processes — have particular relevance for making sense of the passages between states (or atmospheres) of emergency and the “new normals” that follow, as when the Covid pandemic “ended”. In a forthcoming study, analysing this episode permits me to show how the above concepts help explain why and how an eclectic range of actors rejected the seemingly natural narrative conclusion that we can sanction the post-crisis delivery of an end-state by “moving on and forgetting”⁴².

42 Cf. S. Smith, *Switching Semiotic Styles during Health Emergencies : the Metachances of Pandemic Communication*, London, Routledge, forthcoming (2025).

Bibliography

- Ahmed, Sara, *The promise of happiness*, Durham NC, Duke University Press, 2010.
- Albert, Stuart, *When. The Art of Perfect Timing*, San Francisco, Jossey-Bass, 2013.
- Bocquillon, Rémy, *Sound Formations : Towards a Sociological Thinking-With Sounds*, Bielefeld, transcript Verlag, 2022.
- Brandt, Per Aage, “La petite machine de la musique”, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.
- Chia, Robert, “Reflections : In Praise of Silent Transformation – Allowing Change Through ‘Letting Happen’”, *Journal of Change Management*, 14, 1, 2014.
- Estay Stange, Verónica, *Sens et musicalité*, Paris, Classiques Garnier, 2014.
- Greimas, Algirdas J., *Sémantique structurale. Recherche de méthode*, Paris, Larousse, 1966.
- *Du sens II. Essais sémiotiques*, Paris, Seuil, 1983.
- Jones, Mari Reiss, “Attending to musical events”, in M. R. Jones and S. Holleran (eds.), *Cognitive bases of musical communication*, Washington, DC, American Psychological Association, 1992.
- Jullien, François, *Nourrir sa vie. A l'écart du bonheur*, Paris, Seuil, 2005.
- Landowski, Eric, *Passions sans nom*, Paris, Presses Universitaires de France, 2004.
- *Les interactions risquées*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges, 2005.
- “Unità del senso, pluralità di regimi”, in G. Marrone et al. (eds.), *Narrazione ed esperienza*, Rome, Meltemi, 2007.
- “Régimes d'espace”, *Actes Sémiotiques*, 113, 2010.
- “Une sémiotique à refaire ?”, *Galáxia*, 26, 2013.
- “Pourquoi le changement ?”, *Acta Semiotica*, III, 6, 2023.
- “Le modèle interactionnel, version 2024”, *Acta Semiotica*, IV, 7, 2024.
- Manning, Erin, “Wondering the World Directly – or, How Movement Outruns the Subject”, *Body & Society*, 20, 3-4, 2014.
- Miranda Medina, Juan Felipe, “From Continuity to Rhythm”, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.
- “From Continuity to Rhythm II. Adjustment and Entrainment”, *Acta Semiotica*, II, 4, 2022.
- Pépin, Charles, and Hartmut Rosa, “Comment entrer en résonance?”, *France Inter*, 3 January 2024, <https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/sous-le-soleil-de-platon/sous-le-soleil-de-platon-du-mercredi-03-janvier-2024-3111530>
- Preece, Chloe, Victoria Rodner and Pilar Rojas-Gaviria, “Landing in affective atmospheres”, *Marketing Theory*, 22, 3, 2022.
- Rosa, Hartmut, *Resonance. A Sociology of Our Relationship to the World* (2016), Cambridge, Polity, 2019.
- Schaeffer, Pierre, *Traité des objets musicaux*, Paris, Seuil, 1966.
- Smith, Simon, “What we meant by that was ‘let’s do this’. The interpretive metatext as pending account”, *Actes Sémiotiques*, 126, 2022.
- *Switching Semiotic Styles during Health Emergencies : the Metachoice of Pandemic Communication*, London, Routledge, forthcoming (2025).
- Steadman, Chloe, and Jack Coffin, “Consuming atmospheres. A journey through the past, present, and future of atmospheres in marketing”, in ids. (eds.), *Consuming Atmospheres. Designing, Experiencing, and Researching Atmospheres in Consumption Spaces*, Abingdon, Routledge, 2024.
- Tarasti, Eero, “Musical Semiotics : a Discipline, its History and Theories, Past and Present”, *Recherches Sémiotiques / Semiotic Inquiry*, 36, 3, 2016.
- “An Essay on Rhythm”, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.
- Tatit, Luiz, “Musicalisation de la sémiotique”, *Actes Sémiotiques*, 122, 2019.
- Vuuren, Mark van —, and Boris Brummans, “Festina lente : Organizational Patience as Future-making Practice”, presented at *European Group for Organizational Studies Colloquium*, Cagliari, 6-8 July 2023.

Résumé : Cet article donne à la socio-sémiotique une inflexion musicale. En partant du principe que le modèle des régimes de sens et d'interaction (tout comme le carré sémiotique) n'est pas une grille taxinomique mais un modèle de pratiques sociales situées qui lient et combinent plusieurs styles sémiotiques, j'envisage ses deux parcours typiques — l'un articulé autour de la manipulation, l'autre autour de l'ajustement — comme, respectivement, une sémios narrative et une sémios musicale. Ces deux sémios se démarquent à la fois par la manière dont elles relient les cycles d'action, par le fait que l'une tend vers un but alors que l'autre résonne avec une atmosphère, enfin par leur logique de changement ainsi que leur principe de timing respectifs. Une sémios musicale implique une configuration des événements en cours à la fois *modulaire* (modules se déroulant en parallèle, augmentant ou diminuant en sonorité) et *modulante* (perception d'un « problème » comme une chose en constante modulation, avec un rythme cyclique auquel la « solution » doit s'ajuster). Moyennant cette inflexion musicale, la sémiotique de l'expérience sensible est aussi une sémiotique de la performance répétée, durant laquelle se présentent sentiments et attentes de changement pendant que nous avançons, à travers les répétitions modifiées, traversant les sillons parallèles.

Mots-clefs : changement, modularité, modulation, répétition, résonance, rythme, sémios musicale, sémios narrative, timing.

Resumo : Este artigo dá à sociosemiótica uma inflexão musical. Partindo do princípio que o modelo dos regimes de sentido e interação não é uma grade taxinômica mas uma sintaxe de práticas sociais em situação, que ligam e combinam estilos semióticos, considero os percursos articulados, um em termos de manipulação, o outro de ajustamento, como, respetivamente, uma semiosis narrativa e uma semiosis musical. Elas se distinguem a pelo modo como ligam os ciclos de ação, pelo fato que uma tende rumo um objetivo enquanto a outra ecoe uma atmosfera, assim que pela lógica de mudança e seus princípios de timing. Uma semiosis musical implica uma configuração dos eventos tanto *modular* (módulos desarolando-se em paralelo, aumentando ou diminuindo em sonoridade) e *modulante* (percepção de um “problema” como uma coisa em constante modulação, com um ritmo cíclico ao qual a “solução” deve se ajustar). Com esta inflexão musical, a semiótica da experiência sensível é também uma semiótica da performance repetida, durante a qual se presentificam sentimentos e esperas de mudança ao passo que avançamos, mediante repetições modificadas, atravessando linhas paralelas.

Abstract : This article gives a musical inflection to Landowski's socio-semiotics. Starting from the premise that the regimes of interaction model (like the semiotic square itself) is not a classificatory grid but a dynamic model of situated social practices that traverse and combine semiotic styles, I imagine its two typical sensemaking pathways — one articulated around manipulation, the other around adjustment — as respectively narrative and musical semioses, which we can contrast on four axes : the way they span action cycles, their orientation towards goals or resonance with atmospheres, their logic of change and their timing principles. A musical semiosis means both a *modular* configuration of ongoingness (*modules* playing in parallel, fading up or down at moments of transition) and a *modulating* configuration of ongoingness (a perception of any “problem” as a modulating pattern with a cyclical rhythm, which our “solution” needs to adjust to). Given a musical inflection, a semiotics of sentient experience is also a semiotics of repeat performance, where feelings and expectations of change presentify as we move on, through modified repetitions, criss-crossing parallel tracks.

Auteurs cités : Stuart Albert, Rémy Bocquillon, Algirdas J. Greimas, François Jullien, Eric Landowski, Juan Felipe Miranda Medina, Chloe Preece, Hartmut Rosa.

Plan :

Introduction

1. Modulation

2. Modularity

3. Recapitulation

Conclusion

Recebido em 29/07/2024.

Aceito em 10/10/2024.

Divertissement : Parménide vs Héraclite, version mp4

Eric Landowski

Paris, CNRS — São Paulo, CPS

Une fois n'est pas coutume dans cette revue, avant de lire l'article qui suit, que le lecteur veuille bien activer les deux liens suivants : <https://bit.ly/4dJ00Pe> puis <https://bit.ly/4456La3>, ou les QR codes correspondants :



Il verra apparaître, condensé sous la forme de deux vidéos (l'une d'une minute, l'autre de deux), le « parcours de vie » de deux grandes figures particulièrement médiatisées : feu la reine Elisabeth et le pape Léon XIV récemment élu.

Le premier montage remonte le cours de l'histoire en même temps que les âges d'une vie aussi longue que singulière. Non sans un brin d'humour, on nous montre (à des fins publicitaires) une dame qui, de cliché en cliché, devient, ou redevient, de plus en plus jeune mais dont en même temps on voit qu'elle a toujours déjà été ce qu'elle restera jusqu'à son dernier jour : « la reine d'Angleterre », figure d'une permanence transcendant les mutations du temps, à la différence des douze présidents des Etats-Unis qu'elle aura côtoyés et qui, eux, n'ont fait que passer. Le balancement syncopé de l'accompagnement musical accentue le sentiment d'une quasi « éternité ».

Avec l'autre vidéo, le même parcours s'effectue en sens inverse, à partir de l'enfance, en suivant les métamorphoses qui aboutiront à la figure actuelle du

pape nouvellement élu. Un habile truquage permet de superposer à une série de changements de décors et de costumes l'expression de bout en bout presque identique d'un même visage, un même sourire, une même concentration d'esprit. C'est que dès le départ, ou pour le moins dès son adolescence, ce jeune homme avait au fond toujours déjà été le pape qu'il allait devenir. Et ici de nouveau l'accompagnement harmonique et rythmique, bien qu'à notre sens nettement moins entraînant que le précédent, semble marquer une sorte de transcendance par rapport à l'écoulement du temps.

Un corps qui rajeunit ou, dans l'autre sens, une physionomie qui mûrit : on a là deux manières symétriques de chanter la permanence de l'être sous la surface d'un paraître qui se transforme au fil des ans. Parcourir le temps à reculons permet de montrer, rétrospectivement, que l'essentiel, à savoir l'identité de la reine, l'énigmatique alliance de présence et de distance qui caractérisent sa noble prestance (son « hexis » de reine), a perduré par delà tous les changements. Inversement, dans le second cas, partir du point d'origine permet de suggérer qu'au fond l'essentiel, là aussi — la vocation papale du nouveau souverain pontife — était déjà, prospectivement, présent dès le départ.

Certes, l'idée d'identités qui, aurait dit Paul Ricoeur, se « maintiennent » ainsi, par delà toutes les transformations du contexte et en dépit de relatifs changements de surface n'a rien de nouveau. C'est même (depuis Parménide !) un lieu commun, une banalité : en son essence, l'être est par définition immuable. Et pourtant, une telle permanence est présentée dans ces deux montages non pas comme allant de soi mais comme digne d'attention et même d'admiration. De la part de la reine, le fait d'avoir si longtemps régné est implicitement présenté comme un tour de force personnel : seules les « piles Duracell » sont censées en être également capables ! Sa longévité prend la valeur d'un exploit face à la précarité des choses de ce monde. De même de la traçabilité de la vocation papale que le second film attribue à l'actuel successeur de saint Pierre. Car avoir été en puissance, dès l'adolescence, ce qu'on était appelé à devenir un jour si lointain n'est qu'une autre manière d'affirmer une extraordinaire constance, un avoir toujours déjà été qui transcende le principe commun d'une nécessaire évolution au fil du temps.

Le topic commun de ces deux petits films consiste en somme à nous montrer que ce que ces deux figures d'exception ont d'exceptionnel, c'est avant tout leur exceptionnelle aptitude à persévérer dans l'être, à durer, que ce soit à partir d'un état passé, maintenu jusqu'à la fin, ou en anticipant un état à venir, affirmé dès le départ. Pourquoi ce choix, sinon parce que l'idée opposée, celle de l'impermanence (héraclitéenne) de toutes choses est bien, dans notre « culture post-moderne », la règle ?

Visions d'espace : le vécu de l'étendue

Jean-Paul Petitimberty

Paris, ESCP et CELSA

São Paulo, CPS (PUC-SP)

Introduction

C'est à l'occasion, il y a de nombreuses années, d'une étude de marché internationale portant sur les attentes et les souhaits des vacanciers en matière d'aménagement touristique des espaces ruraux français, espagnols et portugais¹, commanditée par le FEDER² de l'Union Européenne, que nous avons été amené à analyser sémiotiquement les discours verbaux et non-verbaux tenus par les publics interviewés.

Au-delà du cadre restreint de cette prise d'information et du traitement purement utilitaire et commercial qui lui a été réservé, à destination prioritaire de ses commanditaires, cette étude a permis de dégager ce qui nous semble être une structure d'ordre plus général qui permet de rendre compte d'un certain « sens de l'espace », non plus du seul point de vue descriptif habituel en sémiotique de l'espace³, quelque expert qu'il puisse être, mais du point de vue expérientiel

1 Étude *Porta Natura*, « Nouvelles demandes, nouveaux espaces et nouveaux produits touristiques pour le milieu rural du sud-ouest européen », menée dans le cadre du programme INTERREG III B SUDOE en 2005/2006. Les trois territoires ruraux concernés étaient, pour la France, le Massif central, pour l'Espagne, la communauté autonome de *Castilla y León*, et pour le Portugal, la *Região do Centro*.

2 Fond Européen de Développement Régional.

3 Essentiellement consacrée à l'architecture intérieure ou à l'urbanisme. Voir entre autres : AAvy, « L'espace du séminaire », *Communications*, 27, 1977, pp. 2854 ; AAvy, *Sémiotique de l'espace*, Paris, Denoël, 1979 ; J.-M. Floch, « La maison Braunschweig de Georges Baines : Contrastes et rimes plastiques

du sujet qui occupe concrètement cet espace, le vit et lui donne sens et valeur. Autrement dit, la problématique ici envisagée tient en ce qu'on pourrait simplement exprimer en trois mots comme celle de « l'espace pour soi », problématique à laquelle, malgré l'ambition affichée par son titre, cet article tâchera d'apporter une réponse que nous qualifierons de modeste, eu égard au fait qu'ici même le regretté Per Aage Brandt publiait il y a quelques années un remarquable essai traitant exactement du même thème, selon l'approche morphodynamique d'obédience « thomiste »⁴ qui faisait l'originalité de son travail de sémioticien⁵.

Ces limites étant posées, il convient, avant tout, de broser à grands traits la nature du corpus analysé et la méthode utilisée pour sa constitution. Le matériel soumis à l'analyse était composé de témoignages d'expériences réelles, vécues sur les trois territoires concernés, recueillis au cours d'entretiens individuels. Chaque interviewé était invité à restituer oralement ses souvenirs sous la forme d'un récit et de l'illustrer, même maladroitement, par une représentation visuelle, soit schématique, soit figurative selon sa convenance. Le nombre total de témoignages, verbaux et non-verbaux, se montait à environ quatre-vingts⁶.

1. Première grille d'interprétation

C'est à la sémiotique tensive que nous avons, en première approche, fait appel pour trier et typologiser l'ensemble de ces témoignages. Ce choix méthodologique était justifié du seul fait que l'espace est par définition une étendue tridimensionnelle qui relève, avant tout, de la valence dite d'extensité. Sur cet axe, conventionnellement représenté sur un plan cartésien par l'horizontale des abscisses, il est bien sûr question de taille et d'échelle, mais aussi de temps passé, plus ou moins long, de nombre d'activités pratiquées sur place, et de tout ce qui se mesure et se quantifie. A une extensité élevée vont ainsi correspondre aussi bien le parcours d'une large superficie que la succession de longs trajets fréquents, une palette d'activités éclectiques, ou encore un séjour de longue durée. A contrario, l'immobilisme du surplace, la pratique exclusive d'une seule activité, ou un séjour de courte durée sur une aire réduite correspondront à une faible extensité.

en architecture », *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*, Paris-Amsterdam, Hadès-Benamins, 1985, pp. 124139 ; *id.*, « La génération d'un espace commercial : Une expérience de "pratique sémiotique" », *Actes Sémiotiques-Documents*, IX. 87, 1987 ; *id.* « Concevoir et manager l'espace de travail, l'apport de la sémiotique », in Béatrice Frankel et Christiane Legris-Desportes, *Entreprise et sémiologie. Analyse le sens pour maîtriser l'action*, Paris, Dunod, 1999, pp. 167182 ; M. Hammad, *Lire l'espace, comprendre l'architecture. Essais sémiotiques*, Limoges-Paris, PULIM-Geuthner, 2006 ; *id.*, « La sémiotisation de l'espace. Esquisse d'une manière de faire », *Actes Sémiotiques*, 116, 2013 ; *id.*, « Vilnius Universitetas. Exploration sémiotique de l'architecture et des plans », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014 ; *id.*, *Sémiotiser l'espace. Décrypter architecture et archéologie*, Paris, Geuthner, 2015 ; *id.*, *Lire l'espace, étendre le domaine sémiotique. Morphologie architecturale, villes, terres, patrimoine, argent, succession*, Paris, Geuthner, 2021 ; *id.*, « Sémiotique de l'espace : faire le point en 2022 », *Acta Semiotica*, II, 4, 2022, pp. 927.

4 En référence au mathématicien et épistémologue René Thom, et non, évidemment, à saint Thomas d'Aquin.

5 P. Aa. Brandt, « De la chorématique. Les dynamiques de l'espace vécu », *Acta Semiotica*, 1, 2021.

6 Voir ci-après au fil du texte ainsi qu'en annexe quelques exemples tirés du corpus visuel.

Mais par ailleurs, l'espace n'est pas justifiable que du seul système métrique, il est évidemment le réceptacle, la structure d'accueil, de grandeurs de nature qualitative dont peut rendre compte la valence dite des intensités, représentée par l'axe vertical des ordonnées. Il y est alors question d'implication personnelle ou d'investissement émotionnel dans les activités pratiquées au sein de l'espace considéré, de passion plus ou moins assouvie, d'attention plus ou moins soutenue, etc. Le dynamisme ou la vitalité ressentis, l'enthousiasme et l'entrain éprouvés par le tempo *vivace* imprimé au rythme d'une activité de loisir témoigneront d'un niveau d'intensité élevé. Inversement, l'inertie, l'alanguissement, ou encore la contemplation passive, la rêverie ou l'attention flottante relèveront d'un tempo *adagio*, voire *lento*, qui témoigne d'un faible niveau d'intensité.

Une fois chacun de ces axes divisé en deux segments, un segment de basse tension, dit « atone », et un segment de haute tension, dit « tonique », on obtient les quatre combinaisons classiques entre valences⁷ qui délimitent logiquement les quadrants standards de tout plan cartésien lambda, dès lors savamment baptisé « schéma tensif » par les inventeurs, promoteurs et thuriféraires de cette branche de la sémiotique post-greimassienne⁸.

1.1. Les « zones extrêmes »⁹

Dans le quadrant le plus tonique, où intensité et extensité sont au plus haut degré, se situe ce que nous dénommerons la *perquisition*. Selon ce type d'investissement de l'espace, l'espace touristique est conçu avant tout comme un réservoir de « pépites » : sites remarquables, hauts lieux ou pôles d'intérêt dont il convient de faire l'inventaire le plus systématique et exhaustif possible, *a priori* comme *in situ*. La perquisition relève pour ainsi dire du quadrillage, du ratissage, de la fouille en règle qui ne laisse rien au hasard et ne néglige rien de ce que l'espace considéré peut offrir comme buts d'excursion ou de visite.

Elle peut être monothématique, à la manière d'une collection : « Nous étions au cœur de la Bourgogne, au milieu des vignes. Chaque jour on partait à la découverte d'un nouveau château, à la dégustation d'un nouveau cru. C'était fabuleux » ; ou favoriser l'éclectisme : « Tous les matins, on prend la route. On planifie ce qu'on va faire dans la journée au réveil, en prenant le petit déjeuner. Un jour on décide d'aller vers le massif, le lendemain dans la vallée, d'un côté on a un plateau, de l'autre un volcan ». Dans l'un comme l'autre cas, c'est un profil d'inlassable *fureteur* qui définit le mieux le type de sujet au cœur de cette pratique. On peut dès lors qualifier l'espace en question de « territoire »

7 Soit : I+/E+, I+/E-, I-/E+, et I-/E-.

8 Voir en particulier Cl. Zilberberg, *Éléments de sémiotique tensive*, Limoges, PULIM, 2006 ; *id.*, *La structure tensive*, Liège, Presses Universitaires de Liège, 2012 ; ou encore *id.* et J. Fontanille, *Tension et signification*, Liège, Mardaga, 1998.

9 Les zones extrêmes du schéma, telles que définies par J. Fontanille, résultent de « la conjugaison des degrés les plus forts et des degrés les plus faibles sur les deux axes », *Sémiotique du discours*, Limoges, PULIM, 1993, p. 74.

(au sens où il est déjà institué, comme peut l'être par exemple un terroir¹⁰). Le sujet qui l'investit se donne pour mission d'en cataloguer toutes les ressources pour optimiser son séjour sur place et ne rien manquer ni laisser au hasard. Aussi, le sens et la valeur dont le fureteur dote le territoire qu'il quadrille tient-il à la *multiplicité* et donc la *variété* des objets qui s'y trouvent et qu'il recherche, débusque et inventorie.

L'archétype du mouvement imprimé aux déplacements qu'entraîne ce genre d'investissement et de quête prend en général la forme d'allers-retours à partir d'un point central fixe comparable à un « camp de base ». Il s'agit donc d'un *rayonnement* diffus, alternativement centrifuge et centripète, sur la totalité de la superficie du territoire ainsi défini, comme en témoigne l'illustration suivante :

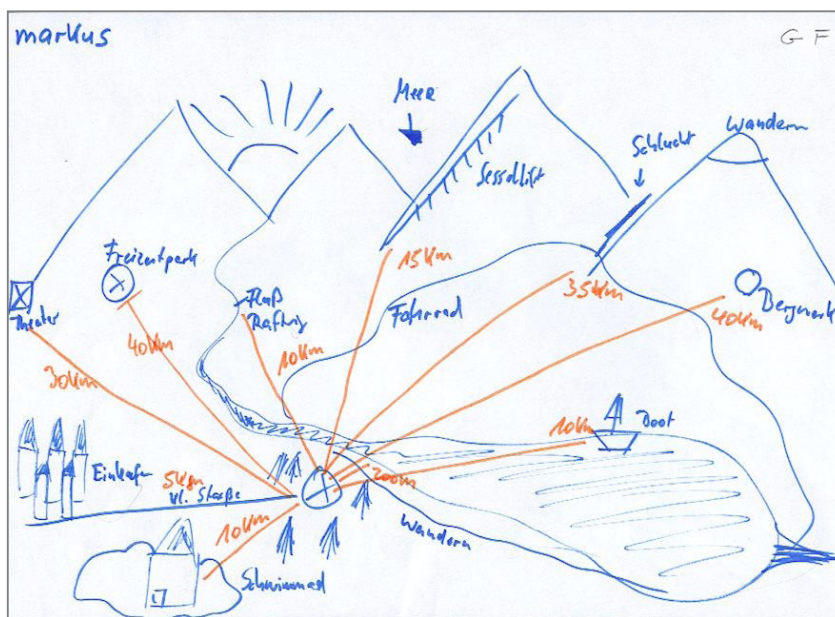


Fig. 1.

A l'autre extrême, dans le quadrant du schéma le plus atone en intensité comme en extensité, on trouve le type d'investissement spatial que nous appellerons *l'occupation*. Le type d'espace (touristique) correspondant se caractérise par sa superficie réduite mais aussi par la coprésence en son sein de tout ce qui est jugé nécessaire par le sujet : « Un grand hôtel équipé d'un large choix de services. C'est essentiel pour ma fille. Il y avait tout sur place : une piscine, un hammam, des terrains de tennis, une discothèque, un mini-golf, une salle de spectacle, etc. ».

Le spa ou le centre de thalassothérapie donnent lieu à la forme d'occupation la plus exemplaire dans la mesure où, dans ce type de lieu, le sujet n'est plus agissant mais plutôt agi : il s'abandonne passivement et se mue en objet, puisqu'il accepte d'y être entièrement assisté et pris en charge. L'espace considéré est

10 Sur la notion de terroir, voir Jean-Paul Petitimbert, « Territoire(s) de marque », §3, « *In vino veritas* », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.

alors définissable comme une « station », au sens courant comme au sens étymologique du terme : « Un séjour à Caldéa¹¹, avec des soins contre le stress, des bains à remous et des massages shiatsu, des séances de méditation zen, de yoga ou de sophrologie, c'est vraiment relaxant ».

Cet *indolent* passif et contemplatif cherche à mettre en repos son corps et son esprit au repos, à « faire, comme on dit, le vide ». Il limite ses déplacements au strict minimum, dans une forme de suspension proche de la quasi immobilité, que nous pouvons qualifier de *stagnation*. Ce degré zéro du mouvement est un état du sujet où il minimise l'effort à fournir aussi bien pour s'approvisionner que pour se distraire ou se détendre : « Tout à proximité : les commerces, la baignade ou les terrasses de café, on pouvait tout faire à pied sans se fatiguer ni perdre de temps dans les transports. » (fig. 2). La quête de l'indolent est donc l'exact inverse de celle du fureteur : le sens et la valeur dont il dote l'espace qu'il investit, la station, tient non seulement à l'absence de mouvement qu'il cultive, mais aussi au rejet de la multiplicité, de la diversité et de la variété d'objets de quête qui pourraient perturber l'*oisiveté* (ou *farniente*), c'est-à-dire le degré zéro des activités pragmatiques et cognitives qui constitue son idéal-type.



Fig. 2.

1.2. Les zones de corrélation inverse¹²

On pourrait dénommer la troisième forme d'investissement de l'espace (touristique), que caractérisent une intensité élevée et une extensité faible, l'*exploita-*

11 Caldea est une station thermale et touristique composée d'un complexe dit « thermoludique », situé en principauté d'Andorre, qui propose principalement des activités et des soins de balnéothérapie.

12 Les deux autres zones du schéma, soit les quadrants nord-ouest (I+/E-) et sud-est (I-/E+), correspondent à ce que les adeptes de la tensivité définissent comme les termes aboutissants de la corrélation inverse entre les deux valences.

tion : ici, le sujet exploite l'espace à raison des qualités qu'il possède, et cela en vue d'y pratiquer une passion qui les requiert. Le type d'activité prime alors sur la destination car l'espace n'est alors vécu qu'en tant que cadre fonctionnel permettant la pratique intense d'un loisir précis : randonnée pédestre ou équestre, canyoning, rafting, escalade, deltaplane, vol à voile, ski, tennis... « Je suis golfeur et mon dernier voyage, c'était une semaine à Valence pour y faire des parcours et parfaire mon *swing* et mon *putt*. Et quand on fait un séjour de golf, on ne se pose pas de question, tout est prévu à l'avance : on sait où on loge, à côté du terrain, puisque c'est là où on va jouer tous les jours ».

Même s'il passe au second plan derrière l'activité envisagée, l'espace considéré est loin d'être relégué au simple rôle de décor puisqu'il doit offrir les particularités (naturelles ou aménagées) nécessaires à cette pratique. Pour le qualifier, le terme de « terrain » s'impose, au sens de terrain de sport, de terrain de manœuvres, de terrain de jeu, etc. De fait, les espaces pertinents sont a priori jugés équivalents entre eux et donc interchangeables, du moment qu'ils présentent à égalité les bonnes caractéristiques techniques ou topologiques. Le choix entre deux espaces possibles se fera essentiellement sur des critères de prix, d'autant plus que ce type de séjour sera la plupart du temps acheté sous forme de *package* auprès d'opérateurs : « On fait beaucoup de plongée. Alors c'est soit la Bretagne, soit l'Australie, en fonction du budget ».

Le mouvement corrélé à cet investissement d'intensité supérieure sur une étendue réduite relève de la répétition régulière, mécanique et concentrée des mêmes gestes ou déplacements. On pourrait le qualifier de piétinement si ce terme n'entraînait pas la confusion avec le degré zéro de la mobilité qui caractérise le cas de figure précédent. À défaut d'un qualificatif plus approprié on le décrira plutôt comme un *martèlement* continu de type vibratoire : « On randonnait dans les Pyrénées. Nous marchions chaque jour d'un hôtel à l'autre. Les paysages étaient splendides, mais nous étions trop fourbus pour les apprécier vraiment. Tout était prévu, on nous portait nos bagages d'hôtel en hôtel ».

La valeur de l'espace considéré, le sens que le sujet lui donne, se trouve être alors en position contraire à celle dont le fureteur le dote : à la multiplicité et à la variété qu'exalte celui-là s'oppose *l'unité* (de lieu et d'action, pour filer une métaphore théâtrale utilisée par ailleurs¹³) que celui-ci recherche et s'applique à mettre en œuvre sous forme de *routine*. Ainsi, *l'aficionado* (ou le *fan*, ou le *passionné*), s'il faut lui donner un nom, réduit la qualité de l'espace investi et exploité à sa seule dimension utilitaire, ou disons monofonctionnelle, celle qui lui permet la réitération régulière et intensive d'un même et unique comportement quasi obsessionnel, ainsi que l'illustre, pour le ski, le dessin suivant :

13 Celle des « scènes » dites « prédictives » de Jacques Fontanille (nous y reviendrons) ; cf. « Textes, objets, situations et formes de vie. Les niveaux de pertinence de la sémiotique des cultures », *E/C*, 2004, repris dans D. Bertrand et M. Costantini (éds), *Transversalité du sens*, Paris, P.U.V., 2006.



Fig. 3.

A l'autre bout du spectre, dans la quatrième et dernière zone du schéma, où l'intensité est faible mais l'extensité élevée, c'est la figure du *bohème* (ou du *vagabond*) qu'on va trouver. La forme d'investissement de l'espace dont il est le sujet procède d'une logique en tout point différente. Elle s'apparente à ce qu'on pourrait baptiser l'*exploration*. A l'inverse de l'*aficionado*, ses mouvements n'obéissent à aucune espèce de régularité mécanique monotone mais relèvent de la flânerie, de la promenade ou de l'errance. L'attention flottante, doublée d'une certaine ouverture aux opportunités qui se présentent au gré des déplacements, fait le sel de cette pratique. En termes de mouvement, c'est de *déambulation*, mouvement libre et sans but, qu'il s'agit au sein d'un espace dont les limites ne sont jamais définies à l'avance mais sans cesse repoussées, voire inexistantes et toujours à créer. Si pour les uns l'espace est un terrain délimité, pour d'autres un territoire reconnu ou pour d'autres encore une station close, en ce qui concerne le bohème explorateur, il n'est autre que *le vaste monde* lui-même, réservoir d'innombrables opportunités et occasions en tout genre, elles-mêmes sources inépuisables d'épanouissement, pour peu que le sujet y lâche prise et donne prise à l'espace en renonçant à toute visée planificatrice et à son corollaire, la maîtrise.

En matière touristique, le séjour itinérant et improvisé au jour le jour en est la forme la plus aboutie : « On part à l'aventure, et on va au gré de nos envies ou bien là où le vent nous pousse ». L'espace est envisagé comme un univers de potentialités (points de chute, panoramas, rencontres fortuites, occasions de visites, d'expériences gastronomiques, œnologiques, culturelles, artistiques, etc.). Mais contrairement à la perquisition systématique du fureteur, la découverte dépend ici entièrement de la *disponibilité* dont le sujet fait preuve, et la quête, si tant est qu'on puisse encore utiliser ce terme, est tout sauf intentionnelle : elle relève plutôt de la contingence des opportunités, d'une sorte d'attente « de

l'inattendu »¹⁴, laquelle peut prendre la forme d'une soudaine *saillance* imprévue et imprévisible : « Une chute d'eau au détour d'un chemin, un paysage grandiose, et là on se dit oh là là ! ». L'auteur de la figure 4 s'est efforcé d'en rendre compte visuellement :

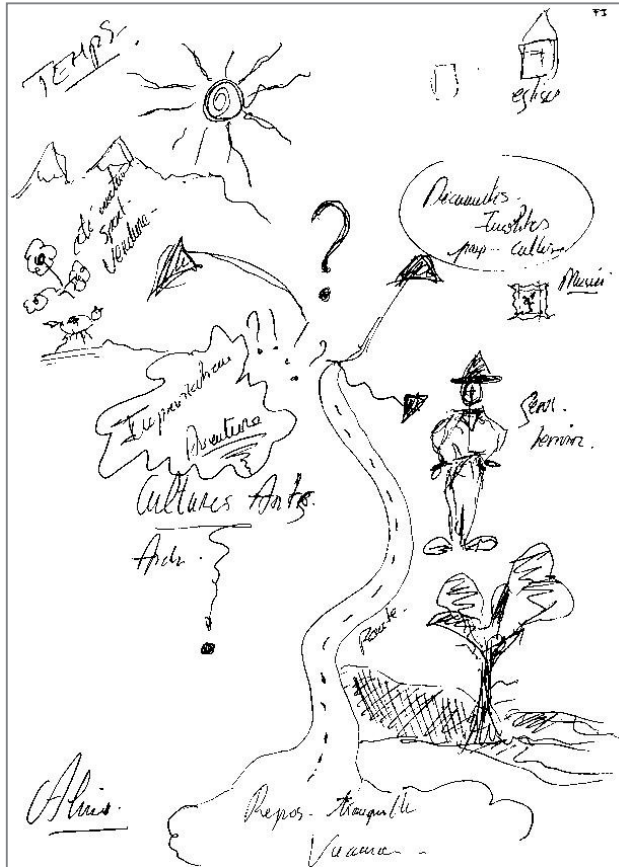


Fig. 4.

Pour conclure cette visite guidée du planisphère tensif que nous avons dressé relativement aux formes d'investissement spatial, faisons remarquer deux particularités notables. D'une part on y décèle comme un arrière fond interactionnel sur lequel nous allons revenir et nous attarder (*infra*, 2.2). D'autre part, et là sans nous y attarder outre mesure, remarquons qu'une certaine dose de « discret » (la catégorie /*unité* vs *multiplicité*/) est venue se glisser dans l'analyse — n'en déplaise aux tenants de l'orthodoxie tensiviste du continu —, comme en rend compte la schématisation suivante (chaque zone du schéma est assortie d'une petite icône qui symbolise le mouvement type qui lui est associé) :

14 Cf. A.J. Greimas, « L'attente de l'inattendu », *De l'Imperfection*, Périgueux, Fanlac, 1987, pp. 89-98.

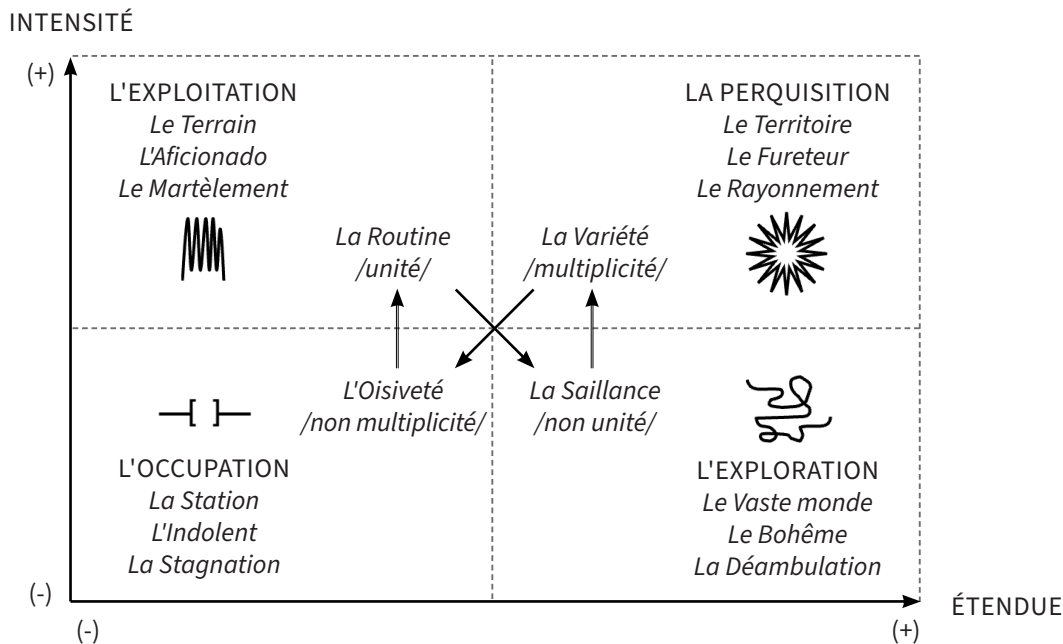


Fig. 5.

2. Du schéma tensif au modèle interactionnel

Cette légère anomalie qui vient troubler la pureté théorique de la sémiotique tensive n'est pas le seul accroc que nous avons pu relever. Un autre hic se fait jour dès qu'on cherche, comme nous allons maintenant nous y efforcer, à approfondir l'analyse en s'appuyant sur les travaux de plus savants que nous¹⁵.

Considérant que les différents types d'investissement et de dotation de sens et de valeur adoptés par le sujet face à l'espace qu'il appréhende constituent différentes formes d'une pratique sociale, autrement dit qu'il s'agit de « pratiques sémiotiques », on peut utilement se référer à l'ouvrage du même nom, publié en 2008 sous la plume de Jacques Fontanille, ainsi qu'aux nombreux articles qu'il a consacrés à ce même sujet, tant ceux qui ont précédé la publication du livre que ceux qui l'ont suivi¹⁶.

2.1. On ne badine pas avec les concepts : exercice de falsification

La notion de « pratiques », associée à celle de « scènes prédictives » et de « cours d'action », est, comme le titre de l'ouvrage l'indique, au cœur du modèle théorique multicouche (les nombreux « plans d'immanence », ou « niveaux de pertinence sémiotique ») proposé par Fontanille pour décrire le « parcours génératif du plan de l'expression ». Il s'est en particulier intéressé à leurs formes syntaxiques,

15 Nous avons déjà formulé des critiques à peu près similaires à l'occasion de notre contribution au débat récemment publié ici-même, *Actualité sémiotique de l'actualité ?*, « L'actualité : entre tension et interaction », *Acta Semiotica*, IV, 8, 2024, pp. 128143.

16 J. Fontanille, « Textes, objets, situations et formes de vie... », *art. cit.* ; *Pratiques sémiotiques*, Paris, P.U.F., 2008 ; « L'analyse des pratiques. Le cours du sens », *Protée*, 38, 2, 2010, article partiellement repris, remanié, corrigé et étoffé dans « L'analyse du cours d'action : des pratiques et des corps », *Actes Sémiotiques*, 114, 2011.

précisément dans la perspective tensiviste dont il est, avec Claude Zilberberg, l'une des deux figures de proue. Selon l'hypothèse principale avancée dans ses travaux,

le cours des pratiques se déploie entre une pression régulatrice externe (la programmation) et une pression régulatrice interne (l'ajustement), entre le réglage a priori et le réglage en temps réel (...). La perception de la valence de programmation est *extensive*, car elle s'apprécie en fonction de la taille du segment programmé, de sa complexité et de sa durée (...). La perception de la valence d'ajustement est *intensive*, car elle saisit la force d'un engagement de l'opérateur dans sa pratique, d'une pression interne d'intérêt, d'attachement participatif et d'adhésion à l'accommodation en cours.¹⁷

Son analyse aboutit à la schématisation suivante, sur laquelle figurent diverses « positions axiologiques », autrement dit les différentes formes que peuvent prendre les pratiques d'un sujet (désigné sous le vocable d'« opérateur »¹⁸) (fig. 6) :

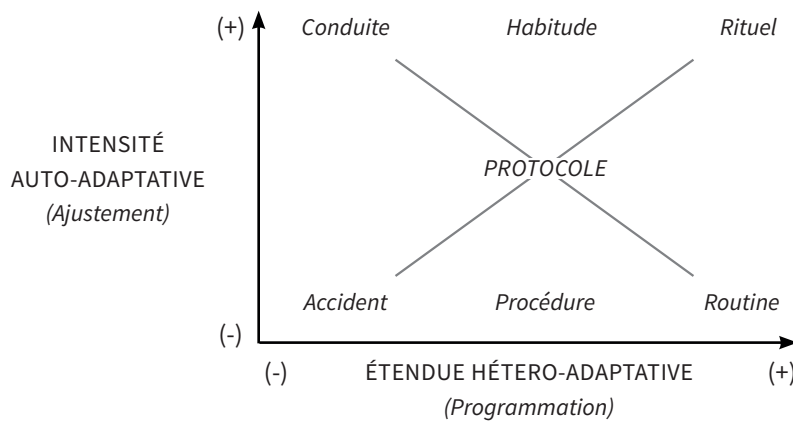


Fig. 6.¹⁹

A prendre au sérieux les deux métatermes que sont l'*ajustement* (axe de l'intensité) et la *programmation* (axe de l'étendue), c'est-à-dire au sens originel que leur donne la socio-sémiotique qui les a inventés et à laquelle Fontanille les emprunte²⁰, cette construction ne résiste pas à l'épreuve de l'expérience, telle que rapportée par les interviewés de l'étude. En effet, si l'on suit sa modélisation, notre pratique de l'*exploitation* de l'espace que caractérise la *répétition* intensive et régulière de la même activité sur une surface réduite (un terrain) sous la forme d'une *routine* devrait se situer à l'extrémité tonique de l'axe des abscisses, là où

17 « L'analyse des pratiques... », *art. cit.*, p. 15 (les parenthèses et les italiques sont dans le texte).

18 Rappelons qu'en socio-sémiotique le terme d'opérateur est réservé au seul régime de la programmation (cf. *infra*, §3.1).

19 *Ibid.*, p. 16.

20 Sans en signaler les références ni tenir compte de la précision de leur contenu alors que, rappelons-le, c'est en 2005 qu'il signe la préface de *Les interactions risquées*, et qu'il ne peut donc pas, lorsqu'il publie *Pratiques sémiotiques* en 2008, ne pas avoir eu connaissance des définitions que leur donne Eric Landowski. Par ailleurs, ils étaient déjà définis de longue date : voir entre autres, *id.*, « Viagem às nascentes do sentido », in I. Assis Silva (éd.), *Corpo e Sentido*, São Paulo, Edunesp, 1996 ; « De la stratégie, entre programmation et ajustement », *Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2003 et *Passions sans nom*, Paris, P.U.F., 2004.

l'étendue est maximale. De même, notre pratique de l'*exploration* du vaste monde que caractérise la *disponibilité* du sujet bohème aux opportunités saillantes que sa déambulation met sur sa route et dont le sens et la valeur tiennent à l'expérience qu'elles lui procurent devrait se situer à l'extrémité tonique de l'axe de l'intensité, là où Fontanille positionne la « conduite ». Autrement dit, selon son modèle tensif des « pratiques sémiotiques », il devrait y avoir inversion diagonale de nos deux types d'investissement spatial, ce qui s'avère en totale contradiction avec les définitions que nous en avons données.

De deux choses l'une : soit il appert que notre compréhension du schéma tensif est erronée et que l'utilisation que nous en faisons en matière d'espace vécu « ne tient pas la route », ce que nous sommes évidemment prêt à entendre (cf. l'anomalie discrète que nous avons soulignée), soit c'est l'utilisation des deux métatermes socio-sémiotiques par Fontanille qui est abusive car leur sens originel s'en trouve dévoyé et appauvri²¹. Personne ne s'en étonnera, nous avons tendance à nous rallier à la deuxième hypothèse.

En effet, il nous semble tout à fait impropre d'attribuer au régime de la programmation une quelconque nature graduelle : il désigne un type d'interaction automatique et régulière, telle l'action de la touche de piano sur la corde qui n'est pas plus ou moins programmée pour fournir, disons, un fa dièse, mais ne peut qu'inéluctablement fournir cette seule et unique note. Même si la pression du doigt du pianiste est, elle, plus ou moins délicate, il est absolument impossible que cette même touche puisse produire, disons un fa bémol. Ce que nous comprenons plutôt, c'est que ce dont Fontanille cherche à rendre compte sur l'axe de l'étendue de son modèle, c'est de l'exécution plus ou moins scrupuleuse de la part du sujet des étapes prévues du déroulé d'un procès, du respect plus ou moins méticuleux de l'enchaînement de consignes données à l'avance (ce qu'il désigne comme « le réglage a priori »). Autrement dit, il serait d'après nous plutôt question d'une soumission ou d'une « obéissance » plus ou moins aveugle de la part du sujet aux directives proposées (ou imposées) par une instance transcendante, implicite ou explicite, avec laquelle il a tacitement ou formellement passé contrat et qui évalue sa performance. Aussi pensons-nous qu'il conviendrait, sur l'axe de l'étendue, de substituer la notion de *conformité* ou d'*application* à celle de programmation : le sujet pouvant être *plus ou moins appliqué* et le cours de la pratique en question pouvant être *plus ou moins conforme* à la norme établie, au canon reçu, aux instructions données, au modèle type, etc. *Mutatis mutandis*, en termes interactionnels purs, il s'agirait donc plutôt du régime de la manipulation, laquelle, comme on le sait, peut s'avérer plus ou moins réussie, alors que celui de la programmation, lui, atteint infailliblement son but, à tous les coups²².

De même, il nous paraît entièrement inadéquat de convoquer dans ce cadre le concept d'ajustement. D'une part parce que la définition précise et rigoureuse

21 Dans le même ordre d'idée, voir E. Landowski, « A quoi sert la construction de concepts ? », in Dialogue « Accord, justesse, ajustement », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.

22 Cf. E. Landowski, « Incertitudes de la manipulation », *Les interactions risquées*, op. cit., § II.3, pp. 2324.

qu'en donne la théorie socio-sémiotique des interactions fonde ce régime sur la *compétence esthétique* du sujet, autrement dit sur sa *sensibilité*. Or, à suivre Fontanille, il n'est nullement question de sensibilité du sujet sur cet axe des ordonnées d'intensité, mais plutôt, comme pour l'axe des abscisses d'étendue, de sa compétence cognitive sous la forme d'une « activité interprétative » :

Il nous faut (...) partir de l'hypothèse que toute pratique comprend une part d'interprétation, une dimension cognitive interne, (...) toute pratique comporte, par principe, une dimension stratégique intégrée (...), et elle [l'organisation syntagmatique de la pratique] implique toujours, au moins implicitement, une activité interprétative, qu'elle soit réflexive (on a alors affaire à une *auto-accommodation* ou « ajustement ») ou transitive, si elle se réfère à un horizon de référence typologique ou canonique (on a alors affaire à une *hétéro-accommodation*, ou « programmation »).²³

En conséquence, et pour tenter de traduire correctement l'hypothèse de Fontanille en termes interactionnels, il nous semble cohérent de nous en tenir, ici aussi, au seul et même régime de la manipulation²⁴.

D'autre part parce que c'est à la notion de *stratégie* que Fontanille fait explicitement appel pour les deux types d'accommodation, tant extensive qu'intensive²⁵. Comme, par définition, une stratégie est le fruit d'une *intentionnalité*, et que celle-ci, en tant que compétence modale du sujet constitue le principe sur lequel se fonde le régime de la manipulation, il n'y a aucune raison de s'acharner à vouloir introduire un régime d'interaction corollaire, *a fortiori* celui de l'ajustement qui est précisément, par essence, dénué de toute visée instrumentale, de tout objectif à atteindre et de tout objet à conquérir. Si sur l'axe de l'étendue il est question, d'après nous, d'une obéissance plus ou moins fidèle aux directives fixées par une autorité transcendante (l'*hétéro-accommodation*), autrement dit un *Destinateur Manipulateur Judicateur* (avec majuscules), actant synchrétique qui, après avoir modalisé le sujet selon le devoir-faire en évalue la performance ; l'axe de l'intensité se caractérise, lui, par une « *auto-accommodation* » (activité introspective d'interprétation réflexive). Nous proposons donc d'interpréter cette auto-accommodation intensive également comme le résultat du même syncrétisme actantiel, endossé cette fois par le sujet de faire lui-même qui *a minima* prend en charge les deux autres fonctions narratives ci-dessus (*destinateur manipulateur judicateur*, avec minuscules), et qui, auto-manipulé et auto-évalué, se trouve modalisé selon le vouloir-faire, le savoir-faire et le pouvoir-faire. On

23 J. Fontanille, « L'analyse des pratiques ... », *art. cit.*, p. 13 (les parenthèses et les italiques sont dans le texte).

24 Nous avons interprété cet axe, dans notre précédent travail sur l'actualité, comme un cas d'adaptation unilatérale relevant du régime de la programmation. Sans réfuter entièrement cette première interprétation, elle nous apparaît aujourd'hui beaucoup moins pertinente que l'homologation des deux dimensions du schéma au seul et même régime de la manipulation. Rappelons au passage qu'il n'y a pas de solution de continuité entre *intentionnalité* et *régularité*, et par suite pas non plus de rupture entre manipulation et programmation. Au contraire, une série de passages graduels lient ces deux régimes l'un à l'autre » (E. Landowski, *Les interactions risquées*, *op. cit.*, p. 39).

25 Les « stratégies » ont longtemps constitué un des « plans d'immanence » qu'il avait élaborés pour finalement le supprimer comme, par exemple, dans l'un de ses derniers ouvrages, coécrit avec Nicolas Couégnas, *Terres de sens. Essai d'anthroposémiotique*, Limoges, PULIM, 2018.

pourrait même aller jusqu'à lui faire endosser la fonction supplémentaire de *destinataire* de l'action, comme le suggère l'évocation du bénéfice personnel qu'il peut plus ou moins en tirer, de son degré d'intérêt pour elle, du niveau de son adhésion et de son attachement. On pourrait donc avec plus de justesse substituer la notion de *motivation*, d'*investissement* ou d'*implication* personnels à celle d'ajustement, dans la mesure où le sujet peut être plus ou moins motivé, plus ou moins investi, plus ou moins impliqué dans la pratique en question, et y trouver plus ou moins son compte.

En résumé sur nos hypothèses de mise aux normes interactionnelles des métatermes destinés à caractériser les deux dimensions du modèle tensif des pratiques proposé par Fontanille, nous disqualifions fermement le recours aux deux régimes proposés, programmation et ajustement. Nous dirions que pour l'un et l'autre axe de son schéma il s'agit d'un seul et même régime, celui de la manipulation envisagé selon deux points de vue distincts : l'axe de l'étendue rendant compte de la conformité d'exécution de la pratique par le sujet depuis le point de vue normatif d'un *Destinateur Manipulateur Judicateur* extérieur, et celui de l'intensité rendant compte de sa qualité d'exécution du point de vue réflexif (intérieur) de l'« opérateur » lui-même, en tant que *sujet de faire destinateur manipulateur judicateur* (i.e. auto-manipulé et auto-évalué). S'il nous fallait reformuler les qualifications des deux axes d'accommodation de Fontanille en reprenant partiellement sa nomenclature, alors nous proposerions « intensité auto-manipulatoire » pour l'un (degrés de motivation et d'investissement), et « extensité hétéro-manipulatoire » pour l'autre (degrés d'application et de conformité).

2.2. Interactions tensives : tentative d'hybridation

Cette mise au point technique, tant conceptuelle que terminologique étant faite, revenons à notre propre grille d'analyse et tâchons d'en approfondir la portée, aussi sous l'angle interactionnel. Pour ce faire, repartons des fondamentaux, à savoir la catégorie */continuité vs discontinuité/* sur laquelle s'adosse le modèle socio-sémiotique des interactions.

A l'analyse des discours verbaux et non-verbaux des interviewés, il apparaît par exemple clairement que ce qui sous-tend la pratique de notre indolent-contemplatif qui se contente d'occuper l'espace où il se trouve et de profiter sans le moindre effort des ressources locales est une quête, le temps des vacances, de *discontinuité* totale par rapport à son quotidien. Au trépidant et épuisant « métro-boulot-dodo » de sa vie de tous les jours, il oppose et exalte la parenthèse du farniente sédentaire où il peut s'abandonner à une forme d'oisiveté totalement végétative, voire renoncer volontairement à son statut d'agent pour endosser celui de patient, soumis aux traitements que tel ou tel « expert en bien-être » lui aura proposé. Dans la mesure où, selon la terminologie lotmanienne souvent citée par Landowski, il « s'en remet à » ce qui se trouve sur place, son investissement spatial s'apparente peu ou prou au régime de l'assentiment. Aussi certains opérateurs de tourisme proposent-ils des « villages de vacances », sortes de camps

retranchés, domestiques ou exotiques, d'où le client n'a aucun besoin de sortir car il a tout sur place, gîte, couvert et divertissement, et où, selon la terminologie du Club Méditerranée cette fois-ci, les G.O. (« gentils organisateurs »), force de proposition, prennent en charge les G.M. (« gentils membres »), assistés, soumis et attentistes.

A contrario, c'est la *continuité* qui constitue le soubassement abstrait de la pratique de notre *aficionado* qui, inlassablement et avec la régularité d'un métronome, s'adonne chaque jour à sa passion et exploite le terrain qu'il occupe pour ses qualités naturelles ou aménagées, c'est-à-dire un espace réduit, tant au point de vue de sa dimension qu'au plan de sa fonctionnalité. Traduite par nous sous le vocable de routine, cette exploitation de l'espace se caractérise par ce que nous avons appelé le martèlement. L'espace (des vacances) y est le théâtre d'un investissement soumis au même tempo « métro-boulot-dodo » que celui que cherche à fuir l'indolent-contemplatif. Il y a donc bien là aussi, pour le sujet *aficionado*, une forme de continuité spatiotemporelle entre le quotidien et le récréatif. S'il y a changement de substance, en passant du labeur au loisir, il y a maintien de la forme qui obéit au même principe de la répétition régulière. Aussi nous semble-t-il que cette pratique d'investissement spatial est homologable au régime de la programmation, régime sous lequel le sujet est en quelque sorte robotisé à la manière d'un Charles Chaplin travaillant à la chaîne dans *Les temps modernes*, la seule différence étant que notre *aficionado* est un exploiteur (d'espace), alors que Chaplin tient le rôle d'un exploité (du capitalisme industriel), les deux étant, l'un le sujet de faire, l'autre l'objet modal (ou le non-sujet²⁶) d'une quête de rentabilité²⁷.

Refuser cette continuité robotique qui mène à l'insignifiance, adopter un style de vie²⁸ inverse, enraciné dans la *non continuité*, amène le sujet à envisager l'espace où il se trouve, le vaste monde, comme un champ des possibles et à se rendre sensible, au gré de sa déambulation sans but intentionnel précisément arrêté (il ne sait pas ce qu'il cherche, mais cherche-t-il quoi que ce soit ?), et disponible au surgissement imprévisible de l'autre, lequel, qui ou quel qu'il soit, fera intimement sens pour lui, un sens éprouvé dans la mesure où il en sera partie prenante. C'est sur la base de ces principes, sensibilité et disponibilité, que le sujet de la *déambulation* investit — si tant est que ce verbe soit encore pertinent dans ce cas de figure —, ou plutôt éprouve l'espace qu'il parcourt. C'est donc clairement du régime de l'ajustement que cette pratique de l'espace, que l'on peut aussi qualifier d'errance aventureuse, se rapproche. Même si une part d'aléa prend une place qu'on ne saurait ignorer dans le cours de cette « manière de faire », c'est d'abord et avant tout parce qu'il met en œuvre sa compétence

26 Sujet dénué de compétence cognitive et réduit à son seul pouvoir-faire, selon la nomenclature de J.-Cl. Coquet. Voir « Problématique du nonsujet », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.

27 Sur la notion de rentabilité inhérente au régime de la programmation, cf. E. Landowski, « État d'urgence », in V. Estay et al. (éds.), *Sens à l'horizon*, Limoges, Lambert-Lucas, 2019.

28 Cf. *id.*, « Régimes de sens et styles de vie », *Nouveaux Actes Sémiotiques*, 115, 2012.

esthétique, autrement dit que tous ses sens sont en éveil, que le sujet s'accomplit synesthésiquement en tant que *bohème explorateur*, et que les découvertes inattendues qu'il fait créent non seulement de la valeur à ses yeux, mais font véritablement sens pour lui, en faisant de son vécu de l'espace en question une expérience unique, intime, inédite.

Ce n'est pas du tout le cas de la *perquisition* en règle que pratique notre *fureteur* qui, lui, s'acharne à « excaver » du territoire tout ce qui est *a priori* porteur d'un sens déjà là, répertorié, mis en ordre, dans quelque brochure touristique, de sorte qu'il pourra affirmer à son retour, selon la formule populaire et lapidaire bien connue, « j'ai fait l'Égypte », « j'ai fait le Brésil » ou « j'ai fait la Bretagne », etc., ce que ses interlocuteurs comprendront à demi-mot, comme si la seule mention de ces destinations était porteuse d'une signification entendue, d'un contenu dont la richesse va de soi. C'est évidemment sur cette base que l'industrie du voyage s'appuie pour vendre des circuits tout prêts où tout est organisé et rien n'est laissé au hasard, à des groupes ou à des individus qui auront pour préoccupation principale, à l'instar des « historiographes » autrefois décrits par Jean-Marie Floch, d'immortaliser leur présence dans tel ou tel haut lieu bien connu de tous, sous forme de photographies souvenirs²⁹. On l'aura compris, c'est du régime de la manipulation qu'il s'agit, car on y aura reconnu à la fois le refus de l'aléa (la *non discontinuité*), le principe d'*intentionnalité*, et la *syntaxe jonctive* entre sujets et objets qui le sous-tendent et le définissent. En l'espèce, les objets de valeurs sont tous les sites « incontournables » auxquels le sujet s'efforce intentionnellement de se joindre, moyennant le quadrillage méthodique et exhaustif du territoire où il se trouve. On connaît bien le phénomène : c'est celui des hordes de touristes qui, montre en main, à peine arrivés par exemple à Paris « font » le Louvre, suivi du musée d'Orsay, de la tour Eiffel, de Notre-Dame restaurée, puis du Sacré Cœur, sans oublier les grands magasins, Galeries Lafayette, Printemps Haussmann, etc., pour finir en apothéose au sommet de l'arc de triomphe, le tout en une seule journée, avant de s'envoler le lendemain pour Londres ou Madrid où ils feront la même chose.

Aussi, au terme de ce « tour d'horizon » des diverses pratiques tensivo-interactionnelles de l'espace, pouvons-nous re-schématiser notre analyse initiale comme suit :

29 Pour une description complète de sa typologie de photographes, voir J.-M. Floch, *Les formes de l'empreinte*, Périgueux, Fanlac, 1986, pp. 15-17.

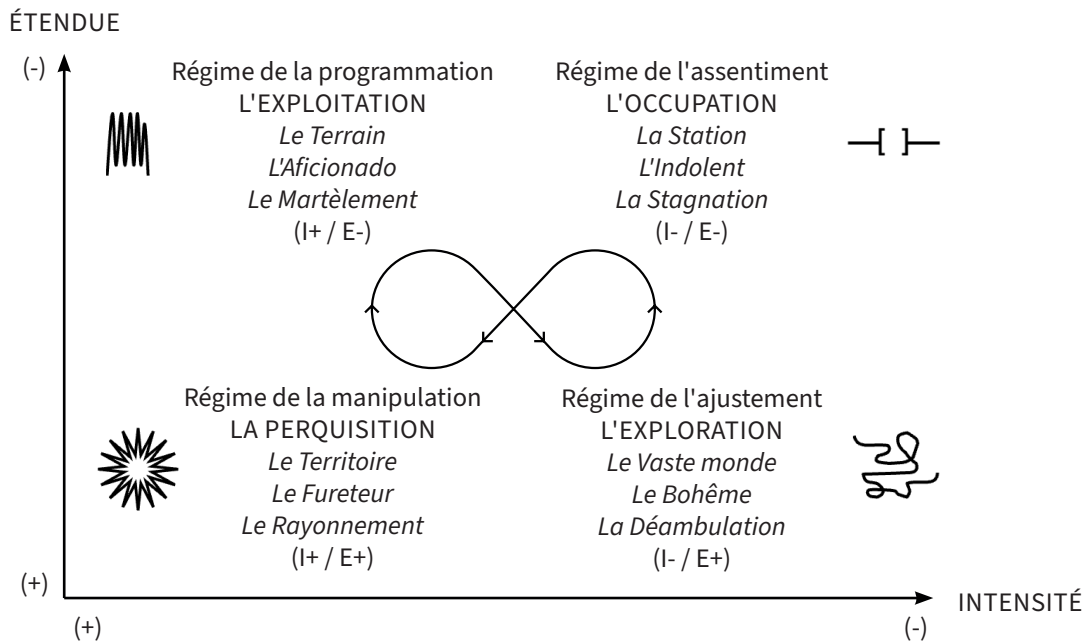


Fig. 7.

Cette représentation visuelle appelle plusieurs remarques. Si nous avons respecté l'intégrité théorique du modèle interactionnel, il nous a fallu pour ce faire « tordre » la visualisation conventionnelle du plan cartésien habituellement utilisé en sémiotique tensive. D'une part, nous avons dû inverser les deux axes et positionner l'intensité en abscisse et l'étendue en ordonnée. Mais d'autre part, ce qui est encore moins orthodoxe, tensivement et géométriquement parlant, nous avons aussi dû inverser les polarités de chaque axe pour les rendre, et l'un et l'autre, décroissants.

Par ailleurs, une fois cette structure mise au point, il apparaît clairement que l'homologation que Fontanille opère entre intensité et ajustement, et entre étendue et programmation ne peut être que fautive. Ceci dans la mesure où, selon notre analyse, la pratique de l'exploration, qui relève du régime de l'ajustement et qui devrait, en toute logique, être positionnée au niveau du segment le plus tonique de l'axe horizontal de l'intensité, se situe à présent à son extrémité la plus atone. Parallèlement, la pratique de l'exploitation, qui relève du régime de la programmation, se trouve, elle aussi, positionnée au niveau du segment le plus atone de l'axe vertical de l'étendue. C'est pourquoi nous nous sommes bien gardé de reprendre, en les inversant, les définitions que l'auteur de *Pratiques sémiotiques* donne de chaque axe.

Cette omission délibérée tient aussi au fait que selon la réinterprétation et la remise en ordre conceptuel et terminologique que nous proposons, il appert que le maintien de l'emprunt de ces deux concepts interactionnels sur les axes tensifs de notre schématisation hybride nous amènerait à commettre un grave contresens. Si, comme nous l'avancions, leur requalification peut être ramenée à deux formes de manipulation, l'une transitive pour l'étendue (l'« extensité hétéro-manipulatoire » selon notre reformulation) et l'autre réflexive (l'« intensité auto-manipulatoire »), alors leur maintien sur notre schéma remanié contrevient-

draît radicalement à la logique de différenciation du modèle interactionnel en mettant trois de ses régimes sous la dépendance ou sous la coupe du quatrième, ce qui les transformerait en des formes atténuées de ce dernier. L'un et l'autre axe étant ainsi réduits à des déclinaisons de la syntaxe contractuelle standard à base de jonction, le schéma ferait totalement fi des apports majeurs de la socio-sémiotique qui a inventé et introduit dans l'organon de la discipline des logiques alternatives, à la fois concurrentes et complémentaires de la canonique « jonction », telles que la contagion, la contamination, l'union, la soumission, l'opération, etc.

3. Retour sur les concepts théoriques de pratique et de régimes de spatialité

Ce que cet exercice expérimental d'hybridation nous apprend dans le cas des pratiques de l'espace, c'est que la sémiotique tensive, malgré ses prétentions à se constituer en sémiotique du continu, reste tributaire, ne serait-ce que résiduellement, de la logique du discret qui sous-tend la syntaxe standard de la jonction, à base d'échange d'objets entre sujets. Cela dit, les principes de la tensivité nous ont tout de même permis dans un premier temps de rendre compte des expériences vécues rapportées par les interviewés de cette étude et de mettre au jour une logique d'organisation de leurs différents modes d'appréhension de l'espace.

C'est d'une part, nous semble-t-il, parce que nos axes rendent compte de deux grandeurs sémiotiques indépendantes et non-corrélées — l'un accueillant des grandeurs de nature quantitative, l'étendue, et l'autre des grandeurs de nature qualitative, l'intensité —, et non de deux variantes d'une seule et même grandeur, liées entre elles par un coefficient de corrélation linéaire non nul³⁰. D'autre part, c'est aussi parce que, dans ce périlleux exercice d'hybridation, nous nous sommes efforcé de rester rigoureux et respectueux à la fois des principes sémiotiques à la base de chaque modèle, et de leurs métatermes respectifs sans chercher, que ce soit délibérément, par désinvolture ou par méconnaissance, à « faire dire » à certains, en les vidant de leur contenu, ce qu'ils n'ont pas pour vocation de signifier.

En revanche, une fois cette typologie hybride établie et structurée, sa confrontation à celle du modèle tensif des pratiques élaboré par Fontanille s'avérant radicalement problématique (probablement du fait même de la forte corrélation de ses axes), elle nous amène à nous interroger *in fine* sur la validité et la légitimité de l'emploi du terme même de « pratique ». Nous venons dans cet article de l'utiliser environ cinquante fois, sans jamais l'avoir défini ni en avoir précisé les contours, comme si, à l'instar de certains sémioticiens psittacistes,

30 En statistiques, le coefficient de corrélation linéaire quantifie la force du lien entre les deux variables d'une distribution sur un plan cartésien. Il a toujours une valeur qui se situe dans l'intervalle [-1, 1]. Plus la valeur du coefficient de corrélation linéaire est près de 1 ou -1, plus le lien linéaire entre les deux variables est fort (ex. : « Plus c'est grand, moins c'est petit, et *vice-versa* »). À l'inverse, plus sa valeur est près de 0, plus le lien linéaire entre les deux variables est faible et plus la distribution est dispersée, donc signifiante : elles sont non-corrélées.

nous considérions que son contenu allait de soi et que chaque lecteur, par l'effet de « connivence » de l'entre-soi scientifique, était suffisamment cultivé pour comprendre, pas même à demi-mot, ce à quoi nous faisons référence³¹. Avant de conclure, il convient certainement de pallier cette lacune.

1. En ce qui nous concerne, nous avons faite nôtre la conception certalienne de l'espace selon laquelle « l'espace est un lieu pratiqué »³², autrement dit un objet tridimensionnel, le lieu, doté d'un sens par l'*usage* qu'en fait le sujet qui s'y trouve, usage que Michel de Certeau conçoit comme libre et ouvert, en particulier à la créativité, à l'inventivité, à la déviation et au « braconnage culturel » sous la forme de ce qu'il appelle des ruses. En d'autres termes, l'espace n'existe que lorsqu'il est vécu, il n'advient que par le mouvement, il est de nature expérientielle et il est approprié par chacun selon sa manière de faire (qui peut aller jusqu'au détournement). De son côté, sauf erreur de notre part, il semblerait que ce soit de la pensée de Pierre Bourdieu que Fontanille tire sa définition de la notion de pratique. Pour Bourdieu, la pratique participe de la construction de l'habitus, c'est-à-dire de l'ensemble des dispositions, des valeurs et des schémas de perception qui façonnent l'action du sujet³³. Même si elles sont appelées à s'adapter aux conditions auxquelles il est confronté d'une situation à l'autre (d'où, à n'en pas douter, l'idée d'« accommodation » chez Fontanille), les pratiques sont des comportements répétitifs qui, au fil du temps, s'intègrent à l'habitus et deviennent quasi automatiques. Automatisation, répétition, adaptation : ces trois termes définitoires des pratiques bourdieusiennes (ou bourdivines — l'un et l'autre se disent) sont aussi les termes qui définissent, entre autres, le régime interactionnel de la programmation, ce que trahit, sans doute à son insu, le terme « opérateur » choisi par l'auteur pour désigner le sujet de l'ensemble des pratiques en question. Autant dire que la définition des pratiques décrites par Fontanille est non seulement réduite à sa seule composante sociologique, mais qu'elle est surtout réduite au seul régime de la programmation, curieusement placé, comme nous avons essayé de le montrer, sous la dépendance de deux variantes de la manipulation, laissant ainsi de côté les deux autres régimes, pourtant bien à l'œuvre dans le cas de l'espace.

2. Pour préciser ce à quoi il conviendrait à présent de réserver le terme de *pratique*, nous nous référerons au texte de Landowski intitulé « Voiture et peinture : de l'utilisation à la pratique », dans lequel il développe et différencie ces deux notions mais aussi définit ce qu'il dénomme la *lecture* et la *saisie*. Le premier distinguo qu'il opère lui sert à « désigner deux manières différentes de *faire usage* des objets, l'une consistant à les *utiliser*, l'autre à les “*pratiquer*” »³⁴. Selon

31 Sur le psittacisme et autres idiosyncrasies de la littérature sémiotique, voir J.-P. Petitimberty, « La sémiotique à l'épreuve de l'écrit : régimes rédactionnels et intelligibilité », *Galáxia*, 44, 2020.

32 M. de Certeau, *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire*, Paris, Gallimard, 1990 — chap. IX, « Récits d'espace », p. 173.

33 Voir en particulier de Bourdieu *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Genève, Droz, 1972 ; *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980, de même que *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*, Paris, Seuil, 1994.

34 « Voiture et peinture... », *Galáxia*, 24, 2012, p. 243.

son approche, « “pratiquer” l’objet, c’est l’appréhender comme une pluralité de sens potentiels qui ne sont pas prédéterminés, et donc, précisément, ne pas le réduire à sa signification-fonction, à son “programme” »³⁵. Autrement dit, c’est sous l’égide du seul régime de l’ajustement, à l’exclusion des trois autres, qu’entre en jeu la *pratique* qui consiste, précisément, à faire rendre à l’objet « davantage [de sens et de valeur] que ce à quoi sa simple utilisation permet d’aboutir »³⁶.

Aussi pouvons-nous avancer qu’en ce qui concerne l’espace qui nous occupe, c’est à la faveur de son vagabondage et de la disponibilité dont il fait preuve que le bohème peut *saisir*, esthésiquement, le surplus de sens que son interaction avec les saillances du vaste monde dans lequel il déambule lui permet, participativement, de faire émerger pour soi. Contrairement au fureteur qui *utilise* l’espace et se contente d’y *lire* les significations établies des objets qu’il y débusque et inventorie ; à l’inverse de l’aficionado qui, tout à l’assouvissement de sa passion, *emploie* l’espace qu’il investit, l’exploite en suivant aveuglément les procédures et les règles de son « passe-temps » et s’y rend du même coup *indisponible* à toute saisie ; et loin de l’indolent pour qui, ayant volontairement mis toute compétence modale en sommeil, l’environnement qu’il occupe devient *illisible*, ce qui ne l’empêche pas, tel un parasite entièrement dépendant de son hôte, d’en profiter et d’en *abuser* ; le bohème, lui, *pratique* l’espace qu’il parcourt, en ce qu’il trouve dans le type d’usage sensible qu’il en a et dans le cours de l’interaction qui se déroule entre eux une forme d’accomplissement, une dynamique réciproque d’où, chacun déployant ses potentialités propres, émerge un hapax de sens et de valeur.

En résumé, selon notre analyse, la *pratique* de l’espace, réservée au régime de l’ajustement, s’entend dès lors par opposition aux diverses autres formes que peut prendre l’usage qu’on en fait, non seulement son *utilisation* sous le régime de la manipulation, mais aussi son *emploi* (assorti de son « mode d’emploi ») sous celui de la programmation, et enfin son *abus* sous celui de l’assentiment.

3. Enfin, pour terminer la présentation de cette analyse, nous ne pouvons pas ne pas la confronter aux « régimes d’espace » proposés par Landowski il y a quelques années³⁷. Dans ce très beau texte, c’est à des analogies poétiques qu’il a recours pour décrire les quatre « visions d’espace », s’il nous est permis de reprendre ici le titre de notre propre travail, qu’il identifie corrélativement aux divers régimes de sens de son modèle afin de rendre compte des cadres dans lesquels nous interagissons avec le monde.

C’est à la métaphore du *réseau* (l’internet) qu’il fait appel pour qualifier l’espace de la manipulation, dès lors entendu comme celui de l’interconnexion entre différents points du globe, autrement dit défini par la négation des discontinuités qui les séparent, et plus spécifiquement qui séparent l’internaute des contenus qu’il recherche, où qu’ils se situent dans le monde, configurant ainsi « *l’espace*

35 *Ibid.*

36 *Ibid.* En ce sens, nous dirions que Landowski est plus certalien que bourdieusien. Voir aussi *Id.*, « Avoir prise, donner prise » (§ 1.3, « De l’utilisation à la pratique »), *Actes Sémiotiques*, 112, 2009.

37 « Régimes d’espace », *Actes Sémiotiques*, 113, 2010.

conventionnel de la circulation des valeurs »³⁸. Vu sous cet angle, le mouvement rayonnant que notre fureteur imprime aux allées et venues que sa perquisition suppose depuis son « camp de base » fait écho à cette analogie réticulaire. Pour ce qui est de la programmation, la figure choisie par Landowski est celle du tissu comme métaphore visuelle du continu spatial. Pour pertinente que soit cette analogie textile, sans doute aurions-nous aimé qu'il en parlât aussi en termes de fils de chaîne et de trame dont l'étroite et régulière conjonction entre eux, mécaniquement répétée, en constitue la substance et en fait l'unité (indépendamment de l'éventuelle variété de leurs couleurs et des motifs qu'ils permettent de créer). En effet, chaîne et trame entrecroisées par le va-et-vient des lames, de la navette et du peigne du métier à tisser ne sont pas sans rappeler l'oscillation régulière qui caractérise le mouvement répétitif de l'aficionado, le martèlement de son terrain, qui devient ainsi « *l'espace opératoire de (son) emprise sur les choses* »³⁹. Pour l'espace de l'ajustement, c'est la valeur tant esthétique qu'esthésique du mouvement de la volute et de ses entrelacs baroques⁴⁰ qui lui sert à exprimer la négation du continu programmatique. L'exemple qu'il donne de cet espace volute, le « ballet » des clochers de Martinville tiré de *Du côté de chez Swann* de Proust⁴¹, correspond en tout point à ce que le bohème éprouve lorsque, au cours de son errance, il rend compte des saillances qu'il rencontre, c'est-à-dire de ces « effets de sens surgissant, dans ce qu'ils peuvent avoir de plus contingent, non pas de la mobilité d'éléments observés un à un ou dans leurs rapports mais des fluctuations *de la relation même* entre l'observateur et ce qu'il observe »⁴². Notons au passage que la figure visuelle de la volute n'est pas sans rappeler l'icône que nous avons choisie pour symboliser la déambulation exploratoire du bohème dans le vaste monde, vu par lui comme « *l'espace éprouvé du mouvement des corps* »⁴³. C'est enfin la figure spatiale de l'abîme qui vient clore le parcours de son modèle interactionnel en tant que représentation du discontinu qui sous-tend le régime de l'assentiment. On ne saurait trouver image plus parlante pour illustrer ce que ce type d'espace représente pour l'indolent qui l'occupe statiquement, précisément dans le but d'y « faire le vide » (c'est ce que notre icône composée d'un vide entre deux crochets tâche de visualiser), de fuir la routine du quotidien, de s'échapper de sa lassante monotonie pour s'abandonner passivement et se soumettre au « vertige horizontal » qui résulte du néant abyssal, tant pragmatique, cognitif que sensible, dans lequel il choisit délibérément de se plonger pour se contenter « d'être-là ». Autrement et, de l'aveu même de Landowski, plus « pompeusement »

38 *Ibid.*

39 *Ibid.*

40 Voir la définition sémiotique de la catégorie /baroque vs classique/ que donne J.-M. Floch à partir des travaux de Wölfflin, dans *Les formes de l'empreinte*, Périgueux, Fanlac, 1986, pp. 85-112 ; dans « Bricolage plastique, abstraction classique et abstraction baroque », *Actes sémiotiques-Bulletin*, X, 44, 1987 ; dans *Sémiotique, marketing et communication*, Paris, P.U.F., 1990, pp. 66-72 ; et enfin dans *Identités visuelles*, Paris, P.U.F., 1995, pp. 120-132.

41 M. Proust, *Du côté de chez Swann*, Paris, Gallimard (Pléiade), 1955, pp. 179-182.

42 E. Landowski, « Régimes d'espace », *art. cit.*

43 *Ibid.*

dit, il s'agit d'occuper « *l'espace existentiel de la présence au monde* »⁴⁴, auquel *in fine* nul n'échappe, pas plus l'indolent que l'aficionado, le fureteur, le bohème, ou qui que ce soit d'autre, y compris nous-même.

Conclusion

L'espace est un « vaste » sujet ! En témoigne la pluralité des approches sémiotiques dont nous n'avons fait qu'effleurer quelques-unes alors qu'il en existe assurément plusieurs autres (morphodynamique comme nous l'évoquions en introduction, mais aussi instancielle, interprétative, modulaire, ethno-sémiotique, etc.). Nous avons choisi de l'approcher sous l'angle du vécu rapporté par les sujets eux-mêmes, faisant nôtre le principe énoncé par Landowski, selon lequel il y a

au départ un vécu, « indicible » : *l'expérience même*, (...) celle de la présence phénoménale des choses dans notre « monde naturel » (...). Puis, émergeant de cet ineffable comme par une conquête de la raison — et cela non pas par miracle mais parce que le langage le permet —, *le sens articulé*, le discursif, le communicable, le textuel, bref le « positif », par opposition à l'évanescent.⁴⁵

Partant de là, nous retiendrons de l'exercice que nous venons de conduire plusieurs enseignements.

En premier lieu, force est de constater que l'espace, loin d'être un donné premier allant de soi, descriptible objectivement, tel un texte ou un objet du monde délimités par une clôture clairement repérable, est avant tout construit par les sujets qui le dotent d'un sens et d'une valeur variables selon l'usage qu'ils en ont ou qu'ils en font, mais surtout selon le type d'interaction qu'ils vivent à son contact, soit direct, soit médié. Autrement dit, dans une perspective hjelmslevienne, l'espace est avant tout une substance informe. Ceci est vrai, bien sûr, sur le plan de l'expression, comme en témoignent nombre d'analyses concrètes menées sur des corpus architecturaux ou urbanistiques qui en dégagent ce que son agencement (la forme qui lui est imprimée) véhicule comme contenu axiologique. Mais c'est aussi et surtout vrai sur le plan du contenu, où cette « nébuleuse de sens » qu'est l'espace est informée par les opérations de discursivisation que prévoit le parcours génératif.

En second lieu, nous pensons être allé un cran plus loin et avoir permis de mettre au jour une taxonomie aspectuelle de l'espace d'un genre nouveau. Car au-delà de la définition courante que la syntaxe standard donne des opérations cognitives d'aspectualisation effectuées par un « actant observateur », notre approche prend en compte la « présence de l'autre (actant) » et la nature interactionnelle de leurs rapports dans la construction du sens. C'est pourquoi, loin d'être gratuit ou simplement amusant, notre hétérodoxe exercice d'hybridation permet de représenter, *sur un même graphe*, les deux versants de cette définition élargie de la dimension aspectuelle de l'espace : son versant cognitif,

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ « *Shikata ga nai* ou Encore un pas pour devenir vraiment sémioticien ! », *Lexia*, 11-12, 2012, p. 50.

Références

- AAvv, « L'espace du séminaire », *Communications*, 27, 1977.
- AAvv, *Sémiotique de l'espace*, Paris, Denoël, 1979.
- Bourdieu, Pierre, *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Genève, Droz, 1972.
- *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.
- *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*, Paris, Seuil (Points essais), 1994.
- Brandt, Per Aage, « De la chorématique. Les dynamiques de l'espace vécu. », *Acta Semiotica*, I, 1, 2021.
- Certeau, Michel de, *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire*, Paris, Gallimard, 1990.
- Coquet, Jean-Claude, « Problématique du non-sujet », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.
- Floch, Jean-Marie, « La maison Braunschweig de Georges Baines. Contrastes et rimes plastiques en architecture », *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*, Paris-Amsterdam, Hadès-Benjamins, 1985.
- *Les formes de l'empreinte*, Périgueux, Fanlac, 1986.
- « Bricolage plastique, abstraction classique et abstraction baroque », *Actes Sémiotiques-Bulletin*, X, 44, 1987.
- « La génération d'un espace commercial. Une expérience de "pratique sémiotique" », *Actes Sémiotiques-Documents*, IX. 87, 1987.
- *Sémiotique, marketing et communication*, Paris, P.U.F., 1990.
- *Identités visuelles*, Paris, P.U.F., 1995.
- « Concevoir et manager l'espace de travail, l'apport de la sémiotique », in B. Frankel et Chr. Legris-Desportes, *Entreprise et sémiologie. Analyse le sens pour maîtriser l'action*, Paris, Dunod, 1999.
- Fontanille, Jacques, *Sémiotique du discours*, Limoges, PULIM, 1993.
- « Textes, objets, situations et formes de vie. Les niveaux de pertinence de la sémiotique des cultures », *E/C*, 2004.
- *Pratiques sémiotiques*, Paris, P.U.F., 2008.
- « L'analyse des pratiques. Le cours du sens », *Protée*, 38, 2, 2010.
- « L'analyse du cours d'action : des pratiques et des corps », *Actes Sémiotiques*, 114, 2011.
- et Claude Zilberberg, *Tension et signification*, Liège, Mardaga, 1998.
- et Nicolas Couégnas, *Terres de sens. Essai d'anthroposémiotique*, Limoges, PULIM, 2018.
- Greimas, Algirdas J., *De l'Imperfection*, Périgueux, Fanlac, 1987.
- Hammad, Manar, *Lire l'espace, comprendre l'architecture. Essais sémiotiques*, Limoges-Paris, PULIM-Geuthner, 2006.
- « La sémiotisation de l'espace. Esquisse d'une manière de faire », *Actes Sémiotiques*, 116, 2013.
- « Vilniaus Universitetas. Exploration sémiotique de l'architecture et des plans », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.
- *Sémiotiser l'espace. Décrypter architecture et archéologie*, Paris, Geuthner, 2015.
- *Lire l'espace. Étendre le domaine sémiotique : Morphologie architecturale, villes, terres, patrimoine, argent, succession*, Paris, Geuthner, 2021.
- « Sémiotique de l'espace : faire le point en 2022 », *Acta Semiotica*, II, 4, 2022.
- Landowski, Eric, « De la stratégie, entre programmation et ajustement », *Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2003.
- *Passions sans nom*, Paris, P.U.F., 2004.
- *Les interactions risquées*, Limoges, PULIM, 2005.
- « Avoir prise, donner prise », *Actes Sémiotiques*, 112, 2009.
- « Régimes d'espace », *Actes Sémiotiques*, 113, 2010.
- « Régimes de sens et styles de vie », *Nouveaux Actes Sémiotiques*, 115, 2012.
- « Voiture et peinture : de l'utilisation à la pratique », *Galáxia*, 24, 2012.
- « *Shikata ga nai* ou Encore un pas pour devenir vraiment sémioticien ! », *Lexia*, 11-12, 2012.
- « A quoi sert la construction de concepts ? », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.
- « Etat d'urgence », in V. Estay et al. (éds.), *Sens à l'horizon*, Limoges, Lambert-Lucas, 2019.

- Petitimberty, Jean-Paul, « Territoire(s) de marque », *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.
- « La sémiotique à l'épreuve de l'écrit : régimes rédactionnels et intelligibilité », *Galáxia*, 44, 2020.
- « L'actualité : entre tension et interaction », *Acta Semiotica*, IV, 8, 2024.
- Proust, Marcel, *Du côté de chez Swann*, Paris, Gallimard (Pléiade), 1955.
- Zilberberg, Claude, *Éléments de sémiotique tensiva*, Limoges, PULIM, 2006.
- *La structure tensiva*, Liège, Presses Universitaires de Liège, 2012.

Résumé : A partir d'un corpus de témoignages verbaux et non-verbaux de séjours touristiques dans l'hinterland européen, cet article a pour objet l'étude des « pratiques » subjectives de l'espace (« l'espace pour soi »). Après les avoir analysées et catégorisées au filtre de la sémiotique tensiva puis comparées au modèle, lui aussi tensif, des « pratiques sémiotiques » proposé par J. Fontanille, on conduira un examen critique de ce modèle en le confrontant à celui que la socio-sémiotique a inventé à partir des interactions. S'ensuivra un exercice d'hybridation et une comparaison des résultats avec les « régimes d'espace » proposés par E. Landowski.

Mots-clefs : ajustement, espace, étendue, intensité, pratiques, programmation, régimes de sens, tensivité, usage, utilisation.

Resumo : O artigo estuda as “práticas” subjetivas do espaço (“o espaço vivido”) tal como elas são descritas em um conjunto de testemunhos verbais e de desenhos produzidos por turistas após sua estadia em distintos lugares no interior europeu. Num primeiro tempo, analisamos e categorizamos essas práticas segundo a perspectiva da semiótica tensiva e do modelo das “práticas semióticas” proposto por J. Fontanille. Segue um exame crítico baseado na confrontação com o modelo alternativo concebido pela sociossemiótica das interações. O trabalho desemboca numa hibridização dos resultados e uma comparação final com os “regimes de espaço” propostos por E. Landowski.

Abstract : Based on a corpus of verbal and non-verbal accounts of tourist stays in the European hinterland, this article examines the subjective “practices” of space (“the experience of space”). After analysing and categorising these practices through the lens of tensive semiotics and comparing them with another tensive model, that of the “semiotic practices” proposed by J. Fontanille, we critically examine this same model and compare it with the interactional model invented by socio-semiotics. This will be followed by a hybridisation exercise and a final comparison of the results with the “regimes of space” proposed by E. Landowski.

Auteurs cités : Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Jean-Marie Floch, Jacques Fontanille, Eric Landowski.

Plan :

Introduction

1. Première grille d'interprétation
 1. Les zones extrêmes
 2. Les zones de corrélation inverse
 2. Du schéma tensif au modèle interactionnel
 1. On ne badine pas avec les concepts : exercice de falsification
 2. Interactions tensives : tentative d'hybridation
 3. Retour sur les concepts théoriques de pratique et de régimes de spatialité
- Conclusion

Recebido em 17/03/2025.

Aceito em 20/05/2025.

Modos de vida em área de risco

Nilthon Fernandes

Centro de Pesquisas Sociossemióticas,
PUC-São Paulo

Introdução

Áreas urbanas de risco, especialmente em grandes metrópoles brasileiras, representam um desafio complexo que envolve não apenas questões ambientais e de infraestrutura, mas também aspectos sociais, culturais e econômicos. A comunidade do Boulevard da Paz, situada no distrito de M'Boi Mirim, em São Paulo, é exemplo dessa realidade. Trata-se de uma comunidade construída em encostas sujeitas a deslizamentos de terra, onde a permanência consciente de milhares de pessoas em uma área de muito alta situação de riscos de desastres intriga pesquisadores e autoridades.

Muitos moradores não possuem condições econômicas de se mudar, enquanto outros, mesmo tendo algum recurso, mantêm-se no local devido a laços afetivos e comunitários profundamente enraizados. Nesse sentido, perguntamos: como essas populações atribuem sentido às suas vidas e ações em um ambiente permeado pela ameaça de desastre? Quais estratégias discursivas e interacionais irrompem na convivência diária com o risco? Neste artigo, que retoma o essencial de uma tese defendida em 2022, buscamos responder a essas questões por meio de uma análise sociossemiótica dos modos de vida no Boulevard da Paz, entendendo “modos de vida” como os padrões de ações, discursos e relações que os moradores desenvolvem ao habitar em uma área de risco¹.

¹ Cf. N. Fernandes, *Sociossemiótica dos modos de vida da população em condições de riscos de desastres no Boulevard da Paz, M'Boi Mirim*, São Paulo, Tese em Comunicação e Semiótica, P.E.P.G.C.S., PUC-São Paulo, 2022.

Isso significa examinar as narrativas, os valores, as práticas e as interações que constituem a vivência do risco. O Boulevard da Paz oferece um caso singular para esse tipo de análise. De um lado, destaca-se a relativa ausência do Estado no cotidiano local, estampada na precariedade de serviços básicos e na implementação limitada de políticas de redução de riscos. Do outro, observa-se a forte presença de atores locais que passam a desempenhar papéis centrais : líderes comunitários que articulam melhorias e reivindicações, grupos religiosos que oferecem amparo moral e orientação, e até organizações do crime que estabelecem normas paralelas de convívio.

Esses atores e instâncias constituem uma constelação complexa, onde cooperação e tensão coexistem na gestão informal do risco. Como apontam os resultados da pesquisa de campo, o sentido de habitar no Boulevard da Paz ergue-se da interação entre “o abandono do Poder Público”, com uma política marcada pelo clientelismo e burocracia ; de outro, a hierarquia de regências locais que inclui o crime organizado, os discursos religiosos e a ação política dos líderes comunitários.

1. Referencial teórico

O referencial teórico combina conceitos estruturais da semiótica (narratividade, modalidades, programa narrativo, presença / ausência, figuratividade, enunciação) que permitem descrever o que é significado e como é significado nos discursos e conceitos da sociosemiótica (regimes de interação, patêmico e estético, tipologias de sujeitos) que permitem entender por que certos significados surgem em função do contexto situacional.

Nos interessa em primeiro lugar investigar as modalizações que regem as ações, por exemplo, o “querer-fazer” coletivo de melhorar o bairro, o “saber-fazer” adquirido pela experiência com desastres, o “dever-fazer” associado à responsabilidade comunitária ou ainda as lacunas de poder-fazer diante da falta de recursos. Essas modalidades, quando mapeadas, mostram a dinâmica interna das práticas de prevenção, mitigação ou mesmo da resignação diante do risco.

No contexto da pesquisa, podemos pensar a “presença” em múltiplas acepções : a presença física do morador na área de risco em oposição à ausência de quem a deixa, a presença do Estado ou sua ausência sentida, a presença do risco como algo latente ou manifesto no ambiente e até mesmo a presença do próprio pesquisador em campo. Uma existência ausente pode ser tratada narrativamente como uma existência virtual, enquanto a existência presente corresponde ao nível atual e sintagmático do discurso². Essa distinção teórica nos ajuda a compreender como os moradores interpretam, por exemplo, a ausência do poder público : ela não é um vazio sem sentido, mas ganha estatuto de presença virtual, preenchida pela memória ou expectativa do Estado que deveria atuar. De modo similar, enquanto ameaça, um deslizamento futuro está ausente no momento presente, mas se faz constantemente presente no imaginário coletivo

2 Cf. A.J. Greimas e J. Courtés, *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Contexto, 2ª ed., 2013, pp. 382-383.

como possibilidade ou como uma existência virtual do desastre. Trabalhar com as categorias de presença / ausência permite, portanto, descrever semióticamente as formas pelas quais os sujeitos e fenômenos aparecem ou desaparecem no universo de sentido da comunidade.

No Boulevard da Paz, podemos identificar diversos programas narrativos em curso : entre outros, o programa de ação dos líderes comunitários em busca de um “bairro seguro” por meio de mobilização política e obras, o programa de sobrevivência cotidiana dos moradores que desejam continuar vivendo no local apesar dos riscos. Em alguns casos, trata-se de programas de fazer-fazer, isto é, de manipulação : os líderes, atuando como destinadores manipuladores, incitam outros moradores a agir em prol da comunidade (por exemplo, mutirões de limpeza ou de pintura) ; em outros casos, identificamos programas de ações que buscam transformar o próprio ser ou estado de algo³.

O fazer-ser diz respeito à realização de um novo modo de ser para o sujeito ou para o coletivo. A comunidade, por meio de suas ações conjugadas, procura fazer existir um novo estado de coisas, um bairro menos vulnerável, mais digno e plenamente habitável. As lideranças locais, ao articular as modalidades querer-fazer e saber-fazer, dever-fazer e poder-fazer dos moradores, erigem um projeto de fazer-ser da comunidade enquanto lugar seguro e reconhecido.

Programação, manipulação, ajustamento, acidente, todos esses regimes interdefinidos pela sociosemiótica estão presentes de alguma forma e às vezes interagem entre si. As práticas de limpeza e organização, por exemplo, podem nascer de uma manipulação inicial, mas ao se repetirem e se espalharem pela vizinhança acabam configurando uma programação coletiva, uma rotina incorporada ao hábito. Mutirões comunitários que começaram de forma pontual converteram-se em comportamentos regulares de manutenção do espaço, integrando mesmo moradores que não foram diretamente convocados pelos líderes, mas que aderem “de livre e espontânea vontade” ao ver o exemplo dos vizinhos. Essa transição de manipulação para programação ilustra a capacidade de auto-organização local. Por outro lado, quando as estratégias de mobilização não conseguem engajar a todos — isto é, quando há falha na manipulação e limitação na programação comunitária —, surge uma espécie de fissura social que pode expor a comunidade ao regime do acaso. Se parte dos moradores permanece alheia aos esforços de prevenção, o efeito é a manutenção ou agravamento do risco, podendo sobrevir um desastre, um “acidente” com sua carga patêmica (de sofrimento, medo), diante do qual os indivíduos podem recorrer a explicações ou soluções de cunho transcendental, fora da racionalidade técnica. Por exemplo, enquanto alguns apostam em “escolher um governo mais equitativo”, outros optam por rezar, orar, crer em uma figura mítica... ou aceitar sua condição de vítima conforme “a natureza deseja” ou “os espíritos determinam”.

Essas atitudes exibem, frente ao risco, as dimensões patêmica, relacionada às emoções, e estésica, ligada à percepção sensível. Assim, o recurso à fé ou

3 Cf. A.J. Greimas, *Da imperfeição*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017, pp. 23-24.

ao destino pode ser visto como um ajustamento a uma ordem de sentido diferente — não havendo controle humano (acaso), busca-se ajustamento com uma suposta vontade divina ou com o curso natural, numa tentativa de restaurar um sentido à experiência do desastre. Como veremos, em uma comunidade como o Boulevard da Paz, nem todos os moradores reagem igualmente ao risco ou às iniciativas dos líderes.

2. As etapas da análise

A investigação foi conduzida segundo uma perspectiva qualitativa, exploratória e interpretativa, alinhada aos princípios da pesquisa sociossemiótica. O desenho metodológico integrou duas etapas principais em constante diálogo : imersão empírica no campo e análise semiótica estrutural dos dados coletados. Essa combinação visa aproveitar a riqueza das experiências vividas e observadas *in loco* e o rigor analítico proporcionado pelos modelos teóricos.

A primeira fase consistiu na inserção do pesquisador no cotidiano do Boulevard da Paz. Essa imersão envolveu visitas regulares à comunidade, acompanhando momentos de rotina — dias sem incidentes, atividades comuns dos moradores — e situações críticas — por exemplo, dias de chuvas intensas, pequenas ocorrências de deslizamento, reuniões emergenciais. O pesquisador adotou uma postura de observador participante, buscando interagir com os moradores para compreender suas percepções e registrar as diversas manifestações de sentido relacionadas ao viver em uma área de risco. Para sistematizar essas observações, manteve-se um diário de bordo, no qual eram anotados diariamente os eventos relevantes, diálogos, emoções percebidas e descrições do ambiente físico. Esse diário serviu como um *corpus* narrativo inicial, expressando a presença do pesquisador e sua interação com o lugar — um repositório das experiências enunciadas pelos sujeitos locais e pelo próprio pesquisador ao vivenciá-las.

A segunda etapa ficou reservada ao tratamento analítico-interpretativo do material empírico à luz do referencial teórico. Inicialmente, procedeu-se a uma leitura exaustiva do diário de bordo e à transcrição-organização de trechos selecionados de falas dos moradores e descrições de eventos. Desde então, aplicaram-se categorias semióticas para decompor e compreender o conteúdo. Por exemplo, identificamos no *corpus* cenas consideradas narrativas exemplares — momentos que condensavam significados-chave, como uma evacuação preventiva bem-sucedida ou um conflito entre moradores e técnicos da prefeitura — e, sobre elas, construímos as análises mapeando as oposições e contradições conceituais presentes no universo discursivo local — como segurança *vs* perigo, presença *vs* ausência (do Estado), ação coletiva *vs* dúvida, esperança *vs* fatalismo.

Paralelamente, montamos modelos actanciais para representar os papéis temáticos desempenhados pelos atores sociais nas narrativas de enfrentamento do risco. Assim, em um esquema actancial extraído das informações, notamos que os moradores engajados aparecem como sujeitos buscando o objeto de valor “bairro seguro” ; os líderes comunitários funcionam como destinadores — inci-

tando e dando sentido à ação — e também às vezes como destinatários — recebendo demandas da comunidade ou ordens de órgãos oficiais ; o poder público ora aparece como oponente — quando suas ações — ou omissões — contrariam o objetivo dos moradores —, ora potencialmente como ajudante — quando provê recursos, ainda que insuficientes ; o terreno instável e as chuvas configuram-se como uma espécie de força da natureza que, sem intencionalidade, age como um oponente circunstancial, acionando o regime do acaso ; e valores como solidariedade e conhecimento técnico atuam como ajudantes imateriais que impulsionam o sujeito na sua missão.

Um aspecto central do trabalho foi a análise das modalidades discursivas presentes nas falas e textos coletados. Buscamos trechos onde os moradores expressassem desejos, obrigações, saberes ou capacidades relacionados ao risco. Por exemplo, declarações como “queremos continuar morando aqui, mas sem medo” manifestam a modalização do querer ; “temos que nos unir para cobrar a prefeitura” assinala um dever-fazer coletivo ; “sabemos quando o barranco vai ceder, pelos estalos” exprime um saber-fazer empírico ; “não podemos sair daqui, não temos outro lugar” indica simultaneamente um não-poder (deixar a área) e talvez um querer-ser (manter-se na comunidade). Ao categorizar essas modalidades, foi possível delinear o perfil modal da comunidade, isto é, quais combinações de modalizações são mais recorrentes. Identificamos, por exemplo, a predominância de enunciados de volição e deônticos compartilhados — “querer” e “dever” coletivos de melhorar as condições de vida —, combinados com modulações de saber prático e reconhecimentos de poder-fazer limitado. Essa constelação modal sugere uma coletividade que se percebe ao mesmo tempo motivada e responsável pela mudança, embora estrangida materialmente.

Outra dimensão foi a identificação de regimes de interação operando nos episódios relatados. Para cada evento-chave descrito no diário, perguntamos : essa situação foi vivenciada como fruto de um planejamento / programação, de uma iniciativa de manipulação, de um ajuste mútuo ou de um acaso ? Por exemplo, uma campanha comunitária de conscientização sobre lixo foi analisada como resultado de manipulação, onde os líderes persuadem moradores a aderir, visando instituir uma programação ; já a súbita queda de um muro durante uma intensa chuva foi interpretada como acontecimento do acaso, seguido, porém de um ajuste solidário. Mapeando diversos eventos ao longo do tempo, percebemos uma alternância e por vezes sobreposição desses regimes.

Os resultados parciais da análise semiótica foram integrados em uma análise teórico-empírica conjunta, buscando ancorar os conceitos abstratos em evidências do campo e, mutuamente, explicar os dados empíricos pelo quadro conceitual. Adotamos um estilo de redação analítica que mescla descrição e interpretação : trechos do diário e falas dos atores são apresentados e interpretados sob a lente da semiótica. As interpretações foram validadas por meio de triangulação entre diferentes fontes de dados — observação direta, falas dos moradores, documentos consultados como relatórios da Defesa Civil ou notícias locais — e pela coerência do modelo semiótico aplicado.

3. A vida em suspenso : habitar o risco e (re)significar a permanência

A rotina dos moradores é marcada por uma tensão permanente entre o desejo de uma vida normal e a consciência latente do perigo. Essa ansiedade transparece nas narrativas coletadas. Muitos habitantes relatam experiências traumáticas passadas — por exemplo, deslizamentos menores que danificaram casas ou a evacuação emergencial de vizinhos em noites de temporal — que os deixaram em constante estado de alerta. Apesar disso, optam por ficar. “Aqui é o meu lugar, construí tudo com muito sacrifício”, disse um morador de 52 anos, enfatizando o valor de uso e de afeição da casa onde criou os filhos. Essa fala ilustra a modalidade do querer-ser no espaço : mais do que querer fazer algo, trata-se de querer ser parte daquele lugar, manter sua identidade vinculada à comunidade e ao território. Para este morador e muitos outros, sair significaria romper não só com um espaço físico, mas com uma rede de significados — vizinhança, história de vida, pertencimento. Assim, essa presença afetiva com o local funciona como um destinador modal, conferindo aos sujeitos a competência para suportar adversidades — o poder-fazer suportar as condições difíceis — e justificar a permanência — o dever ficar para não trair suas raízes.

A partir das observações, notamos que os moradores elaboram diversas estratégias simbólicas para ressignificar a condição de risco e torná-la compatível com a continuidade da vida cotidiana. Uma dessas estratégias é a normalização discursiva do risco : muitos se referem aos deslizamentos e enchentes como coisas incorporadas à paisagem de vida, quase rotineiras. Expressões como “quando a terra descer de novo a gente resolve” ou “todo verão é isso, a gente já sabe lidar” foram frequentes. Nesse discurso, o regime do acaso, o desastre possível, é de certo modo domesticado pelo saber local e pelo hábito, lembrando o que Landowski chama de programações que visam aproximar a comunidade de um regime de segurança com poucos acidentes⁴. Em outros termos, os moradores incorporam a lógica do risco em um regime de programação cotidiana : verificam rotineiramente as condições do solo, limpam as canaletas antes das chuvas, definem pontos de encontro seguros.

Entretanto, normalizar não significa ignorar. Há também uma constante reconstrução narrativa dos eventos críticos passados que servem como aprendizado e coesão comunitária. Nas entrevistas, frequentemente os moradores lembravam o grande deslizamento de 2017, o mais grave da década, em detalhes vívidos : “A terra veio abaixo naquela madrugada... parecia um rugido, um tremor”. Ao narrar o ocorrido, cada um assumia um papel : o senhor que salvou uma criança dos escombros é celebrado como herói ; a ausência do Corpo de Bombeiros nas primeiras horas é citada como evidência da negligência estatal ; a igreja que abrigou os desabrigados torna-se símbolo da solidariedade. Essas narrativas funcionam como mitos locais fundadores : fixam valores de coragem, união e fé e dão sentido ao sofrimento passado, tornando-o base para uma iden-

4 E. Landowski, *As interações arriscadas*, trad. São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2014, p. 32.

tidade coletiva resistente. Em termos semióticos, tais relatos transformam um acontecimento patêmico caótico em uma estrutura narrativa dotada de começo, meio e fim, com sujeitos, provas e desfecho. A memória do desastre, portanto, alimenta a motivação atual : “sobrevivemos uma vez, aprendemos, vamos evitar que aconteça de novo”. Esse é um claro enunciado de competência modal : o saber-fazer adquirido da experiência e o dever-prevenir futuramente.

3.1. Entre a vigilância e a negligência burocrática

Um eixo analítico central é a relação da comunidade com o poder público. O Boulevard da Paz, como muitas áreas periféricas, vivencia uma contradição : está mapeado nas instâncias oficiais como área de risco, ou seja, sob o olhar das políticas públicas de Defesa Civil, mas os moradores sentem, no dia a dia, a ausência concreta do Estado em apoio e investimentos. No capítulo “O panóptico e os sistemas de riscos de desastres”, discutimos como as tecnologias de monitoramento e mapeamento de risco — câmeras, relatórios geológicos, mapas de setores de risco — criam uma espécie de olhar panóptico sobre as favelas de encosta, enquadrando-as como objeto de vigilância constante⁵. Em princípio, essa vigília indicaria presença estatal : técnicos sabem onde estão os pontos críticos, há registros de cada ocorrência etc. Contudo, essa presença é sobretudo discursiva e burocrática. Na prática, os moradores relatam que a interação com órgãos públicos se resume a visitas esporádicas de agentes para avaliar o terreno e, eventualmente, notificações de remoção para algumas famílias. Não há um diálogo efetivo, nem soluções duradouras apresentadas. O governante ou técnico age como um destinador mandatário que não sugere nenhum contrato e não exige nada em troca, limitando-se a prescrições de ordem preventiva ou a medidas pontuais como remover casas. Essa atitude coloca o Estado num regime de programação frio e distante, mas falha em engajar os sujeitos locais num projeto comum — não há manipulação positiva, nem ajustamento às realidades vividas.

Dessa forma, do ponto de vista dos moradores, o Estado está e não está presente : ele se faz sentir como poder que delimita — pelos mapas de risco que impedem reformas nas casas, por exemplo, ou da ameaça de remoção que paira sobre todos, mas não como parceiro que realiza. Em termos semióticos, poderíamos dizer que o destinador Estado impõe um não-fazer, proibição de permanecer em certas áreas, obrigação de evacuar sob certas condições, sem oferecer um fazer-ser alternativo que seja aceitável para os sujeitos, como moradia digna em local seguro. Essa assimetria de contrato enfraquece a legitimidade das ações estatais. A consequência observada é que muitos moradores oscilam entre a desconfiança e a instrumentalização : por um lado, desacreditam das soluções públicas ; por outro, utilizam estrategicamente a presença eventual para obter recursos. A ausência do Estado no cotidiano, a falta de obras de infraestrutura, de assistência contínua, é interpretada não como simples vazio, mas como abandono — um elemento carregado de sentido negativo que alimenta a indignação

5 N. Fernandes, *Sociossemiótica dos modos de vida...*, op. cit., p. 71.

e a união local. E por outro lado, a presença burocrática, com mapeamentos e notificações, é percebida como ineficaz ou até ameaçadora, gerando resistências veladas. Contudo, essa tensão tem também um efeito mobilizador : diante da carência, os moradores desenvolvem iniciativas próprias ; e diante da possibilidade de remoção, articulam discursos de direito à permanência.

3.2. Uma ecologia de regências sociais

Em contraste com a frágil atuação estatal, é notável uma robusta ecologia de lideranças e manipulações que orientam a vida comunitária. Três forças, em especial, foram identificadas como estruturantes : os líderes comunitários formais, as lideranças religiosas, em especial de igrejas evangélicas locais, e os líderes do tráfico de drogas, que controlam certa ordem social na favela. À primeira vista, pode parecer improvável analisar conjuntamente agentes tão díspares — o ativista comunitário, o pastor/padre, o chefe do crime. Contudo, a pesquisa mostrou que há uma intersecção de interesses e até cooperação tácita entre eles, compondo uma hierarquia de regências no âmbito local.

1. Os *líderes comunitários* são moradores antigos, reconhecidos pelos pares, que assumiram ao longo do tempo papéis de porta-voz e organizadores da comunidade. Eles fundaram associações de moradores, representam a favela em fóruns externos e coordenam ações como mutirões, abaixo-assinados e manifestações. Sem poder institucional, exercem uma autoridade que vem da legitimidade conferida pela comunidade — são, na linguagem semiótica, destituidos-manipuladores no sentido positivo : inspiraram confiança e adesão.

2. As *lideranças religiosas* — notadamente pastores de igrejas pentecostais muito presentes na região, mas também agentes de pastorais católicas — exercem outra forma de influência. Se os líderes comunitários operam no registro da razão pública, os religiosos atuam no registro patêmico e ético : oferecem conforto espiritual, explicações transcendentais para o sofrimento e uma rede de apoio moral e material como distribuição de doações. Em momentos de crise, como pós-deslizamento, é comum a igreja local converter-se em abrigo e centro de coordenação da ajuda, em paralelo, quando não à frente, das instituições oficiais.

3. Os *líderes do tráfico de drogas* representam uma instância paradoxal. De um lado, suas atividades criminosas e a lógica violenta impõem riscos adicionais à comunidade. De outro, é inegável que eles mantêm uma ordem paralela que, em certos aspectos, coíbe desordens e supre ausências do Estado. Moradores mencionaram, por exemplo, que traficantes locais proibiram certos trechos de serem habitados após grandes chuvas até verificarem a segurança, efetivamente agindo como “Defesa Civil informal”. Em outra ocasião, frente a boatos de saque a casas evacuadas, foram integrantes do crime que garantiram vigilância para evitar roubos. Essas ações pragmáticas indicam que, apesar da ilegalidade, existe uma inserção dos criminosos no tecido social da favela de modo complexo — eles também habitam o lugar e têm interesse na sua estabilidade, ainda que por razões de manutenção de território.

Essa “ecologia de regências” — comunitária, religiosa e criminal — não é isenta de conflitos internos, mas de modo interessante, frente ao grande inimigo comum, o desastre, a precariedade, tende a haver uma trégua e até colaboração. O campo registrou cena de todos esses agentes juntos : numa campanha de doação após uma chuva forte, via-se lado a lado o líder comunitário, o pastor e um conhecido traficante entregando colchões e comidas às famílias atingidas. Cada qual tinha sua motivação, mas a ação convergia para um mesmo objeto de valor imediato : socorrer a comunidade ao mesmo tempo que reforçava o fazer-ser do Boulevard da Paz como uma comunidade unida. Diante de certas ameaças globais, as diferenças de regime podem diluir-se em um ajustamento situacional : o risco concreto faz aflorar uma inteligência coletiva prática, onde até atores adversos cooperam instintivamente — uma espécie de contrato de sobrevivência.

Em resumo, a comunidade encontra, em si mesma, suplência para a falta de instituições formais. A produção de sentido sobre “quem manda” e “quem cuida” do local se desloca : sai da órbita do Estado e entra na esfera desses líderes locais, sejam legítimos ou paralelos. Para os moradores comuns, essa constelação traz certa segurança, mas também ambiguidade moral. Do ponto de vista semiótico, podemos dizer que o destinador que confere sentido e direção à vida no Boulevard da Paz deixa de ser uno e passa a ser coletivo : é um destinador múltiplo, distribuído entre figuras de autoridade formal e informal. Assim, o modo de presença da autoridade no bairro é plural, emanando de vários polos. Esse fato modifica / os modos de sujeição dos moradores : eles ajustam seu comportamento conforme o contexto e o interlocutor. Na igreja comportam-se como fiéis obedientes a um *ethos* pacífico ; com o líder comunitário, como cidadãos cooperativos ; sob o domínio do tráfico, como subordinados silenciosos. Longe de indicar incoerência, isso demonstra uma competência semiótica sofisticada : os sujeitos sabem transitar entre diferentes sistemas de sentido, sobrevivendo e mantendo um grau de agência em cada um.

4. Práticas de produção de sentido e resiliência coletiva

No dia a dia do Boulevard da Paz, diversas práticas sociais concretas funcionam como veículos de produção de sentido e ao mesmo tempo de redução da vulnerabilidade da população. A análise identificou algumas práticas-chave : mutirões de limpeza e obras, reuniões comunitárias, festas locais e narrativas orais. Cada uma delas cumpre um papel semiótico na construção da resiliência coletiva.

1. Os *mutirões de limpeza e pequenas obras* são talvez a prática mais recorrente. Organizados geralmente pelos líderes, mas às vezes espontaneamente por um grupo de vizinhos, esses mutirões incluem atividades como desobstruir córregos de escoamento de água, recolher lixo acumulado em áreas críticas, reforçar com sacos de areia alguma encosta após chuvas, construir escadas rudimentares em vielas íngremes etc. À primeira vista, são ações utilitárias, de melhoria material. Contudo, elas carregam significados profundos : representam a capacidade de ação coletiva e a tomada de responsabilidade dos moradores sobre seu espaço.

Ao narrativizar essas ações, frequentemente os participantes as comparam a “cuidar da própria casa”. Frases como “se nós não fizermos, ninguém fará” ou “juntos, a gente arruma nosso canto” evidenciam o valor modal deôntico em operação — o dever-fazer comunitário em prol do bem comum.

2. As *reuniões comunitárias* também desempenham papel semiótico essencial. Além da grande reunião com autoridades, existem encontros regulares da associação de moradores ou assembleias informais em momentos necessários. Nesses espaços, os problemas são discutidos e as decisões são tomadas coletivamente ou com conhecimento geral. Do ponto de vista da enunciação, a reunião é o momento em que a comunidade se dirige explicitamente a si mesma. Moradores se alternam como enunciatários contando problemas, fazendo queixas ou sugestões ; o grupo, como enunciatário, ouve, reage, entra em consenso. Às vezes há conflitos verbais, mas mesmo esses confrontos são importantes por trazer à superfície tensões que podem ser mediadas.

3. As *festas locais* — festividades juninas, dia das crianças, natal comunitário etc. — podem parecer desvinculadas da questão do risco, mas têm uma função social-simbólica relevante. Elas reafirmam a positividade da vida em comunidade. Durante esses eventos, a favela se enfeita, há compartilhamento de alimento, música, brincadeiras — por um momento, o foco não é a carência ou o perigo, mas a celebração do coletivo. Em termos semióticos, essas festas funcionam como rituais de inversão ou de suspensão da narrativa tensa do risco, permitindo a vivência do lúdico e do sagrado que renova as energias sociais. Para grande narrativa, elas inserem intervalos patêmicos de alegria e coesão, importantes para a experiência de sentido global : os moradores não são definidos apenas pelo sofrimento ou luta, mas também pela capacidade de gerar felicidade e cultura.

A oralidade é constante : a circulação de histórias, conselhos e até boatos fazem parte da construção do sentido do lugar. Essas histórias constroem uma memória coletiva que dá profundidade temporal ao lugar — não é apenas uma ocupação irregular recente, mas um local com trajetória. Isso ajuda a legitimar a permanência : quem narra as origens no passado reforça a ideia de que a comunidade tem raízes que não podem ser arrancadas facilmente. Já no presente, a troca de informações práticas — por exemplo, alguém conta que ouviu um estrondo debaixo do chão de sua casa na noite anterior e os vizinhos interpretam como aviso de movimento de terra — gera um sistema de alerta informal.

Em muitos relatos, antes de um incidente maior, ocorriam pequenos sinais que os moradores aprenderam a ler e sobre os quais comunicavam entre si, às vezes acionando evacuações preventivas até mais rápido do que as sirenes oficiais. Isso representa a tradução semiótica da relação com a natureza : a comunidade criou seu repertório semântico de indícios de risco, compartilhando-os oralmente como conhecimento tácito. Em paralelo, a difusão midiática na utilização das redes sociais tem crescido. Moradores gravam vídeos de problemas e postam no Facebook, grupos de WhatsApp da comunidade disparam avisos de chuva forte — com base em aplicativos meteorológicos ou alertas da Defesa Civil. Essa apropriação de mediações técnicas amplia o alcance das vozes locais

e muitas vezes coloca pressão nas autoridades. Assim, o discurso da comunidade transborda suas fronteiras e tenta influenciar a enunciação midiática da cidade, buscando reconhecimento.

5. Resultados da pesquisa de campo

Ao olhar de perto o caso do Boulevard da Paz podemos ver um conjunto de resultados que respondem às questões iniciais da pesquisa e oferecem um panorama articulado dos modos de vida sob risco. Os principais resultados podem ser sintetizados nos seguintes pontos.

1. *Fatores da permanência e busca de sentido* : confirmou-se que a decisão de permanecer na área de risco deriva de dois conjuntos de fatores interligados — um material / estrutural e outro simbólico / afetivo. Do lado material, a baixa renda e a falta de alternativas habitacionais viáveis pesam enormemente: a maioria dos moradores não tem o poder-fazer a mudança, pois os custos de morar em áreas seguras da cidade são inviáveis a essa comunidade. Entretanto, isso por si só não explica a permanência se não houver o componente afetivo. O apego ao lugar, construído por laços de vizinhança, memórias familiares e uma identidade local, mostrou-se essencial. Muitos indivíduos que poderiam ter saído, optaram, ainda assim, por ficar ou voltar por sentirem que ali estava sua verdadeira casa. A pesquisa constatou que os moradores atribuem sentido positivo ao ato de ficar : é interpretado como resistência, fidelidade às próprias raízes e até missão coletiva. Em termos semióticos, permanecer ganhou a conotação de valor — não é simples inércia, mas um querer-ser no local, carregado de significado. Assim, a permanência consciente não é uma adesão cega ao risco, mas uma negociação : troca-se parte da segurança por outros valores : comunidade, identidade, esperança de melhoria. Essa racionalidade valorativa interna contradiz a visão externa de que essas populações “não sabem o risco que correm” — elas sabem, mas pesam diferentemente os componentes desse risco dentro de uma economia própria de valores.

2. *Modos de presença dos sujeitos diante do risco* : a análise identificou distintos modos de presença dos moradores enquanto sujeitos atuantes ou não atuantes no enfrentamento dos riscos, correspondendo em larga medida à tipologia de presença. Em resumo :

— *Engajamento ativo*. Um segmento da população, incluindo os líderes comunitários e seus colaboradores próximos, adota uma postura proativa. Esses sujeitos estão presentes de modo agente, isto é, tomam para si a tarefa de transformar a realidade. Representam cerca de 20% dos moradores, segundo estimativas qualitativas — participantes frequentes de reuniões e mutirões. Seu modo de vida incorpora as práticas preventivas e a busca de melhorias contínuas — são os primeiros a chegar em ações coletivas e os últimos a sair. A presença deles é sentida em toda parte : são conhecidos pelo nome, servem de referência e intermedeiam informações.

— *Apoio passivo (confiante)*. Um segundo grupo — talvez cerca de 50% dos moradores — não participa ativamente da organização, mas também não se

opõe. Esses adotam um modo de presença acomodada, porém solidária. Não lideram iniciativas, mas quando convocados ou diretamente beneficiados, aderem. Muitos confiam nos líderes para decidirem e agirem pelo bem de todos — “deixo nas mãos deles, que sabem o que fazem”, foi uma frase representativa. Seu envolvimento tende a ocorrer mais em situações emergenciais — quando sentem o perigo próximo, juntam-se ao esforço coletivo — e menos na rotina preventiva. Podemos associá-los ao perfil “semi-motivado”⁶: delegam a agência, mas continuam pertencendo ao coletivo pelo laço de confiança (ajustamento).

— *Indiferença e fatalismo*. Um terceiro grupo, minoritário — talvez 20-30% —, mostra distanciamento em relação às mobilizações. São pessoas que, por diversos motivos, não se envolvem: alguns por descrença, outros por prioridades alheias e outros ainda por desejarem sair dali se tivessem chance. Esses indivíduos manifestam um modo de presença ausente, no sentido de que, embora presentes fisicamente na comunidade, discursivamente se colocam à parte — evitam falar nos espaços coletivos, não aderem ao discurso da resistência, ou então expressam abertamente um fatalismo. “Se Deus quis assim, quem sou eu...” ou “Uma hora essa barreira cai e leva tudo, não há o que fazer”. Esse fatalismo é um mecanismo de defesa psíquica, mas socialmente pode minar iniciativas — são os que não atendem aos alertas, que não colaboram com tarefas preventivas.

3. *Regimes de interação e construção do comum*. A vida social no Boulevard da Paz diversifica entre diferentes regimes de interação, mas a tendência geral observada foi uma predominância do regime de manipulação e de programação endógenas à comunidade, para completar a falha da programação institucional exógena. Em outras palavras, diante da insuficiência das políticas públicas e da imprevisibilidade do risco físico, a comunidade inclinou-se a organizar-se deliberadamente e a instituir rotinas e normas internas visando aumentar a segurança. Exemplos claros incluem a autogestão da limpeza urbana e a criação de sistemas informais de alarme. Esse movimento reflete o que Landowski descreveu como busca de um regime de segurança mediante conjunção de programações.

4. *Relação com o Estado e agenciamento local*. Um resultado de cunho mais sociopolítico foi a constatação de que, mesmo sem recursos formais, a comunidade conseguiu agenciar algumas mudanças institucionais ao seu favor. A pressão contínua, via documentos, protestos localizados, exposição midiática, resultou em ganhos como: inclusão da área em programas de monitoramento pluviométrico, instalação de pluviômetros automáticos em 2020, prioridade na construção de obras de contenção da prefeitura e maior frequência de vistorias da Defesa Civil em épocas de chuva. A sociossemiótica captou esse processo de tradução: os enunciados do cotidiano foram re-enunciados em documentos e vídeos com forte carga figurativa e argumentativa, atuando como textos persuasivos. Uma carta enviada ao prefeito em 2019, anexando abaixo-assinado, trazia a frase: “Não queremos ser as próximas vítimas evitáveis de tragédia anunciada”, uma enunciação potente que conjuga *pathos* — apelo emocional de evitar mortes —,

6 Cf. E. Landowski, *op. cit.*, p. 42.

logos, pois “tragédia anunciada” indica que há previsão e que, portanto, prevenção é possível, e *ethos* : “queremos” colocar os cidadãos como sujeitos conscientes e dignos de atendimento. Esse tipo de discurso acabou citado em audiência pública na câmara municipal, sinal de que atravessou instâncias numa relação hiperotática. Logo, um efeito significativo foi o empoderamento discursivo da comunidade : ela se reconhece hoje mais capaz de dialogar de igual para igual com autoridades, munida de conhecimento e legitimidade.

5. *Valorização do espaço e transformação identitária*. Um resultado qualitativo notório foi a mudança na autoimagem coletiva. No início da pesquisa, em 2017, prevalecia entre muitos a visão de favela como um “lugar de problema”, associando-a a coisas negativas como risco, pobreza e descaso. Ao final, em 2021, percebeu-se um discurso emergente de orgulho local : falaram do Boulevard da Paz como “comunidade”, enfatizando conquistas, como ter água e luz regularizadas, ter recebido um posto de saúde próximo, as ruas com endereçamento postal e asfaltadas etc. e até qualidades ambientais : muitos mencionaram a vista bonita do alto do morro, o ar mais puro que no centro da cidade. Essa mudança semântica — de favela-problema a comunidade-com-virtudes — indica um processo de ressignificação do espaço. Os resultados de campo apontam que a experiência coletiva de organização e luta contribuiu para esse fenômeno. Ao atribuírem sentido positivo às ações, como vitória, aprendizado e solidariedade, esse sentido se projetou sobre o lugar em si.

Limites e fragilidades. Nem todos os resultados foram positivos ; em uma análise sincera vemos as limitações. Por exemplo, apesar da resiliência aprimorada, a comunidade permanece objetivamente vulnerável a um desastre de grande magnitude — a infraestrutura continua insuficiente e, se eventos extremos se intensificarem, como as previsões da emergência climática, poderá haver situações que superam a capacidade local de resposta. Além disso, persistem conflitos latentes : a convivência com o tráfego, embora controlada, gera medo e episódios de violência que não foram o foco deste estudo, mas impactam o tecido social. Alguns moradores ativos também demonstram sinais de esgotamento físico e emocional — a luta constante cobra seu preço e não há garantia de renovação geracional do mesmo nível de engajamento. Essas fragilidades indicam que a autonomia comunitária, por mais admirável, não substitui a necessidade de intervenções estruturais e políticas públicas de longo prazo.

Deste modo, a pesquisa de campo validou a hipótese de que o habitar em risco no Boulevard da Paz não é passivo ou caótico, mas dotado de inteligibilidade própria. Os moradores desenvolveram modos de vida específicos, nos quais o risco é simultaneamente um desafio concreto a ser administrado e um elemento simbólico que molda identidades e relações. A sociossemiótica provou ser um instrumental profícuo para decodificar essa realidade ao revelar as camadas de sentido subjacentes às ações e discursos cotidianos. No Boulevard da Paz, a produção de sentido torna-se em si mesma um componente de sobrevivência: as narrativas compartilhadas alimentam a esperança e a coesão, os valores cultivados orientam comportamentos proativos e as interações configuradas em

torno desses sentidos criam uma rede de proteção social que, até certo ponto, compensa a vulnerabilidade física.

Considerações finais

O Boulevard da Paz não é apenas um espaço geográfico vulnerável ; é, sobretudo, um espaço simbólico carregado de histórias, valores e projetos coletivos. Trata-se de uma equação complexa em que fatores materiais, afetivos e semânticos interagem.

Os moradores, ao interagirem com o ambiente de risco e entre si, mobilizam estruturas de sentido semelhantes às de qualquer narrativa humana de enfrentamento de desafios : há sujeitos, objetos de valor, ajudantes e oponentes, modalidades de querer, saber, poder e dever, e diferentes regimes de interação que se sucedem conforme as circunstâncias. Essa constatação reforça a ideia de que comunidades marginalizadas não estão à margem do sentido — ao contrário, elas elaboram riquíssimas gramáticas de vida, que merecem ser reconhecidas. A sociossemiótica, ao lançar luz sobre essas gramáticas, pode contribuir não só para a teoria semiótica como também para práticas sociais e políticas mais eficazes e humanizadas.

Do ponto de vista teórico, este trabalho mostrou a fecundidade de articular a semiótica estrutural de Greimas com a sociossemiótica de Landowski na análise de fenômenos concretos. Conceitos como modalização, enunciação e narratividade, quando aplicados a relatos de campo, tornaram visíveis os mecanismos pelos quais a comunidade interpreta e age sobre a realidade. Por sua vez, os regimes de interação de Landowski ofereceram um quadro dinâmico para entender as oscilações entre ação deliberada, hábito, empatia e acaso na vida social local. Ao integrar essas perspectivas, construímos uma análise multifacetada : ora focada na estrutura do discurso, como na oposição semântica presença / ausência do Estado, ora atenta aos fluxos interativos e contingentes, como na cooperação emergencial diante do inesperado. Essa complementaridade enriquece a sociossemiótica enquanto método e aponta caminhos para pesquisas futuras em contextos similares que podem ser examinados sob esse duplo prisma para se captar a estrutura do sentido e a pulsação dos acontecimentos.

Alguns pontos merecem destaque final.

1. *Políticas de redução de risco.* Os achados evidenciam que políticas puramente *top-down*, baseadas apenas em dados técnicos, tendem a fracassar se não incorporarem a dimensão semiótica — isto é, se não considerarem os significados, sentidos e valores dos moradores. Ao planejar a intervenção em uma área de risco como o Boulevard da Paz, governantes e técnicos devem dialogar com a comunidade, reconhecer seu saber local e envolver suas lideranças. A existência de um tecido social organizado e de uma vontade coletiva de melhorar o lugar é um recurso valioso que as autoridades deveriam ver como aliado, não como empecilho. No lugar de encarar os moradores apenas como populações a serem removidas ou tuteladas, é fundamental reconhecê-los como sujeitos de comunicação e ação, integrando-os nos programas de prevenção.

2. *Valorização da comunidade.* O estudo apontou uma elevação da autoestima coletiva e uma ressignificação positiva do bairro. Cristalizar isso é muito importante. A presença do Estado, quando se fizer, deve evitar posturas que reacendam estigmas e sim reforçar os aspectos positivos — por exemplo, oferecendo formação e pequenas remunerações a moradores para atuarem como agentes locais de defesa civil, capitaliza-se a experiência deles e ao mesmo tempo legitima-se sua função. Outro caminho é apoiar projetos de melhoria já iniciados pela comunidade para mostrar que permanecer ali pode ser viável e digno. De maneira resumida, políticas públicas que consideram o contexto semiótico tendem a ser mais sustentáveis.

3. *Aplicações da análise sociosemiótica.* Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa fornece um estudo de caso robusto que pode ser contrastado com outros. Ela sugere que a sociosemiótica dos modos de vida em risco é um campo fértil, no qual conceitos de presença, interação e sentido revelam nuances que abordagens estritamente sociológicas ou geográficas poderiam deixar escapar. Por exemplo, a ideia de que “segurança simbólica” antecipa ou compensa a falta de segurança física pode inspirar novos estudos interdisciplinares entre semiótica, psicologia comunitária e gestão e comunicação de riscos. Além disso, a metodologia de combinar diário de bordo sensível com análise teórica pode ser replicada em outras investigações qualitativas, contribuindo para métodos de pesquisa engajada e reflexiva nas ciências sociais.

Habitar o Boulevard da Paz mostrou-se, para seus moradores, muito mais do que simplesmente ocupar um espaço perigoso : é morar em um universo de significações que eles próprios constroem e transformam. Esses cidadãos exercem uma espécie de semiótica cotidiana, interpretando sinais do ambiente, narrando suas vidas e modulando suas ações conforme os sentidos que surgem da interação coletiva. Se o risco de desastre é uma realidade incontornável, a forma de encará-lo não é homogeneamente dada ; é uma criação social. Ao trazer tais *insights*, esperamos não apenas ter contribuído para a compreensão teórica desse caso, mas também ter dado voz, no registro acadêmico, a uma comunidade que elabora diariamente uma lição de resiliência e criatividade do sentido. Como desdobramento natural, futuras pesquisas poderiam acompanhar a evolução do Boulevard da Paz nos próximos anos, verificando se as tendências de empoderamento e organização se mantêm, e explorando em que medida eventuais intervenções externas incorporaram (ou não) o conhecimento aqui levantado. De toda forma, fica a certeza de que, enquanto houver presença — física, afetiva, sensível — dessa coletividade no território, haverá também narrativas de esperança tecendo um sentido que suplanta o risco.

Referências

- Fernandes, Nilthon. *Sociosemiótica dos modos de vida da população em condições de riscos de desastres no Boulevard da Paz, M'Boi Mirim, São Paulo*, Tese em Comunicação e Semiótica, P.E.P.G.C.S., PUC-São Paulo, 2022 (<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24619>).
- Greimas, Algirdas J., *Semiótica e ciências sociais*, trad. São Paulo: Cultrix, 1981.

- *Sobre o sentido II : ensaios semióticos*, trad. São Paulo, Edusp/Nankim, 2014.
- *Da imperfeição*, trad. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017.
- e Joseph Courtés, *Dicionário de semiótica* (1979), trad. São Paulo, Contexto, 2ª ed., 2013.
- Landowski, Eric, *As interações arriscadas*, trad. São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2014.

Résumé : Cet article analyse la production de sens chez les membres d'une communauté vivant au sud de São Paulo dans une zone à haut risque, constamment exposée à des glissements de terrain. L'étude vise à dégager les facteurs socioculturels qui poussent les habitants à rester sur place et soulève la question du sens qu'ils attribuent à leur vie constamment menacée. Combinant immersion sur le terrain et analyse qualitative des données, l'étude est conduite selon l'approche socio-sémiotique fondée sur les concepts d'A.J. Greimas et d'E. Landowski. Elle conduit à dégager différentes attitudes face au risque, de la résignation à l'engagement collectif, et montre comment, par sa résilience, la communauté construit sa propre identité.

Mots-clefs : modes de vie, régimes interactionnels, risque, socio-sémiotique.

Resumo : Este artigo analisa, por meio de uma abordagem sociossemiótica sustentada nos conceitos de A. J. Greimas e E. Landowski, a produção de sentido de populações que vivem em condições de risco de desastres, tomando como estudo de caso a comunidade do Boulevard da Paz, localizada na região de M'Boi Mirim, zona sul de São Paulo. A permanência consciente de milhares de moradores em uma área caracterizada como de alto risco para deslizamentos de terra levanta questões sobre os fatores socioculturais que os levam a permanecer no local e as formas pelas quais eles atribuem sentido às suas vidas sob constante ameaça. O estudo identifica as interações entre poder público, líderes comunitários, moradores, crime organizado e instituições religiosas e as estratégias de interação (programação, manipulação, ajustamento e acidente) que moldam os modos de vida na comunidade. A metodologia combina uma imersão de campo com a análise dos dados. Os resultados evidenciam que a produção de sentido se origina de duas fontes interconectadas: de um lado, o abandono relativo do Estado; de outro, a presença de uma ordem social local composta por lideranças comunitárias, agentes religiosos e normas impostas pelo crime organizado, que juntos mobilizam recursos e pessoas em prol da redução dos riscos de desastres. Essa dinâmica dá origem a diferentes modos de presença dos sujeitos diante do risco — desde o engajamento coletivo na melhoria do bairro até atitudes de resignação ou fé — revelando como a comunidade constrói narrativas de sobrevivência e projetos de futuro mesmo em condições adversas.

Abstract : This article analyzes, through a sociosemiotic approach grounded in the concepts of A. J. Greimas and E. Landowski, the production of meaning among populations living in disaster risk conditions, using the Boulevard da Paz community, located in the M'Boi Mirim region of southern São Paulo, as a case study. The conscious persistence of thousands of residents in an area characterized as high risk for landslides raises questions about the sociocultural factors that lead them to remain in the location and the ways in which they attribute meaning to their lives under constant threat. The study identifies the interactions between public authorities, community leaders, residents, organized crime, and religious institutions, as well as the interaction strategies (programming, manipulation, adjustment, and accident) that shape the ways of life in the community. The methodology combines field immersion with data analysis. The results show that the production of meaning originates from two interconnected sources: on one hand, the relative abandonment by the State; on the other, the presence of a local social order composed of community leadership, religious agents, and norms imposed by organized crime, which together mobilize resources and people to reduce disaster risks. This dynamic

gives rise to different modes of presence among individuals in the face of risk — ranging from collective engagement in neighborhood improvement to attitudes of resignation or faith — revealing how the community constructs narratives of survival and future projects even in adverse conditions.

Auteurs cités : Algirdas J. Greimas, Eric Landowski.

Plan :

Introdução

1. Referencial teórico
 2. As etapas da análise
 3. A vida em suspenso: habitar o risco e (re)significar a permanência
 1. Entre a vigilância e a negligência burocrática
 2. Uma ecologia de regências sociais
 4. Práticas de produção de sentido e resiliência coletiva
 5. Resultados da pesquisa de campo
- Considerações finais

Recebido em 10/05/2025.

Aceito em 30/05/2025.

Interações discursivas em vídeos curtos

Carlos Alfeld Rodrigues

PUC-São Paulo, Centro de Pesquisas Sociossemióticas
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (FEBASP)

Introdução

Conforme a definição proposta por E. Landowski, a enunciação é “o ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser”¹. Nas produções audiovisuais, o enunciador do discurso realiza procedimentos de sincretização de distintas linguagens (verbal, musical, espacial etc.) constituintes do plano de expressão. Em relação à noção de sincretismo enquanto responsável pela construção de sentido no audiovisual, partiremos do conceito de “semióticas sincréticas” formulado por Jean-Marie Floch. Estas semióticas são caracterizadas “pela utilização de várias linguagens na manifestação. Um anúncio publicitário, um desenho animado, um jornal televisivo, uma manifestação cultural ou política são, entre outros, exemplos de discursos sincréticos”². O autor complementa afirmando que “as semióticas sincréticas constituem seu plano de expressão — e mais precisamente a substância de seu plano de expressão — com os elementos dependentes de várias semióticas heterogêneas”. Se afirma, assim, a necessidade, e a possibilidade, de abordar esses objetos como um “todo de significação”. Por essa razão, nas análises dos procedimentos de sincretização das linguagens que compõem a enunciação audiovisual, não intencionamos individualizar ou separar o sentido que está na enunciação sonora ou na enunciação visual. Ao contrário, pretendemos dar conta da estratégia global subjacente à comunicação sincrética, pois é dela, con-

1 E. Landowski, *A sociedade refletida : ensaios de sociossemiótica*, São Paulo, Educ/Pontes, 1992, p. 167.

2 J. -M. Floch, “Semióticas sincréticas”, in A.J. Greimas e J. Courtés, *Semiótica. Dicionario razonado de la teoria del lenguaje II*, Madrid, Gredos, 1991, pp. 233-234.

siderada na sua complexidade, que emergirá, pelo enunciatário, uma *totalidade* apreensível de sentido.

1. Objetivo e definições de base

O objetivo central é examinar como esses atos constituintes da enunciação sincrética modelam a organização discursiva do audiovisual. Isso vale em variados formatos, como vídeos curtos e filmes publicitários veiculados nas mídias sociais digitais, mas aqui concentraremos nossa atenção unicamente sobre alguns *trends* difundidos no Instagram. *Trend* é um formato de vídeo com grande destaque e potencialidade para “viralizar” pelas redes sociais digitais³.

Tendo em vista esses aspectos, a análise recairá sobre as maneiras pelas quais enunciador e enunciatário interagem. Lembremos aqui a definição dada por Greimas e Courtés dessas duas instâncias discursivas :

Denominar-se-á *enunciador* o destinador implícito da enunciação (ou da “comunicação”), distinguindo-o do *narrador* (o “eu”, por exemplo) que é um actante obtido pelo procedimento de debreagem e instalado explicitamente no discurso. Paralelamente, o *enunciatário* corresponderá ao destinatário implícito da enunciação, diferenciando-se, portanto, do *narratário* (por exemplo : “o leitor compreenderá que...”), reconhecível como tal no interior do enunciado. Assim compreendido, o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito.⁴

Nestas condições, o enunciador não será compreendido como o diretor de cena, o roteirista, o publicitário “criador” do anúncio, o *creator* em *social media* ou a diretora de marketing responsável pela aprovação da peça ou ainda a produtora audiovisual, pois essas são as pessoas “reais” de “carne e osso”⁵, são profissionais (ou empresas) que atuam no mercado do audiovisual. O enunciador, por sua parte, é uma instância *discursiva* e sua apreensão é resultante da enunciação que “deixa marcas no enunciado e, com elas, pode-se reconstruir o ato enunciativo”⁶.

Portanto, o enunciador é um actante discursivo pressuposto do enunciado e não um actante projetado dentro do enunciado, pois essa é a posição ocupada pelo narrador. Ora, se o enunciador é o “eu” implícito do enunciado — ou o “ele / ela”, a depender do tipo de debreagem realizada (enunciativa ou enunciva) —, o enunciatário é o “tu” pressuposto do enunciado, com o qual o “eu” implícito do enunciador interage na cena enunciativa. Durante o desenvolvimento das análises, é destas interações demarcadas pelos regimes de presença do enunciador

3 O termo “trend” (“tendência”), refere-se a algo que está em alta na internet em um determinado momento. Há diversas *trends* como, por exemplo, inserção de locução, efeitos de edição, vídeos de comparação, sequência de cortes, movimentos de câmera, entre outras.

4 A.J. Greimas e J. Courtés, *Dicionário de Semiótica* (1979), trad. São Paulo, Contexto, 2013, p. 171.

5 J.L. Fiorin, “Semiótica e Comunicação”, *Galáxia*, 8, 2004, p. 16.

6 *Ibid.*, p. 17.

e do enunciatário que explicitaremos os efeitos de sentido gerados por seus atos encenados no audiovisual.

Por sua vez, o enunciatário não será tomado como o consumidor da marca ou o usuário que possui o seu perfil particular em determinada mídia social digital e, tampouco, ainda, a pessoa que assiste à televisão ou acessa à internet e é impactada por produções audiovisuais. Isso se dá pelos mesmos motivos, pois essas são posições ocupadas por pessoas “reais” e também de “carne e osso”. O enunciatário é, então, do mesmo modo compreendido como uma instância discursiva pressuposta do ato enunciativo, portanto, um “tu” ou um “eles” — que também vai depender se a debreagem é do tipo enunciativa ou enunciva — e não será confundido com o “tu” projetado no interior do enunciado, pois esse é o narratário a quem o narrador se dirige.

Com efeito, ao realizar a análise das produções audiovisuais elencadas neste trabalho é possível reconstruir a imagem complexa, ideal e pressuposta dos responsáveis pela criação da série, vídeo ou publicidade como um todo de sentido (pois é de conhecimento comum que o processo de elaboração de uma produção audiovisual demanda, em geral, uma complexa e hierarquizada equipe composta por diversos profissionais que desempenham variadas funções) e do perfil de público-alvo. Faremos isso por meio da análise das marcas deixadas pela enunciação na cena enunciativa ao reconstruir as instâncias discursivas de enunciador e enunciatário.

Passamos agora à análise dos tipos de interação discursiva entre enunciador e enunciatário presentes nos vídeos curtos veiculados nas mídias sociais digitais.

2. Os efeitos da narração em 1^a ou em 3^a pessoa

Há uma complexa combinação de fatores responsáveis por fazer com que o algoritmo do Instagram direcione, ou melhor, “sugere”⁷ aos usuários uma publicação no feed ou na “aba buscar” da interface no aplicativo. A partir do momento em que um determinado usuário acessa o Instagram do seu smartphone, o algoritmo da plataforma realiza análises do histórico e dados de navegação, das ações (curtidas, comentários ou compartilhamentos) que este usuário teve com postagens anteriores. Estes dados são cruzados com o seu perfil demográfico, com o engajamento resultante da sua interação com conteúdos anteriores, com a popularidade da publicação, o uso de hashtags no post e com a sua rede de conexões na plataforma, ou seja, os demais perfis que este usuário e os seus seguidores estão adotando. Diante de tantos fatores, é importante, do ponto de vista do *creator*⁸ que o Instagram considere que a sua publicação é relevante

7 O Instagram utiliza a inscrição “Sugestões para você” quando o usuário recebe uma postagem pelo feed ou visualiza um post na aba buscar. Desse modo, mesmo que o usuário não esteja seguindo o perfil responsável pela postagem ou que esta postagem não tenha sido patrocinada, o próprio Instagram endereça para o usuário conteúdos que considera relevantes ao seu perfil.

8 Termo utilizado para denominar os produtores de conteúdo digital para as mídias sociais. Os principais objetivos dos *creators* são: obter seguidores, aumentar o engajamento de suas publicações e monetizar as suas postagens de alguma maneira.

para a maior quantidade de perfis possíveis para que ela possa chegar de modo sugerido para mais pessoas.

Nas mídias sociais digitais como o Instagram, a combinação entre os vídeos curtos e as *trends* potencializa o alcance e a capacidade de retenção do usuário na publicação. Essa estratégia utilizada pelo enunciador na composição do vídeo combina dois elementos extremamente importantes — a brevidade do formato audiovisual e a adesão aos conteúdos em alta — que contribuem para que a audiência permaneça assistindo, além de aumentar os índices de engajamento de uma determinada postagem.

2.1. O sentido conquistado

Para exemplificar como isso acontece e explorar os efeitos de sentido produzidos pela interação entre enunciador e enunciatário, começamos por analisar a *trend* dos “vídeos de nutricionistas” e, por isso, convidamos o leitor a ativar o link seguinte : https://drive.google.com/file/d/17JhyMXHGo3Q5GGSusR7e7NW17xM0oGsx/view?usp=share_link. Esse vídeo dura 17 segundos.

Atualmente, o tema sobre “cuidados com a alimentação”, relacionado com o da “prática de atividades físicas”, faz parte de inúmeras publicações de conteúdo no Instagram. Assim, é possível afirmar que os “vídeos de nutricionistas” dando dicas de alimentação e relacionando com os resultados alcançados constituem uma espécie de *trend* com altos índices de engajamento.

O vídeo analisado começa com um plano próximo do nutricionista esportivo que aparece sendo filmado em um supermercado. A captação das cenas foi feita na proporção 9:16 (vertical) em resolução Full HD (1080 x 1920 pixels) que constitui o dimensionamento mais apropriado para o *reels* do Instagram. As imagens possuem efeitos de aceleração realizados pela edição do vídeo. O áudio também está com o efeito acelerado e deixou vazar o som ambiente do supermercado em que as cenas foram gravadas. A narração é realizada em primeira pessoa. Isso, juntamente com o modo como o nutricionista gesticula, aponta e olha para a câmera, cria efeitos de subjetividade e de proximidade ao que está sendo narrado. Desse modo, o enunciador implica o enunciatário na cena com o objetivo de convencê-lo sobre o que deve comer, beber, as combinações e quantidades dos alimentos para que obtenha resultados estéticos corporais.

O enunciador, ciente das preferências do enunciatário, seleciona as bebidas e alimentos aceitáveis do ponto de vista do perfil de público-alvo ideal que possui interesse pelos temas mencionados acima ; entre as suas escolhas a seleção foi composta por refrigerante sem açúcar e água com gás (primeira prescrição), biscoitos de polvilho e de arroz (segunda prescrição), saladas e legumes (terceira prescrição) e whey protein (última prescrição). Utilizando os recursos do audiovisual, o enunciador recorre à estratégia de combinar a prescrição com o resultado esperado de maneira reiterada ao longo do desenvolvimento do vídeo. Após todas as “dicas” do modo como se alimentar que o narrador realiza — figurativizado pelo nutricionista encena —, há o reforço em sua narração com o “o *shape* vem”, expressão que, dentro do universo do qual o enunciatário faz parte,

é entendida como uma gíria entre frequentadores de academias de musculação, referindo-se à forma física que é desejada por esse público.

O enunciador utiliza de termos, expressões e promessas de resultados para mais e melhor atrair o enunciatário no ambiente altamente dispersivo das redes sociais digitais. Ao todo são oito cenas necessárias para que o nutricionista apresente as quatro “dicas” e o resultado que será alcançado. Com efeito, o consumo deste tipo de vídeo com as características de aceleração de áudio e vídeo, narração em primeira pessoa com as legendas do que está sendo narrado, interlocução com quem está assistindo em plano próximo, som ambiente, diversos cortes, prescrições sobre o modo de ser e de se alimentar e a reiteração de conteúdo com a promessa de resultados pressupõe um perfil de enunciatário adaptado ao consumo de vídeos curtos e rápidos e que não possui paciência para assistir aos vídeos mais longos, ao menos, nas mídias sociais.

O ambiente das mídias sociais digitais é caracterizado por um excesso de informações e postagens, onde uma grande quantidade de conteúdos é compartilhada a cada instante. Há também a proliferação de interações decorrente dos recursos reativos da plataforma (curtidas, emojis, comentários, visualizações e compartilhamentos) que ampliam o seu alcance. Além disso, existe uma exposição pessoal que também é excessiva, muitas vezes sem considerar as implicações para a privacidade dos participantes. O consumo imediato e o desejo por resultados rápidos característicos deste enunciatário são levados em consideração pelo enunciador ao articular uma série de recursos do plano de expressão em um curto espaço de tempo. Com A.C. de Oliveira, denominamos este regime de interação discursiva *sentido conquistado* porque ocorre uma forma de “conquista” quando o enunciatário é convencido pelo enunciador por meio do uso das diversas estratégias discursivas analisadas acima⁹.

2.2. O sentido codificado

Efeitos de sentido diferentes são construídos na enunciação da segunda *trend* selecionada para a análise, a *trend* sobre as “recriações ficcionais nos vídeos de pets”, cujo link é o seguinte : https://drive.google.com/file/d/1lubAcpPRNZGfxnEFpoyN9rhrf9bldX7W/view?usp=share_link (17 segundos).

Esta *trend* obteve bastante popularidade nas suas diversas versões e adaptações em torno da “Gangue do caramelo”¹⁰. Aqui, enunciador e enunciatário interagem de modo diferente. Não temos mais a predominância do mecanismo de debreagem *enunciativa* constituído pelo efeito de projeção do *eu-tu*, no espaço do *aqui* e no tempo do *agora*, como foi o caso da primeira *trend*. Desta vez, o

9 Cf. A.C. de Oliveira, “As interações discursivas”, in *id.* (org.), *As interações sensíveis*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2013, p. 247.

10 A “gangue dos caramelos” é uma expressão que se refere aos cães vira-latas de pelagem caramelo que ganhou repercussão no Brasil em vídeos curtos nas mídias sociais digitais e em memes na internet. Na maioria dos casos o termo é empregado de maneira bem-humorada em vídeos que destacam a inteligência e o comportamento desses cães em situações engraçadas ou inusitadas. Com a repercussão desses vídeos, as trends sobre as “recriações nos vídeos de pets” foram impulsionadas em diversas versões : vídeos de gatinhos, de cachorros, de pássaros entre outros.

mecanismo predominante é o de debreagem *enunciva* que corresponde ao efeito de projeção no enunciado de um *ele-eles*, no espaço do *lá* e no tempo do *então*.

Este vídeo também é composto por oito cenas que, da mesma maneira que o anterior, constituem um formato compatível com o dimensionamento ideal para o *reels* do Instagram. Contudo, a organização discursiva traz importantes diferenças responsáveis pela construção dos seus efeitos de sentido. Inicialmente, o narrador não está figurativizado nas cenas, pois temos a utilização da narração em off¹¹ característica da vinheta narrada por Márcio Seixas para as produções distribuídas pela Warner Bros com a versão brasileira realizada pelos estúdios de dublagem Herbert Richards. Esta vinheta e a voz em off deste narrador estão codificadas na memória afetiva dos brasileiros por diversos pontos de contato que o público teve com este tipo de conteúdo ao longo de sua vida.

Outro elemento característico refere ao regime de presença do sujeito da enunciação. Neste caso, o enunciador não implica o enunciatário na cena, mas o coloca em posição privilegiada para acompanhar as travessuras do gatinho laranja em cenas domésticas. A dimensão sonora, além da narração em off, é composta pela trilha musical instrumental que, também, foi recortada do fragmento retirado da série de desenhos animados. Não há outro efeito de edição de áudio como, por exemplo, o efeito de som ambiente ou de aceleração. A edição do vídeo prioriza a experiência de consumo do enunciatário observador das cenas em que eles, *os gigantes da destruição* figurativizados pelos gatinhos, no espaço do *em algum lugar* dos espaços domésticos, se organizam no tempo do *então* criando um efeito de objetividade com bom humor.

Estes foram os recursos disponíveis na plataforma do Instagram utilizados pelo enunciador neste segundo caso para fazer com que o enunciatário decodifique o sentido dos vídeos “engraçadinhos” de gatinhos com pelagem de cor laranja que também estão codificados por serem “arteiros”. Portanto, há uma série de códigos que o enunciador esquematizou para que o enunciatário tenha condições de decodificar e, se possível, divertir-se ao assistir os gatinhos “aprontando em cena”. Este regime de interação discursiva foi teorizado por A.C. de Oliveira como *sentido codificado* em que o enunciatário “re-opera o sentido”.

Destaca-se aqui o papel da figuratividade na acepção *stricto sensu*, conforme diferencia Landowski ao chamar a atenção para as “formas figurativas” que “têm significação” e constituem objetos de “leitura” que, portanto, passam pelo processo de decodificação¹². “O papel atribuído a elas consiste em permitir ao observador ter acesso aos dispositivos mais abstratos organizados pela sintaxe narrativa, graças, justamente, ao deciframento ou a decodificação — a leitura — dessa sua vestimenta discursiva”¹³.

11 O trecho da narração em off utilizado nesta segunda *trend* foi recortado da série de desenhos animados *Superamigos* baseada na *Liga da Justiça*, da DC Comics. Em especial, trata-se do episódio 7, *Gigantes da destruição*, veiculado entre os anos 70 e 80. Cf. https://drive.google.com/file/d/1TVN4LBpq-9vWAOb2ptCcE589VvQ3QlCL/view?usp=share_link.

12 Por oposição aos elementos “plásticos”, que “fazem sentido” enquanto objetos de uma “apreensão”. Cf. *Com Greimas. Interações semióticas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017, p. 97.

13 *Ibid.*

3. O simulacro da apreensão sensível, o sentido sentido

Além dos dispositivos, das estratégias anteriores e das motivações mercadológicas, o discurso publicitário recorre a diversos outros artifícios para cumprir com os seus objetivos mercadológicos e comunicacionais da marca ou empresa anunciante. De fato, como Landowski esclarece, “a razão de ser da publicidade não é unicamente fazer comprar este ou aquele produto. Antes disso, sua tarefa é criar no público uma disposição afetiva mais difusa, um desejo em estado puro, que condiciona a passagem ao ato, ou seja, à compra”¹⁴.

A nossa abordagem não desconsidera, mas sim reconhece, a importância desta dimensão sensível na criação e veiculação das peças publicitárias audiovisuais nas mídias sociais digitais. Nas análises a seguir, investigamos uma das artimanhas deste tipo, a saber, a exploração de procedimentos sensíveis destinados a promover um modo de apreensão estética por parte do enunciário.

Diferentemente dos casos anteriores, o filme publicitário da KitchenAid — https://drive.google.com/file/d/1F_q9zYnPh5ANJnKur6nU1x6DIOLh4a1B/view?usp=share_link (6 segundos) —, reconhecida marca de eletrodomésticos e utensílios de cozinha organiza um modo distinto de interação discursiva entre enunciador e enunciário. Desta vez, o enunciador para concorrer no ambiente altamente dispersivo e excessivo do Instagram, conforme caracterizado anteriormente, utiliza a estratégia mercadológica de patrocinar¹⁵ a sua postagem juntamente com a colocação em cena de procedimentos estéticos para fazer com que o enunciário apreenda sensivelmente as “formas plásticas” presentes no vídeo para mais e melhor capturar a atenção e convencer o enunciário.

Esta publicidade é composta pela articulação de importantes recursos expressivos do audiovisual arranjados sincreticamente entre as dimensões visual e sonora. Na dimensão visual, temos o plano close-up da jarra do liquidificador, o gerador de caracteres em caixa alta, o plano detalhe em câmera subjetiva mostrando o efeito das lâminas do liquidificador triturando o gelo em *slow motion*. Diversos desses recursos são empregados simultaneamente. Concomitantemente, na dimensão sonora, a trilha musical instrumental é utilizada associada ao efeito sonoro do motor do liquidificador e da ação das lâminas ao triturar gelo e um líquido azul. A dimensão sonora (trilha musical e efeito sonoro) foi intensificada pela edição do vídeo. O filme termina com a inscrição do logotipo na tela em um fundo preto.

O enunciador, ao reunir o plano close-up, o uso da câmera subjetiva e o plano detalhe em câmera lenta juntamente com a intensificação da dimensão sonora faz com o que enunciário possa sentir os efeitos de potência e a qualidade do

14 “O triângulo emocional do discurso publicitário”, *Comunicação Midiática*, 6, 2006, p. 16.

15 No Instagram, uma postagem “patrocinada” refere-se a um conteúdo pago pela empresa anunciante para alcançar um público mais amplo além de seus seguidores. Essas postagens aparecem no feed dos usuários com a inscrição “Patrocinado” e fazem parte das estratégias de marketing digital, visando aumentar a visibilidade e engajamento do post ou a taxa de conversão em vendas do produto, serviço ou marca anunciado.

produto anunciado que são valorizados pelo enunciatário. A textura, a materialidade e a alta velocidade do gelo sendo triturado tornam-se em objetos de apreensão sensível ao perfil de enunciatário que busca eletrodomésticos *premium* e utensílios de cozinha de alta performance para realizar as suas receitas caseiras. Para não deixar dúvidas, há ainda o reforço na dimensão verbovisual com a descrição técnica do produto presente no GC e no texto de postagem. O efeito de sentido construído pela utilização do modo de filmar, editar e sonorizar este curto filme publicitário, faz como se o público-alvo do anúncio, figurativizado pelo enunciatário, estivesse próximo e cada vez se aproximasse mais para sentir os efeitos do liquidificador em ação. A câmera lenta subjetiva em close-up e o plano detalhe associados ao efeito sonoro do motor e da trituração do gelo criam o simulacro de que enunciador e enunciatário estão próximos, ou melhor, estão em distância mínima no ato enunciativo. Desse modo, a interação entre eles acontece permeada pela apreensão estésica em que o enunciatário é sensibilizado pelo enunciador.

Outro exemplo do simulacro da apreensão sensível na publicidade é o filme da Coca-Cola Zero — https://drive.google.com/file/d/1DVkVMSv4ohRirfZmZvZvZsQIgD_sK4L3/view?usp=share_link (6 segundos) — que também utiliza a estratégia de patrocínio. Neste caso, o efeito entre a câmera lenta e a edição acelerada das cenas constroem a dinâmica do filme. O filme começa com a dimensão visual que é composta por um plano detalhe em *slow motion* de um filet de peito de frango sendo grelhado na frigideira. Neste momento, a dimensão sonora é constituída pelo efeito sonoro do filet sendo grelhado associado a uma trilha musical instrumental em que ambos estão em alta intensidade. O enunciador faz o uso de uma hipérbole visual, pois o plano detalhe em câmera lenta é uma maneira exageradamente próxima e demarcada para apresentar o objeto filmado e de uma hipérbole sonora, pois o efeito sonoro da ação de grelhar e da trilha musical foram intensificados pelos recursos de edição.

Após isso, a estratégia de sincretizar a hipérbole visual e a hipérbole sonora também é utilizada na segunda cena quando temos um plano detalhe da garrafa sendo aberta conjuntamente com o efeito sonoro em alta intensidade. Portanto, assim como no caso do filet de frango, o enunciatário é sensibilizado hiperbolicamente, pela visão e pela audição, de tal modo que *o sentido é sentido*. Fica somente ao enunciatário por sua vez acessar sua memória gustativa e olfativa para recordar e reconstruir o sabor e o aroma do frango e da Coca-Cola.

Logo em seguida, temos a utilização do recurso da narração em off realizada por uma voz feminina com o seguinte enunciado: *Até as comidas mais simples tem algo especial por trás*. Durante a narração, o enunciador apresenta visualmente, em planos mais abertos, que “as comidas mais simples” são filet de frango e salada. E o “algo especial por trás”, filmado em plano detalhe, é a marca anunciante que primeiramente é encenada sendo mostrada diretamente da garrafa e, na sequência, apresentada em plano detalhe. Em um plano mais aberto, o arranjo da mesa, os utensílios utilizados, as roupas e a construção das personagens também remetem ao sistema de valores da “simplicidade” encenada pela

Coca-Cola Zero que remete a uma refeição rotineira que o enunciatário é capaz de reconhecer.

Portanto, em um articulado jogo entre as formas plásticas (planos mais fechados em *slow motion* sonorizadas hiperbolicamente) que são apreendidas sensivelmente e as formas figurativas (planos mais abertos com a dinâmica acelerada pela edição reforçada pela intensidade da trilha musical) que reconhecidamente são decodificadas, o enunciador sensibiliza o enunciatário e o *faz-sentir* por meio de um simulacro do que o outro está sentindo, no caso, do que os outros encenados no filme sentem, como é estar entre eles, fazer parte de uma refeição simples e experimentar pela recordação gustativa e olfativa os produtos que lhe são ofertados. Assim, o *sentido é sentido* pela mediação do sentir do outro. Dessa maneira, o enunciador faz o enunciatário provar o sabor “especial” do ser simples que é proposto.

Conclusão

A análise destas distintas interações discursivas nos possibilitou compreender a necessidade de novas explorações por parte dos *creators* e das marcas anunciantes em relação às possibilidades abertas a partir da sistematização dos regimes de interação discursiva entre enunciador e enunciatário.

Diante de um cenário digital contemporâneo cada vez mais acelerado e voraz de vídeos curtos, as interações entre os participantes e o consumo estruturam não apenas o comportamento dos usuários, mas as suas relações com os demais, a sua própria maneira de ser e de passar o seu tempo conectado a partir da organização dos regimes de interação entre enunciador e enunciatário tais como apresentados nas mídias sociais.

Durante as análises foi possível relacionar os recursos expressivos do audiovisual que o enunciador utiliza para organizar a enunciação e, assim, a sua interação com o enunciatário que passa pelos regimes do *sentido conquistado* na *trend* dos vídeos de nutricionistas — que priorizam a intencionalidade do enunciador em conduzir o enunciatário —, do *sentido codificado* na *trend* das recriações nos vídeos de pets — em que, principalmente, o enunciatário decodifica o sentido — e pelo regime do *sentido sentido* por meio da construção simulacral nos filmes publicitários curtos, em que o enunciatário é sensibilizado pelo enunciador para que os objetivos mercadológicos e comunicacionais dos anunciantes sejam atingidos. Neste último caso, a astúcia do enunciador em articular formas plásticas e figurativas não visa apenas a promoção dos produtos anunciados, mas também a colocação do enunciatário em uma experiência sensorial que reforça a identidade, o valor e a presença das marcas nas mídias sociais digitais.

O entendimento desses processos é de suma importância para aprofundar a compreensão das dinâmicas enunciativas que estão em jogo no contexto atual e as suas implicações nas relações comerciais, sociais e culturais.

Referências

- Fiorin, Jose Luiz, “Semiótica e Comunicação”, *Galáxia*, 8, 2004.
- Greimas, Algirdas J., e Joseph Courtés, *Dicionário de Semiótica* (1979), trad. São Paulo, Contexto, 2013.
- *Semiótica. Diccionario razonado de la teoria del language II*. Trad. esp., Madrid, Gredos, 1991.
- Landowski, Eric, *A sociedade refletida*, São Paulo, EducPontes, 1992.
- “O triângulo emocional do discurso publicitário”, *Comunicação midiática*, 6, 2006.
- *Com Greimas. Interações semióticas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017.
- Oliveira, Ana Claudia, “As interações discursivas”, in *id.* (org.), *As interações sensíveis. Ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*, São Paulo, Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2013.

Résumé : Cet article analyse les interactions discursives dans de courtes vidéos sur Instagram, mettant en lumière la manière dont s’organise l’énonciation audiovisuelle et comment les relations entre énonciateur et énoncé agissent dans la construction du sens. L’analyse porte sur trois régimes d’interaction discursive : le sens « conquis », qui implique l’énonciataire dans des stratégies visant à le convaincre, le sens « codé », qui dépend du décodage culturel et le sens « ressenti », qui utilise, moyennant la construction d’un simulacre, l’appréhension sensible pour promouvoir des expériences de consommation au-delà de l’acte d’achat. En examinant ces éléments, l’article problématise la complexité du phénomène lié à la consommation de vidéos courtes et certaines de leurs implications sociales et culturelles.

Mots-clefs : énonciation audiovisuelle, interactions discursives, sens (codé / conquis / ressenti).

Resumo : Este artigo analisa as interações discursivas em vídeos curtos no Instagram com destaque para o modo de organização da enunciação audiovisual : como as relações entre enunciador e enunciatário atuam na construção de sentido ? A análise destaca três principais regimes de interação discursiva : o “sentido conquistado”, que implica o enunciatário por meio de estratégias que visam o seu convencimento ; o “sentido codificado”, que depende da decodificação cultural ; e o “sentido sentido”, que utiliza — ainda que seja por meio da construção de simulacros — a apreensão sensível para promover experiências de consumo aquém e além do ato de comprar. Ao examinar esses elementos, o artigo problematiza a complexidade do fenômeno referente ao consumo dos vídeos curtos e algumas de suas implicações sociais e culturais.

Abstract : This article analyses discursive interactions in short videos on Instagram, highlighting the way audiovisual enunciation is organised and how the relationships between enunciator and enunciatee act in the construction of meaning. The analysis focusses on three regimes of discursive interaction : the “conquered meaning”, which involves the enunciatee through strategies aimed at convincing him/her; the “coded meaning”, which depends on cultural decoding ; and the “felt sense”, which uses (through the construction of simulacra) sensitive apprehension to promote consumption experiences beyond the act of buying. By examining these elements, the article problematises the complexity of the phenomenon relating to the consumption of short videos and some of their social and cultural implications.

Auteurs cités : José Luiz Fiorin, Algirdas J. Greimas, Jean-Marie Floch, Eric Landowski, Ana Claudia de Oliveira.

Plan :

Introdução

1. Objetivo e definições de base
2. Os efeitos da narração em 1ª ou em 3ª pessoa
 1. O sentido conquistado
 2. O sentido codificado
3. O simulacro da apreensão sensível, o sentido sentido

Conclusão

Recebido em 17/11/2024.

Aceito em 30/05/2025.

Entre *ser* e *parecer* : usos da escrita nas artes visuais

Marc Barreto Bogo

São Paulo, UPM e CPS

Juliana Di Fiori Pondian

Niterói, UFF

Introdução

Houve um tempo em que desenhar era sinônimo de escrever. A história da criação da escrita está comumente associada a uma transformação do traçado pictográfico — isto é, do desenho que guarda em si relações de semelhança com as *coisas* que quer designar — em uma coleção de traços abstratos, que perdem sua relação com os referentes e passam a se constituir como um sistema arbitrário, que se basta a si mesmo : a escrita como conhecemos hoje. No longo tempo que separa as inscrições rupestres pré-históricas e as vanguardas artísticas do século XX, há um espaço em que essa relação entre desenho e escrita se manifesta claramente. O vai e vem entre os territórios verbal e visual está presente seja no gesto espontâneo das garatujas infantis, seja no uso estético que dela fizeram incontáveis artistas.

O uso mais recorrente da escrita nas artes visuais remonta às vanguardas do início do século XX, quando movimentos diversos a adotaram, como o construtivismo, o futurismo, o dadaísmo, entre outros, muitas vezes sob o lema do simultaneísmo e o ideal da dissolução das fronteiras entre as artes proclamado pelos artistas da época. O início da incorporação de elementos escritos em obras pictóricas é geralmente atribuído aos pintores cubistas, em especial

Picasso e Braque, que introduziram letras desenhadas e colagens de jornais em suas telas, refletindo a nova realidade midiática que os cercava. Anne Beyaert-Geslin apresenta alguns dos efeitos de sentido produzidos pelo uso da escrita nas obras cubistas :

Traçados à mão ou impressos e depois importados com seus suportes de papel, esses caracteres tipográficos podem constituir *palavras* ou, mais frequentemente, uma sílaba (“Jou” [de “Journal”] em *Nature morte à la chaise cannée* de Picasso). No entanto, o texto agora transposto evoca necessariamente, e da maneira mais emblemática, um objeto já carregado de sentido, seja ele conotado pelo universo da imprensa (“journal”, na colagem de Picasso), aquele da sinalética (*Bal*, na natureza morta de Braque), da publicidade (notadamente em Hausmann e Schwitters), ou, mais amplamente, o universo urbano que se encarnará ao longo das décadas seguintes no cartaz (em cartazistas como Hains, Villeglé...) ou na publicidade (na Pop art). Ele reflete, assim, uma nova episteme urbana e midiática do século XX.¹

Avançando um pouco no século XX, o movimento do letrismo (*lettrisme*) surge no pós-guerra e se desenvolve ao longo das décadas de 1950 e 1960, destacando em suas produções a plasticidade das letras, ao ponto de privar-se totalmente delas e construírem suas próprias *letrias*, conjuntos de traços pictóricos forjados para imitar sistemas de escrita. A partir de então, a arte conceitual incorpora de modo definitivo a escrita como elemento de criação artística, sob a forma de instruções, registros, textos escritos ou como parte de instalações e de publicações. Assim, na arte contemporânea, pode-se dizer que a escrita aparece plenamente incorporada às artes visuais, constituindo-se como mais um elemento criativo à disposição dos artistas.

Essa consolidação do uso da escrita nas artes visuais pode ser constatada, por exemplo, na *Escritexpográfica* de Fábio Morais, tese que compila e analisa os enunciados escritos de dezenas de obras de arte contemporânea, majoritariamente brasileiras². Alguns dos maiores nomes da arte latino-americana, como León Ferrari ou Mira Schendel, são reconhecidos justamente por seu trabalho precursor com a plasticidade da escrita. A obra desses dois artistas, aliás, foi consagrada na exposição *O alfabeto enfurecido*, organizada conjuntamente pelas renomadas instituições Museum of Modern Art (MoMA), Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia e Fundação Iberê Camargo, tendo passado por Nova York, Madri e Porto Alegre, entre 2008 e 2010, garantindo aos artistas projeção internacional e fixando um certo modo de uso da escrita na arte.

Por outro lado, o movimento reverso, da exploração da visualidade nas artes da palavra, não é menos importante. Praticado desde a antiguidade e introduzido mais sistematicamente ao final do século XIX por Mallarmé (via espacialização e composição tipográfica, com seu *Lance de dados*) e início do XX por Apollinaire (via figurativização, com seus caligramas), entre outros poetas,

1 “La typographie dans le collage cubiste”, in M. Arabyan e I. Klock-Fontanille (orgs.), *L'écriture entre support et surface*, Paris, L'Harmattan, 2005, p. 144 (trad. nossa).

2 F. Morais, *Escritexpográfica*, Tese (Doutorado em Artes Visuais), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

esse movimento conheceu seu ápice com o surgimento da poesia concreta, nos anos 1950, quase simultaneamente no Brasil, na Suíça e na Suécia, dando origem a uma enorme diversidade de movimentos de poesia visual e experimental até os dias de hoje.

Fernando Gerheim, ao abordar alguns cruzamentos entre palavra e imagem em movimentos da arte e da poesia brasileira, argumenta que, a partir da arte conceitual, os elementos escritos, constituindo explicitamente palavras ou não, “podem entrar como outro elemento qualquer, uma vez que, por essa própria nova relação com a linguagem, não há mais elementos privilegiados para a arte”³. Mas, se a incorporação da escrita na arte já está consolidada, de qual ou quais modos específicos ela acontece ?

Este artigo tem como objetivo identificar e sistematizar alguns diferentes usos da escrita nas artes visuais contemporâneas. Para essa análise, que se pretende sistemática, observamos um conjunto de obras e artistas obedecendo a certos critérios de delimitação de *corpus* : selecionamos apenas produções realizadas no século XXI, exclusivamente de artistas latino-americanos. Nosso objetivo, portanto, é entender quais são e como se dão os diferentes usos da escrita pelos artistas latino-americanos do século XXI, que ora se deixam ver mais explicitamente como enunciados claramente legíveis, ora são explorados plasticamente sem se deixar ser lidos, a rigor, por seus enunciatários.

Para discutir essas questões, adotamos a abordagem teórico-metodológica da semiótica, em sua linha discursiva ou francesa elaborada por A.J. Greimas e seus colaboradores, especialmente em suas considerações sobre a oposição entre o “ser” e o “parecer”, sistematizadas no quadro conhecido como “modalidades veridictórias”⁴. Recorreremos, ainda, aos estudos da língua escrita em um campo que vem se constituindo autonomamente — a grafemática —, a fim de definir, de um ponto de vista teórico linguístico e semiótico, o que é a escrita e de que elementos e características ela se constitui. Vejamos, então, as bases teóricas que orientarão nosso estudo.

1. A semiótica e o estudo da escrita

As relações entre desenho e escrita, entre as artes visuais e o sistema verbal, nos levam a uma série de interrogações : quando é que um conjunto de sinais funciona como escrita, e quando é que ele opera apenas como elemento plástico ? Quais as condições para que um desenho ou forma visual passe a ser entendido como sistema verbal, funcionando como linguagem autônoma ? Há uma questão central que é a do *ser* e do *parecer* : ora os conjuntos de elementos visuais *parecem* um sistema de escrita, ora não ; ora *são* sistema de escrita, possibilitando a leitura verbal, ora não o são.

3 F. Gerheim, “Cruzamentos entre palavra e imagem em três momentos da arte brasileira”, *ARS*, v. 18, 39, 2020, p. 115.

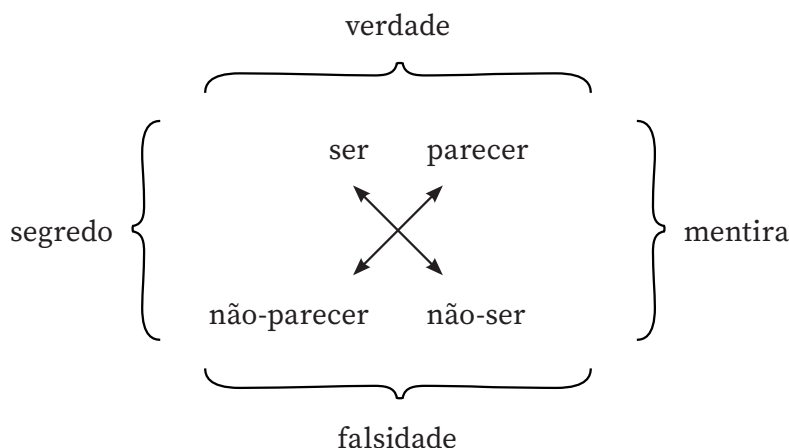
4 Cf. A.J. Greimas e J. Courtés, *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Cultrix, 1983, pp. 487-488.

A ênfase ou neutralização dos elementos escritos em obras artísticas nos servem de balizas nesta investigação dos usos da escrita a partir dos regimes do *ser* e do *parecer*. Assim, o *parecer* escrita está ligado à presença de emulações visuais (recorrência de traços visuais que remetem a letras e/ou sílabas) e espaciais (disposição dos elementos num suporte qualquer, criando direções de leitura) dos sistemas de escrita ; enquanto o *ser* escrita implica a prevalência da estrutura linguística, legível, da escrita, ainda que ela possa estar escondida visualmente, codificada sob outros sinais inventados pelo artista.

Diante da problemática colocada acima, que decorre da caracterização das linguagens visuais e verbais como sistemas de linguagem, ou seja, como conjuntos significantes, é que decidimos pautar nosso estudo na teoria semiótica, uma vez que ela nos permite o tratamento de objetos variados, constituindo-se, antes de mais nada, como uma teoria geral da significação. A semiótica dedica-se ao estudo do fenômeno da significação e, na tentativa de compreender esse amplo objeto, desdobra-se em múltiplas vertentes e abordagens. Fundador da semiótica estrutural, Algirdas J. Greimas constituiu, nos anos 1960-90, em Paris, um grupo de colaboradores que analisava os processos de construção de sentido em uma grande variedade de manifestações : literárias, folclóricas, religiosas, jurídicas, políticas, midiáticas, publicitárias, arquitetônicas, fotográficas, artísticas e assim por diante. Greimas se apoiou fortemente na linguística de Saussure e na teoria da linguagem de Hjelmslev para constituir sua abordagem própria ao fenômeno da significação. É a essa linha teórica que aqui recorreremos. Essa vertente, aliás, vem servindo de subsídio teórico para diversos trabalhos na pesquisa e ensino de artes no Brasil, como se vê nas produções de Ana Claudia de Oliveira, Sandra Ramalho, Moema Rebouças, Lucia Teixeira, entre outros (ver bibliografia).

Da teoria semiótica interessa-nos, neste trabalho, a exploração realizada por Greimas acerca da problemática do “ser” e do “parecer”. A articulação entre imanência e manifestação, ou seja, entre o ser e o parecer das coisas, é o que confere aos discursos (sejam eles verbais, visuais ou de qualquer ordem) efeitos de sentido de verdadeiro ou de falso, ou ainda de mentiroso ou secreto⁵. Essas quatro possibilidades, ou seja, as categorias que implicam um discurso ser entendido como verdade, falsidade, mentira ou segredo, advém de uma combinação de relações lógicas entre os termos “ser” e “parecer”, a que Greimas nomeou “modalidades veridictórias” (esquema 1). A verdade é aquilo que é e *parece* ser ; a mentira *parece*, mas *não é* ; o segredo é, mas *não parece* ; a falsidade *não parece* e *não é* :

⁵ Dicionário, *op. cit.*, p. 486.



As modalidades veridictórias (cf. A.J. Greimas e J. Courtés, *Dicionário*, p. 488).

Os usos da escrita na arte podem oscilar entre essas quatro posições. Para posicionar, no entanto, a escrita presente em uma obra artística qualquer em um desses quadrantes, é preciso delimitar que traços fazem com que um enunciado visual seja considerado ou não sistema de escrita, bem como quais elementos nos permitem dizer que ele *parece* uma escrita.

Para nos guiar nessas distinções, recorreremos a proposições da teoria grafemática, que toma a língua escrita, em sua especificidade, como objeto de estudo. Essas proposições, tal como sistematizadas por J. Pondian⁶, decorrentes da teoria semiótica geral, assentam-se também nas propostas de J. Anis⁷, buscando juntar a elas reflexões trazidas por teóricos que se ocuparam da descrição da língua escrita, como N. Catach e J.-M. Klinkenberg⁸.

Nessa perspectiva, a escrita se define como um sistema semiótico autônomo, dotado de um plano de expressão e um plano de conteúdo, constituído a partir da conjugação de três ordens : *linguística*, *visual* e *espacial*, as quais ditam, respectivamente, a sua estrutura interna (leis de composição linguística), a sua composição material (traço e dimensão) e a sua sintaxe geral (disposição e direção). Tomada dessa forma, a escrita adquire o estatuto de ser independente da fala, com a qual se alterna na semiose das línguas naturais⁹.

A grafemática propõe categorias de análise estabelecidas a partir de níveis linguísticos, a saber : os traços distintivos (que compõem os “grafos”, i.e., as formas elementares dos alfabetos que nos permitem diferenciar os grafemas), os grafemas (menores unidades morfológicas da escrita na cadeia sintagmática, podendo ser uma letra, ideograma ou hieróglifo, a depender do sistema de

6 J. Pondian, *Gramática da poesia escrita : figuras retóricas*, Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral), FFLCH, Universidade de São Paulo, 2016, pp. 66-83.

7 J. Anis, “Pour une graphématique autonome”, *Langue française*, 59, 1, 1983.

8 N. Catach (org.), *La ponctuation*, *Langue française*, 45, 1980. J.-M. Klinkenberg, “Vers une typologie générale des fonctions de l’écriture. De la linéarité à la tabularité, ou l’espace écrit comme intermédialité”, in L. Hébert e L. Guillemette (orgs.), *Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité*, Québec, Presses de l’Université Laval, 2009.

9 Cf. J. Pondian, *Gramática da poesia escrita*, *op. cit.*, p. 69.

escrita) e os grafotaxemas (unidades gráficas dotadas de uma dimensão visual, com função sintática na cadeia sintagmática da escrita, e que orientam a disposição dos elementos gráficos na página).

2. Quatro tipos de usos da escrita nas artes visuais

A partir da definição de escrita e do esquema semiótico apresentados acima, enumeramos quatro tipos de usos da escrita nas artes visuais. Essas categorias não representam todas as possibilidades e nuances do fazer artístico, mas apontam para algumas tendências que nos permitem refletir sobre a imbricação das linguagens e as relações estabelecidas pela arte contemporânea entre a escrita e demais modos de representação e construção artística.

2.1. Escrita sêmica (verdade)

Começamos pelo uso mais direto e escancarado da escrita nas artes visuais, o que chamamos “escrita sêmica”, isto é, aquela que é e *parece* escrita, que se fixa no polo da *verdade* dentro do quadro das modalidades veridictórias. Nesses casos, que podem ser amplamente atestados nas artes visuais contemporâneas, os artistas empregam grafemas, palavras, frases e até mesmo textos que podem, e devem, ser lidos. Isto é, são significativos do ponto de vista *linguístico*, mas também servem como elemento gráfico de composição das obras, em suas dimensões *visual* e *espacial*, seja partilhando o espaço com imagens, desenhos, bordados, colagens etc., seja como elemento único da criação.

É deste último uso, radical e emblemático, que tiramos nosso primeiro exemplo a ser discutido : a obra do artista chileno Alfredo Jaar. Com diversos “quadros-cartazes”, cujo único elemento presente é uma frase-*slogan* às vezes autoral, às vezes tirada de outros artistas ou pensadores, o trabalho multidisciplinar de Jaar, que inclui *outdoors*, vídeos e fotografia, revela o interesse do artista na disseminação da informação e seu engajamento em questões políticas, eixos centrais de sua prática criativa. Sua produção recebeu, em 2021, uma mostra retrospectiva no SESC Pompeia, vinculada à realização da 34ª Bienal de Arte de São Paulo, de onde destacamos uma obra em particular : o cartaz-instalação *Você não tira uma fotografia. Você faz uma fotografia* (fig. 1). As duas frases do título aparecem claramente legíveis, compostas na cor preta em uma tipografia sem serifa, pesada, em caixa alta, alinhada à esquerda e disposta sobre um fundo branco homogêneo. Trata-se de uma fala atribuída ao fotógrafo estadunidense Ansel Adams (“You do not take a photograph. You make it.”), mas que na obra de Jaar é grafada sem aspas nem indicação da fonte, de modo que o artista chileno se apropria das palavras do fotógrafo, tomando para si a tarefa de difundir suas ideias. Na obra, a escrita é facilmente identificável, funcionando como o principal elemento compositivo, e serve como disparador de reflexões. Ela vincula-se, assim, à tradição da arte conceitual que, desde os anos 1960, se vale da escrita como instrumento de registro artístico, de reflexão e de provocação.

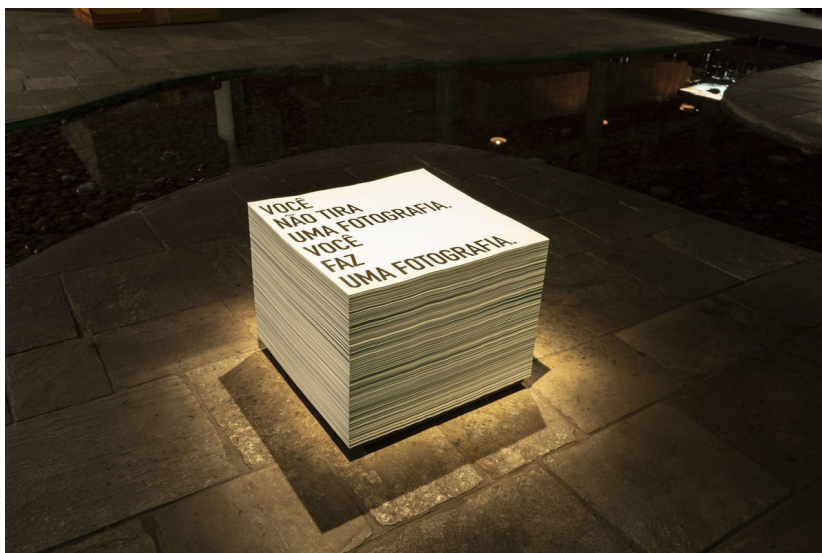


Fig. 1. Alfredo Jaar, *You do not take a photograph. You make it.* (*Você não tira uma fotografia. Você faz uma fotografia.*), 2013 (2021), material impresso. (Foto de Renato Parada).

Tematicamente, a obra de Jaar aborda a imagem como centro de reflexão, propondo alguns questionamentos : o que em uma fotografia está dado de antemão, e o que é fruto da intencionalidade do fotógrafo ? Qual o valor documental de uma fotografia, e qual seu valor como criação ? Como posso, sem usar imagens explicitamente visuais, abordar a problemática da onipresença das imagens ? Essas parecem ser algumas das questões aqui propostas por Alfredo Jaar. Visto que os cartazes podem ser levados pelos visitantes da exposição, convida-se o enunciatório a tomar parte nessa discussão e, quem sabe, também produzir as suas próprias imagens.

Muitos outros artistas valem-se da escrita sêmica em suas criações. Em solo brasileiro, já desde meados do século XX, a obra de artistas como Leonilson, Hélio Oiticica, Antônio Dias e Arthur Bispo do Rosário, dentre outros, provoca uma série de relações entre os sistemas verbal e visual. Nas suas obras, as linguagens coexistem, jamais como ilustração ou redundância, mas como meios simultâneos do despertar da fruição estética. Recentemente, Fabio Morais realizou um levantamento de dezenas de enunciados verbais escritos em obras de arte de naturezas distintas (pinturas, gravuras, fotografias, esculturas, instalações etc.) ; dentre vários outros nomes, o autor cita Paulo Bruscky, Artur Barrio, Leya Mira Brander, Denilson Baniwa e Rafael RG¹⁰. Grande parte das obras analisadas por Morais são realizadas por artistas latino-americanos do século XXI e a maioria das manifestações, se não a totalidade, apresenta a escrita que se assume enquanto escrita, com função linguística, testemunhando, desse modo, o intenso emprego da escrita sêmica nas artes visuais contemporâneas. É a escrita, na arte, dando-se a ver como escrita.

10 Cf. *Escritexpográfica*, op. cit.

2.2. Escrita plástica (mentira)

Nas posições previstas pelo quadrado das modalidades veridictórias, há uma que se chama dêixis negativa : ela reúne o *parecer* ao *não-ser*. Isso implica dizer que, se partimos da escrita “sêmica”, considerada *verdade*, pois configura-se enquanto “termo complexo” (ela é e *parece* escrita), nessa posição dêitica negativa estaria o que se pode chamar de escrita “assêmica” ou, como preferimos neste caso, escrita “plástica”, a que *parece*, mas *não é*, entendida como *mentira*.

Com isso, identificamos obras em que há presença notória de elementos plásticos do sistema de escrita (grafos, grafemas e grafotaxemas), que são inscritos em suportes variados, porém, estes acabam por ser empregados apenas como matéria gráfica, isto é, enquanto conjuntos de linhas, formas, dimensões, texturas etc. Evidencia-se a dimensão *visual* da escrita, e por isso ela *parece* escrita, mas nesse contexto ela não pode ser lida normalmente, portanto, entende-se que *não é*. As suas propriedades *espaciais* são neutralizadas : não se observa o uso de marcadores sintáticos (grafotaxemas) para constituição de um *texto*, como alinhamento, direção de leitura, espaços em branco, entre outros elementos espaciais organizadores do sistema escrito. Assim, como resultado, sua dimensão *linguística* também é esvaziada quase por completo.

Para ilustrar esta categoria, que pode se valer de diversas técnicas manuais e mecânicas do registro escrito, convocamos a obra de Gilberto Tomé. Sua produção transita entre publicações de artista, cartazes, gravuras e arte urbana, sempre apoiado no uso, recriação ou incorporação de elementos escritos alfabéticos, geralmente tipográficos. O projeto “gráficafábrica”, iniciativa que concentra boa parte de sua produção, é apresentado como um “ateliê-editora” cujos interesses são : “pesquisa e experimentações gráficas / edições especiais / gravuras, matrizes, estampas / cartazes, livros, fanzines / memórias, paisagens, processos”¹¹.

Recortes diversos de sua produção podem ser vislumbrados nas postagens realizadas em sua conta na rede social Instagram (fig. 2). Em *textostexturas* (2018), diversas letras são grafadas em verde, laranja e rosa sobre uma página dobrada : elas formam aí uma textura gráfica não só pela própria qualidade tátil das matrizes utilizadas na impressão, mas também pela textura visual que resulta da justaposição de tantos caracteres. Embora, nesse caso, as letras possam ser identificadas individualmente — vê-se “T”, “O”, “U”, “I”, “S”, “Ã” etc. —, elas não se ligam formando palavras e frases. Em *#tipoassimtiposampa* (2019), novamente é o caráter plástico da letra que é explorado, tanto pela consistência visual decorrente da matriz de impressão, quanto pelo desenho de suas formas que podem remeter figurativamente a construções, fábricas e residências, em uma leitura conduzida pelo tema urbano deflagrado na expressão “tipo assim, tipo Sampa”. Nas imagens da série *diagramas, teatro gráfico* (2020), Gilberto Tomé destaca fragmentos de letras (“A”, “T”) retomados de cartazes distribuídos no espaço urbano.

11 G. Tomé, *Gráficafábrica, um ateliê-editora*, 17 maio 2013.

Aqui, pouco importa o conteúdo linguístico original desses cartazes, mas sim a exploração visual e espacial da forma alfabética, o interesse plástico que cada caractere pode despertar.



Fig. 2. Gilberto Tomé, *textostexturas*, 2018 ; *id.*, *#tipoassimtiposampa*, 2019 ; *id.*, *diagramas*, *teatro gráfico*, 2020 (fonte : Instagram de “tome.gilberto”).

Podemos considerar a obra de Tomé como representativa de uma *escrita plástica* tipográfica. Essa categoria pode utilizar ainda meios variados, como a caligrafia, a máquina de escrever, os tipos transferíveis (Letraset), a colagem, dentre outros, gerando até mesmo obras figurativas, isto é, em que os traços da escrita são utilizados na composição de imagens e desenhos icônicos. Um caso exemplar desse procedimento de figurativização é o movimento dos artistas *typewriters*, que utilizavam os toques das máquinas de escrever para criar formas visuais, como os retratos construídos por Bob Neill em seu famoso *Book of Typewriter Art*¹². No Brasil atual, outro exemplo dessa técnica pode ser encontrado nas obras de Hal Wildson, jovem artista do vale do Araguaia que constrói, a partir de caracteres datilografados e carimbos, imagens e retratos de caráter político alusivos à ditadura.

Ainda na categoria da escrita plástica, historicamente podemos convocar obras como as colagens de Tide Hellmeister ou os objetos gráficos de Mira Schendel. A obra de Schendel é particularmente significativa na exploração

12 B. Neill, *Bob Neill's Book of Typewriter Art (with special computer program)*, Cornwall, Weavers Press, 1982.

visual dos caracteres alfabéticos, conforme destacado no catálogo de exposição a ela dedicada : “[Os] *Objetos gráficos*, como sugere o título, exploram a espessura da linguagem, a densidade objetual de sua raiz gráfica, a concretude existencial de palavras, traços, marcas, sejam escritos, sejam delineados com o pincel”¹³. Na escrita plástica, as letras e caracteres dão-se a ver na concretude da obra, mas não podem ser lidos linguisticamente.

2.3. Escrita oculta (segredo)

A terceira categoria que propomos é a da escrita oculta, ou, no quadro de referência, o polo que corresponde ao *segredo*. O que se mostra nessas composições *não parece* escrita, mas é. Há uma criação plástica pertencente ao campo das artes visuais, que não necessariamente remete a sinais do sistema de escrita convencional, mas que, secretamente, pode ser lida. Essas obras contêm em si uma escrita codificada, ancorada no sistema alfabético (latino ou outro) para o qual, a partir dela, é possível retornar e encontrar grafemas, palavras, frases ou textos reconhecíveis numa dada língua. Em suma, uma escrita codificada, oculta.

Um exemplo é a série *Pilha*, da dupla de artistas Angela Detanico e Rafael Lain (fig. 3), entre outras de suas obras que poderiam ser evocadas. Detanico e Lain têm formação linguística e tipográfica, vivem e trabalham entre São Paulo e Paris, e suas produções já foram apresentadas em diversos países. A dupla é representada, na cidade de São Paulo, pela Galeria Vermelho, reconhecida por agenciar artistas emergentes e consagrados.

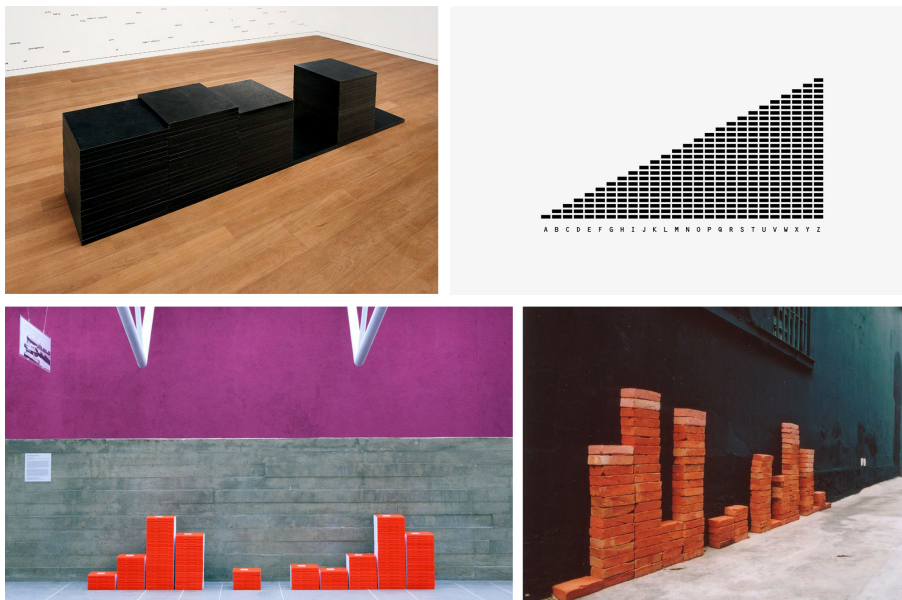


Fig. 3. Angela Detanico e Rafael Lain, *Strata (Pilha)*, 2003-2013, granito preto ; *id.*, *Dito e feito* (da série *Pilha*), 2010, 108 cópias do livro *Sobre as palavras e as coisas* de Michel Foucault ; *id.*, *Pilha [Antes de mais nada]*, 2008, tijolos (fonte : Galeria Vermelho).

13 L. Pérez-Oramas, *O alfabeto enfurecido : León Ferrari e Mira Schendel*, trad. Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2010, p. 7.

Na série *Pilha* (2003-2013), os artistas empilham, em pequenos montes sequenciais, objetos diversos do dia a dia : tijolos, livros, borrachas, placas de granito, caixas de madeira e azulejos. Se, a princípio, essas disposições de objetos nos lembram *ready-mades*, inclusive pela utilização de materiais de uso corrente, dificilmente se vê aí, no primeiro olhar, algum tipo de escrita. Entretanto, há um sistema oculto por trás dessas obras. A curadora Solange Farkas nos explica o seu funcionamento :

Detanico e Lain se apropriam da linguagem verbal a partir de proposições visuais (...). [Na exposição] temos obras como *Pilha* (2012 / 2013), com a qual Detanico e Lain criam um alfabeto a partir do empilhamento de objetos idênticos uns sobre os outros, correspondendo a letras, a depender da quantidade deles, de acordo com a ordem alfabética (A=1 objeto, B=2 objetos, C=3 objetos e assim por diante). Dessa forma, surgem as palavras.¹⁴

Na série *Pilha*, portanto, o ponto de partida dos artistas é o sistema de escrita alfabética. Valem-se de grafemas, palavras e até frases, porém, para escrevê-los, criam novos sistemas de representação a partir do empilhamento de objetos diversos. Esse procedimento exige um esforço de decodificação por parte do leitor e, uma vez feito esse processo, as palavras permanecem reconhecíveis enquanto pertencentes a uma dada língua (normalmente, nesses casos, o português).

Considerando as três dimensões pertencentes a todo sistema de escrita elencadas anteriormente, pode-se dizer, então, que os artistas neutralizam a dimensão *visual* da escrita, ou melhor, de seus grafos, e a recriam, propondo novos significantes. Por outro lado, preservam a dimensão *espacial* da escrita no que diz respeito à ocupação do espaço por meio da disposição dos elementos no suporte (chão) e da manutenção de uma direção de leitura, que segue normalmente um percurso “linear”, convencional. Assim, os montes de livros, placas de granito, pilhas de tijolos, caixas de madeira etc., são dispostos lado a lado, em sequência, e são percorridos e reconhecidos com o auxílio do título da obra e de textos de apoio. Afirma-se, ainda, que eles preservam a dimensão *linguística* da escrita, ainda que tenham criado para ela um novo sistema de representação (visual), uma vez que esse novo sistema é gerado a partir do sistema alfabético latino, ao qual se pode retornar. Há, portanto, manutenção lexical (sempre empregam palavras inteiras) e semântica.

É nesse sentido que identificamos a presença de uma *escrita oculta* nessas obras : ela está lá, mas há que ser desvendada a partir de pistas deixadas pelos artistas, a saber, a recorrência de formas visuais e sua distribuição regular no espaço.

Outros exemplos de obras de arte baseadas na categoria da escrita oculta podem ser encontradas em meio à própria produção de Detanico e Lain : *Nomes das estrelas* (2007), *Onda* (2010), *Sobre cor* (2011) ou *Infinito* (2013). Tais obras desenvolvem modos próprios de codificação do sistema escrito, a partir de critérios

14 S. Farkas, *Alfabeto infinito. Angela Detanico e Rafael Lain*, Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2013, p. 8.

como quantidade de elementos, diâmetro, largura, cores etc., usando formas gráficas e materiais diversos como ondas de sal, luminosos néon, círculos de aço inoxidável, dentre outros. A escrita oculta não se dá a ver imediatamente, mas, uma vez decifrada, pode ser lida “normalmente”.

Cabe ainda, aqui, uma distinção entre a escrita oculta e o que podemos considerar uma escrita que foi ocultada, isto é, apagada, como no caso da série *Top Secret* (2012) de Jenny Holzer, ou *A Humument* (1970-2016) de Tom Phillips, entre outros diversos artistas. Sabe-se, nesses casos, que houve um texto anterior, que pode ser identificado pelos resquícios de grafemas ou palavras presentes nas telas ou páginas e pela manutenção do espaço textual : blocos delimitados por espaços brancos (topogramas) onde se percebem títulos, parágrafos, frases etc. No entanto, esse espaço aparece, em sua quase totalidade, coberto por manchas de tinta que tornam impossível a volta ao texto e, por consequência, sua decodificação. Seria esta, então, a forma mais radical de uma *escrita oculta*.

2.4. Escrita simulada (falsidade)

A quarta categoria seria o que chamamos de “falsidade”, ou seja, obras que *não são* nem se *parecem* com nenhum sistema de escrita reconhecível. Trata-se, neste caso, de sistemas de imagens que apresentam recorrências e hierarquizações que *lembram* a escrita, ou fazem *alusão* a ela, mas que não podem ser decodificadas e em que tampouco identificamos caracteres de escritas reconhecidas. Seria algo próximo da poesia letrista dos anos 1940 ou de uma tábua de hieróglifos que não pudessem jamais ser decodificados.

Essas imagens se mostram como uma “paródia” da escrita, ou simulação, cujo reconhecimento depende muitas vezes dos textos de apoio que são apresentados junto às obras. Esse é o caso de *Insurgencias botánicas : Phaseolus Lunatus*, de Ximena Garrido-Lecca, artista peruana presente na 34ª Bienal de São Paulo (2021) (fig. 4). Trata-se de uma instalação composta de três elementos distintos, mas correlacionados : uma estrutura hidropônica com plantas vivas, uma parede branca com pinturas em formato de feijões manchados, e uma mesa expositora com pequenas esculturas em formato de favas, também manchadas. É uma obra que propõe o resgate de uma cultura pré-incaica já extinta, chamada Moche, que desenvolveu complexos sistemas hidráulicos de irrigação, através da reativação de sua flora (Fundação Bienal de São Paulo, 2020).

Ao visitar algumas ruínas próximas a Lima, em 2010, a artista soube, conversando com um arqueólogo ali presente, que haviam sido encontradas sementes da espécie *Phaseolus Lunatus* brancas e pretas. Até então, pensava-se que essa espécie estava extinta. Parte da obra, portanto, constitui-se na reintrodução desse tipo de vegetação, através da estrutura hidropônica mencionada acima. Já os desenhos das favas pintados na parede e suas recriações tridimensionais expostas na mesa remetem à retomada de um possível sistema de escrita do povo Moche. Ao observarmos os desenhos, vemos que há formas orgânicas brancas e pretas sobre cada uma das favas, formando reiterações plásticas que apresentam dife-

renças sutis entre um e outro. Alguns mais brancos, outros mais preenchidos de preto, todos os feijões apresentam uma sucessão de pequenos pontos e formas ovaladas. Seria possível ler aí mensagens cifradas, mais ou menos como se lê a borra do café ou as estrelas ?

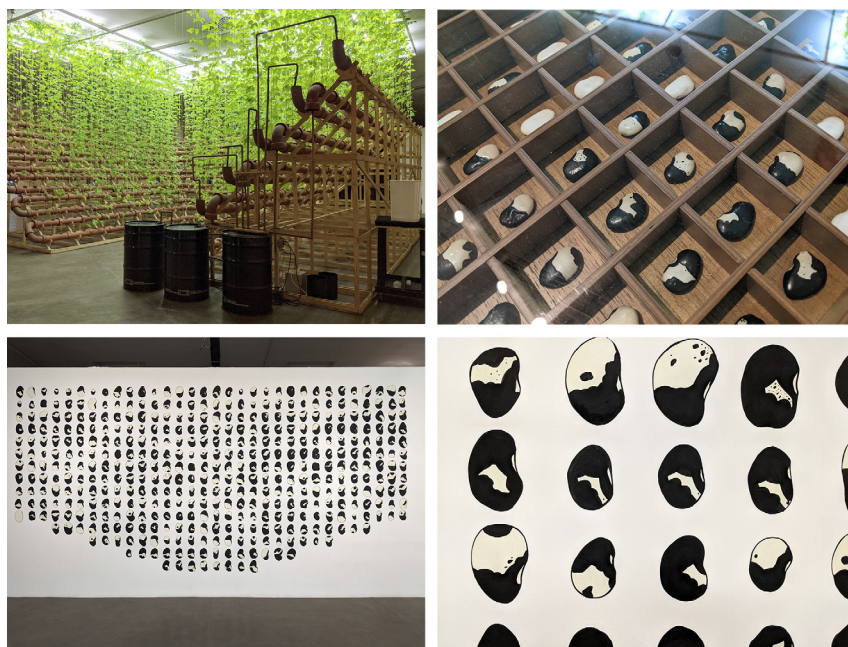


Fig. 4. Ximena Garrido-Lecca, *Insurgencias botánicas: Phaseolus Lunatus*, 2021, instalação. 34ª Bienal de São Paulo (fotos de Marc Barreto Bogo).

Dispostas na mesa expositora, as favas apresentam um caráter de linearidade que poderia remeter a um antigo sistema de escrita, mas quando observamos os feijões individualmente, vemos que não há distintividade suficiente (isto é, formação de “grafos”) entre uns e outros para que se possa considerá-los signos escritos autônomos. A própria artista, em entrevista concedida ao portal *Arte! Brasileiros*, explica o processo de criação dessa escrita simulada :

De fato, essas sementes, espécie de feijões, tinham sido representadas em várias culturas peruanas, pré-hispânicas em cerâmicas e peças têxteis, especialmente na cultura Moche, a cultura Mochica. Outro arqueólogo, Rafael Arcofuego, a princípios do século XX desenvolveu uma teoria onde estas representações seriam um sistema de escritura. Existem outras teorias refutando esta ideia, dizendo que não, que seriam jogos ou parte de um ritual agrário, mas eu decidi me focar na sua teoria. Ele sustenta que cada paillard de sementes representa uma ideia, não seriam ideogramas e sim um sistema de comunicação simbólico. (...) A partir daí, fui montando grupos gráficos com as sementes reproduzidas em cerâmica. Construindo um novo texto gráfico, a partir de conjuntos de morfologia e de cor.¹⁵

Como afirma a autora, vemos que a obra evoca um “texto gráfico, a partir de conjuntos de morfologia e de cor”, que não poderiam ser traduzidos num sistema

15 P. Rousseaux, *Linguagem pré-incaica*. *Arte! Brasileiros*, 2020, <https://artebrasileiros.com.br/arte/bienais/ximena-garrido-lecca/>.

conhecido (como no caso de Detanico-Lain, evocado acima), daí sua identificação ao polo da “falsidade”. Pode-se dizer, portanto, que a artista utiliza as propriedades *visuais* e *espaciais* presentes em todo sistema de escrita, simulando um tipo de escritura, porém, descartando sua componente *linguística* e a remissão a um modo de comunicação ancorado no sistema verbal. O que existe na obra é uma escrita imaginada, ecos de uma escrita já extinta, e não um sistema linguístico completo posto em funcionamento. Vinculada à poética da artista, essa “escrita” concretiza os temas do resgate da memória, da cultura e da identidade de um povo — o que, aliás, liga-se ao temário geral da 34ª Bienal de São Paulo, onde a obra foi exposta, com projeto curatorial marcadamente político¹⁶.

A obra cumpre, evidentemente, seu papel estético e expressivo de alusão à cultura peruana pré-incaica e coloca em questão um certo tipo hipotético de escrita desse povo, porém, como constatado, em termos de sistematização dos usos da escrita na arte, trata-se de um tipo de representação simulada, cujos elementos dizem respeito apenas à linguagem estritamente visual : formas e cores. É possível considerar que a obra vai ao encontro da proposta estético-ideológica do escritor peruano Juan Ramírez Ruiz em sua terceira e última recolha de poemas, *Las armas molidas* (1996), que também resgata os feijões, entre diversas outras práticas gráficas, as quais chama *andigramas*, propondo um tipo de reescrita poética decolonial, em resposta às guerras de dominação que afetaram as culturas e línguas nativas da Colônia à República peruana¹⁷.

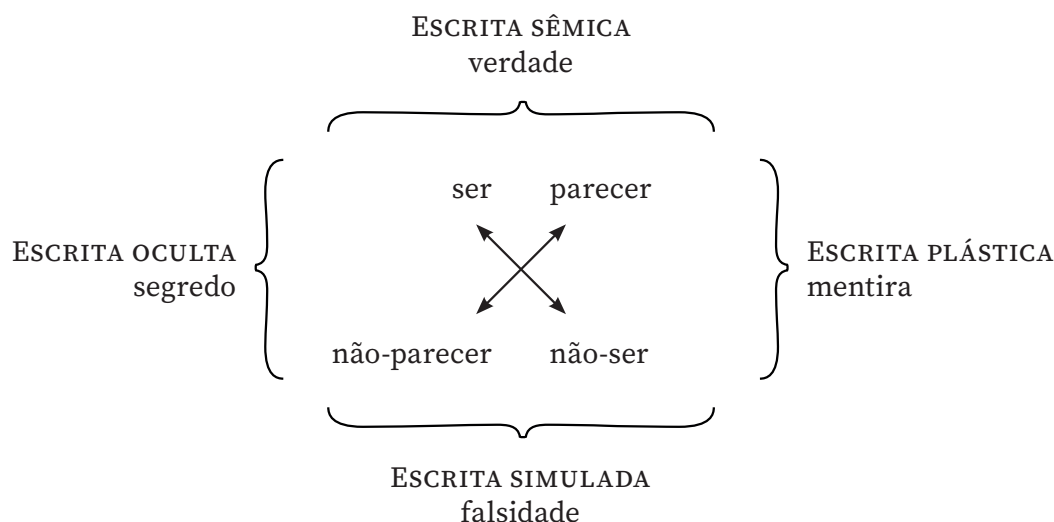
Há outros artistas que também utilizam em suas obras conjuntos gráficos, formando certas texturas visuais, passíveis de serem entendidos como “escritas”. Não *são* sistemas completos de escrita e não *parecem* com nenhum alfabeto conhecido, mas devido à sua distribuição linear e reiteração de formas, lembram-nos sistemas de escrita. Esse é o caso, por exemplo, da maior parte da produção de Pierrette Bloch, de algumas obras de Paul Klee, ou até mesmo algumas pinturas de Joan Miró. Os nomes citados não são de artistas latino-americanos do século XXI e, portanto, não fazem parte do nosso *corpus*, mas a existência desses criadores emblemáticos mostra como a categoria da escrita “simulada” foi já bastante explorada na história da arte.

Conclusão

Se a escrita está, portanto, largamente presente na arte contemporânea, é provavelmente, em parte, em consequência do ideal de fusão das artes proclamado pelas vanguardas do início do século XX. Vimos, entretanto, que essa incorporação pode ocorrer de diferentes maneiras : escrita sêmica, escrita plástica, escrita oculta e escrita simulada :

16 O projeto dessa Bienal, sua dimensão política e a experiência sensível de visita foram analisados por L. Chen, M.B. Bogo, M.C. Vidal e M. Albuquerque em “Faz escuro mas eu canto : o projeto curatorial da 34ª Bienal de São Paulo”, in A.C. de Oliveira (org.), *Por uma semiótica engajada*, Barueri, Estação das Letras e Cores, 2022.

17 L.F. Chueca, “*Las armas molidas* de Juan Ramírez Ruiz : reescritura poética decolonial de la nación peruana en tiempos de guerra”, *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, XL, 80, 2014.



Essa esquematização implica uma reflexão sobre as noções de transparência e opacidade. O quanto a escrita na arte se deixa ver ou se oculta como sistema de escrita? Ou seja, o quanto ela se dá a ver de maneira transparente, ou se esconde na opacidade? Essas são noções importantes para a arte, na medida em que as poéticas de cada artista também se deixam apreender em graus distintos de opacidade e de transparência. A 34ª Bienal de Arte de São Paulo, por exemplo, pregava o “direito à opacidade” para seus artistas e grupos sociais representados. O catálogo da exposição *O alfabeto enfurecido*, de León Ferrari e Mira Schendel, articula a discussão nos seguintes termos: “Tanto a arte como a linguagem têm potencial para dimensões opostas: a opacidade, ou densidade e espessura, e a transparência, ou imediaticidade e claridade”¹⁸. Alguns artistas optam por incorporar a escrita na arte explicitamente, exibindo-a transparentemente e convidando à leitura dentro do sistema verbal. Outros, no entanto, escolhem estratégias distintas de incorporação, seja aproveitando dos caracteres apenas a sua plasticidade, seja ocultando a escrita sob um código, seja ainda simulando um falso sistema de escrita — mas, em todos esses casos, implicando diferentes graus de opacidade.

Para além dessa constatação e do estudo sistemático que foi apresentado, por fim, vale lembrar que o uso da escrita na arte remete ainda à problemática estética recorrente da verossimilhança e do questionamento dos sistemas de representação. Uma síntese dessa questão, que permanece sempre em aberto, encontra-se, por exemplo, na obra de Timm Ulrichs — não por acaso, artista emblemático da *TotalKunst* (arte total) — feita em homenagem a Gertrude Stein. Em *Homage to Gertrude Stein* (1972/1977), Ulrichs recria o famoso verso da escritora, “A rose is a rose is a rose is a rose”, estampando essas palavras no interior de uma caixa de madeira branca, mas substituindo a primeira ocorrência do vocábulo “rose” por uma rosa natural (apoiada em um tubo de ensaio), a segunda “rose” por uma rosa plástica e a terceira “rose” pela fotografia em preto e branco de uma rosa.

¹⁸ *O alfabeto enfurecido*, op. cit., p. 8.

Rosa é a flor rosa, a cor rosa, o desenho da rosa, a palavra rosa, e também aquela outra rosa, a *ausente de todos os buquês*. O vai e vem entre perdê-las e encontrá-las, entre imagens e traços e textos, é, em última instância, um dos propósitos estéticos dos usos da escrita nas artes, seja ela sêmica, plástica, oculta, simulada. É da tensão entre *dizer* e *mostrar* e da fusão, e, conseqüentemente, dissolução dos sistemas de representação uns nos outros, que surgem essas obras híbridas que fazem das línguas, linguagens e vice-versa.

Referências

- Anis, Jacques, “Pour une graphématique autonome”, *Langue française*, 59, 1, 1983.
- Beyaert-Geslin, Anne, “La typographie dans le collage cubiste”, in M. Arabyan e I. Klock-Fontanille (orgs.), *L'écriture entre support et surface*, Paris, L'Harmattan, 2005.
- Catach, Nina (org.), *La ponctuation*, *Langue française*, 45, 1980.
- Chen, Luciana, Marc B. Bogo, Maria Claudia Vidal e Mariana Albuquerque, “Faz escuro mas eu canto : o projeto curatorial da 34ª Bienal de São Paulo”, in A.C. de Oliveira (org.), *Por uma semiótica engajada*, Barueri, Estação das Letras e Cores, 2022.
- Chueca, Luis Fernando, “Las armas molidas de Juan Ramírez Ruiz : reescritura poética decolonial de la nación peruana en tiempos de guerra”, *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, XL, 80, 2014.
- Farkas, Solange (Curad.), *Alfabeto infinito. Angela Detanico e Rafael Lain*, Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2013.
- Fundação bienal de São Paulo, Ximena Garrido-Lecca, 2020, <http://34.bienal.org.br/artistas/7300>.
- Gerheim, Fernando, “Cruzamentos entre palavra e imagem em três momentos da arte brasileira”, *ARS*, v. 18, 39, 2020.
- Greimas, Algirdas J., e Joseph Courtés, *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Cultrix, 1983.
- Klinkenberg, Jean-Marie, “Vers une typologie générale des fonctions de l'écriture. De la linéarité à la tabularité, ou l'espace écrit comme intermédialité”, in L. Hébert, L. Guillemette (orgs.), *Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité*, Québec, Presses de l'Université Laval, 2009.
- Moraes, Fabio, *Escritexpográfica*, Tese (Doutorado em Artes Visuais), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- Neill, Bob, *Bob Neill's Book of Typewriter Art (with special computer program)*, Cornwall, Weavers Press, 1982. Disponível em: <https://monoskop.org/log/?p=10535>.
- Oliveira, Ana Claudia de (org.), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004.
- Pérez-Oramas, Luiz, *O alfabeto enfurecido : León Ferrari e Mira Schendel*, Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2010.
- Pondian, Juliana F., *Gramática da poesia escrita : figuras retóricas*, Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral), FFLCH, Universidade de São Paulo, 2016.
- Ramalho, Sandra, *Imagem também se lê*, São Paulo, Rosari, 2005.
- Rebouças, Moema Martins, *O discurso modernista da pintura*, Lorena (SP), Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2003.
- Rousseaux, Patricia, *Linguagem pré-incaica. Arte! Brasileiros*, 1 abr. 2020. <https://artebrasileiros.com.br/arte/bienais/ximena-garrido-lecca/>.
- Teixeira, Lucia, *As cores do discurso : análise do discurso da crítica de arte*, Niterói, EDUFF, 1996.
- Tomé, Gilberto, *Gráfícafábrica, um ateliê-editora*, 17 maio 2013.
- Vermelho, *Detanico Lain – Portfolio*, 2015, <https://www.galeriavermelho.com.br/en/artista/72/detanico-lain>.

Résumé : Pleinement incorporée à la création visuelle, l'écriture constitue aujourd'hui une des composantes à la disposition des artistes. Le présent article propose une typologie de ses divers usages dans un ensemble d'œuvres latino-américaines du XXI^e siècle en recourant à une approche sémiotique structurale. La catégorie « être vs paraître », principal instrument d'analyse et critère de distinction permet de d'identifier quatre modes de présence de l'écriture dans les œuvres analysées : une écriture « sémique », une écriture « plastique », une écriture « oculte » et une écriture « simulée ».

Mots-clefs : art contemporain, art latino-américain, écriture, modalités véridictaires, systèmes d'écriture.

Resumo : Na arte contemporânea, a escrita aparece plenamente incorporada à criação visual, constituindo-se como mais um elemento compositivo à disposição dos artistas. Este artigo objetiva identificar e sistematizar diferentes tipos de usos da escrita nas artes visuais contemporâneas. Para isso, um conjunto de obras do século XXI produzidas por artistas latino-americanos é analisado. A abordagem teórico-metodológica adotada é a da semiótica de linha discursiva ou francesa, especialmente em suas considerações sobre a oposição entre o “ser” e o “parecer”, organizadas em um quadro de articulações lógicas. Conclui-se que a incorporação da escrita no fazer artístico pode ocorrer, segundo cada caso, na forma de uma escrita sêmica, plástica, oculta ou simulada.

Abstract : In contemporary art, writing appears fully integrated into visual creation, constituting one of the many compositional elements available to artists. This article aims to identify and systematize different types of writing usages in contemporary visual arts. To do so, a set of works from the 21st century produced by Latin American artists is analysed. The adopted theoretical-methodological framework is that of discursive semiotics, especially in its considerations on the opposition between “being” and “appearing”, organized in a model of logical articulations. The conclusion is that the incorporation of writing in the artistic work can occur in different ways, which are proposed to be designated as semic, plastic, concealed or simulated writing.

Auteurs cités : Jacques Anis, Anne Beyaert-Geslin, Nina Catach, Joseph Courtés, Fernando Gerheim, Algirdas J. Greimas, Jean-Marie Klinkenberg, Fabio Moraes, Ana Claudia de Oliveira, Sandra Ramalho, Moema Rebouças, Lucia Teixeira.

Plan :

Introdução

1. A semiótica e o estudo da escrita
2. Quatro tipos de usos da escrita nas artes visuais
 1. Escrita sêmica (verdade)
 2. Escrita plástica (mentira)
 3. Escrita oculta (segredo)
 4. Escrita simulada (falsidade)

Conclusão

Recebido em 12/04/2025.

Aceito em 12/05/2025.

A propos d'un classique ignoré

Guido Ferraro

Université de Turin

Introduction

Voilà bien longtemps qu'il m'arrive de repenser à ce livre dirigé par Greimas et Landowski, publié chez Hachette en 1979 sous le titre d'*Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*. Je le considère comme injustement oublié et digne d'une relecture selon les perspectives actuelles. Y revenir est pour moi l'occasion de faire le point sur un certain nombre de problèmes théoriques à l'ordre du jour.

En premier lieu, cet ouvrage donne l'exemple d'une forme réussie d'entreprise collective. Voilà un groupe de chercheurs qui, partageant dans une large mesure les mêmes objectifs et les mêmes outils d'analyse, se sont courageusement aventurés sur un terrain jusqu'alors inexploré. Les douze contributeurs examinent tour à tour autant de textes qui se présentent comme des *essais* touchant des domaines très divers : études d'anthropologie et de sociologie, de philosophie et de religion, de critique d'art et d'analyse littéraire¹.

Voici l'idée générale du volume, telle que résumée à la première page de l'Introduction :

En abordant l'étude de discours à vocation scientifique — fût-ce dans le domaine des sciences sociales — nous franchissons une étape importante du parcours qui, à partir des formes relativement simples, et en tout cas figuratives, de l'ethno-littérature, a conduit les sémioticiens à s'intéresser, de proche en proche, à des organisations signifiantes comportant un degré croissant de complexité et d'abstraction.²

¹ On trouvera en annexe la liste des contributions qui suivent l'Avant-propos et l'Introduction cosignées par les deux organisateurs.

² Les lecteurs italophones trouveront dans le présent numéro une toute récente traduction, par Gianfranco Marrone, de cette Introduction. (NdIR)

Ce livre représente à mes yeux un moment décisif dans le parcours de constitution de la sémiotique comme regard unitaire sur les faits humains et sur toute forme de textualisation. S'ouvrant ici à des textes plus complexes et plus abstraits que ce n'était le cas jusqu'alors, la discipline teste la validité générale d'instruments forgés et éprouvés dans un domaine bien plus spécifique, principalement celui de l'ethnolittérature.

Je ne vais entreprendre ni une lecture détaillée de cet ouvrage ni une célébration en clef historique. Il s'agit plutôt d'examiner comment l'expérience de nouveaux domaines d'application peut faire évoluer positivement notre discipline. Plus généralement, ce livre contient beaucoup d'indications encore précieuses aujourd'hui, bien qu'elles n'aient été reprises que très partiellement dans les études ultérieures — ce qui d'ailleurs me conduit aussi à un autre ordre de questions : pourquoi la sémiotique s'est-elle montrée trop souvent incapable de donner sa juste valeur à ses propres productions, à son propre patrimoine d'idées et d'écrits ? Pourquoi a-t-elle éprouvé tant de difficulté à élaborer, pour elle-même, un savoir à caractère effectivement cumulatif ? Pourquoi n'a-t-elle su que si mal consolider ses propres avancées ? Pourquoi avoir sélectionné certains textes en oubliant d'autres, avoir si souvent privilégié certaines lignes d'approfondissement en négligeant d'autres, non moins importantes ? J'espère en tout cas arriver à montrer l'utilité de revenir sur certains textes injustement oubliés, en les réévaluant à la lumière des centres d'intérêt actuels. Et si le fait d'évoquer ce livre pouvait encourager la volonté de mener de nouveau aujourd'hui de tels projets de recherche collective, éventuellement sur des thèmes proches de ceux dont traite ce livre, ce serait aussi un très bon résultat.

1. Narratif et argumentatif

Bien que chacun des auteurs ici réunis ait choisi, comme il est naturel, des modalités en partie propres, le fait que beaucoup des concepts et des problématiques clefs y soient communs me permet de faire surtout référence, dans ce qui suit, à un des chapitres, celui de Greimas, placé en ouverture : « Des accidents dans les sciences dites humaines. Analyse d'un texte de Georges Dumézil » (pp. 28-60).

Je commencerai par ce que ce chapitre nous dit à propos de la question la plus évidente, celle concernant la possibilité d'appliquer les modèles et les notions de la théorie du récit à des textes qui, dans leur principe, ne se présentent pas a priori comme à proprement parler « narratifs ». Le livre, en bref, répond que oui, cela est possible, justifié et utile — mais il ne s'agit pas d'une réponse si simple. Nous sommes confrontés à des formes de narration qui, de fait, sont différentes de celles qui nous sont habituelles. Cela nous amène d'emblée à nous interroger sur ce qu'est précisément l'essence de la « narrativité », et, à partir de là, à nous demander si les constructions narratives ne cachent pas quelque chose de plus profond et de moins défini — quelque chose qui se situerait au cœur de certains processus fondamentaux, d'ordre à la fois sémiotique et cognitif.

On peut tout d'abord remarquer que, dans son essai, Greimas souligne plusieurs fois l'importance décisive de la structure *question / réponse* — ou, mieux

sans doute, *problème / solution* — structure qui nous paraît à première vue d'une extrême simplicité mais qui présente bien des aspects complexes et intrigants. L'auteur du texte analysé, Georges Dumézil, part en effet d'un problème, qui est le suivant : il y a quelque chose que nous n'avons pas encore compris, un *manque de savoir* auquel il faut chercher à remédier. Ainsi donc, observe Greimas, le *savoir* est posé comme l'Objet de valeur placé au centre d'une « aventure cognitive », et nous comprenons que c'est justement cette « aventure » qui donne au texte son caractère, de fait, immédiatement narratif. La transformation qui consiste à inverser une position initiale de « non-savoir » en un *savoir acquis* nous semble en effet correspondre exactement au passage classique du Manque, conçu comme disjonction initiale de l'objet de valeur, à son acquisition finale.

Bien qu'il s'agisse d'un « essai », le texte de Dumézil peut de ce point de vue être considéré comme reposant sur une organisation narrative, même si elle diffère de celle qui nous est habituelle. Greimas souligne que cette structure proprement narrative, qui va du non-savoir au savoir en suivant la dimension syntagmatique du récit, vaut aussi comme structure *rhétorique*. Parler de relations entre les dimensions narrative et rhétorique n'est certes pas entièrement nouveau mais l'analyse menée par Greimas conduit à des réflexions plus avancées. En fait, ce n'est pas seulement de manière occasionnelle qu'on rencontre une structuration narrative au cœur de textes qui se présentent comme des essais. Au contraire, il nous semble qu'il s'agit là d'un principe de structuration à la fois usuel et fondamental. Il est clair que la formule à renversement — *contenu inversé / contenu posé* —, en elle-même typique du récit, peut être vue en termes de relation rhétorique *question / réponse*. Tout cela nous amène à nous demander si la disposition narrative n'est pas en elle-même, fondamentalement et en premier lieu, une modalité *argumentative*, et ceci non pas seulement dans le sens limité et superficiel conçu par les anciens chercheurs en rhétorique.

Dans cette perspective, un texte narratif pose à son début typiquement un problème. Par exemple, j'ai eu naguère l'occasion de mettre en avant la présence d'une organisation proprement argumentative à propos des *Deux Amis* de Maupassant³. Ce récit pose effectivement le problème suivant : est-il possible de vivre dans un univers purement subjectif, centré sur son propre *vouloir* ? ou bien faut-il reconnaître qu'on appartient toujours à une entité plus grande que nous, envers laquelle on a forcément des *devoirs* ? Un récit apparaît en somme, de ce point de vue — ni plus ni moins qu'un essai — comme une manière de raisonner sur l'ordre des choses, sur les rapports entre les valeurs, sur les logiques du comportement. Autrement dit, la forme narrative n'est-elle pas précisément une forme (parmi d'autres) d'argumentation ?

Certains répondront que oui, et que c'est au fond ce que nous avons toujours su. Mais pour d'autres, plutôt que comme un constat, ceci apparaîtra comme une hypothèse, assez complexe, qui ne pourrait être pleinement établie qu'à partir d'une étude effective de textes non immédiatement narratifs. Tel a précisément

3 Cf. G. Ferraro, « Du début à la fin. Aventures du sens et de l'écriture dans les textes narratifs », *Actes Sémiotiques*, 123, 2020.

été le projet du livre dont nous sommes en train de parler. L'expression même « poser un problème » nous amène à la dimension *thématique* du texte. En réfléchissant sur la structure question /réponse relevée dans le texte de Dumézil, Greimas remarque que le but de la question est de préciser quel est l'objet du savoir recherché ; autrement dit, la *question* définit le « topique » du texte. Bien que ce terme revête une acception spécifique dans la théorie de Greimas, il est difficile de ne pas le rapprocher du terme anglais *topic*, qui de son côté a une place centrale dans les études de pragmatique discursive. Mettre en parallèle le concept de « topic » (ou « thème »), celui de « problème à résoudre », et celui de « contenu inversé », ouvre à mon sens des perspectives prometteuses⁴.

Mais si en ce point il semble logique de se demander quelles sont alors les différences entre le texte narratif classique et un texte argumentatif scientifique, la réponse immédiate, avancée par plusieurs essais contenus dans ce livre, est que les textes narratifs auxquels nous pensons habituellement ont un caractère « figuratif ». En ouverture de sa contribution, Greimas précise cependant (précision à mon avis importante) qu'il s'agit en l'occurrence d'étudier des discours non figuratifs... *ou qui semblent tels*— ce qui revient à dire que la dimension figurative n'est pas véritablement exclue des textes scientifiques. Heureusement, dans ce cas comme dans d'autres où il se consacre à des analyses textuelles concrètes, Greimas précise les termes de la question en employant le concept classique de « signe », et donc la corrélation entre *signifiant* et *signifié*. Dans un texte narratif typique, nous savons que le plan sémantique sous-jacent est projeté en éléments concrets, d'ordre justement figuratif, que Greimas (avec quelques forçages par rapport aux conceptions de Saussure) fait correspondre à la notion de *signifiant*. Mais qu'en est-il dans le cas présent ? Le fait que nous ayons affaire, avec Dumézil, à une analyse de systèmes religieux nécessite l'intervention du même type d'instruments théoriques : les différentes figures divines valent ici comme signes, définis par la corrélation entre leurs caractères figuratifs (sur le plan du signifiant) et leurs traits sémantiques. En ce sens aussi, nous voyons donc s'estomper la distance entre les textes traditionnellement considérés comme des récits et les textes argumentatifs ou scientifiques. Qu'il s'agisse ou non de composants spécifiquement « figuratifs », nous sommes face, dans les deux domaines, à une scène proprement sémiotique où des acteurs clefs se présentent comme porteurs de certaines valeurs de sens bien définies.

2. L'aventure cognitive

Ici intervient un autre aspect qui me semble aussi de grand intérêt et que je voudrais donc souligner. Plusieurs chapitres du livre parlent d'une composante « référentielle », en ce sens qu'on repère dans chacun des textes étudiés des références à d'autres textes, qu'il s'agisse de ceux d'autres auteurs ou, parfois, de textes antérieurs du même auteur. Joseph Courtés élabore à ce sujet la distinction entre un « référentiel expérimental » qui renvoie à des données de

⁴ Voir sur ce point G. Ferraro, *Semiotica 3.0*, Rome, Aracne, 2019, chap. II.

départ (comme dans le cas d'observations ethnographiques), et un « référentiel discursif », lorsque référence est faite à d'autres textes scientifiques, à leur tour distingués en hétéro-références et auto-références (p. 69). Les distinctions proposées par Sorin Alexandrescu dans le cadre d'une critique littéraire conçue comme métadiscours sont encore plus articulées (pp. 211-215). Sensiblement différente est la position de Geninasca, qui préfère parler d'un programme cognitif *intégrant* dans le discours nouveau les savoirs antérieurs (p. 81). Et nous pouvons également y rattacher la réflexion de Pierre Geoltrain (p. 172), pour qui l'inclusion de références au discours d'autres auteurs n'a jamais la nature d'une présentation *neutre*. Enfin, une perspective complémentaire nous vient d'Eric Landowski, qui attribue à l'emploi de certaines références, surtout littéraires, la finalité de proposer une sorte de « vraisemblable culturel ». En revenant maintenant à l'exemple du texte analysé par Greimas, nous voyons que Dumézil fait allusion à des études d'autres chercheurs mais parle surtout d'un échec intellectuel rencontré par lui-même précédemment. Le chercheur se dédouble donc alors en deux sujets, l'un placé au temps présent, en train de conduire l'enquête actuelle, l'autre situé dans le passé en tant qu'auteur de ces études antérieures où il avait tenté d'aboutir à certaines conclusions à partir d'hypothèses qui lui avaient paru probables mais qui, en raison de certaines « difficultés insurmontables », n'ont pas pu aboutir.

Il s'agit là d'un dispositif important qui unit textes narratifs et textes argumentatifs : le *topic* — la question que le texte pose au départ — correspond non seulement à l'absence de savoir ou à la négation du savoir qui sera obtenu à la fin, mais aussi au *savoir antérieur*, à l'état, par définition insuffisant, du savoir qui était disponible en amont de la recherche. Dire qu'une « aventure cognitive » part d'un manque de savoir signifie non pas qu'on part d'un degré zéro de connaissances mais d'un ensemble de connaissances imparfaites, insatisfaisantes, non claires, peut-être en partie contradictoires ou insuffisamment fondées — ce que le chercheur aura le devoir de clarifier, redéfinir, dépasser, peut-être littéralement renverser. Dans le modèle narratif plus complexe que nous voyons se former sous nos yeux, pour définir le schéma narratif d'une *aventure cognitive*, la « question » de départ devient aussi *une interrogation sur la pensée des autres*, une prise de distance par rapport à ce qui était déjà connu, une forme de *débrayage*, à la fois énonciatif et cognitif. Le récit de l'enquête scientifique consiste par conséquent aussi en une série complexe d'étapes qui modulent la « *distance fiduciaire* » (p. 44) qu'on prend par rapport aux paroles des autres, allant graduellement de la pleine adhésion au refus total.

Mais la composition entre logiques argumentatives et structuration narrative nous conduit dans d'autres directions encore, même si elles ne sont pas évidentes. Par exemple, combien d'entre nous ont-ils réfléchi à la possibilité de superposition entre la position actantielle de l'Anti-sujet, par définition établie en négatif, et la construction inversée de la partie initiale du récit ? En considérant la chose dans les termes d'une connexion entre plan argumentatif et organisation narrative, on peut faire ressortir une convergence (d'ordre négatif) entre les dimensions cognitive (arguments opposés à ceux qui sont soutenus

par l'auteur), énonciative (sont incluses des références à des textes d'autrui) et aussi actantielle puisque, comme le souligne Greimas, certains des fragments auxquels on fait allusion par référence agissent comme adjuvants, et d'autres au contraire comme opposants.

Autre piste de réflexion présente aussi bien dans l'essai de Greimas que dans d'autres contributions, celle, proposée dès l'Introduction, consistant à faire la distinction entre le « parcours de la découverte » et le « parcours de la recherche » (voir en particulier la distinction en trois composantes proposée par Joseph Courtés, p. 69). Le développement du parcours de *découverte personnel* conduit par un chercheur individuel requiert que ce parcours soit validé en l'intégrant dans une dimension collective de *recherche sociale*. Coquet, en particulier, parle d'un sujet épistémique correspondant à un chercheur individuel qui agit seul mais doit ensuite amener la communauté des savants à enregistrer la transformation du savoir qui a été produite ; l'aventure individuelle se transforme ainsi en aventure collective (p. 142). L'Introduction du livre se fermait d'ailleurs précisément sur des réflexions, à mon sens de grande importance, à propos du fait que la recherche scientifique ne doit pas être considérée seulement comme instance productrice de savoir (p. 27) : il ne s'agit pas d'un *pur savoir*— quelque chose, dirons-nous, de purement objectif, impersonnel et intemporel — car ce qui se présente, au sens strict, comme un parcours cognitif s'inscrit en fait dans un programme idéologique de nature historique et sociale. Coquet souligne que dans le domaine de la recherche scientifique, l'action individuelle se déplace typiquement dans le sens du dépassement d'un savoir précédemment consolidé, un savoir qu'on peut dire *visqueux*, en ce sens qu'il nécessite un effort pour réaliser une mutation des idées antérieures. L'individu transforme donc le savoir collectif, en niant un savoir précédemment consolidé, pour en faire un savoir *nouveau, actuel et nôtre*.

L'ensemble de ces réflexions nous conduit vers une perspective selon laquelle le caractère narratif n'est pas propre seulement au discours visant à présenter les résultats d'une recherche : le savoir scientifique possède peut-être en tant que tel une nature *constitutionnellement narrative* : c'est à tort que nous le pensons comme un ensemble (statique) d'informations, alors qu'il s'agit plutôt d'un processus (dynamique) qui bouleverse continuellement un état cognitif acquis pour aller vers un autre, impliquant une série de conflits, de pertes et de reconstitutions d'équilibres. La constitution narrative n'intervient pas au moment où une recherche (scientifique, philosophique, critique...) fait l'objet d'un exposé final présentant ses « résultats » mais au moment même où la recherche se déroule, donc au moment où une expérience empirique, une manière de voir, une pensée organisée, sont en train de prendre forme.

3. Un autre genre d'architectures narratives

Nous en arrivons au point à nos yeux essentiel. Revenons à la question clef : était-il donc si facile de conclure, comme le font les auteurs de cet ensemble de recherches, que les modèles narratifs qui, à cette époque, venaient d'être

élaborés, pouvaient être repris sans problème dans l'application à des textes apparemment d'une toute autre nature ? La réponse, comme je l'ai déjà remarqué, n'est pas simple. D'une part, aucun des auteurs n'émet le moindre doute sur l'idée que la narrativité trouve sa place dans les textes à analyser et qu'elle obéit aux modes et aux formes déjà connus en la matière. On peut certes reconnaître par exemple, comme le fait Landowski, un parcours d'acquisition de compétences et plus précisément la présence successive de modes virtualisants et actualisants dans la recherche du savoir (p. 112) ; de même, on peut retrouver, comme le fait Geninasca, les fameuses trois épreuves, qualifiante, principale et glorifiante, en l'espèce référées à l'acquisition du savoir (p. 99) ; et ainsi de suite. Cependant, cette analogie étroite avec le modèle narratif dérivé de Propp, bien qu'à l'époque elle ait pu être considérée comme un résultat notable, constitue en fait, à nos yeux, l'aspect le plus banal et le plus superficiel de toute cette entreprise. Plus intéressant est à mon sens le fait que cette enquête conduit à mettre en lumière des aspects spécifiques qui autorisent sans doute des mises en parallèle avec certaines notions valables pour d'autres architectures narratives mais qui ne peuvent ni y être assimilés ni y être réduits.

Les périls sont nombreux : les partisans de l'analogie à tout prix peuvent facilement confondre, par exemple, le « faire informatif » dont il est question dans ces essais avec la fonction proppienne de la Médiation — fonction effectivement « informative » puisque c'est elle qui signale le Manque (ou le Méfait). Mais il s'agit en fait de tout autre chose. Pire, un des contributeurs soutient qu'on peut utiliser pour ces textes la fonction d'« enquête » correspondant à l'Interrogation rusée (de l'Antagoniste vis-à-vis de la Victime). Ce sont là des forçages manifestes qui démontrent (à leur corps défendant) que de nombreux textes narratifs ne peuvent pas être analysés en termes de fonctions propres au schéma du conte de fée. Surtout, il apparaît inapproprié d'assimiler le Savoir dont traitent les textes ici analysés au type, bien différent, de « savoir » qui, avec le vouloir, le pouvoir, etc., vient modaliser le sujet dans le modèle classique : alors qu'il s'agissait chez Propp d'un savoir-faire de nature utilitaire, il s'agit ici d'un objet de valeur finale.

Les discours-objets du présent volume utilisent des outils de construction qui leur sont propres, parmi lesquels certains se révéleront particulièrement intéressants, comme c'est le cas du *faire taxinomique* ou du *faire comparatif* dont parle, entre autres, Greimas (p. 38). Soulignons également que de nombreux contributeurs consacrent une attention particulière à la modulation narrative du rapport entre un *paraître* de nature fondamentalement illusoire et un *être*, objet du savoir « authentique » qui sera atteint à la fin du parcours. Le mécanisme de la *découverte* s'avère fondamental, y compris entendu comme produit d'une *révélation*. Pourtant, ici aussi les risques d'homologation induite sont tout proches : certes, déjà dans le modèle dérivé de Propp il y avait des révélations ainsi qu'un jeu de l'être et du paraître mais on ne saurait ignorer les différences fonctionnelles qui séparent les deux approches : dans le conte de fées, il s'agit d'établir l'identité du Sujet par le jugement du Destinataire, alors qu'ici c'est une toute autre question, qui concerne l'Objet de valeur et l'état de choses qui est en arrière-plan. Notons aussi que dans les discours qui nous occupent, l'autorité sociale agit souvent

comme Anti-sujet (cf. p. 39). En un mot, même si certains éléments se retrouvent d'un type de récits à l'autre, la manière dont ils interviennent pour construire des modèles d'architectures narratives diffère entièrement. Considérons la structure élémentaire de ces deux formes de récit : dans le cas classique, formalisé par le schéma canonique, nous avons un sujet qui exerce sur l'état de choses un *faire transformationnel* afin de changer sa propre place dans le système social. Dans le cas présent, par contre, à cette histoire personnelle se superpose une autre logique, une logique qui met au centre un *sujet épistémique* et son effort pour élaborer un savoir mieux adapté à l'état de choses. Il ne s'agit pas de transformer le monde, mais d'en transformer la *représentation*. Il est par conséquent inutile de recourir à un modèle qui servait à raconter un tout autre genre d'histoires. Nous avons ici les éléments (bien que dispersés, à peine esquissés, certainement incomplets) qui conduisent, qui obligent même à concevoir un autre schéma de base, valable pour une autre classe de textes, à savoir ceux que j'ai proposé de distinguer comme des architectures de « classe Gamma », par opposition aux architectures de « classe Alpha » qui font référence au modèle canonique dérivé des études de Propp et à ceux de « classe Beta », qui, de leur côté, explorent des structurations alternatives du réel (comme c'est le cas des mythologies étudiés par Lévi-Strauss, ou de certaines œuvres de science fiction)⁵.

La sémiotique a aujourd'hui une vision plus large de la variété et de la complexité des faits narratifs. Ayant pour ma part consacré à ces questions une partie importante de mon travail, je dois avouer qu'en relisant maintenant ce livre je me demande si la proposition que j'ai élaborée relativement à ce que j'appelle les « architectures narratives de la classe Gamma » ne doit pas beaucoup plus que ce que je pouvais penser aux indications contenues dans les pages de ce livre — indications qui étaient probablement restées à demi oubliées au fond de ma pensée. Comme ce volume l'atteste, je crois qu'on peut en effet distinguer un ensemble — une classe — d'architectures narratives centrées spécifiquement sur une forme de *recherche de la vérité*. Ce sont des histoires d'un autre caractère que celles qui nous sont sans doute les plus familières, bien qu'elles ne soient pas nécessairement d'un très haut niveau culturel. Bien que le roman policier en constitue l'expression de fait la plus répandue, je voudrais souligner que parmi les exemples que j'ai choisis pour construire ce modèle, il y a aussi un film raffiné comme *Blow up* de Michelangelo Antonioni et un roman encore plus raffiné, le *Comment c'est* de Samuel Beckett.

Ces récits utilisent des dispositifs de construction différents de ceux qui sont typiques des histoires qui suivent le modèle canonique. Par exemple, la construction qui joue sur l'inclusion de *programmes narratifs virtuels*, souvent multiples et alternatifs, y est fréquente — ce que, justement, nous trouvons déjà proposé dans le présent volume : voir entre autres les réflexions de Greimas sur le rôle des « hypothèses de travail » (pp. 56-57). Y est également commun le mécanisme qui conduit l'histoire à travers le jeu conflictuel d'insertions énonciatives que

5 A propos des architectures de classe Gamma, cf. G. Ferraro, « L'accidente e il sistema. Forme di narrazione dell'epidemia », *Acta Semiotica*, I, 1, 2021 ; *id.*, *Sémiotique 3.0*, op. cit., pp. 112-137.

nous avons déjà abordé. Et beaucoup de ces œuvres posent le problème même du statut de la « vérité » et des conditions de connaissance du monde — thèmes déjà présents, justement, dans ce livre de 1979.

A ce propos, le chapitre de Greimas ainsi que plusieurs autres laissent transparaître en filigrane une perspective sur laquelle il serait encore utile aujourd'hui de travailler (voir par exemple les remarques de Landowski sur le rapport entre apparence, être et identité profonde, pp. 114-15) : l'étude sémiotique des textes scientifiques pose le problème, non pas philosophique mais proprement sémiotique, des façons dont un discours, en proposant une représentation d'un certain état de choses, revendique son statut d'*authenticité* et une certaine capacité de *correspondance* avec le monde (ce qui est tout à fait différent de ce que nous pensons comme « effet de réalité » littéraire). En effet, les plus intéressants parmi les textes narratifs appartenant à la « classe Gamma » ne se limitent pas à dire qu'à un moment donné un Sujet parvient à la « vérité » mais racontent avant tout, et focalisent, le *parcours* qui conduit le Sujet au savoir, faisant ainsi apparaître la connaissance non pas comme un ensemble de contenus mais comme un *processus*, et un processus de nature éminemment narrative.

En somme, ce qui, dans cette recherche fascinante datant de 1979, est le plus intéressant n'est pas le fait qu'« ici aussi sont valables les outils de l'analyse du récit » mais le fait qu'une connexion profonde et essentielle apparaît entre forme narrative et recherche scientifique. Cela ne fait que confirmer l'idée que la forme narrative n'est pas une manière particulière d'organiser des discours mais que c'est bel et bien la façon fondamentale dont les êtres humains interprètent leur expérience. En d'autres termes, il s'agit de notre *système primaire de modélisation*. Alors que ce qui semblait le plus important à l'époque était de retrouver les mêmes modèles dans de nouveaux domaines, aujourd'hui il nous semble beaucoup plus intéressant de voir comment l'élargissement de la sémiotique à de nouveaux domaines conduit au contraire à découvrir des phénomènes et des modèles d'architecture textuelle nouveaux, tout en restant cohérents avec ces principes théoriques de base qui se trouvent ainsi, en même temps, confirmés et enrichis.

Conclusion

A l'époque — les plus âgés s'en souviendront —, on identifiait presque sémiotique et théorie du récit. Certes, cette vision trop simplificatrice est aujourd'hui dépassée. Mais il n'en reste pas moins quelque chose de non résolu dans l'idée que, pour des raisons apparemment jamais bien expliquées, le genre explicitement narratif, le « récit », a apporté une contribution exceptionnellement décisive à la formation du noyau théorique de la discipline. A cet égard, les études que rassemble ce livre nous viennent en aide : elles nous suggèrent que la forme narrative constitue la manière fondamentale dont nous connaissons le monde, que c'est elle qui structure la relation entre nous et notre savoir. A nous, maintenant, de faire avancer ce genre de réflexion.

Résumé : *L'Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales* de Greimas et Landowski, volume collectif publié il y a presque cinquante ans, est un livre injustement oublié. Il offre pourtant des réflexions d'un très grand intérêt pour aujourd'hui. Parmi elles, nous retenons surtout celles qui concernent le rapport entre dimension narrative et argumentation, l'omniprésence (qui ne va nullement de soi) de l'organisation narrative, la possibilité de distinguer des modèles d'architectures narratives non rattachables aux schémas classiques. Et surtout, cette relecture nous conduit à nous demander en quel sens et dans quelle mesure la forme narrative définit notre manière fondamentale de connaître le monde.

Mots-clés : architectures narratives, argumentation, connaissance scientifique, narrativité.

Resumo : *A Introdução à análise do discurso em sciences sociales* de Greimas e Landowski (trad. port., São Paulo, Global Editora, 1986, 288 p.), volume coletivo publicado há quase cinquenta anos, é um livro injustamente esquecido que, no intanto, oferece reflexões de grande interesse para hoje. Entre elas, retemos antes do mais as que concernem a relação entre dimensão narrativa e argumentação, a onipresença (que nada tem de óbvio) da organização narrativa, a possibilidade de distinguir modelos de arquitetura narrativa distintos dos esquemas clássicos. E sobretudo, essa releitura nos leva à questão de saber em que medida a forma narrativa define nossa maneira fundamental de conhecer o mundo.

Abstract : The *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*, collective volume published by Greimas and Landowski almost fifty years ago is an unjustly forgotten book. It offers indeed a lot of relevant reflexions for today. We underline those which concern the relationship between the narrative dimension and argumentation, the omnipresence (not in the least obvious) of the narrative organisation, the possibility of distinguishing models of narrative architecture non-conform to the classical schemas. And above all, this rereading leads us to asking ourselves in what measure the narrative form defines our fundamental manner of knowing the world.

Riassunto : Un libro pubblicato quarantasei anni fa e ingiustamente dimenticato, *l'Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales* di Greimas e Landowski, ci offre riflessioni di grande interesse attuale. Tra i temi che vengono in evidenza, c'è il rapporto tra dimensione narrativa e argomentativa, l'onnipresenza tutt'altro che ovvia dell'organizzazione narrativa, la possibilità di distinguere modelli di architetture narrative non riconducibili agli schemi classici. Soprattutto, ci possiamo chiedere se non sia proprio la forma narrativa a definire il nostro modo fondamentale di conoscere il mondo.

Plan :

Introduction

1. Narratif et argumentatif

2. L'aventure cognitive

3. Un autre genre d'architectures narratives

Conclusion

Recebido em 18/04/2025.

Aceito em 15/06/2025.

I percorsi del sapere

Algirdas J. Greimas, Eric Landowski

“Introduzione” alla raccolta, a cura di A.J. Greimas e E. Landowski,

Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales

(Paris, Hachette, 1979, pp. 5-27).

Traduzione di Gianfranco Marrone.

1. Preliminari

Sorta dalla doppia eredità della linguistica strutturale e dello studio del folklore e delle mitologie, la semiotica ha cominciato, a partire dagli anni 60, ad affermare la propria vocazione all'autonomia, sia in quanto riflessione generale sulle condizioni della produzione e della ricezione della significazione, sia come insieme di procedure applicabili all'analisi concreta degli oggetti significanti. Lo sviluppo relativamente rapido della sua strumentazione teorica e metodologica le ha permesso di moltiplicare incursioni in domini altri rispetto al campo mitologico e folklorico che costituiva il suo terreno d'origine. Benché questo ampliamento sia stato effettuato innanzitutto in direzione del letterario e del poetico, le ricerche semiotiche si sono ben presto estese (senza negare peraltro lo studio dei sistemi di significazione non linguistici) a numerosi discorsi non letterari, tra cui, ad esempio, testi religiosi, filosofici, giuridici o socio-politici. Allargando in tal modo il proprio terreno d'investigazione a realtà testuali o culturali molto eterogenee, la semiotica ha rivendicato implicitamente lo statuto di una teoria (e di una metodologia) capace di rendere conto, nei limiti dei propri principi di pertinenza, di un ventaglio assai ampio di forme di produzione sociale del senso. Accostandoci allo studio del discorso a vocazione scientifica — entro il dominio delle *scienze sociali* — aggiungiamo adesso una tappa importante nel

percorso che, a partire da forme relativamente semplici, e in ogni caso figurative, dell'etno-letteratura, ha condotto i semiologi a interessarsi, poco a poco, a organizzazioni significanti che comportano un grado crescente di complessità e di astrazione.

1.1. Verso una semiotica del discorso cognitivo

Se volessimo, in via preliminare, seguire questa piccola 'storia della semiotica', dovremmo, parallelamente al processo di diversificazione dei campi di ricerca, descrivere la serie di rimaneggiamenti riguardanti gli strumenti di analisi che hanno accompagnato e al tempo stesso reso possibile l'accostarsi a nuovi oggetti teorici. Si vedrebbe in tal modo che, se la teoria semiotica s'è progressivamente resa più complessa e più ricca, è accaduto soprattutto grazie all'impulso e sotto il controllo della pratica analitica. Inversamente, una delle ragioni d'essere degli sforzi dell'analisi risiede nella speranza di arricchire un minimo la teoria : cosa che vale sicuramente per la maggior parte delle *letture* raccolte nel presente volume. Ma la nostra retrospettiva storica dovrebbe mostrare altresì, a seguito dell'annessione progressiva di corpora estranei fra loro che sono oggetto di studio di discipline già affermate, la necessità di riformulare il progetto semiotico globale e soprattutto di situarne le estensioni particolari rispetto alle discipline vicine.

Così, nel caso presente, si pone la questione di sapere in quale misura il metalinguaggio semiotico si fonda su principi e miri a obiettivi distinti da quelli di altri metalinguaggi esistenti (come la logica, l'epistemologia o la teoria della conoscenza) che, con prospettive diverse, prendono anch'essi a oggetto il discorso scientifico. Il nostro proposito non è quello di intraprendere, sul piano epistemologico, l'esame di ciò che costituisce la specificità di ognuno di queste piste di ricerca ; ci limiteremo a sottolineare, per quel che riguarda gli obiettivi dell'approccio semiotico, che non si tratterà in ogni caso né di formulare dei giudizi sulla validità del contenuto dei discorsi scientifici presi come oggetto di studio, né di definire regole per la produzione di un sapere vero. Il nostro scopo sarà unicamente quello di *esplicitare* alcune forme discorsive e di proporre una tipologia. Questa mira tipologica non deve essere peraltro confusa con una qualche regolamentazione dei discorsi delle scienze sociali : la semiotica esprime giudizi circa l'essere', cioè circa i modi di esistenza degli oggetti semiotici e non si preoccupa di instaurare un 'dover essere' o un 'dover fare' : né necessità né norme — cosa che non esclude affatto la possibilità di esaminare i modi in cui i discorsi-oggetto le instaurano al proprio interno. Così come l'analisi dei testi letterari ha permesso di esplicitare le regolarità logiche e grammaticali delle forme narrative in termini che non coincidono né con le formalizzazioni della logica propriamente detta né con i modelli della grammatica linguistica, analogamente il riconoscimento delle forme discorsive che organizzano i testi a carattere scientifico dovrebbe condurre verso una *teoria semiotica del discorso cognitivo* che si situerà in un altro piano, diverso da quello dell'epistemologia in senso stretto.

La presente raccolta apporta un primo contributo all'elaborazione di una tale teoria. Tuttavia, conformemente all'attitudine comune a molti semiologi, non concepiamo la costruzione dei modelli indipendentemente dal loro confronto col materiale concreto di cui essi sono delegati a rendere conto : il nostro studio infatti del discorso scientifico consisterà in una serie di *analisi testuali*. Una posa che non impedisce, in un secondo momento, uno sforzo di sistematizzazione. In tal modo, testimonieremo, da una parte, le generalizzazioni presentate a seguito delle singole analisi dei vari partecipanti al libro, dall'altra, cercheremo in questa introduzione di proporre un modello teorico unificante.

Detto ciò, nonostante il privilegio metodologico che accordiamo alle operazioni d'analisi, la scelta di testi sottoposti a esame riveste una importanza capitale. La definizione del corpus deriva così da due diversi criteri di selezione, ora concernenti la rappresentatività, ora riguardanti lo statuto semiotico dei testi da analizzare.

1.2. La rappresentatività dei testi sottoposti ad analisi

Riunire ed esaminare un piccolo numero di testi rappresentativi delle principali tendenze di ricerca nel campo delle scienze umane e sociali in Francia dall'inizio del secolo XX, tale è stato l'idea generale a partire della quale gli contributori di questa raccolta sono stati invitati a decidere come scegliere il loro proprio oggetto di analisi. Piuttosto che cercare, in modo del tutto utopico, di colmare la totalità del campo delle conoscenze sociali, s'è trattato di confrontare un numero ristretto di percorsi al tempo stesso storicamente significativi e diversi fra loro. Tenuto conto dei gusti e degli interessi dei singoli partecipanti, sono stati privilegiati tre o quattro domini di ricerca : quello antropologico (rappresentato da testi estratti dalle opere di Georges Dumézil e Claude Lévi-Strauss), quello sociologico e storico (Marcel Mauss, André Siegfried, Pierre Francastel, Lucien Febvre), quello filosofico (Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur) e quello semiologico (Roland Barthes) : pleiadi in cui il Collège de France si trova tanto abbondantemente rappresentato da far sorgere il sospetto d'aver confuso i nostri propri criteri di selezione con quelli dell'eleggibilità a questa prestigiosa istituzione — confusione che, incidentalmente, non sarebbe stata sufficiente a giustificare le lacune del nostro presunto 'campione'.

Oltre alla totale omissione di alcune discipline, in primo luogo la linguistica e l'economia, ci si potrebbe interrogare sull'assenza di alcune opere più importanti proprio nei domini indicati : Jean-Paul Sartre, Raymond Aron, Michel Foucault, Jacques Lacan, Louis Althusser, ad esempio. Queste esclusioni, a parte gli ultimi tre, sono arbitrarie : hanno a che fare esclusivamente con le preferenze dei vari membri dell'équipe di ricerca, il cui numero ristretto non avrebbe potuto permettere alcuna eventuale completezza. Ma queste contingenze non spiegano il fatto che nessuna delle nostre analisi concerne ricerche dei grandi rappresentanti dello 'strutturalismo' (anche se sappiamo che tale etichetta è stata rifiutata da alcuni di loro) : che si tratti della lettura (althusseriana) di Marx o del ritorno (lacaniano) a Freud, abbiamo a che fare, superficialmente,

con ‘discorsi d’autorità’ organizzati intorno alla relazione quasi profetica che lega il discorso dell’interprete a quello del fondatore ; ma, più profondamente, si tratta di percorsi al tempo stesso parenti e rivali della semiotica, implicando una problematica del Soggetto (Lacan), una concezione dell’Ideologia (Althusser) e una riflessione generale sull’‘ordine del discorso’ (Foucault) che non possono essere discusse in poche pagine. Più che una serie di analisi puntuali, c’è in quei casi materia per un vero e proprio dibattito teorico, la cui ampiezza esclude che possa essere intrapreso in questa sede — ma che affronteremo altrove.

Per contro, ci è parso utile, in un’ottica comparativa, aggiungere al nostro campione due tipi di testi molto diversi, i quali, pur collocati entro il dominio umanistico, si situano ai margini del progetto propriamente scientifico, mirando unicamente a forme di ‘comprensione’ : la critica letteraria e il commentario religioso. La loro analisi permetterà di riconoscere in negativo alcune delle esigenze del discorso a vocazione scientifica, in particolare per quel che concerne il problema del metalinguaggio. Per esempio, nel caso della critica letteraria, lo statuto dei meta-termini in uso — spesso considerati ‘comuni’ al critico e al lettore — permettono a Sorin Alexandrescu di specificare la natura del discorso interpretativo tenuto entro questo dominio — discorso fondato sull’impiego di un metalinguaggio implicito che permette di sovrapporre le interpretazioni senza che appaia chiaramente il legame logico fra di esse. Ecco posto il problema della *gerarchia* delle interpretazioni. Con il discorso del commentario, analizzato da Louis Panier, siamo al contrario trasportati verso il problema della *tipologia* delle interpretazioni che, trasposto a livello del discorso scientifico, sta al cuore delle nostre interrogazioni delle scienze sociali.

Se c’è una qualche rappresentatività, essa si definisce non tanto rispetto al ventaglio delle discipline che abbiamo preso in considerazione, ma rispetto ai tipi di orientamento osservabili. Da questo punto di vista, la serie di autori che abbiano considerato ci sembra che possa essere ordinata, se pure in modo sommario, in tre grandi famiglie di attitudini di ricerca, alle quali corrispondono le tre sezioni di questo libro :

- 1) *il discorso in cerca di certezze scientifiche ;*
- 2) *le interrogazioni sul senso stesso della ricerca ;*
- 3) *il discorso interpretativo.*

La prima attitudine riflette in qualche modo l’ottimismo della prima generazione di fondatori (Mauss, Siegfried, Dumézil, Febvre, Lévi-Strauss) ; la seconda esprime al contrario, mediante una riflessione nettamente più filosofica, lo stato di ‘crisi’ delle scienze sociali : da cui l’inclusione, da una parte, di testi che concernono sia una ‘filosofia dei segni’ (Merleau-Ponty) sia una ‘filosofia del linguaggio’ (Ricoeur) e, d’altra parte, di testi che sono spia di un’oscillazione tra la pura interrogazione epistemologica e il fare scientifico propriamente detto (Bachelard, Francastel, Barthes). Da un canto, in quanto ricerca di certezze, il discorso delle scienze sociali è necessariamente portato a prevedere le condi-

zioni della veridizione dei propri enunciati : il problema del 'dir vero' costituisce la riuscita finale del discorso scientifico stesso. Inversamente, d'altro canto, nel momento in cui la ricerca si fa interrogazione sulle proprie finalità, il problema della veridizione si sposta : non si tratta più di *sanzionare* a cose fatte un sapere precedentemente acquisito ma di garantire in anticipo i *fondamenti* epistemici di un discorso a venire. In opposizione a queste due attitudini, c'è la tendenza ad annullare ogni preoccupazione relativa sia ai fondamenti sia alla sanzione del discorso che caratterizza gli approcci puramente interpretativi.

1.3. Statuto semiotico del corpus

Per mettere in pratica le procedure di analisi semiotica ed evitare che le nostre stesse letture prendano la forma di altrettante interpretazioni, più o meno stringenti e difficilmente controllabili, ci è sembrato prudente, se non necessario, limitare l'orizzonte di analisi a testi relativamente brevi ottenuti per estrazione da libri interi (peraltro riproducibili nel corso della analisi). Ecco dunque che un'altra serie di restrizioni, relative questa volta alla dimensione e soprattutto allo statuto dei testi-oggetto da considerare, ci ha portato a optare, attraverso una precisa definizione del corpus, per un *livello* di approccio al discorso scientifico che, in quanto tale, determina largamente la problematica generale di questo libro.

Volendo esser completi nelle nostre giustificazioni, bisogna forse risalire alle 'condizioni di produzione' del discorso scientifico, osservando che, in modo affatto elementare, ogni attività di ricerca, prima ancora di portare a compimento quel che promette e *produrre* un sapere, si caratterizza per un certo numero di esigenze e coinvolge il *consumo* di risorse : di denaro, di energie intellettuali e — per quello che ci interessa, pur sembrando banale — di quantità di carta che materializza ogni tappa del processo della ricerca, dal semplice progetto iniziale fino all'ultima diffusione dei risultati, passando per ogni sorta di documenti intermedi (appunti di lavoro, abbozzi di programma, prime redazioni etc.). Ognuna di queste tracce meriterebbe d'essere anch'essa analizzata. Tuttavia, dato che la prospettiva semiotica mette in secondo piano una prospettiva genetica, non ci si stupirà se abbiamo scelto di analizzare testi che rappresentano il *prodotto finale* del lavoro di ricerca, o quanto meno ciò che si pone come sua espressione (anche provvisoriamente) 'compiuta'. Forse il discorso scientifico non è per intero contenuto nei libri o negli articoli il cui statuto editoriale (riviste specializzate, edizioni universitarie, librerie di settore) gli garantisce una scientificità. In ogni caso, ci siamo fermati a questa forma consacrata di letteratura.

Ma ecco un altro problema, ancora più concreto per noi. Dato che analizzeremo soltanto piccoli brani testuali, quale tipo di frammento scegliere ? Due risposte sono possibili : isolare sequenze rappresentative del fare scientifico 'in atto', cogliendo il ragionamento dell'autore nel momento stesso in cui si compie (essendo tuttavia ammesso che nessuna lettura può dare direttamente accesso alle procedure concrete della ricerca, dato che il discorso delle scienze sociali effettua costantemente una ricostruzione della prassi che lo fonda) ; oppure,

al contrario, attingere al metadiscorso mediante cui gli autori, desiderosi di giustificare il proprio orientamento, inquadrano — sotto forma di prefazione o di conclusione teorica — l'esposizione propriamente detta della ricerca. I partecipanti a questo libro hanno adottato entrambe queste soluzioni, privilegiando per lo più la seconda. Nel primo caso, la scelta di ciò che è 'rappresentativo' resta assai intuitiva, ma, come dice Jean-Claude Coquet, la pertinenza di questa scelta risiede nell'ipotesi di una coerenza del discorso analizzato. Nel secondo caso, la prospettiva è tutt'altra : non si sono studiate le procedure 'realmente' messe in opera dallo scienziato (per quanto possano essere accessibili), ma 'elaborazioni secondarie', simulacri di procedure, 'osservate' da un soggetto scientifico che s'è a questo proposito raddoppiato.

Il fatto che la maggior parte dei partecipanti a questo volume abbia privilegiato segmenti metadiscorsivi ha alcune conseguenze. Innanzitutto, permette di conciliare la ristrettezza materiale del corpus (al massimo qualche pagina) con una prospettiva più globale circa l'orientamento dei vari autori presi in considerazione — per il modo in cui essi stessi lo autorappresentano o sperano di rappresentarlo. Ma al tempo stesso ciò comporta il fatto che l'obiettivo tipologico che ci siamo posti riguarderà meno il discorso scientifico 'al primo grado' e più una problematica 'al secondo grado', mirando a studiare i discorsi che 'mettono in scena' la ricerca del sapere : sfalsamento da cui deriva una lettura meno attenta alle *tecnologie di scoperta* e più concentrata su quella che potremmo chiamare una *scenografia della ricerca*. In rapporto al nostro proposito iniziale, la questione risulta un po' falsata : al posto di analizzare il funzionamento — il modo d'esistenza e di produzione — del discorso delle scienze sociali, la scelta delle metasequenze ci ha condotto soprattutto verso il tema dei fondamenti dell'orientamento scientifico. Da cui l'importanza forse eccessiva delle preoccupazioni epistemologiche presenti in questo volume. Per inciso, è probabile che la responsabilità di questa 'deviazione' non dipenda soltanto dal nostro partito preso di analisti, e che la relativa arbitrarietà manifestata nella scelta di un tipo determinato di corpus corrisponda alla fin fine anche a certe proprietà intrinseche del campo preso in esame. Si pensi quanto, per esempio, in *logica*, la debolezza dei fondamenti (retti da assiomatiche molto spesso discutibili) si opponga alla solidità del calcolo (su cui risiede l'aspetto tecnologico del suo fare scientifico). Non si tratta, per contrasto, dell'indicazione della 'debolezza' di un discorso — quello delle scienze sociali — tenuto a riformulare costantemente il proprio 'cominciamento' (con un ritorno implacabile alle proprie condizioni di possibilità), gesto necessario, prima ancora che per 'funzionare', per 'produrre' sul modo algoritmico?

2. Problematica : il discorso cognitivo come racconto

In modo un po' rozzo, possiamo considerare ognuno dei frammenti analizzati in questa raccolta come un piccolo racconto, a condizione di considerare quest'ultimo come una *trasformazione di stati* : a partire da un primo stato di mancanza (caratterizzato, sulla dimensione cognitiva, come un /non sapere/), si

tratta, conformemente allo schema proppiano, del passaggio a uno stato finale di congiunzione con un oggetto di valore (un determinato /sapere/), di modo che l'eliminazione della mancanza iniziale è operata da un soggetto operatore preliminarmente dotato di una precisa competenza cognitiva. A dispetto del suo carattere schematico, per definizione riduttivo, una tale griglia di lettura comporta in realtà molteplici livelli di funzionamento — e dunque di comprensione — del discorso cognitivo.

2.1. Organizzazione semantica e sintassi di superficie

Lo schema narrativo appena abbozzato convoca innanzitutto, a livello profondo, l'esplicitazione delle operazioni logico-semantiche che rendono conto del passaggio tra due forme di organizzazione del contenuto (/contenuto invertito/ $\Rightarrow$ /contenuto posto/), di cui una, rispetto al nucleo centrale riguardante la ricerca del sapere, concerne il 'prima' del racconto, e l'altra un 'dopo' (trasformazione figurata, per esempio in Bachelard, attraverso il passaggio da una 'storia superata' a una 'storia sanzionata'). Questa sostituzione operata sul piano del contenuto ha come omologo modale una trasformazione del tipo /non sapere/ $\Rightarrow$ /sapere/ che, nell'intervallo fra una 'domanda' e una 'risposta' (Siegfrid, Dumézil), contiene implicitamente un programma di acquisizione (del sapere) e sottende al tempo stesso l'organizzazione di un livello di superficie, cioè di una sintassi narrativa propriamente detta. Come vedremo, è soprattutto a questo livello che operano le analisi qui presentate: operazione prevedibile già dal momento in cui abbiamo assunto come nostro obiettivo l'esplicitazione delle procedure (effettive o 'messe in scena' poco importa) della ricerca piuttosto che l'analisi — e men che meno l'apprezzamento — dei contenuti che tale ricerca manipola o produce. Va osservato comunque che la componente semantica non viene in tal modo del tutto trascurata, poiché, quanto meno nell'intervento di Joseph Courtés su Lévi-Strauss, si mostra il ruolo fondamentale dei fenomeni di transcodifica (un'isotopia che ne descrive un'altra) e di metaforizzazione (processo connettore di isotopie) nell'elaborazione del metalinguaggio scientifico. Entro una prospettiva assai diversa, si tratta in fondo dello stesso problema sollevato da Sorin Alexandrescu e Louis Panier quando esaminano il discorso interpretativo — metalinguistico, ma non scientifico — che, rispettivamente, si sovrappone alla critica o viene sottinteso al commentario.

Rispetto all'analisi semantica prospettata, il cui obiettivo ultimo sarebbe quello di descrivere l'organizzazione *sistematica* del sapere a livello dei discorsi-oggetto che rappresentano le teorie costituite (o, per ricorrere alla terminologia dell'epistemologia anglosassone, a livello dei grandi 'paradigmi' scientifici), l'analisi sintattica praticata dalla maggior parte dei partecipanti ha come obiettivo un livello più superficiale: quello in cui si espone il fare cognitivo che è rappresentativo del *processo* di produzione del sapere — restando inteso che, in ragione dello statuto metadiscorsivo del corpus considerato, si tratta, ricordiamolo, di un fare 'ricostruito'. Nel primo caso, quello di un *fare cognitivo* considerato dal punto di vista del sistema, l'analisi concerne i *discorsi enuncia-*

ti, avendo essi, attraverso la procedura di *débrayage* attanziale, acquisito una loro autonomia rispetto all'istanza dell'enunciazione, la quale a sua volta non è a questo stadio pertinente per l'analisi. Viceversa, nel momento in cui ci si sposta dal lato del processo, dove le procedure di *narrativizzazione* del discorso cognitivo divengono oggetto di studio, la problematica dell'enunciazione emerge come uno degli elementi essenziali dell'analisi. L'attività cognitiva, in quanto fare narrativizzato, deve essere necessariamente presa in carico da un 'soggetto' semiotico (sia direttamente installato nel discorso, sia da esso presupposto) i cui interventi manifestano (più o meno esplicitamente) la presenza di attanti della comunicazione (e, a seconda del tipo di *embrayage* effettuato, possiamo parlare tanto di un rapporto fra narratore e narratario quanto di un rapporto fra un enunciatore presupposto e un enunciatario implicito).

I metadiscorsi introduttivi di cui ci occupiamo non si articolano dunque soltanto come racconti di ricerca o di costruzione che mirano alla messa in gioco di *oggetti* (di conoscenza) ; al contempo, e soprattutto, essi sono da considerare come racconti per così dire di iniziazione, che narrano della fondazione di *soggetti* (conoscenti). Forse potremo domandarci — dal punto di vista di una tipologia dei generi — a quale *topos* di scrittura gli autori esaminati implicitamente si conformano introducendo le loro opere attraverso un discorso fortemente narrativizzato (potremo forse osservare, d'altro canto, che questa stessa introduzione non sfugge alla tendenza alla drammatizzazione dei preliminari della ricerca). Lasciando per un po' da parte la questione della funzione di tale dispositivo, possiamo in ogni caso, con l'aiuto degli strumenti semiotici al momento disponibili, andare un po' più avanti specificando la natura delle sue regolarità sintattiche.

2.2. Due principi di strutturazione del racconto

Per limitarci agli aspetti generali che caratterizzano il funzionamento del livello di superficie, possiamo dire schematicamente che la narratività si manifesta secondo due grandi principi di articolazione sintattica : la 'polemizzazione' del discorso e la 'programmazione' del racconto.

La struttura polemica (termine che non deve essere sottoposto ad alcun giudizio di valore) ha due forme combinabili fra loro. Talvolta si traduce in un raddoppiamento sintagmatico del discorso cognitivo, facendo apparire prima un racconto di scacco e poi uno di riuscita. È il caso di Barthes, Febvre e Dumezil. In Francastel invece la prima sequenza è articolata in /scacco virtuale/ (le 'direzioni pericolose e rischiose') vs /scacco realizzato/. Talaltra, si tratta della proiezione paradigmatica di un anti-soggetto che, per l'occasione, acquisirà una particolare forma figurativa (come per esempio in Barthes i 'primi analisti del racconto', o, in Mauss, quel tal gruppo di antropologi in opposizione al narratore per quel che riguarda l'interpretazione di un 'verso difficile' : "gli uni comprendono, (...) gli altri interpretano : (...) ; io parteggio per la seconda spiegazione"). In molti casi tuttavia l'anti-soggetto conserva quanto più 'naturalmente' una forma astratta tanto più la sua apparizione si situa non tanto a livello del fare

cognitivo propriamente detto (il discorso operativo) quanto a quello dei preliminari epistemologici e della modalizzazione di quel fare cognitivo (il discorso fondativo — ci torneremo nel prossimo paragrafo). Così per esempio i presupposti della descrizione etnologica o dell'interpretazione filologica (in Mauss) o, ancora più generalmente, l'‘intuizionismo’ (in Francastel) si configurano come minacce, in quanto attitudini epistemologiche rappresentative dell'antisoggetto, ai fondamenti del progetto scientifico del soggetto-enunciatore. Di solito alla dicotomia delle posizioni attanziali (soggetto *vs* anti-soggetto) corrisponde la dualità di attori in presenza (Mauss : ‘gli uni’ *vs* ‘gli altri’ ; Siegfried : “molta gente pensa che (...) io ho invece la convinzione che”), nulla impedisce di concepire una ‘interiorizzazione’ della contraddizione in un solo attore ; sincretismo particolarmente evidente in Dumézil (l'enunciatore, che è prima portato allo scacco e poi alla riuscita, assume correlativamente su di sé i due ruoli attanziali) e in Merleau-Ponty (dove il soggetto epistemico appare al contempo come soggetto e come anti-soggetto).

Una volta individuato questo genere di dispositivi, essi acquisiscono tutto il loro valore se li interpretiamo entro un modello più generale, nel quale possono essere integrati con i meccanismi della segmentazione sequenziale e della distribuzione dei ruoli attanziali. Questo modello teorico — o quanto meno questo quadro ipotetico che può di primo acchito assicurare la coerenza del nostro attuale metadiscorso sui testi non è altro che il secondo principio menzionato sopra, ossia l'organizzazione del discorso cognitivo sotto forma di programmi narrativi, che ci fornisce il modo per immaginarne i primi livelli di articolazione.

2.3. Livelli di articolazione e tipi di discorso

Possiamo ipotizzare due formulazioni distinte del modello narrativo, che confluiscono in rappresentazioni più o meno equivalenti : una formulazione attanziale (particolarmente presente nelle analisi di Coquet e Floch), e una formulazione funzionale (che privilegeremo nei paragrafi successivi). La prima è fondata sulle differenze di statuto semiotico dei *soggetti discorrenti* che prendono rispettivamente in carico le sequenze logiche del programma cognitivo ; così per esempio il ‘soggetto epistemico’ che padroneggia la ricerca del sapere è in linea di principio distinto dal ‘soggetto scientifico’ che dovrà esercitarla. L'altra formulazione mette direttamente in rilievo la funzione narrativa di ogni sequenza da considerare ; in tal modo essa permetterà (i) di distinguere e di mettere in relazione i *livelli discorsivi*, quando ci si trova in presenza di testi che sovrappongono in tutto o in parte gli strati previsti dal modello ; (ii) di porre l'esistenza — quando ci si trova di fronte a testi che si caratterizzano per la dominanza di uno solo dei livelli logicamente prevedibili — di *tipi di discorso*, ognuno dei quali definibile a partire dalla natura specifica del ‘disequilibrio’ introdotto nell'organizzazione del modello canonico.

Da un lato, questa pluralità di punti di vista non ci preoccupa più di tanto, dato che le differenti formulazioni alle quali s'arriva sono, diciamolo, pressappoco equivalenti. Importa poco che un medesimo oggetto-testo sia analizzato

in funzione dello statuto dei soggetti (epistemico, scientifico etc.) che vi sono installati, oppure che venga descritto sulla base della sua articolazione gerarchica in livelli (fondativo, operativo etc.), oppure ancora che sia riversato in uno dei ‘tipi’ corrispondenti. E ciò perché queste diverse realtà semiotiche, così come le terminologie che le designano, sono omologabili.

Da un altro lato però, rispetto all’orientamento di questa raccolta di saggi, emerge una sorta di ambiguità, dato che l’analisi gerarchica — che scompone l’unità apparente dei testi-oggetto distinguendo i loro *livelli* d’organizzazione interna — sembra non poter essere compatibile con la mira tipologizzante che, da parte sua, volendo costruire *tipi* o classi discorsive, prende i testi-oggetto come componenti *unitarie*. Questa difficoltà si riflette sull’organizzazione del presente volume: la distribuzione delle sue tre parti principali (che formano il corpo dell’opera), determinata dal raggruppamento dei nostri autori secondo le tre grandi famiglie di attitudini prima ricordate, si iscrive nella prospettiva tipologizzante (dato che i discorsi della ‘ricerca di certezze’ corrispondono schematicamente al *tipo operativo*, le ‘interrogazioni sul senso della ricerca’ corrispondono al *tipo fondativo* e le ‘interpretazioni’ analizzate nella terza parte possono esser fatte corrispondere, in negativo, al *tipo veridittivo*). Al contrario, l’altra prospettiva, ‘gerarchizzante’, che regge la nostra visione di insieme, permette la costruzione di un modello ipotetico destinato a rendere conto dell’*architettura canonica* del discorso cognitivo, di modo che i discorsi-occorrenza e i tipi reperiti appaiono, a cose fatte, come la semplice realizzazione parziale del modello.

3. Gerarchia e tipologia

3.1. Livello operativo : la produzione del sapere

L’insieme dei testi analizzati mette l’accento, a diversi gradi, sulla logica delle *operazioni* costitutive del processo di ricerca di cui essi ripercorrono lo sviluppo. Beninteso, queste operazioni sono interpretabili in funzione degli attanti che fanno intervenire, ossia, quanto meno, del soggetto che le effettua e degli oggetti ai quali si applicano. Tuttavia, indipendentemente dall’analisi attanziale di cui si profila la necessità, è possibile, tenuto conto della ricorrenza della serie di predicati che lessicalizzano le attività cognitive del soggetto operatore (‘constatare’, ‘osservare’, ‘esaminare’, ‘precisare’, ‘accostare’, ‘comparare’, ‘calcolare’ etc.), riconoscere e isolare metodologicamente, con la denominazione di *discorso operativo*, un primo livello discorsivo autonomo. Che si tratti di un semplice fare informativo, ora passivo (‘si vede che’, ‘appare che’ etc.) ora attivo (‘se si guarda’, ‘esaminando attentamente’ etc.), o che si tratti, fra i vari tipi di discorso cognitivo possibili, di un fare tassonomico (fondato su un qualche principio di classificazione logica o di organizzazione semantica), o ancora di un fare comparativo (che mira a precisare le relazioni fra gli oggetti riconosciuti o costruiti grazie alle operazioni precedenti), abbiamo a che fare, a questo livello, dal punto di vista delle forme narrative, con un discorso composto da *enunciati di fare* che riportano le performance produttrici del sapere — in opposizione, a loro volta,

agli enunciati modali che, vedremo (par. 3.2), fondano la competenza del soggetto operatore, oppure agli enunciati di stato (par. 3.3) che si applicano agli oggetti stessi del sapere.

Come vedremo, la terminologia può variare da un contributo all'altro — soggetto del fare scientifico o metodologico in alcuni, soggetto operatore o performatore in altri, o ancora soggetto cognitivo in senso stretto : tutte queste denominazioni si equivalgono, laddove la coerenza fra le diverse strategie è da ricercare, più profondamente, sul piano metodologico. Essa è garantita dal ricorso al principio comune che fuoriesce dalla scomposizione del discorso cognitivo in /programmi di performance/ (livello operativo) *vs* /programmi di competenza/ (livello fondativo). In tal modo il nostro stesso fare operativo consiste innanzitutto, molto concretamente, nel reperimento di 'disgiunzioni formali significative' (Ivan Darrault a proposito del testo di Roland Barthes) che, nella disposizione linguistica dei testi manifestati, traducono la programmazione narrativa del discorso. Allo stadio della performance (laddove la fase anteriore di acquisizione della competenza viene presupposta — ci torneremo presto), si tratta della costruzione dell'oggetto cognitivo che orienta il *percorso* del soggetto — termine il cui valore metaforico non sembra travalicare il problema, tenuto conto dell'importanza delle figure di spazializzazione e di temporalizzazione nella 'messa in discorso' del processo della ricerca. Fosse pure la più sofisticata quanto alle procedure, o la più teorica quanto agli oggetti, la ricerca del sapere resta comunque, sul piano dell'immaginario narrativo, un 'cammino da percorrere' (Bachelard). Da cui il ricorso frequente, nelle analisi che seguono, a disgiunzioni temporali o spaziali come criteri di segmentazione testuale.

Queste distribuzioni figurative non sono altro che la traduzione superficiale e semplificata della logica operativa che viene messa in gioco per accedere al sapere 'scientifico'. A seconda dei generi che vengono volta per volta utilizzati, le forme discorsive — dalle più semplici alle più complesse — che rivestono la narrazione del fare cognitivo possono essere molto diverse. Da un lato, ricondotta alla sua espressione più pura, la ricerca del sapere può mettere in opera programmi minimi che si riducono all'implementazione di un piccolo numero di azioni puntuali (attendere $\Rightarrow$ vedere; guardare $\Rightarrow$ scoprire) : cosa che accade per lo più nella letteratura sul folklore e la mitologia. All'opposto, quando si tratta di discorsi a maggiore vocazione scientifica, la performance cognitiva si scompone in una molteplicità di atti a loro volta organizzati in sotto-programmi (o programmi d'uso) che mediano l'accesso alla conoscenza. A seconda della logica che li articola fra di loro appaia definita *ex ante* oppure *ex post*, possiamo distinguere due categorie del discorso della ricerca : un discorso di tipo *algoritmico* da una parte, che si sviluppa come una sequenza di manipolazioni che agiscono direttamente sull'oggetto della ricerca procedendo 'conformemente a regole' (Lévi-Strauss) più o meno legate a un metodo stabilito in anticipo (le quali si configurano come la competenza del soggetto) ; un discorso di tipo *euristico*, dall'altra parte, che rende conto, viceversa, delle operazioni necessarie all'acquisizione, per piccoli passi, degli strumenti metodologici e dei principi di

organizzazione (relativi ai materiali considerati come oggetto) indispensabili alla realizzazione del programma principale. È così per esempio che, nel caso del comparativismo di Georges Dumézil, in seguito a uno scacco iniziale dovuto alle insufficienze di una prima operazione di classificazione, la comparazione delle figure mitiche viene realizzata con successo solo dopo la messa in gioco di una nuova organizzazione tassonomica (che sostituisce una logica qualitativa di tipo semantico alla logica di inclusione usata nel primo tentativo).

Forse l'accento avrebbe potuto essere posto, con un certo guadagno, sulle 'strategie' della conoscenza scientifica. Nei vari contributi si troveranno comunque elementi di una riflessione generale su ciò che ne costituisce il tratto comune e la ragion d'essere, ovvero la costruzione dell'oggetto, insieme a quel suo correlato indispensabile che è la messa a punto del principio di pertinenza — che si tratti, fra gli altri esempi, della definizione di una 'sociologia dell'arte' (Francastel), di una 'geografia dell'opinione' (Siegfried) o della 'valutazione del testo' (Barthes). Il nostro obiettivo comparativo si concretizza infine, a questo livello, nella descrizione di un fare tassonomico, le cui principali varianti registrate — tipologico in Mauss, comparativo in Dumézil, omologico in Lévi-Strauss — aprono la possibilità di un confronto che meriterebbe d'essere ripreso e sviluppato.

3.2. Livello fondativo : le condizioni del sapere

Per essenziali che siano (dato che forniscono una rappresentazione del processo di produzione del sapere), gli enunciati del fare cognitivo hanno una esistenza semiotica, ripetiamolo, soltanto in funzione del dispositivo attanziale che ne permette l'articolazione. Analogamente, il discorso della ricerca, che abbiamo isolato, può essere concepito come uno strato intermedio, compreso fra due altri livelli discorsivi con i quali intrattiene delle relazioni di presupposizione logica. Dobbiamo così considerare adesso, in primo luogo, un livello discorsivo precedente, che espone le condizioni della performance cognitiva, e cioè lo statuto modale — la competenza — del soggetto ; e, in seguito, simmetricamente rispetto al nodo centrale della performance cognitiva, un livello successivo che mette in campo gli enunciati che parlano dei *risultati* del fare cognitivo, dunque la loro validazione. È chiaro a questo proposito che le operazioni cognitive (per esempio di tipo tassonomico o comparativo), condizionando la produzione dei risultati, presuppongono, per poter essere esercitate, il supporto di un soggetto modalizzato. Dal punto di vista antropomorfo che regge la sintassi superficiale del discorso, ne scaturiscono questioni come il 'desiderio di comprendere e la curiosità' (Siegfried) derivanti dall' 'esperienza' personale del soggetto, oppure, che è quasi la stessa cosa, i richiami che vengono dall'esterno (come per esempio il 'bisogno collettivo' che, secondo Lucien Febvre, giustifica la 'funzione sociale della storia') — altrettanti rivestimenti figurativi, rispettivamente, del / voler-sapere/ e del /dover-sapere/. Tutti elementi che, 'motivando' il ricercatore potenziale, permettono di abbozzare le grandi linee del programma cognitivo come *virtualità* del fare. In seguito a ciò, il possesso degli strumenti di riflessione e di analisi — 'teorie' e 'metodi' rappresentativi, rispettivamente, del /poter-fare/

e del /saper-fare/, autorizzando il cammino del soggetto, rendono possibile il passaggio allo stadio di *attualizzazione* — fase necessaria alla *realizzazione* finale del fare cognitivo.

Abbiamo così sovrapposto, agli enunciati del fare, un secondo livello discorsivo, composto da *enunciati modali*, deputato ad abilitare il soggetto a intraprendere al meglio la sua ricerca del sapere. Questo discorso fondativo (nel senso che fonda la competenza del soggetto) corrisponde, dal punto di vista della suddivisione del discorso in sequenze narrative, alla prova qualificante — in opposizione al discorso operativo che, descrivendo il fare scientifico propriamente detto, corrisponde alla prova decisiva. Affinché il soggetto (in quanto operatore) entri in contatto con l'oggetto, esso deve essere precedentemente correlato a un *attente destinante*, il quale può manifestarsi ora come un'istanza autonoma, che attribuisce (transitivamente) al ricercatore i mezzi per produrre enunciati 'veri', oppure può apparire in sincretismo con l'enunciatore, di modo che costui si dà (riflessivamente) le pezze d'appoggio per giustificare il proprio 'diritto' all'enunciazione. In entrambi i casi, al di là delle modalizzazioni del 'ricercatore' e della sua vera e propria trasformazione in un soggetto-eroe (che, a differenza del soggetto del racconto popolare, esercita la sua attività sul piano cognitivo e non pragmatico), ecco le condizioni epistemiche del 'dir-vero' — o, in altre parole, le condizioni teoriche di possibilità — che sono in gioco al livello fondativo.

Così, la posizione e lo statuto assegnato al destinante in quanto *istanza epistemica* ci forniscono un criterio supplementare per la distinzione dei tipi (e sotto-tipi) del discorso cognitivo : *discorso della scoperta*, da una parte, presente quando la funzione del destinante tende a oggettivarsi in una figura distinta da quella del soggetto discorsivo ; *discorso dell'interrogazione* riflessivo, d'altra parte, che emerge quando il soggetto enunciatore si pone come destinante di se stesso. A questa prima opposizione, reperibile nell'organizzazione narrativa della sintassi attanziale, corrisponde sul piano discorsivo e semantico una parallela differenza circa il modo di presenza e il grado di pregnanza relativi, a seconda degli autori, di due grandi isotopie — epistemologica e metodologica — caratteristiche del discorso scientifico in generale.

3.2.1. Il discorso della scoperta

In quanto configurazione narrativa, il dispositivo della 'scoperta' costituisce uno degli schemi comuni all'insieme dei testi analizzati nella prima parte di questo volume (mentre si concretizza in modo solo accessorio e parziale negli altri saggi). Il modo d'apparizione dell'istanza epistemica si correla così all'irruzione di un evento, più o meno inatteso (un 'accidente' secondo la terminologia di Dumézil), che consiste nell'incontro, a un momento dato del percorso del soggetto conoscente, con l'oggetto di conoscenza; incontro dal quale nasce una certezza, un'evidenza immediata. Il destinante, garante della 'convinzione' in tal modo acquisita, può, come in Dumézil, restare nascosto e conservare l'anonimato, oppure, come in Lévi-Strauss, svelare poco a poco la sua identità, nella misura in cui 'qualcosa che assomiglia a un ordine inizia a trasparire dietro il caos' : è

lo ‘spirito umano’, al tempo stesso destinante e oggetto del sapere, che lascia trasparire i principi del suo funzionamento. In entrambi i casi l’autonomizzazione dell’istanza epistemica (in quanto attante narrativo), ovvero la sua proiezione al di fuori del soggetto, si accompagna, a prima vista paradossalmente, a una *quasi-atrofia* della dimensione epistemologica (in quanto isotopia discorsiva). A guardare le cose più da vicino, è come se, piazzato dinnanzi all’oggetto di conoscenza che enuncia quasi da sé la sua ‘verità’ (dove comunque alcune condizioni preliminari, lo vedremo, sono state assolute), il soggetto si trovasse, dal canto suo, dispensato dal fornire per proprio conto le prove a priori della sua competenza epistemica : attitudine che implica la preesistenza di alcuni modelli di intelligibilità in rapporto al fare del soggetto conoscente. Da questo punto di vista, è lo stesso ruolo di garante della conoscenza che, facendo fede sul ‘reale’ in Lévi-Strauss, si trova, in Mauss, investito da una ‘atmosfera’ essa stessa significativa, in Dumézil, nell’organizzazione del corpus mitico di riferimento, o ancora, in Siegfried, nella ‘intelligibilità’ e nelle ‘leggi’ inerenti alla politica.

Beninteso, questo partito preso di ‘oggettivazione’ delle condizioni epistemiche del fare cognitivo non deve essere confuso con l’attitudine, epistemologicamente ingenua, che consiste nel concepire la produzione del sapere a partire dall’apprensione e dalla descrizione immediate del dato empirico. Questo perché le strutture che garantiscono la possibilità del sapere non appaiono, in nessuno degli autori considerati, come immediatamente manifeste. Al contrario, perché s’impongano all’enunciatore, è necessario che tali strutture siano prima ‘scoperte’ : da cui la metafora della ‘nebulosa’ (Lévi-Strauss) e più generalmente la necessità, per il soggetto, di gestire, attraverso la propria attività, la possibilità stessa dell’incontro con il destinante epistemico, sia, per esempio in Francastel, rompendo preliminarmente con l’istanza contraria dell’anti-destinante (rappresentato sotto forma di ‘intuizionismo’), sia invece, per esempio in Lévi-Strauss, esercitando inizialmente una scelta ‘intuitiva’ chiara, o ancora, come in Mauss e Siegfried, riuscendo a trovare quella che potremmo chiamare una ‘buona distanza’ dall’oggetto.

Nella misura in cui il soggetto resta malgrado tutto, qui, il beneficiario di una competenza che, nell’essenziale, gli è attribuita come un ‘dono’ (o di una ‘iniziazione’ conferita da una qualche ‘Dea della sottigliezza’ — Siegfried), non possiamo stupirci che costui, almeno in questa tappa del suo percorso, porti i segni di un attore nettamente *individuato* : a dispetto di un ancoraggio spazio-temporale strettamente definito (che occorrerà in seguito superare — Mauss, Siegfried, Febvre), è la singolarità di un’avventura individuale, vissuta in solitudine (Bachelard, Barthes) e talvolta aneddotica (cfr., in Mauss, la storia del manoscritto del suo amico Hertz), che giustifica una sorta di ‘predestinazione’ del soggetto dinnanzi alla ‘grazia’ della scoperta. Tuttavia questi elementi di individualità sono per natura destinati a scomparire. Nel momento in cui il cammino della scienza implica la riproducibilità delle procedure adoperate e la comunicabilità dei risultati, il sapere del soggetto non può conservare a lungo lo statuto di una pura e semplice ‘convinzione intima’. Deve piuttosto accedere a quello della

‘verità dimostrata’ — per quanto relativa, dato che ‘non possono esistere nella scienza verità incontrovertibili’ (Lévi-Strauss). Da qui il necessario raddoppiamento del percorso epistemico individuale attraverso un cammino *metodologico* di carattere più *impersonale*. Ed è proprio questa necessità a rendere conto della distinzione fra discorso della scoperta e discorso della ricerca o, come l’abbiamo chiamato prima, discorso operativo, dove questa denominazione riceve adesso una nuova giustificazione, nel senso che il discorso della ‘ricerca’ appare come il luogo di una ‘operazionalizzazione’, mediante il soggetto cognitivo (assimilabile a un attante collettivo sintagmatico), dei modelli di intelligibilità preliminarmente ‘scoperti’ dall’attore individuale (col favore dell’incontro con l’istanza epistemica).

3.2.2. Il discorso dell’interrogazione

D’altro canto, il discorso della scoperta che, dal punto di vista sintagmatico si articola con quello della ricerca (essendo due tappe necessarie di uno stesso discorso logico), dal punto di vista paradigmatico si oppone a quello che abbiamo proposto di chiamare *discorso dell’interrogazione riflessiva*. Per situare concretamente la portata di questa distinzione, basterà menzionare le difficoltà, in linea di principio diametralmente opposte, che alcuni partecipanti hanno trovato nella scelta del frammento da analizzare. Da una parte, alcuni di coloro che si sono interessati a testi appartenenti al tipo discorsivo della scoperta, ma che non erano meno interessati a cogliere i fondamenti teorici di questa esperienza, si sono scontrati con l’estrema discrezione dei loro autori sul piano dei preliminari ‘meta-scientifici’: reticenza comune, su registri diversi, a dei praticoni della ricerca come Lévi-Strauss o Dumézil, Mauss o Siegfried, nei quali l’avvento della possibilità di sapere è da attribuire all’incontro con l’oggetto di conoscenza — e non da una precedente garanzia di una qualche auto-affermazione teorica, più o meno perentoria, del soggetto conoscente. Altri ricercatori invece, trovandosi in presenza di opere più speculative, hanno provato una gran pena a liberare dalla gamba delle auto-justificazioni di ordine epistemologico un segmento chiaramente rappresentativo della messa in gioco di un metodo o di un fare operativo: fuga costante verso un dogmatismo meta- o pre-scientifico di cui il discorso sociologico di un Georges Gurwitsch avrebbe potuto fornire un esempio eccellente¹.

Rispetto a un caso limite come questo, i percorsi fondativi di cui si troveranno le analisi nella seconda parte di questo volume presentano senz’altro un altro grado di complessità e aprono altre prospettive. Per quanto tali percorsi fondativi si caratterizzino per una notevole crescita del livello epistemologico (a detrimento di quello operativo), non possono essere ricondotte a pure petizioni di principio. Dato che il soggetto vi si manifesta come investito di un /dover-fare/

¹ Come è stato testimoniato dall’analisi presentata oralmente da Paolo Fabri in una delle sedute del seminario all’Ecole des hautes études en sciences sociales (1976), comunicazione che purtroppo non è stata ripresa in forma scritta.

tanto teorico quanto inefficace (poiché non dotato delle procedure indispensabili alla messa in opera di un /fare/ propriamente detto), essi tradiscono, in generale, una posa di tipo filosofico quasi al limite con la ricerca del sapere ; né trionfalisti né prescrittivi, essi rispecchiano un qualcosa che bisogna riconoscere come una ‘crisi’ delle scienze sociali. Più che pretendere di regolamentarla, la riflessione epistemologica diviene così una interrogazione sulle condizioni della conoscenza ; di più, questa messa in questione si trasforma in una vera e propria interrogazione sull’interrogazione : messa in questione (epistemica) sull’identità del soggetto (cognitivo) concepito come luogo originario della domanda sul mondo : ‘comprendere (questa interrogazione)’ prima, scrive Merleau-Ponty, ‘(divenire) il soggetto cosciente dell’atto di comprendere’, prosegue Bachelard.

D’altro canto, se rapportiamo questa modalità — ‘filosofica’ — del discorso fondativo non più alla variante ‘dogmatica’ (della quale bisogna domandarsi in che misura essa ‘fondi’ qualcosa di effettuale), ma al dispositivo che articola il nostro ‘discorso della scoperta’, lo spostamento di prospettiva al quale si assiste può esplicitarsi, dal punto di vista narrativo, nel modo seguente : più che di *qualificazione* (data nell’incontro con un destinante incaricato di attualizzare il /poter-fare/ del soggetto), si tratta dell’*instaurazione* stessa del soggetto, di modo che la riflessione si concentra sulla modalità (virtualizzante) del /voler-fare/ : ‘quale testo *accetterei* di scrivere (riscrivere) ?’ (Barthes). A questa distinzione relativa al contenuto del valore modale trasferito, si sovrappone l’opposizione segnalata prima fra due principi di organizzazione della struttura attanziale : da un lato, autonomia del destinante epistemico in rapporto al soggetto cognitivo, e dunque *transitività* del processo di attribuzione della competenza nel discorso della scoperta ; dall’altro, al contrario, *riflessività* dell’atto di instaurazione del soggetto nel discorso dell’interrogazione, con la fusione di due attanti (destinante e soggetto) nell’istanza di un ‘io’ che scaturisce dalla migrazione di un soggetto dell’enunciazione (epistemica *vs* cognitiva) in un altro.

I testi analizzati da Bordron, Darrault, Geoltrain, Coquet e (anche se a un grado minore, trattandosi di Francastel) Floch sono esemplari a questo proposito : indecidibilità del luogo da cui si enuncia la ‘coesistenza dei contrari’ ; esplosione dell’istanza enunciativa in soggetto *vs* antisoggetto in Merleau-Ponty (e in Francastel) ; senso che risulta dalla tensione (Bordron) esercitata dall’uno sull’altro ; dialettica di una comunicazione interattanziale iscritta all’interno stesso dell’‘io’ (in Ricoeur) ; sovrapposizione delle istanze cognitive e movimento di disambiguazione in Bachelard ; instaurazione di un soggetto che implica un necessario superamento dello ‘psicologismo’, anche quando ‘lo sforzo di costruzione’ riguarda l’io individuale del ricercatore. Nel momento in cui l’enunciatore interviene come il suo proprio destinante epistemico, l’introduzione del discorso metodologico — discorso impersonale preso in carico dall’attante collettivo sintagmatico di cui abbiamo parlato a proposito degli enunciati della ricerca — pone qui con particolare acuità il problema del passaggio da un discorso fortemente individuale (al limite, è il corpo che parla — Barthes) al discorso socializzato necessario per il lavoro del fare operativo. Alla fin fine è il testo di

Barthes (estratto da *S/Z*) che fornisce la traduzione più forte di questa dualità di livelli, laddove la sparizione dell'‘io’ iniziale a profitto di un ‘si’ impersonale segna improvvisamente, nel seguito del discorso fondatore, il ritorno a un discorso sul metodo.

3.3. Il livello veridittivo : lo statuto del sapere

Se gli enunciati del fare (di cui si compone il discorso operativo) presuppongono, da un lato, come s'è appena visto, enunciati modali analizzabili come fondativi della competenza — in particolare epistemica — del soggetto operatore, il fare cognitivo del soggetto ha esso stesso, da un altro lato, come risultato il fatto di rendere possibile una nuova categoria di enunciati. Si tratta, a questo terzo livello, dei giudizi o delle conclusioni a cui il soggetto cognitivo giunge a partire dalle sue investigazioni (fare informativo) e manipolazioni (fare tassonomico etc.) relativamente al modo di esistenza dell'oggetto a proposito del quale si esercita il suo sapere. È qui che si mette in discorso l'esito sostanziale della ricerca, sotto la forma di enunciati di stato (retti da predicati come ‘essere’ o ‘apparire’ e simili) che costituiscono quello che potremmo chiamare *discorso oggettivo*, o quanto meno un livello di discorso che vuol farsi passare per tale. Precisiamo che il criterio grammaticale sul quale fondiamo il riconoscimento di questo livello non pregiudica la forma — statica o dinamica — delle descrizioni scientifiche di cui si tratta di rendere conto. Anzi, sono prevedibili due sottoclassi di discorso, a seconda che gli enunciati di stato del discorso oggettivo prenderanno essi stessi come oggetto sia enunciati che descrivono l'essere/ degli oggetti semiotici, sia enunciati descrittivi di un /fare/ referenziale : descrizioni di tipo sistemico, distribuzionale o tassonomico nel primo caso, trasformatore o generativo nel secondo.

Non è escluso che i tre tipi di enunciato che abbiamo isolato si articolino sintagmaticamente all'interno di un solo segmento linguistico. Così per esempio è facile riconoscere in una sola corta frase di Siegfried :

a) l'equivalente lessicale di un *enunciato modale* che specifica un aspetto della competenza del soggetto cognitivo (riguardo alle condizioni del /poter-fare/) : ‘con un po’ d'attenzione, e soprattutto di indietreggiamento...’;

b) un *enunciato del fare* cognitivo (all'occorrenza di tipo strettamente informativo) : ‘... distinguiamo che..’;

c) l'*enunciato di stato* che ne risulta, discettando sull'esistenza dell'oggetto (sul modo dell'essere) : ‘... ci sono regioni politiche come ci sono regioni geografiche...’;

d) e a questa tripla articolazione segue subito dopo, nello stesso frammento testuale, la considerazione seguente, di cui occorre anche rendere conto : ‘... questo è così vero che ci si serve istintivamente del vocabolario geografico per parlare dei partiti’.

Il sotto-segmento c) che, in quanto enunciato di stato, riguarda il discorso oggettivo, è preso in carico anaforicamente (dal deittico *questo*) e nello stesso tempo trasformato in un *discorso referenziale* in d). Una volta referenzializzato l'enuncia-

to oggettivo, il soggetto cognitivo non si trova più nella posizione di intervenire direttamente nei confronti del suo oggetto. Ma la sua posizione gli consente di valutare le sue proprie formulazioni — segmento c) — prendendole appunto come referenza. Passiamo così da un primo livello di modalizzazioni, dette aleliche (necessità / contingenza, impossibilità / possibilità), che reggono predicati di esistenza del discorso oggettivo (per esempio ‘c’è’ $\cong$ /non-poter-non-essere/ $\cong$ necessità), al livello gerarchicamente superiore delle modalizzazioni epistemiche (certezza / incertezza, probabilità / improbabilità) che sovradeterminano gli enunciati del sapere stabilendo la loro validità (per esempio : ‘questo è così vero che’ $\cong$ certezza).

Abbiamo prima suggerito (par. 3.2) la possibilità di una prima omologazione tra livello discorsivi e sequenze narrative (livello operativo : prova decisiva ; livello fondativo : prova qualificante). Tale accostamento ci conduce logicamente a esaminare adesso in quale misura il livello veridittivo (dove si effettua la validazione del discorso oggettivo referenzializzato) può essere messo in parallelo con la sequenza della *prova glorificante*, nella quale si conclude il percorso figurativo dell’eroe. L’analogia formale fra le strutture della veridizione (discorsiva) e della glorificazione (narrativa) appare chiaramente se consideriamo la relazione attanziale sottesa a entrambe : nei due casi, si tratta della comunicazione, attraverso il soggetto, di un oggetto di valore già acquisito (nello stadio della prova decisiva) e adesso sottomesso alla sanzione di un *destinatario*. Nel quadro del discorso figurativo, questo trasferimento si configura come trasmissione di un valore pragmatico e sfocia nel riconoscimento del soggetto-eroe da parte di una istanza che, inizialmente mandante, appare alla fine dell’itinerario narrativo come il destinatario giudice delle performance somatiche dell’eroe. Parallelamente, nel caso del discorso a vocazione scientifica, l’asse della comunicazione serve da supporto per il trasferimento di un oggetto-sapere (costruito in favore del fare cognitivo del soggetto-enunciatore) : il sapere si trasforma così in un far-sapere rivolto a un enunciatario che si incarica di valutarne il valore di verità. Niente osta che un solo attore, spostandosi sull’asse della comunicazione, assuma alternativamente i due ruoli attanziali del destinante e del destinatario. Anzi, nel nostro corpus è il caso più frequente : figura sincretica e incessantemente mobile, il soggetto del discorso scientifico non cessa di far variare il ‘luogo da cui parla’ : talvolta, installato nella posizione dell’enunciatore, costui si manifesta come il soggetto di un discorso *persuasivo* costituito da enunciati obiettivi, anch’essi modalizzati in termini aletici e garantiti dalla logica del fare operativo di cui costituiscono l’esito ; talaltra, posto in posizione di enunciatario, costui si manifesta come il soggetto di un *discorso interpretativo* che valuta e sanziona (mediante la modalizzazione epistemica) il discorso obiettivo che viene, dopo averlo prodotto, referenzializzato. In questi casi, la procedura di referenzializzazione appare come il punto finale della ricerca, che consente di chiudere il programma cognitivo del soggetto.

Tuttavia, tenuto conto della relatività dei dispositivi di temporalizzazione e della loro subordinazione alle strutture logiche della narrazione, ciò che

qui riguarda il 'dopo' potrebbe pure stare in una sequenza iniziale. È quanto accade quando il discorso che occorre deriva non direttamente dalle operazioni effettuate dall'enunciatore stesso, ma da un discorso basato sull' (o attribuito all') enunciatario, distinto dal soggetto che attualmente discorre : convocazione di un sapere referenziale collettivo, 'debraiato' rispetto all'istanza e al tempo dell'enunciazione. Questo 'discorso dell'altro' non è necessariamente 'vero', nel senso che non è *geneticamente* la riproduzione della storia (o del percorso storico) di una scienza, ma una ricostruzione, per selezione del soggetto enunciatore, di un discorso ideale (che forse nelle scienze dure prende la forma di un algoritmo operativo) concepito in termini *generativi*. In quanto tale, il discorso referenziale può inglobare enunciati di provenienza molto diversa : discorsi scientifici anteriori — dall'autoriferimento più preciso (Dumézil) sino all'appello diffuso al discorso delle scienze sociali considerate nel loro insieme (Francastel) — oppure semplici discorsi doxastici intercettati nel flusso della comunicazione sociale (Febvre, Siegfried). Non avendo essi il medesimo statuto veridittivo, la loro interpretazione da parte dell'enunciatore si traduce sia in termini epistemici negativi di *rifiuto* (dove per esempio certi argomenti derivanti dal fare scientifico anteriore appaiono, in Dumézil, come 'sofistici' e dunque irricevibili), sia in termini positivi di *registrazione*, come certezze di partenza, fra gli elementi costitutivi della competenza del soggetto. Il livello veridittivo si definisce così come il luogo dialettico del consolidamento del discorso referenzializzato, garante della trasmissione e dei 'progressi' della conoscenza.

4. Grammatica discorsiva e socialità del discorso

Abbiamo insistito sin qui sulle somiglianze possibili fra l'organizzazione, più o meno astratta, del discorso a vocazione scientifica e le forme figurative del discorso narrativo di tipo letterario o mitico. Il riconoscimento di questo parallelismo formale fra manifestazioni discorsive in apparenza molto lontane fra loro e il puntuale reperimento dei livelli di differenziazione costituiscono ai nostri occhi un primo risultato. Un secondo risultato appare sul piano metodologico, laddove la relativa novità del materiale studiato conduce soprattutto ad affinare lo studio delle strutture enunciative e delle articolazioni modali, che hanno dimostrato in questa sede una capacità euristica inaudita. Più generalmente, lo sforzo intrapreso si inserisce nel progetto di costruzione di una grammatica discorsiva : da cui la necessità di sviluppare una teoria capace di rendere conto in modo omogeneo della più grande diversità delle forme di enunciazione del sapere, quale che sia il loro grado di scientificità.

Da questa nascente teoria possiamo in ogni caso aspettarci una presa di posizione relativamente serena entro il dibattito presente oggi un po' dappertutto lo sfondo delle ricerche nel campo delle scienze umane, nel quale si pone incessantemente la questione del soggetto del discorso — della sua posizione, della sua storia, della sua legittimità, per non parlare del suo 'desiderio'. Quel che qui abbiamo chiamato 'soggetto' (perennemente investigato in quanto istanza *produttrice del sapere*) non potrebbe essere considerato, inversamente, come un

prodotto del discorso, come un effetto di senso, cioè come un oggetto semiotico ? Se l'epistemologia contemporanea, introducendo la nozione di 'oggetto costruito', ha progressivamente abbandonato l'illusione di un lavoro scientifico che si esercita direttamente sul 'dato' empirico, forse tocca in parte alla semiotica dimostrare come il discorso scientifico costruisca anche quest'altro artefatto del linguaggio : il simulacro di un soggetto che, mentre tende a cancellarsi come attore occorrenziale, non rinuncia mai definitivamente a prendere la parola a partire dal suo nome proprio, non foss'altro che per dare un 'senso' al fare scientifico che lo trascende. Designare il 'bisogno' sociale al quale risponde la ricerca del sapere storico (Febvre), riferire l'analisi politica alle attese del mondo politico e dell'Università (Siegfried), connettere la riflessione filosofica alla funzione eminente della Scuola (Bachelard), valorizzare la ricerca sociologica attraverso il contributo che essa apporta a un 'nuovo regime sociale' (Mauss) : come dire che nessuno dei nostri grandi costruttori di metodologie si contenta di elaborare il programma narrativo di un 'sapere puro'. Al contrario, grazie a quest'ultima reiscrizione del percorso cognitivo propriamente detto sotto il padronaggio di un programma ideologico a destinazione sociale e storico, torna sulla scena e rende disponibile la propria ideologia l'attore occorrenziale.

Mots-clefs : discours scientifique, narrativité.

Plan :

1. Preliminari
 1. Verso una semiotica del discorso cognitivo
 2. La rappresentatività dei testi sottoposti ad analisi
 3. Statuto semiotico del corpus
2. Problematica : il discorso cognitivo come racconto
 1. Organizzazione semantica e sintassi di superficie
 2. Due principi di strutturazione del racconto
 3. Livelli di articolazione e tipi di discorso
3. Gerarchia e tipologia
 1. Livello operativo : la produzione del sapere
 2. Livello fondativo : le condizioni del sapere
 1. Il discorso della scoperta
 2. Il discorso dell'interrogazione
 3. Il livello veridittivo : lo statuto del sapere
4. Grammatica discorsiva e socialità del discorso

Annexe

A.J. Greimas et E Landowski (éds.),
Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales,
Paris, Hachette, 1979, 256 p.

Table des matières

<i>Avant-propos</i>	4
<i>Introduction</i> : Les parcours du savoir, par A.J. Greimas et E. Landowski	5
 <i>I. En quête de certitudes</i>	
— Des accidents dans les sciences dites humaines. Analyse d'un texte de Georges Dumézil, par A.J. Greimas.	28
— « Quelque chose qui ressemble à un ordre », L'Ouverture des <i>Mythologiques</i> de Claude Lévi-Strauss, par J. Courtés.	61
— Interpréter, persuader, transformer. L'Essai sur le don de Marcel Mauss, par J. Geninasca.	71
— Du politique au politologique. Analyse d'un article d'André Siegfried, par E. Landowski.	103
— Apologie pour l'historien. Analyse d'un article de Lucien Febvre, par J.-Cl. Giroud.	129
 <i>II. Interrogations sur le sens de la recherche</i>	
— Le sujet épistémique et son discours. D'après <i>Le rationalisme appliqué</i> de Gaston Bachelard, par J.-Cl. Coquet.	140
— Le titre de la légende. Le discours philosophique de Maurice Merleau-Ponty, par J.-Fr. Bordron.	153

- Distanciation et appartenance.
Analyse d'un texte de Paul Ricœur, par P. Geoltrain. 169
- Communication ou manipulation ?
Analyse du discours socio-esthétique de Pierre Francastel,
par J.-M. Floch. 177
- La scénpgraphie du discours scientifique
Les dix premiers fragments du *S/Z* de Roland Barthes,
par I. Darrault. 193

III. Discours d'interprétation

- Métadiscours et théorie de l'interprétation : la critique littéraire,
par S. Alexandrescu. 208
- Le discours d'interprétation dans le commentaire biblique,
par L. Panier. 239

Os *Escritos* de Vicente Martínez : leitura ou apreensão ?

Marc Barreto Bogo

São Paulo, UPM e CPS

A série *Escritos*, de Vicente Martínez, que apresentamos aqui e que o leitor encontrará reproduzida mais adiante¹, é composta por um conjunto de páginas preenchidas por pequenos traços verticais, dispostos sequencialmente, que formam linhas. Na série completa constam doze páginas, dentre as quais somente algumas foram retidas para publicação na presente edição.

As sequências desses curtos traços pretos variam em tamanho, inclinação e densidade, à medida que se avança. Agrupados em encadeamentos horizontais, os traços verticais (ou ligeiramente inclinados) formam linhas, análogas às linhas de textos escritos manualmente, preenchendo as páginas do alto ao baixo. Os conjuntos de traços variam de um total de cinco até treze linhas por página, em uma progressão que se alterna para mais e para menos, como os ritmos de um batimento cardíaco. Nas páginas iniciais, os traços parecem variar mais nas suas inclinações e nos espaçamentos entre cada risco, sendo mais irregulares, enquanto nas páginas finais a inclinação é mais marcadamente vertical, com espaços mais justos entre cada traço e um acabamento mais regular. Visualmente, portanto, do início ao fim do trabalho há uma variação que vai do espaçado ao denso, do claro ao escuro, do irregular ao regular, do curto ao longo : o traçado dos desenhos vai se tornando cada vez mais nítido, firme e intencional.

Observar essa sequência de traços nos remete a duas problemáticas de fundo que a série põe em discussão. Em primeiro lugar, a questão do quanto há de

¹ *Acta Semiotica*, V, 9, 2025, pp. 197-201.

escrita nos *Escritos* de Vicente Martínez e, em segundo lugar, o papel do ritmo visual nos modos de apreender essas imagens. Vejamos o que um olhar semiótico consegue nos dizer sobre essas duas questões.

*

Se, por um lado, o título da série e sua organização topológica geral em uma sequência de linhas horizontais nos remete à ideia de um sistema de escrita, por outro lado, não há correspondência explícita com nenhuma escrita que conhecemos. Ou seja, conseguimos apreender sensivelmente os desenhos e a composição das imagens, mas não é possível, a princípio, lê-los cognitivamente. O que há, então, de “escrita” nesta série de *Escritos*?

Antes de mais nada, cabem alguns brevíssimos apontamentos sobre as características que poderiam determinar um sistema de escrita. Para Ferdinand de Saussure, as línguas naturais apresentavam uma característica fundamental de linearidade e a escrita seria apenas uma representação das linguagens verbais orais². Essa visão foi posteriormente posta em discussão por diversos teóricos, dentre os quais Jean-Marie Klinkenberg, que indica que o marco importante da escrita é justamente o fato de ela articular a língua e seu caráter de linearidade ao mesmo tempo em que apresenta uma espacialidade apreendida pelo canal visual³. Klinkenberg entende uma “escrita” como um conjunto de signos que 1) apresentam um caráter visualmente discreto e 2) se combinam de maneira repetitiva em uma estrutura espacial determinada (um segmento de linha reta por exemplo, ou uma espiral, como no Disco de Festo). Ou seja, um sistema de escrita seria composto por certos elementos com distintividade visual (as letras ou caracteres de um sistema) que, empregados repetidamente por alguém que escreve, combinam-se ao longo de uma certa ordenação espacial.

Levando em consideração essas características, vemos que os riscos pretos presentes no ensaio visual de Vicente Martínez certamente apresentam pequenas diferenças entre eles, que poderiam constituir unidades discretas, e que essas unidades são organizadas sequencialmente, em uma estrutura espacial linear. Sem dúvida, essas são qualidades visuais importantes dos sistemas de escrita que conhecemos. Ao bater os olhos em *Escritos*, de Martínez, podemos nos perguntar se esses traços não constituiriam, eles também, uma espécie de escritura velada, um “código secreto” a ser decifrado. No entanto, logo fica evidente que, entre os riscos pretos, o caráter de diferença visual não nos permite discretizar tão claramente um elemento do outro e, além disso, não é possível encontrar repetições perfeitas de traçados, que poderiam indicar a existência de caracteres recorrentes de um sistema de escrita. É por isso que, ao observarmos essa série de imagens, não nos preocupamos em tentar encontrar uma

2 F. Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1967.

3 Cf. J.-M. Klinkenberg, “Vers une typologie générale des fonctions de l’écriture. De la linéarité à la tabularité, ou l’espace écrit comme intermédialité”, in L. Hébert, L. Guillemette (orgs.), *Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité*, Québec, Presses de l’Université Laval, 2009.

correspondência linguística exata em cada traço, mas buscamos apreciá-los por sua constituição plástica e por suas qualidades sensíveis visuais e espaciais. Trata-se de uma espécie de escrita “falsa”, que *não é e não parece* escrita, pois não se reconhece nenhum carácter de nenhum alfabeto familiar, mas a distribuição linear dos elementos, ainda assim, nos remete à organização topológica de um (imaginário) sistema de escrita.

Essa dinâmica entre o ser e o parecer foi semioticamente abordada no trabalho desenvolvido por Greimas e seus colaboradores, especialmente em suas considerações sobre o estatuto da verdade e as estratégias discursivas do dizer verdadeiro⁴. Para a semiótica de Greimas, é a articulação entre a imanência e a manifestação, ou seja, entre o ser e o parecer, que confere efeitos de sentido de verdadeiro ou falso aos textos. A combinatória de relações lógicas entre os termos “ser” e “parecer” dá origem ao quadro das “modalidades veridictórias”; segundo esse modelo, aquilo que *não parece e não é* está no âmbito da falsidade.

Em um estudo que o leitor encontrará na presente edição, abordamos precisamente os vários modos de incorporação da escrita nas artes, visando identificar e sistematizar os diferentes tipos de usos da escrita nas artes visuais contemporâneas a partir das modalidades veridictórias⁵. Nomeamos o tipo de uso baseado na lógica da falsidade como *escrita simulada*: “sistemas de imagens que apresentam recorrências e hierarquizações que lembram a escrita, ou fazem alusão a ela, mas que não podem ser decodificadas e em que tampouco identificamos caracteres de escritas reconhecidas”. A produção de Vicente Martínez entra, assim, na esteira de uma certa tradição artística em que os criadores simulam escritas, ainda que sem apresentar um carácter linguístico. Às manchas dispostas em sequência de Pierrette Bloch, às formas geométricas misteriosas de Paul Klee, às sequências de pontos e linhas finas de Joan Miró e aos feijõezinhos peruanos da obra de Ximena Garrido-Lecca, juntam-se agora esses novos *Escritos*. A simulação da escrita pode não ser lida cognitivamente, mas é apreendida sensivelmente, exigindo disposição estésica de seus observadores.

*

Ora mais próximos, ora mais afastados, ora mais soltos, ora mais rigorosos, os traços distribuídos ao longo das páginas de *Escritos* determinam um ritmo visual particular: uma certa organização cadenciada dos elementos eidéticos ao longo da extensão das imagens. O próprio artista, ao evocar seu trabalho em uma comunicação pessoal, introduz a questão da dinamicidade e do ritmo entre suas preocupações:

O contato com o desenho, a urgência do traço como uma necessidade que nasce e responde ao que o corpo diz, ao que o corpo fala. Uma língua, uma escrita que é da

4 Cf. A.J. Greimas, J. Courtés, “Verdade”, “Veridicção”, “Veridictórias (modalidades —)”, in *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Cultrix, 1983, pp. 485-488.

5 M. Bogo e J. Pondian, “Entre *ser* e *parecer*: usos da escrita nas artes visuais”, *Acta Semiotica*, V, 9.

ordem do sensível como as próprias coisas. Foram estas inquietações que nortearam este ensaio. (...) Procuro abordar o desenho, o traço, como um ato de presença. A ação, o gesto, é imediato, registro do ato e responde à urgência, ao impulso que o alimenta.

Ao observarmos os traços verticais plasmados na página, podemos imaginar os gestos mais ou menos precisos, velozes e cadenciados realizados por seu criador.

Sabe-se que as pulsações rítmicas, juntamente às configurações plásticas, condicionam esteticamente a emergência do sentido⁶. Há uma estreita relação entre ritmo e sensibilidade corpórea, haja vista que nos próprios movimentos regulares do corpo há uma ritmicidade (no pulsar do coração, na respiração, no bater de pálpebras etc.), o que assume um papel fundamental em nossa apreensão rítmica⁷. Em *Escritos*, o ritmo de distribuição dos riscos ao longo das páginas remete ao ritmo corpóreo, gestual, de uma mão que deixa suas marcas no traçado das linhas. Pelos traços mais espaçados e irregulares no início da série, imagina-se um ritmo mais veloz e livre no começo do trabalho, enquanto os traços mais nitidamente justapostos e regulares do final do ensaio nos levam a depreender um ritmo visual mais lento e preciso.

O ritmo de distribuição dos riscos contribui, ainda, para uma leitura das imagens que encontra semelhanças entre o traçado das linhas e o traçado ritmado dos caracteres em um sistema de escrita, dispostos eles também com uma dinamicidade própria ao longo das páginas de um manuscrito qualquer. Este ritmo visual e a distribuição linear nos fazem experimentar a sensação de estar face a uma escrita, mas uma escrita nova, desconhecida. Assim, ainda que a correspondência linguística esteja ausente, reconhecemos um efeito de sentido geral, apreendido pela dimensão do sensível, mais que pelo inteligível.

Estabelece-se, dessa maneira, uma relação entre a imagem daquele que escreve (ou desenha), o enunciador, e a imagem daquele que lê (ou observa), o enunciatário. Conforme a esquematização das interações discursivas elaborada por Ana Claudia de Oliveira a partir do modelo dos regimes de interação e sentido de Landowski⁸, as relações possíveis entre enunciador e enunciatário variam entre posições de maior ou menor transitividade. Segundo essa abordagem, encontraríamos em *Escritos* um tipo de “sentido sentido” : há uma certa transitividade e reflexividade entre enunciador e enunciatário, em uma dinâmica vinculada ao regime do ajustamento e, portanto, aos princípios de sensibilidade e de disponibilidade. No presente ensaio visual, o reconhecimento do que vemos

6 Conforme as proposições de E. Landowski no capítulo “Modes de présence du visible”, em *Passions sans nom*, Paris, P.U.F., 2004. Ver também o dossiê *Du rythme, entre schématisation et interaction*, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.

7 Cf. M. Jacquemet, “Rythme”, in A.J. Greimas e J. Courtés, *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette, vol. 2, 1986, pp. 190-191.

8 A.C. de Oliveira, “As interações discursivas”, in *id.* (org.), *As interações sensíveis. Ensaio de sociosemiótica*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2013. E. Landowski, *Interações arriscadas* (2005), trad. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.

como uma forma de escritura — uma forma nova, pessoal, subjetiva, que dá voz ao elã, ao ritmo vital de um sujeito criador — depende essencialmente, portanto, da sensibilidade e disponibilidade *daquele que olha*. Diante destes *Escritos*, somos convidados não a decifrar inteligivelmente, mas a apreender sensivelmente. Não há caracteres a serem lidos, mas marcas de uma presença que se insinua nos intervalos do traço. O gesto do artista partilha conosco um ritmo, um pulso, uma cadência. Esse ensaio visual se inscreve no espaço limiar entre o legível e o visível.

Referências

- AAVV, *Du rythme, entre schématisation et interaction*, *Acta Semiotica*, II, 3, 2022.
- Bogo, Marc Barreto, e Juliana Pondian, “Entre *ser* e *parecer* : usos da escrita nas artes visuais”, *Acta Semiotica*, V, 9.
- Greimas, Algirdas J., e Joseph Courtés, *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Cultrix, 1983.
- Jacquemet, Marco, “Rythme”, in A.J. Greimas e J. Courtés, *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Tome 2. Compléments, débats, propositions*, Paris, Hachette, 1986.
- Klinkenberg, Jean-Marie, “Vers une typologie générale des fonctions de l’écriture. De la linéarité à la tabularité, ou l’espace écrit comme intermédialité”, in L. Hébert, L. Guillemette (orgs.), *Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité*, Québec, Presses de l’Université Laval, 2009.
- Landowski, Eric, *Passions sans nom*, Paris, P.U.F., 2004.
- *Interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.
- Oliveira, Ana C. de, “As interações discursivas”, in *id.* (org.), *As interações sensíveis. Ensaio de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*, São Paulo, Estação das Letras e Cores e CPS Editora, 2013.
- Saussure, Ferdinand de, *Cours de linguistique générale*, edição crítica organizada por Tullio de Mauro, Paris, Payot, 1967.

Résumé : Cet article présente la série *Escritos*, de Vicente Martínez, essai visuel composé d’un ensemble de pages emplies de petits traits verticaux formant des lignes, elles-mêmes variables par leur taille, leur inclinaison et leur densité. Deux questions se posent si on observe cette suite d’images selon une perspective sémiotique : dans quelle mesure a-t-on affaire à une *écriture* dans *Escritos* ? et quel est le rôle du rythme visuel dans la manière dont nous appréhendons ces images ? Face à cet essai visuel, nous sommes invités non pas à déchiffrer des traits un à un, en termes d’intelligibilité, mais à saisir, en termes sensibles, uu rythme et une cadence.

Mots-clefs : écriture, lecture, rythme, saisie, sens senti.

Resumo : Este artigo apresenta a série *Escritos*, de Vicente Martínez, um ensaio visual composto por um conjunto de páginas preenchidas por pequenos traços verticais, que formam linhas, variando em tamanho, inclinação e densidade. Ao observar essa sequência de imagens em perspectiva semiótica, duas problemáticas despontam : em primeiro lugar, a questão do quanto há de *escrita* nos *Escritos* e, em segundo lugar, o papel do ritmo visual nos modos de apreender essas imagens. Diante deste ensaio visual, somos convidados não a decifrar inteligivelmente cada traço, mas a apreender sensivelmente um ritmo e uma cadência.

Abstract : This article presents the work *Escritos* by Vicente Martínez, a visual essay composed of a set of pages filled with small vertical strokes that form lines, varying in size, inclination, and density. When observing this sequence of images from a semiotic perspective, two key points emerge : first, the question of how much writing there is in *Escritos* ; and second, the role of the visual rhythm in the apprehension of these images. When approaching this visual essay, we are invited not to intelligibly decipher each stroke, but to sensitively apprehend a rhythm and a cadence.

Auteurs cités : Algirdas J. Greimas, Marco Jacquemet, Jean-Marie Klinkenberg, Eric Landowski, Ana C. de Oliveira, Ferdinand de Saussure.

Recebido em 10/04/2025.

Aceito em 15/06/2025.



Acta Semiotica

V, 9, 2025

DOI 10.23925/2763-700X.2025n9.73089

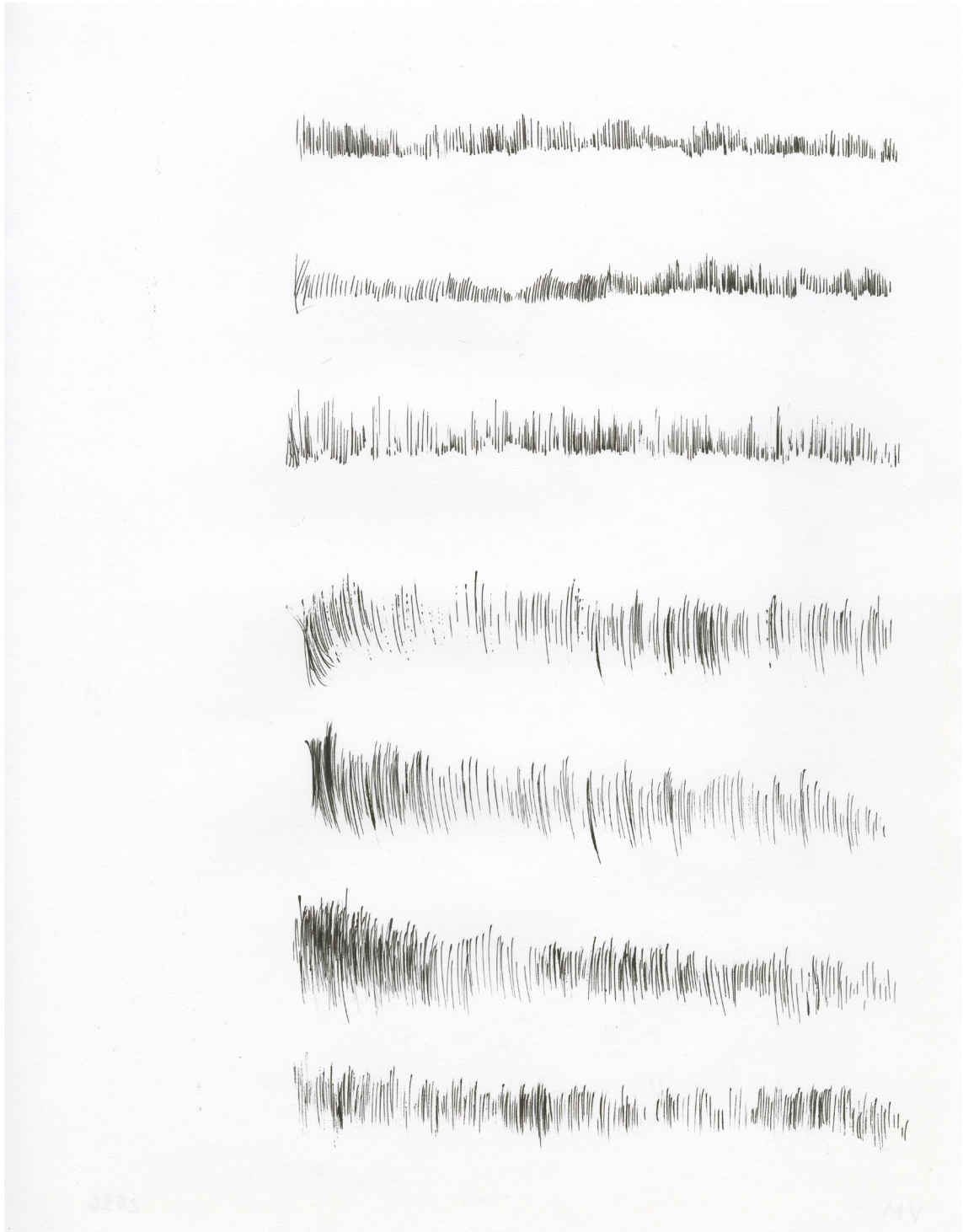
In vivo

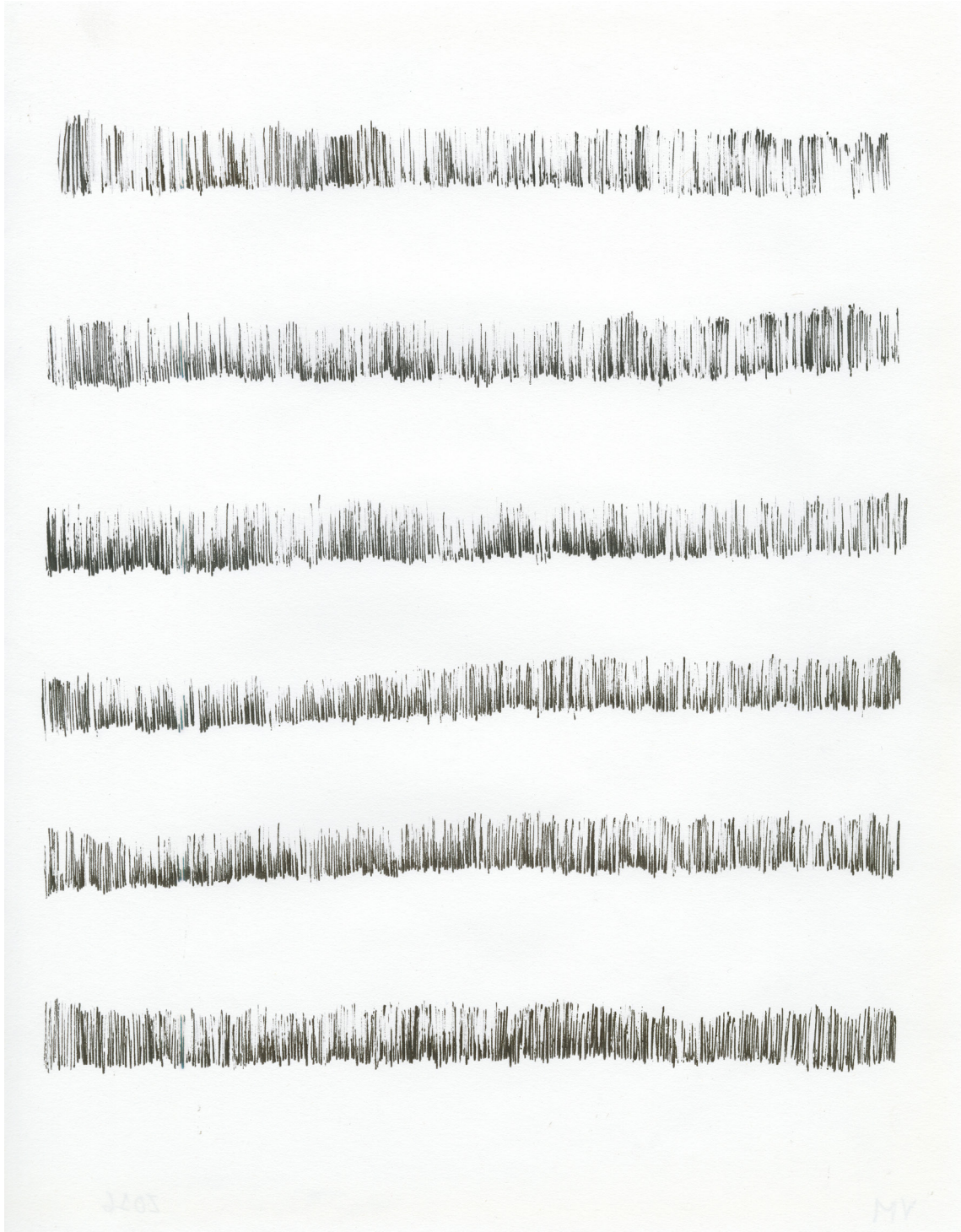
Escritos

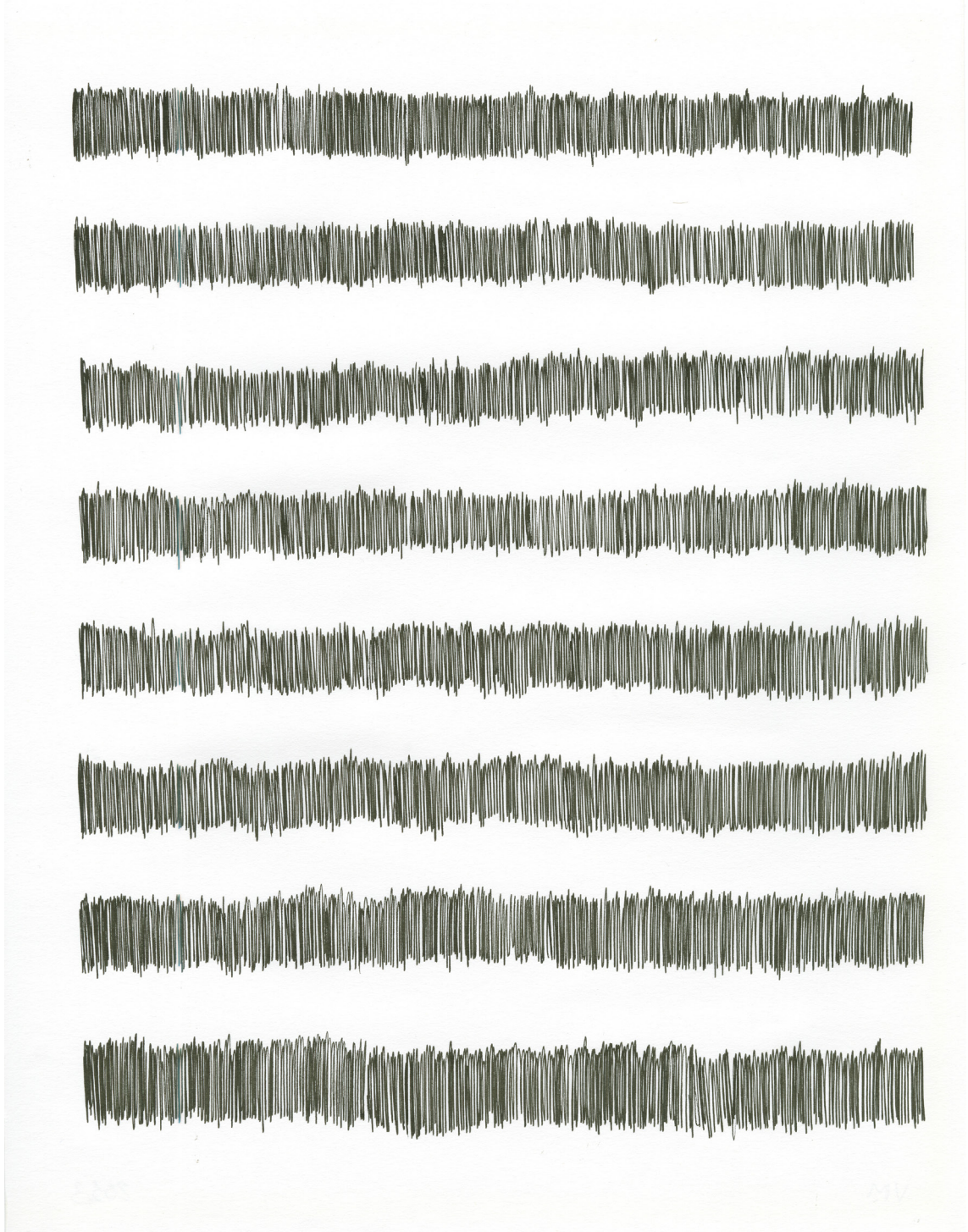
Ensaio visual

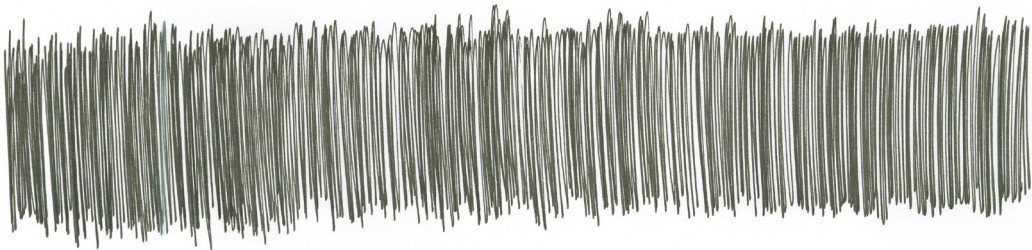
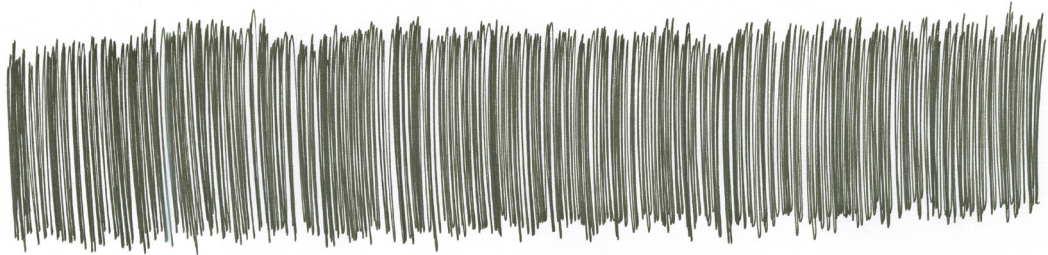
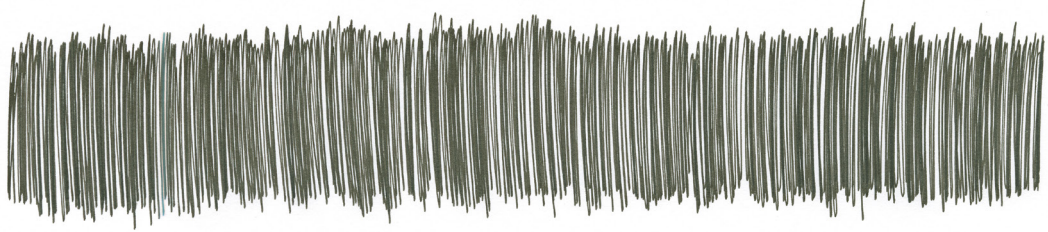
Vicente Martínez

Brasília, Universidade de Brasília









Franciscu Sedda

L'imprevedibile accade. Vivere e sopravvivere nel XXI secolo

Milano, Bompiani, 2025.

Extraits, pp. 5-9, 223-233 e 333-334.

Tutti i diritti riservati © 2025 Giunti Editore S.p.A./Bompiani.

Introduzione

L'imprevedibile accade. E sconvolge le nostre esistenze. Profondamente o per un solo istante. In modo inavvertito o plateale. Nel bene o nel male. L'imprevedibile accade.

Altre volte non accade ma sembra accadere. Viene evocato, esaltato, temuto, pur senza essere accaduto.

Altre volte ancora lo si attende, lo si spera, lo si cerca, lo si finge. Pur di dare nuovo senso a un'esistenza che scorre via così inavvertitamente da non avere né significato né orientamento. Fin quasi da sembrare immobile.

E poi invece, magari dove e quando meno ce lo aspettavamo, l'imprevedibile accade. Mentre eravamo impegnati in altro, l'imprevedibile arriva e ci strappa via dalla monotonia del quotidiano aprendoci a una sinfonia dei sensi. E quando accade sembra essere pura vita, sembra essere la vita stessa, tutta intera, l'unica che valga la pena di essere vissuta.

Altre volte, invece, arriva indesiderato. Sconvolgente, come un fatale incidente, come un'epidemia collettiva, come un attentato all'esistente. Eccolo, l'imprevedibile da cui fuggire, da esorcizzare o contenere. L'imprevedibile della catastrofe dolorosa, della crisi inaspettata, della morte improvvisa e insensata. O anche, semplicemente, del tradimento, della delusione, della disillusione.

L'imprevisto accade. E ci tormenta. E se fosse stato prevedibile ? Non si poteva prevedere ? Non si poteva davvero fare nulla per evitare il maledetto imprevisto ?

Altre volte non accade, e per questo viene sognato, atteso, desiderato. L'imprevedibile dell'occasione colta, di una passione nascente, di un amore nuovo o continuamente rinnovato. Quando arriverà ? Perché non è più ? Sono certo che accadrà. Ah ! se fosse ancora, se potesse essere nuovamente !

L'imprevedibile ci può perseguitare. Come un fantasma che abita la quotidianità. L'ipocondriaco che vive con la paura della malattia, il timoroso che rinuncia alla vita per paura della morte, o il giocatore perseguitato dal desiderio di una vincita clamorosa, il fanatico che aspetta un'improvvisa, totale, redenzione del mondo.

L'imprevedibile ci può stregare. Come una droga che mai ci basta e che piano piano ci allontana da una realtà fattasi insopportabile, da un'esistenza troppo faticosa per essere cambiata veramente. Novità da rincorrere incessantemente. Intensità da consumare avidamente. Frattura senza ritorno. Esplorazione senza possibilità di racconto. Deriva in uno spaziotempo non più condivisibile.

Difficile convivenza, quella con l'imprevedibile. Eppure, necessaria. Inevitabile. Presente anche dove non la si attende. Nelle infinite fratture e rinascite del senso. Piccoli grandi momenti in cui il senso rinnova se stesso, in cui ritrova e ridà nutrimento. Una creazione che ci desta dal torpore, un'ignoranza che ci costringe a pensare, un impegno quotidiano che cambia inavvertitamente il mondo. Incrementi, aggiustamenti, esplorazioni, esperimenti. L'imprevedibile accade in molte più forme di quanto siamo soliti pensare. L'imprevedibile, a volte, va fatto accadere...

Come affrontare questo imprevedibile diffuso e onnipervasivo ? Ci proveremo in tre passi, che brevemente anticipo per lasciare ai lettori una mappa e una bussola per orientarsi nella tempesta che ci accingiamo a descrivere e comprendere meglio.

Raccontare l'imprevedibile segna l'inizio dell'esplorazione. È un invito al viaggio e ad addentrarsi insieme in un campo complesso, un campo aperto. È un principio di chiarificazione dei molti modi in cui l'imprevedibilità si crea e ci crea; dei molti modi in cui il nostro è un mondo grande e imprevedibile. E lo è tanto più perché, come mostreremo fin da subito, questo scorcio di XXI secolo sottopone i nostri vissuti a tendenze estreme all'aleatorietà e alla programmazione, che finiscono per fare cortocircuito. Per questo proporremo concetti e visioni per ridefinire il nostro sguardo, la nostra sensibilità, il nostro linguaggio al fine di imparare a convivere con il senso di imprevedibilità che permea il nostro tempo ; operazione che può riuscire solo cogliendo la peculiare intelligenza dell'imprevedibile, soppesando l'effettiva portata del suo impatto, illuminando tanto i rischi quanto gli aspetti positivamente creativi della (sur)realtà in cui siamo immersi e, talvolta, persi.

Vivere l'imprevedibile è proprio questa immersione nell'imprevedibilità, per sondarne la presenza in più campi dell'esperienza e della conoscenza. Per farlo "taglieremo" e "riasssembleremo" il mondo in maniera originale, in modo che l'imprevedibile ci si manifesti, si faccia sentire, in tutta la sua spaesante poten-

za. Lo faremo chiamando in causa piccoli e grandi eventi che premono sui nostri corpi, fenomeni disparati e intrecciati che danno vita a grandi correnti e sentimenti d'imprevedibilità : *vita, morte, creazione, errore, nuovo, crisi, cambiamento, incertezza, apertura, azzardo, scoperta, fluidità, rivoluzione, stranezza, eccezionalità, incidente, miracolo, caso / caos*. Dietro ciascuna di queste figure si cela una qualche forma di imprevedibilità che va saputa leggere nella sua specificità. Dalla politica alla scienza, dai media all'innovazione tecnologica, dall'economia al clima, dalla religione alla vita quotidiana : l'obiettivo è cogliere le implicazioni incrociate, le contraddizioni velate, i dilemmi etici, le potenzialità inesprese di questa presenza dell'imprevedibile che dalle profondità del cosmo arriva alla nostra vita di tutti i giorni passando per il nostro ambiente fisico e sociale.

Pensare l'imprevedibile è la sezione che più si avvicina a una dimensione teorica. Tuttavia, anche qui, lo si farà in forma di avventura e mobilitando casi ed esempi che mentre ci consentiranno di validare gli strumenti che andremo forgiando e proponendo ci terranno anche costantemente ancorati ai vissuti concreti, facendoci percepire nella loro quota d'imprevedibilità. Occasione per imparare a tenerla sotto controllo, ma anche per riscoprire il gusto per l'imprevedibile che si annida nelle infinite opere e pieghe della realtà. Nel capitolo *Fratture ed esplosioni* si ripartirà da una complementarità non percepita fra le opere-testamento di Juri Lotman e Algirdas Greimas, due dei grandi padri della semiotica, per mostrare come attraverso l'imprevedibile si produca un nesso fra il caso e il sacro, che innerva in profondità le nostre esistenze. Il capitolo *Fra il caso e la programmazione* mostra come uno sguardo in dettaglio sull'imprevedibilità ne faccia emergere le sfumature interne : l'arte e la storia, ad esempio, non esplodono sempre allo stesso modo, con la stessa intensità, con gli stessi effetti. Ne risulterà il quadro di una realtà imprevedibile proprio perché attraversata continuamente da differenti regimi di senso e modi di interazione : quello della programmazione, della manipolazione, dell'aggiustamento, dell'alea, con la loro spinta a vedere e produrre il mondo come collezione di oggetti-programmi, intenzioni-strategie, sensibilità-ritmi, presenze-forze. Nel capitolo *Turbolenza : un altro modo di esplodere e creare* mostreremo come al grande modello dell'imprevedibile come frattura-esplosione se ne possa affiancare un altro che non si basa sull'incontro-scontro fra sistemi diversi : la turbolenza infatti lavora all'interno del sistema, esplorandone i vuoti, ripiegandosi sulla sua stessa complessità, fino a generare un'effervescenza di potenzialità e la realizzazione "non distruttiva" dell'imprevedibile. A questo punto il passaggio sarà aperto per provare a sondare il cuore ritmico dell'imprevedibilità, quella dimensione che si affaccia ogni volta che si cerca di cogliere il rapporto fra il caso e il caos, e che ci può dire tanto sia sui grandi modelli delle culture che orientano il rapporto con l'imprevisto quanto sulle creazioni di genio che quell'imprevisto lo materializzano. *I ritmi dell'imprevedibile* rilancerà dunque, per un'ultima volta, la nostra esplorazione mentre cerca di individuare una matrice ritmica profonda che spinge l'analisi dell'imprevedibile su limiti tanto estremi quanto fondamentali.

Interazioni molteplici

(Extrait de la 3^e partie, “Pensare l'imprevedibile”).

Proviamo a chiudere questa esplorazione delle sfumature e delle articolazioni interne al campo di tensione fra imprevedibilità e prevedibilità, fra caso e programmazione, identificando meglio le diverse dimensioni che convivendo creano l'instabilità del nostro mondo.

Per farlo ripartiamo da quello che è stato storicamente il regime centrale della semiotica strutturale al suo sorgere e quello che, come umani, ci viene più facile auto-assegnarci : la *manipolazione*. Al di là del termine utilizzato per definirlo questo regime ha al suo cuore un meccanismo semplice : un attante cerca di “far fare” qualcosa ad un altro attante. In questa relazione in gioco c'è un'azione (volere, desiderio, disegno, progetto) in vista di un obbiettivo, che in semiotica viene generalmente definito Oggetto di Valore. Di qui anche la facilità con cui questo regime è stato ricondotto ad un tipo di intenzionalità forte nonostante il Soggetto sia in realtà una funzione astratta e può essere svolto da qualunque entità, individuale o collettiva, reale o immaginaria, umana o non umana, che si trovi a “far fare” qualcosa ad un'altra entità. Si pensi alle infinite pratiche e narrazioni in cui a “fare qualcosa” (o a “farci fare” qualcosa) è un'entità dai contorni sfuggenti : dalle sirene che tentano Ulisse al popolo che si solleva, dal “lo vuole Dio” a “l'industria richiede più investimenti”, fino ad arrivare alla spia dell'auto che con la sua insistenza ci fa mettere la cintura. Le stelle in cielo sono tante — e secondo qualcuno anche quelle ci fanno fare o non fare cose — ma anche gli attanti in questo mondo abbondano.

In questo quadro classico, che da più parti nel tempo è stato messo in discussione, assume peso l'interazione strategica e prevale l'idea di poter prevedere / orientare il corso dell'azione, anche anticipando la strategia altrui inglobandola nella propria, attraverso ipotesi predittive. Le prime puntate della famosa serie *La casa di carta* rappresentano questo gioco in modo molto potente, con uno dei due attanti “sempre un passo avanti” rispetto alle mosse dell'altro, quasi da dare l'impressione di aver programmato così bene le proprie manipolazioni da non aver lasciato spazio alla strategia altrui. Cosa che ovviamente verrà messa in discussione da tutta una serie di fattori imprevedibili. O prevedibili ma comunque incontrollabili : che Tokio con il suo carattere peperino avrebbe fatto “casini” era nelle cose, no ?

L'idea di strategia, intesa come modello di cambiamento del mondo a cui la realtà si deve piegare o adeguare, ha una lunga storia occidentale, che affonda nel pensiero greco e ha un classico snodo nel pensiero di von Clausewitz¹. Tuttavia non c'è bisogno di richiamare la guerra per enfatizzare la dimensione “polemica” della relazione manipolatoria : guardare le interazioni dal lato della manipolazione significa enfatizzare l'aspetto conflittuale, competitivo, anche se si sta trattando di una conversazione. O di un flirt ! Di qui il rischio connaturato

1 Cfr. Fr. Jullien, *Traité de l'efficacité*, Paris, Grasset et Fasquelle, 1996.

a questo tipo di interazione : quello che Landowski chiama “il passo falso”, la mossa che manda a monte il piano o che distrugge la credibilità del manipolatore. Perché la manipolazione riesce finché, pur dentro un quadro polemico, si stabilisce o conferma una qualche forma di fiducia di fondo fra le parti in causa.

Ora, ciò che va notato, è che se ci si allontana dalla centralità del Soggetto e dell'intenzionalità entra in crisi anche l'idea che gli è strettamente correlata, quella di Oggetto di Valore. L'ambivalenza contenuta in questo concetto-chiave esplode rivelando con nettezza una doppia anima : quella dell'*oggetto* e quella del *valore*. Focalizzare questa scissione ci consente di comprendere meglio la diversità di interazioni in cui possiamo trovarci immersi e dunque le diverse gradazioni del nesso prevedibilità-imprevedibilità. Prendiamo dunque la manipolazione, ricordando che in essa un'entità in posizione di autorità (il così detto attante-Destinante) opera strategicamente per “convincere” chi è in posizione subordinata (un attante-Destinataro) a perseguire un valore. Focalizzando la doppia anima che si agita dentro l'Oggetto di Valore ci si rende conto che nella manipolazione la dimensione oggettuale passa in secondo piano, si fa strumentale, e il valore diventa (prevalentemente) una qualità semantica astratta : l'attante-Soggetto instaurato dalla manipolazione riuscita, se cerca “oggetti” concreti — i soldi, un'auto, una casa, un partito, un partner, un'arma, un libro — lo fa solo in quanto questi sono i depositari dei “valori” — la libertà, la salute, la protezione, il prestigio, il fascino, il piacere, la forza, la conoscenza ecc. — con cui mira a congiungersi.

All'inverso, a livello di *programmazione* il valore tende a scomparire e ciò che resta è (prevalentemente) l'oggetto. Nella programmazione, venendo meno dei veri e propri Soggetti, tutto si oggettifica. Esseri viventi compresi. Siamo davanti ad un regime oggettuale e oggettivante. In esso il valore sparisce o, se si preferisce, si “cosifica” : si riduce agli oggetti (con i loro elementi costitutivi, oggettivamente individuabili) e alle loro regolarità di funzionamento. Tanto che la logica propria di questo regime è vista non più come una giunzione (congiunzione / disgiunzione rispetto a un valore) ma come un *agencement*, un assemblaggio / concatenazione fra oggetti, che attivano algoritmi comportamentali e/o materiali come quelli che abbiamo visto parlando di attanti i cui programmi rispondono alle regolarità della tradizione o della fisica.

La programmazione ha una sua propria logica, quella dell'*operazione* : “Si tratta di una logica centrata non sulla circolazione e appropriazione degli oggetti ma sulla loro produzione o, naturalmente, la loro distruzione”². Il passaggio è utile ma va disambiguato, perché sia in riferimento alla circolazione che alla produzione / distruzione Landowski parla sempre di “oggetti” : ma mentre nel primo caso questi oggetti sono tali solo in quanto portatori e depositari di valori astratti che possono essere fatti circolare (si pensi al diffondersi del senso di “libertà”), nel secondo caso stiamo parlando di cose in tutta la loro matericità (foss'anche la matericità fatta di numeri, energia elettrica e interfacce grafiche)

2 E. Landowski, “Complexifications interactionnelles”, in *Une sémiotique en mouvement*, Acta Semiotica, 2, 2021.

che possono essere costruite o disgregate. Ovviamente anche questo regime, apparentemente il più prudente, non è esente da rischi : Landowski in questo caso parla di “manovra errata”, come quella che in una catena di montaggio fa saltare la prevista concatenazione di azioni, che dovrebbe portare al risultato e al buon funzionamento dell’oggetto (quante volte davanti a un pezzo di IKEA che manca o al nostro montaggio del mobile che “non torna” ripensiamo ai “passaggi” che hanno prodotto l’errore ?). Di fatto nella programmazione ogni parte (umana o non-umana) si comporta come un ingranaggio e qualunque tipo di errore rischia di inceppare il programma, o di modificarne l’operatività al punto da impedire il raggiungimento dell’esito atteso. No, con nostra somma frustrazione, il mobile che è venuto fuori non è quello disegnato sulla prima pagina delle istruzioni o prospettato all’inizio del tutorial !

Ribadiamolo. Quando parliamo di questi regimi-logiche stiamo parlando di *dominanze* perché nessun regime di interazione si presenta “in purezza”. E non bisogna nemmeno farsi ingannare dai termini “tecnici” che usiamo. Chiunque conosca un buon programmatore sa che il *coding* non è necessariamente riconducibile al regime (semiotico) della programmazione, dato che può essere praticato in forma creativa e che in generale mette in gioco sensibilità e scelte strategiche per arrivare ad un risultato efficace. Davanti ad un’esigenza / problema il “programmatore” si trova a disposizione dei modelli di progettazione, dei pattern preconfezionati fatti di oggetti e di relazioni fra gli oggetti stessi. Non sempre però la loro applicazione avviene o può avvenire in modo automatico (“programmato”, appunto). Spesso essa richiede una capacità di astrazione che consente di vedere omogeneità fra esigenze e ambiti problematici fino a quel momento ritenuti distinti e distanti. La capacità di vedere una nuova applicabilità di un modello dato richiede dunque un misto di immaginazione e sensibilità. Per non dire della possibilità di trovare una soluzione ad hoc per un problema specifico, che richiama una sorta di arte dell’improvvisazione ancor più radicale, da cui potrebbe sgorgare una soluzione imprevista, nuova, da cui nel tempo potrebbe derivare un nuovo modello di *coding* che qualcuno, magari, applicherà automaticamente³. Questa dinamica avviene anche a livello macroscopico. Esempio è la vicenda di Nvidia che a inizio degli anni 2000 si chiede come utilizzare le sue schede grafiche, sviluppate per i videogiochi, in nuovi ambiti, a partire da quelli legati all’ambito scientifico (fisica, meteorologia ecc.). Questo lavoro di “riprogrammazione” — che ha molto più dello strategico che del programmatorio, in senso landowskiano — la porterà ad essere leader mondiale nel *computing* con intelligenza artificiale⁴.

La domanda che ci si deve porre a questo punto è quali sono le dimensioni costitutive dei regimi di interazione tese verso l’imprevedibilità.

Nel caso dell’*aggiustamento* il posto dell’oggetto di valore è preso dalla *valenza*, intesa tanto come *tensione* (sensibile e in divenire) verso l’altro quanto come

3 Grazie a Pierangelo Caboni, che mi ha messo a disposizione le sue competenze e sensibilità di programmatore.

4 Questa vicenda è al centro di A. Aresu, *Geopolitica dell’intelligenza artificiale*, Milano, Feltrinelli, 2024.

esplorazione e costituzione di una *fiducia* — un valore dei valori — che si esprime prima di tutto in forma inter-estesica, contagiosa. Come quando ci si trova bene in un locale perché si entra in sintonia con la sua atmosfera ; quando la mattina troviamo (o a volte non troviamo) la canzone giusta per il nostro umore e per le sfide che ci si parano davanti ; quando ci lasciamo prendere da una discussione con una persona piuttosto che con un'altra perché la sentiamo “a pelle” più interessante o perché, più ancora di ciò che dice, ci intriga lo “stile” dell'argomentazione e dell'interazione che ci propone. In generale, abbiamo contagio / adesione quando le nostre prese e valutazioni del mondo, dell'alterità, sono mosse non dal riconoscimento di “segni” già codificati ma da un “far senso” radicato in giochi analogico-figurativi in divenire, di cui non siamo necessariamente coscienti, di cui siamo poco o nulla cognitivamente in controllo. Questo modo di fare, notava Paolo Fabbri, è al cuore anche della scoperta scientifica : nel corpo a corpo fra lo scienziato e la materia con cui si confronta, le pertinenze più ostiche si rivelano spesso attraverso *metafore narrative*, ovvero “esperimenti di pensiero” che generano analogie inattese attraverso la formulazione di storie⁵. Si pensi a come la comprensione dell'organizzazione e del funzionamento delle basi azotate nella molecola del DNA sia debitrice del vederle e raccontarsele, al contempo, come una cerniera (che consente alle due eliche di separarsi durante la replicazione) e una scala a chiocciola (con i gradini formati dall'appaiamento delle basi). O come il cambiamento nella conoscenza dell'atomo equivalga al passaggio da una metafora, quella del pianeta con dei satelliti che gli girano attorno, a un'altra, quella del biliardo dove tante palle cozzano una contro l'altra.

Per non semplificare eccessivamente l'intero quadro bisogna quantomeno distinguere fra due tipi di sensibilità. La *sensibilità percettiva*, più aperta all'esplorazione sensibile delle cose ; la *sensibilità reattiva* più segnata da forme di adattamento o persino da automatismi della sensazione, che magari sono proprio il risultato del consolidarsi di quella che inizialmente era una sensibilità percettiva : anche il cane prima di reagire automaticamente — magari sbavare come con il famoso fischio nell'esperimento di Pavlov — ha passato una fase di addestramento della sensibilità, che da percettiva si è fatta infine reattiva. Noi non siamo del tutto diversi — già Saussure diceva che l'apprendimento del linguaggio è in buona parte “addestramento” — ma ci viene difficile ammetterlo. Così come ci scordiamo che anche la sensibilità reattiva più consolidata, fattasi quasi regolarità, può infrangersi d'improvviso. Si pensi alla bella scena di *Lost in translation* in cui Bill Murray non ritrova i suoi schemi percettivi in una stanza di hotel a Tokio. Basta entrare in un'altra doccia, un'altra auto, per rendersi conto quanto siamo abituati a interazioni (micro)rituali — una posizione consueta del bagnoschiuma, una certa direzionalità del getto dell'acqua, che implica sempre la stessa sequenza di movimenti — che possono incrinarsi, spiacevolmente o piacevolmente, in un istante.

5 Sul far segno / far senso, vedi E. Landowski, *Passions sans nom*, Paris, Puf, 2004. Sulle metafore narrative, P. Fabbri, *La svolta semiotica*, Roma-Bari, Laterza, 1998, pp. 65-78, e *Rigore e immaginazione. Percorsi semiotici sulle scienze*, a cura di P. Donghi, Milano, Mimesis, 2021.

In generale l'aggiustamento rimanda ad una semiotica della soggettività appassionata, di una soggettività che si istituisce e definisce attraverso dimensioni e modulazioni timico-estesiche (affettivo-percettive, per tradurre in un linguaggio meno tecnico). Questo regime del senso si configura come un percorso trasformativo che può andare in controtendenza rispetto a quello dettato dalla manipolazione : una condizione che nel senso comune viene spesso rappresentata dall'idea che “il corpo mi diceva di fare una cosa, la testa un'altra”. *My body tells me no, but I won't quit, 'cause I want more*, per dirla con una canzone dei *Young the Giant*. In sintesi, ciò che nell'aggiustamento è al centro della scena sono dei *ritmi* — semantici e sensibili — che si incontrano-scontrano e così facendo si modulano, si catturano, si trasformano, divengono insieme. A volte la loro ricerca, la definizione di un ritmo giusto, percepito come “appropriato”, è esattamente la posta in gioco dell'interazione. Abbiamo mostrato altrove come il dispositivo rituale del ballo sardo, in una delle sue dimensioni centrali, si configuri come una ricerca di *euritmia* che avviene attraverso una proposta del sensibile — la proposta di un ritmo d'esistenza, per dirla con Merleau-Ponty — che è incorporata dalla musica, che cattura i danzatori / danzatrici (i loro piedi prima di tutto !) che a loro volta retroagiscono “chiedendo” a chi suona di star dietro alle loro modulazioni corporee e affettive : un gioco ineshausto di ricerca di una concordanza di ritmi, un gioco che benché si incanali rispetto a regolarità depositate negli usi consuetudinari è sempre aperto. In primo luogo aperto sulla possibilità di fallire⁶.

Il rischio in questo regime è quello dell'“inciampare”, dice Landowski, che fa riferimento ad una “posta in gioco intersomatica”. Più in generale il problema è quello di non cogliere il ritmo, di perderlo o anche di perdersi in esso. Cosa che può apparire paradossale ma che è coerente con l'idea che in un aggiustamento genuino ci devono essere sempre almeno due ritmi in interazione.

La cosa si fa ancor più complessa nel caso dell'*alea*, che appare come un regime in cui l'insensato, comunque si materializzi, ci si offre come pura presenza : “La positiva, vissuta, patemica esperienza di incontro con una presenza piena, tangibile, benché negativa : quella del non-senso, dell'*insensato*”⁷.

Davanti a questa presenza rimarrebbe soltanto la possibilità di sottometterci o ribellarci. Secondo la rilettura che Landowski ha recentemente dato di questo regime esso si scinde fra una prospettiva oggettivante e una soggettivante. Nel primo caso siamo davanti all'*incidente* che semplicemente *accade* : una serie di traiettorie indipendenti (apparentemente e relativamente indipendenti) si incrociano. Certo, questa incidentalità può rivelare trame inattese, che senza l'incidente non si sarebbero mai rivelate, restando in una dimensione di latenza, di virtualità ; oppure può mettere in moto catene di eventi ulteriormente imprevedibili. Ne abbiamo parlato toccando i temi dell'*Incidente* e del *Caso / Caos*.

6 F. Sedda, *Tradurre la tradizione. Sardegna : su ballu, i corpi, la cultura*, Milano, Mimesis, 2019 (ed. or. Roma, Meltemi, 2003).

7 E. Landowski, “Complexifications interactionnelles”, *art. cit.*

Da una prospettiva soggettivante a dominare non è più l'incidente ma l'*assentimento*, ovvero la *disponibilità* o meno ad accettare ciò che accade. Chi è coinvolto nell'incidente può "assentire" al suo manifestarsi. Lo può fare dicendo "così va il mondo, è stata una fatalità", e dunque attivando una qualche forma di fatalismo. Oppure può riportare l'incidente ad un regime di manipolazione : l'incidente non è veramente tale, è una prova, è un messaggio criptato a cui rispondere. O ancora a quello della programmazione : dietro all'incidente c'è una chiara catena stringente di cause ed effetti, con una sua inevitabilità ma perfettamente spiegabile. Dall'altro il soggetto potrebbe "dissentire", potrebbe rivoltarsi contro l'assurdo. Potrebbe vedere in esso una sfida a trovare un senso diverso alle cose del mondo, a guardare l'esistenza con il suo pullulare di eventi da un altro punto di vista : come quando una malattia "insensata" ci fa apprezzare di più il valore della vita e dei suoi piccoli tormenti quotidiani. Potrebbe coglierci un invito alla ribellione politica, all'impegno, intravedendo dietro l'assurdo il segno di ingiustizie e storture che arrivano da lontano, di cui fino a ieri non si sapeva "leggere" la presenza e rispetto a cui è importante delineare una strategia di trasformazione delle cose e delle relazioni. O ancora, potrebbe vedere nell'incidente una "macchinazione" — termine che non a caso rimanda ad un regime programmatico-oggettuale — rivolta specificamente contro di lui/lei e a cui sente di dover reagire, magari ingegnandosi per "incepparla".

Come si noterà questo tipo di esempi enfatizzano la negatività dell'accadere incidentale / accidentale. Tuttavia esiste anche un tipo di incidentalità positiva che si manifesta non solo nel colpo di fortuna, nella buona stella, ma in modo più diffuso nella coincidenza, nella serendipità, nel caos come luogo di opportunità. Così, come ha mostrato in un suo studio etnografico Tatsuma Padoan, chi compie il Cammino di Santiago si dispone a leggere il percorso come occasione di incontri fortuiti, di piccoli momenti di imprevedibilità, dietro cui intravedere un senso più ampio, trascendente o esistenziale che sia⁸. Ci sono altri casi, come nella logica del *rave*, in cui l'imprevedibilità è attesa euforicamente : quanti più imprevisti, tanto migliore il *rave*.

Proseguendo in questa ultima esplorazione ci si potrebbe chiedere che forma di assentimento è quello in cui la coincidenza è accettata senza venire ricondotta ad un quadro interpretativo più generale, come accade costantemente nella vita quotidiana : si potrebbe in questi casi parlare non di "assentimento" ma di un puro "sentimento", un'attivazione temporanea del "sentire" rispetto al "percepire" quasi anestetizzato che ci guida nelle azioni quotidiane⁹. Come quando l'incontro casuale con una persona che non si vede da anni e non ci si attendeva di incontrare proprio lì, ci "scuote", senza che si possa dire se quella coincidenza ci fa nettamente piacere o piuttosto ci lasci un amaro in bocca. Turbamento carico di ambivalenze che ci costringe a *sentirci sentire*.

8 T. Padoan, "Conchiglia di San Giacomo", in D. Mangano, F. Sedda, a cura di, *Simboli d'oggi. Critica dell'inflazione semiotica*, Milano, Meltemi, 2023. Per le considerazioni che seguono, sull'imprevedibilità nel *rave*, faccio tesoro di una relazione al convegno AISS 2023 di Michele Denticò.

9 Sulla tensione fra il percepire e il sentire, vedi A.J. Greimas e J. Fontanille, *Sémiotique des passions*, Paris, Seuil, 1991.

La tensione così esacerbata fra l'accettare gli eventi o il rivoltarci contro essi, prefigura uno spazio di lotta, intesa però non come costruzione-distruzione di oggetti, né nel senso di un conflitto strategico-cognitivo, né come rischiosa esplorazione di possibilità fra sensibilità-ritmi in cerca di una comunanza : si tratta invece, fenomenologicamente, di una mischia, di un luogo di incontro / scontro fra forze-energie che entrando in relazione possono dar vita a configurazioni di senso inedite. Se ciò è vero qui non abbiamo più oggetti, né valori, né valenze, ma presenze (o eventi nel senso più contingente del termine). Pensiamo alla furia incontrollata o alla muta rassegnazione che si scatena davanti ad un'improvvisa umiliazione ; o al generarsi di rivolte o mobilitazioni inattese (siano esse di marca xenofoba o progressista, non importa) sulla base di una "voce" o di un video che circola all'impazzata per strada e in rete. In tutti questi casi quello che emerge è uno spazio umorale-affettivo-energetico in cui l'incontro / scontro fra presenze-eventi genera altre presenze-eventi, in un moltiplicarsi dell'alea, dell'imprevedibilità, che mentre da un lato può proseguire potenzialmente all'infinito dall'altro, più spesso, si stabilizza venendo catturata e messa al servizio di altri regimi di senso.

L'arte consente di vedere in controluce questa trama di forze-presenze. Lo fa ricreando le condizioni per l'imprevisto : lasciando che il caso si faccia tangibile e che la sua logica aleatoria divenga protagonista dell'opera. È quanto succede con i *White Paintings* di Robert Rauschenberg e poi con *4'33"* di John Cage, due opere in profondo dialogo traduttivo¹⁰. In entrambi i casi lo spazio vuoto-neutro (la tela bianca, il silenzio suonato) si espongono all'intervento di forze-presenze "accidentali" — il depositarsi della polvere, il gioco di luci e ombre, la trasformazione della luce solare nella sala, il passaggio di sagome davanti alla tela, nel caso dei *White Paintings* ; i rumori del vento o della pioggia il giorno dell'esibizione, quelli del pubblico che si muove, vocia, rumoreggia, lascia la sala, nel caso di *4'33"* — e così facendo creano la possibilità (spesso non colta o fraintesa) perché l'imprevedibilità venga al contempo catturata (nell'opera) e resa libera (di operare).

In conclusione. Se il nostro mondo è oltre il controllo, se è pieno di imprevedibilità che accadano, è anche perché né il nostro agire, né il mondo nel suo divenire, rispondono ad un unico regime. Anzi, ogni fenomeno — in qualche grado, a qualche livello, dentro una qualche prospettiva o processualità — contiene tracce di tutti i regimi, di tutti i tipi di interazione. Imparare a cogliere questo gioco consente di aumentare il grado di consapevolezza e libertà che ci è utile, forse persino vitale, per giocarlo in modo produttivo. O quantomeno a ravvivare la sensibilità per interagire con il mondo grande e imprevedibile in cui siamo gettati, ritrovando il gusto (più gusto) nel farlo (creativamente) nostro.

10 Vedi E. Battistini, "Il silenzio sonoro de John Cage tra arti visive e musicali : nuove possibilità semiotiche al tempo dell'Horror Pleni", *Roots/Routes. Research on Visual Culture*, 2016.

Indice

Introduzione 5

Raccontare l'imprevedibile 11

Imprevedibilità : salvezza o condanna ? 13 — Oltre il controllo 16 — L'intelligenza dell'imprevisto 18 — Il dominio dell'imprevedibile 22 — Il crollo del linguaggio e del reale 27 — Surrealtà 32 — Approfondire sovrapponendo, innalzarsi sondando 38

Vivere l'imprevedibile 41

Vita 43 — Morte 53 — Creazione 59 — Errore 64 — Nuovo 72 — Crisi 78 — Cambiamento 88 — Incertezza 95 — Apertura 103 — Scoperta 120 — Fluidità 130 — Rivoluzione 140 — Stranezza 146 — Eccezionalità 151 — Incidente 154 — Miracolo 158 — Caso/caos 165

Pensare l'imprevedibile 173

Fratture ed esplosioni 175 — Fra il caso e la programmazione 194 — Turbolenza : un altro modo di esplodere e creare 234 — I ritmi dell'imprevedibile 257

Ringraziamenti 301

Bibliografia 305

Recebido em 10/05/2025.

Aceito em 10/06/2025.